

Juliet Marillier

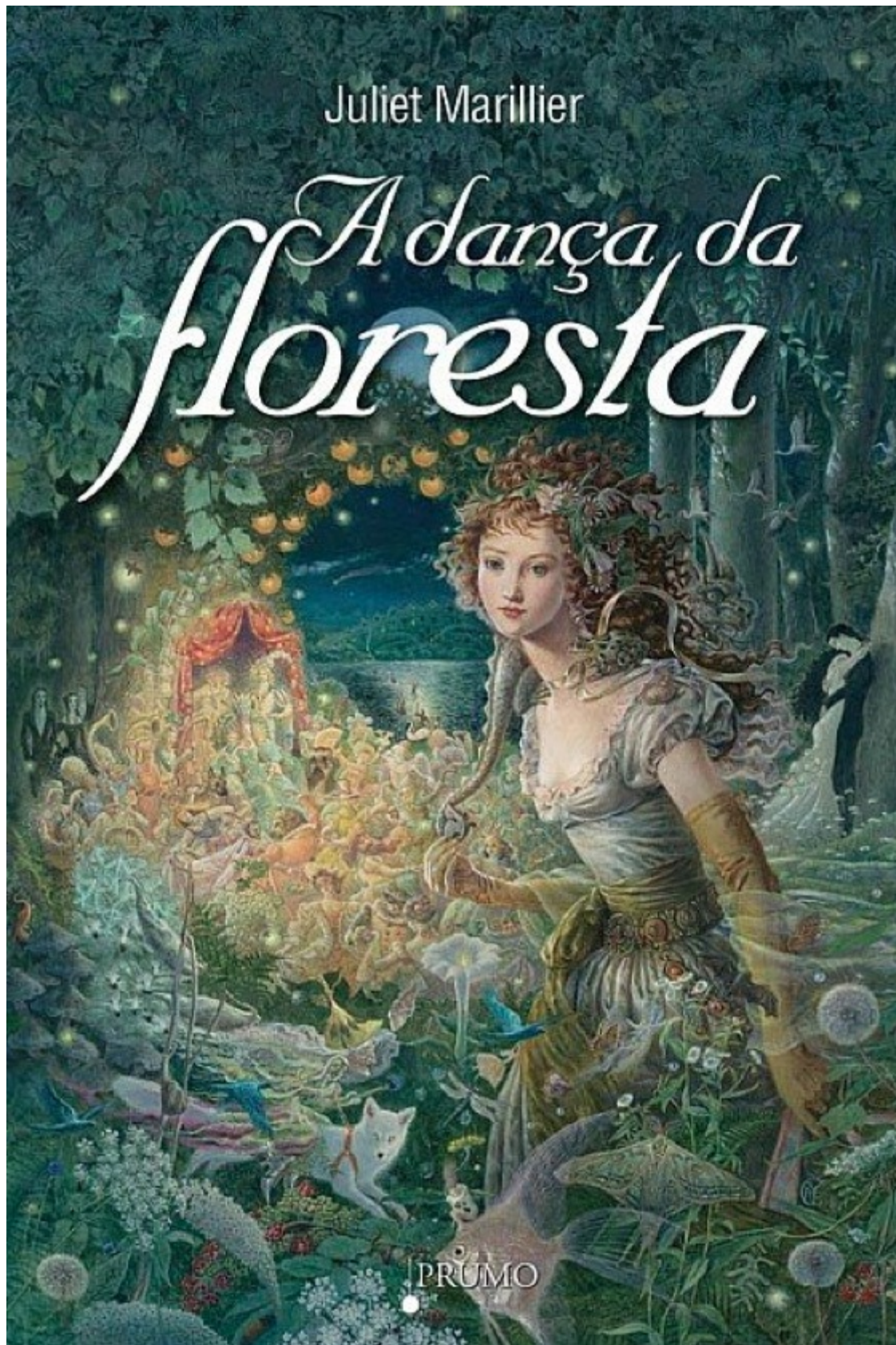
# A dança da floresta



Juliet Marillier

# A dança da floresta

PRUMO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.*



# Capítulo 1

Já ouvi dizer que meninas não sabem guardar segredos. Isso é mentira: nós somos a prova. Guardamos o nosso por anos e anos, desde que viemos morar em Piscul Dracului e encontramos o caminho para o Outro Reino. Ninguém sabia — nem papai, nem Florica, nossa governanta, nem Petru, o marido dela, nem tio Nicolae e tia Bogdana ou o filho deles, Cezar. Encontramos o portal quando Tati tinha sete anos e eu seis, e vínhamos indo e voltando por ele quase todos os meses desde então: nove anos de Luas Cheias. Tínhamos muitas maneiras de esconder nossa ausência, incluindo uma tranca em nosso quarto e a desculpa de que nossa irmã Paula às vezes tinha ataques de sonambulismo.

Na verdade, o segredo não era só nosso; Gogu também sabia. Mas mesmo que os sapos pudessem falar, Gogu jamais teria dito qualquer coisa. Assim que eu o encontrara sozinho na floresta, há muitos anos, confuso e machucado, soube que poderia confiar mais nele do que em qualquer pessoa no mundo.

Era Lua Cheia. No quarto, nossos vestidos e sapatos estavam preparados; bolsas e prendedores de cabelo haviam sido colocados ao lado deles. Nada seria tocado até que todos

os outros habitantes da casa estivessem dormindo. Felizmente, era raro Florica subir até nosso quarto, pois ficava no topo de uma escadaria, e subir escadas fazia os joelhos dela doerem. Eu me perguntava o quanto Florica sabia, ou o quanto adivinhava. Ela deve ter percebido que sempre ficávamos muito quietas nas noites de Lua Cheia e que sempre estávamos cansadas quando descíamos para tomar café na manhã seguinte. Mas, se sabia de algo, jamais havia mencionado.

Durante o dia, fizemos o de sempre, tentando não levantar suspeitas. Paula ajudou Florica a cozinhar **ciorba** de peixe enquanto Iulia foi estocar sacos de grãos para o inverno com Petru. Iulia não gostava de fazer o trabalho duro da fazenda, mas, pelo menos assim, dizia ela, o tempo passava mais depressa. Tati estava ensinando Stela a ler: vi as duas enroscadas num canto quentinho da cozinha, desenhando letras na areia molhada.

Eu estava no escritório com papai, comparando uma série de pedidos com um registro de pagamentos. Era boa de matemática e sempre o ajudava nesse tipo de tarefa. Papai era mercador, sócio de seu primo, a quem chamávamos de tio Nicolae, e os dois trabalhavam muito. Gogu estava sentado na escrivaninha, perdido em seus próprios pensamentos, mas às vezes dizia algo com sua voz interior — aquela que só eu escutava.

*Você está chateada, Jena.*

— Hum — murmurei, sem querer iniciar uma conversa séria com ele enquanto papai e Gabriel, seu ajudante, estivessem ao meu lado. Minha família não acreditava que às vezes eu sabia o que Gogu estava pensando. Mesmo minhas irmãs, que há muito haviam aceitado o fato de que aquele sapo era diferente dos outros, achavam que eu estava me enganando, talvez colocando minhas próprias palavras na boca dele. Mas eu sabia que não era bem assim. Tinha Gogu desde pequena e as coisas que ele me dizia definitivamente não vinham da minha cabeça.

*Não fique triste. Hoje é noite de Lua Cheia.*

— Não posso evitar, Gogu. Estou preocupada. Agora fique quieto, ou papai vai me escutar.

Papai estava tentando escrever uma carta. Ele tossia sem parar e, entre um ataque de tosse e outro, lutava para recuperar o fôlego. Na manhã seguinte, viajaria para o porto de Constanta, local com o clima mais ameno da costa do Mar Negro. O médico lhe dissera que, se ousasse passar mais um inverno em Piscul Dracului, estaria morto antes que as primeiras flores surgissem nos carvalhos. Eu e minhas quatro irmãs iríamos tomar conta da casa sozinhas durante todo o inverno. É claro que tio Nicolae nos ajudaria com a parte comercial e Florica e Petru ajudariam com a casa e a fazenda. Não era a responsabilidade extra que me preocupava. Papai sempre viajava a trabalho e nós conseguíamos dar um jeito em tudo, embora as viagens jamais tivessem durado tanto tempo assim. O que me fazia sentir um frio na espinha era pensar que nossa despedida na manhã seguinte talvez fosse para sempre.

Permanecemos calados durante o jantar. Eu estava pensando sobre aquilo que papai confidenciara a mim e a Tati um pouco mais cedo. Até então, ninguém havia mencionado que ele poderia morrer, pois dizer isso em voz alta seria colocar o impensável em palavras. Mas papai queria que suas filhas mais velhas se preparassem para tudo. Explicara que, se falecesse antes que qualquer uma de nós se casasse e tivesse um filho, tanto Piscul Dracului quanto sua parte do negócio iriam para tio Nicolae, que era nosso parente masculino mais próximo. Não devíamos nos preocupar, dissera papai. Se o pior acontecesse, tio Nicolae cuidaria de nós.

A casa de tio Nicolae se chamava **Vârful**: o Cume da Tempestade. Era uma casa imponente que ficava no topo de uma colina, cercada por uma floresta de pinheiros e vidoeiros. Ele tinha uma fazenda muito próspera e vendia madeira, além de possuir a empresa mercantil que o deixara rico. Nós vivíamos na cidade de **Brasov** quando éramos pequenas, e as visitas que fazíamos a **Vârful** eram sempre maravilhosas. É difícil dizer o que eu mais amava no lugar: a floresta, o lago proibido ou a alegria de brincar com nossos primos mais velhos.

Quanto ao que papai mais amava, não havia dúvidas: ao lado de **Vârful** ficava Piscul Dracului, o Pico do Demônio. Papai era criança quando vira pela primeira vez aquele castelo abandonado e depredado num contraforte da montanha. Ele era um homem estranho e assim que batera os olhos em Piscul Dracului soubera que queria viver ali.

Ninguém tinha herdado o castelo ou o pedaço de floresta que fazia parte da propriedade; talvez as inúmeras histórias estranhas contadas sobre o lugar haviam assustado as pessoas. O dono morrera há muito tempo. Florica e Petru eram os guardiões de Piscul Dracului há anos, limpando os quartos vazios e conseguindo viver do que tiravam da fazenda, pois eram pessoas frugais e trabalhadoras.

Papai demorou bastante tempo para realizar seu sonho. Ele trabalhara muito, casara, tivera filhas, comprara e vendera, e economizara bastante. Quando juntara dinheiro suficiente das vendas de tapetes de seda e de pele de urso, especiarias e porcelanas finas, pagara uma enorme soma a um **voivode** influente, tornara-se sócio de tio Nicolae e nos levara para Piscul Dracului.

Acho que minha mãe teria preferido ficar em Brasov, pois tinha medo das histórias que o povo contava sobre o velho castelo. Ele parecia ter nascido da própria floresta, seus pedaços surgindo aqui e ali, por todos os cantos: torres grandes e rechonchudas, longas passarelas

cobertas, arcos e mastros. O nobre excêntrico que o construíra provavelmente fora um homem como papai. As pessoas raramente se aventuravam a entrar na floresta que rodeava Piscul Dracului. Havia um lago em meio às árvores cujo apelido era Água Morta, embora seu nome verdadeiro fosse mais bonito: **Taul Ielelor**, Lago das Ninfas. Todas as famílias tinham uma história terrível para contar sobre o Água Morta. A nossa aconteceu logo depois de nos mudarmos para o castelo. Quando eu tinha cinco anos, meu primo Costi — o filho mais velho de tio Nicolae — se afogara em **Taul Ielelor**. Eu estava lá quando aconteceu. As coisas que o povo diz sobre o lago são verdadeiras.

Antes de papai ficar tão doente, Tati e eu nunca tínhamos pensado no que aconteceria a Piscul Dracului se não houvesse um filho homem para herdar a propriedade. Minha irmã mais velha era uma sonhadora e eu tinha um futuro diferente em mente: um futuro no qual eu trabalharia junto com papai, viajando, comercializando e vendo o mundo. Casamento e filhos eram secundários no meu plano de vida. Mas agora, com a tosse de papai em nossos ouvidos e seu rosto pálido nos encarando do outro lado da mesa, havia se tornado uma realidade assustadora. Eu me lembrava de ouvir tia Bogdana dizer que dezesseis era a idade ideal para uma mulher se casar. Tati já completara dezesseis anos, e eu era só um ano mais nova.

Papai foi dormir assim que a refeição acabou; mal tocara na comida. Minhas irmãs correram para o quarto, mas eu esperei Florica apagar as brasas do fogão, Petru trancar a porta da frente e ambos irem se deitar. Ao ver que não havia mais perigo, subi a escada aos pulos, minhas preocupações esquecidas por enquanto, meu coração batendo forte com uma mistura de alegria e medo. Finalmente, era chegada a hora.

O longo quarto que nós cinco dividíamos tinha quatro janelas redondas de vidro pintado: uma lilás, outra vermelha, outra azul-escura e outra verde-clara. Lá fora, a Lua cheia flutuava no céu negro. Coloquei Gogu numa prateleira e ele ficou me observando enquanto eu tirava o vestido do dia-a-dia e botava meu vestido verde de festa, o qual meu sapo tinha uma predileção especial. Paula estava acendendo as lamparinas, pois íamos precisar delas em nossa jornada.



Até o maior dos quartos fica apertado quando cinco meninas estão dentro dele. Enquanto Tati fechava meu vestido, eu observava Iulia rodopiando na frente do espelho. Ela estava com treze anos agora, e seu corpo estava ficando curvilíneo como o de nossa mãe. Seu vestido era de seda, azul-cobalto, e seus cachos negros estavam presos com um laço de fita. Tínhamos aprendido a reaproveitar as mercadorias que sobravam dos negócios de papai ao longo daqueles anos. Ele era bom no que fazia, mas a compra de Piscul Dracului havia consumido boa parte de seu dinheiro e, apesar de ser sócio de seu primo rico, ainda estava se recuperando financeiramente. Eu via os livros-caixa todos os dias, e não fora possível esconder de mim que nosso dinheiro era contado. Tínhamos de improvisar. Fazíamos um vestido novo sempre que uma carga vinha com um pouco mais de tecido do que o comprador havia encomendado. Eu usava as roupas velhas de Tati e Paula usava as minhas. Iulia, por ser mais corpulenta, saía-se bem melhor, pois não cabia em nossas peças. Mesmo assim ela reclamava, pois gostaria de ter um guarda-roupa inteiro de vestidos lindos. Tati sabia costurar bem e ajustava os vestidos de mamãe. Nossa mãe morrera. Ela se fora quando nossa irmã mais nova nascera, Stela, que, por ter apenas cinco anos, era fácil de vestir.

Paula havia terminado de acender as lamparinas. Estava agachada na frente do pequeno braseiro que tínhamos em nosso quarto apagando o fogo e fechando bem a portinhola. Paula era um ano mais nova do que Iulia e era a mais estudiosa de todas nós. Eu era boa em fazer contas, mas ela era boa em tudo. O sacerdote de nossa aldeia, padre Sandu, vinha a Piscul Dracului uma vez por mês para dar aulas a Paula e voltava para casa com uma garrafa da melhor **tuica** de Petru no bolso do casaco. Eu também participava das lições de matemática. A maioria das pessoas acreditava que meninas não precisavam desse tipo de educação, mas papai jamais se importara com o que os outros pensavam. “Siga seu coração”, vivia dizendo.

— O que foi, Jena? — perguntou Paula, percebendo que eu estava observando-a. O calor do fogo tinha deixado seu rosto corado e seus olhos negros me encararam, atentos. Ela usava um vestido cinza, os óculos estavam pendurados numa corrente em volta do pescoço e os cachos castanhos presos numa bela trança.

— Você está bonita.

— Você também, Stela — eu disse.

Stela, nosso bebê, tinha as bochechas vermelhas e era pequena como um passarinho — um tordo, talvez. Seu cabelo, negro como o de Tati, era fino e macio, e estava preso com uma fita rosa, da mesma cor do vestido que Tati costurara para ela. Stela estava parada ao lado de um baú de carvalho, dando pulinhos de excitação.

— E o seu cabelo, Jena? — perguntou Tati enquanto abotoava o último fecho do meu vestido. — Está uma bagunça.

— Deixe para lá — falei, sabendo que ninguém ia me olhar enquanto ela estivesse por perto.

O vestido de minha irmã mais velha era azul-violeta, combinando com os olhos dela. O cabelo cascadeava pelas costas como um corte de seda negra. Tati não precisava de jóias, laços de fita ou qualquer tipo de enfeite. Ela era tão bela quanto uma perfeita flor do campo. Eu acreditava que uma fada bondosa estivera presente em seu batizado, pois Tati possuía o tipo de beleza que atrai todos os olhares e abre a mente para os sonhos.

Eu não ligava muito para minha aparência. Quando as pessoas falavam de nós cinco, sempre se referiam a Tati como a irmã bonita. Eu era considerada responsável e prática, isso quando percebiam minha existência. Meu cabelo era encaracolado e castanho, como o de Paula, e se recusava a fazer o que eu mandava; já meus olhos poderiam ser considerados cor de lama ou cor de folha seca. Meu corpo não tinha curvas como o de Iulia, embora eu fosse dois anos mais velha do que ela. Não havia nada de especial no meu vestido verde além do bolso que eu costurara para Gogu, já que ele precisava de um abrigo seguro quando ficava cansado ou chateado. O único ornamento que eu estava usando naquela noite era meu sapo, que estava sentado em meu ombro. *Você está linda, Jena. Como um lago num dia de verão.*

Tati atravessou o cômodo correndo para certificar-se de que a porta estava trancada. Então, sob a luz bruxuleante das lamparinas, nós nos dirigimos para o canto mais escuro do quarto: o lugar onde um dia, enquanto brincávamos à luz de velas, fizemos a mais espantosa descoberta de nossas vidas.

Arrastamos o pesado baú de carvalho para longe da parede e colocamos nossas lamparinas no chão de forma que sua luz iluminasse o pequeno côncavo onde o baú ficava, um buraco que não era grande o suficiente nem para guardar um cobertor dobrado.

— Andem logo! — disse Iulia. — Meus pés estão pedindo para dançar.

A primeira vez em que fizéramos isso em Piscul Dracului, quando eu tinha só seis anos e Stela nem havia nascido, fora uma noite em que Tati e eu estávamos entretendo nossas duas irmãs mais novas fazendo bichinhos de sombra na parede: coelhos, cachorros, morcegos. No momento em que nossas mãos se levantaram ao mesmo tempo para criar uma imagem qualquer na pedra, nós descobrimos o mundo secreto da floresta. Nunca soubemos se fora um presente

de alguém ou apenas sorte.

Não importava que tivéssemos feito aquilo inúmeras vezes; sempre havia uma sensação de estranheza e aventura. A cada Lua Cheia nossos corpos formigavam com aquela magia. A luz das lamparinas brilhava na parede. Uma por uma, nós esticávamos as mãos, cujas silhuetas apareciam na pedra. Uma por uma, falávamos nossos nomes num sussurro:

— Tatiana.

— Jenica.

— Iulia.

— Paula.

— Stela.

Por entre a sombra de nossos dedos esticados, uma estrela de cinco pontas surgia. O portal se abria. No lugar do pequeno côncavo, aparecia uma arcada e uma escadaria que serpenteava para baixo, até as entranhas do castelo. A passagem era muito escura. Na primeira vez que aquilo acontecera, quando éramos apenas quatro irmãs, seguramos as mãos umas das outras com firmeza, descendo devagarzinho, tremendo de excitação e terror. Para minhas irmãs, o medo desaparecera com o passar dos anos; não havia qualquer receio em seus rostos, apenas olhos brilhantes de ansiedade.

Comigo era diferente. Apesar do medo, a magia me atraía; eu atravessava o portal porque me parecia ser necessário fazê-lo. Havia forças misteriosas ao nosso redor quando estávamos lá, e a única certeza era que o poder da floresta era imprevisível. Era curioso: desde o primeiro momento eu sentira que, sem mim, minhas irmãs não estariam a salvo no Outro Reino.

Segurando as lamparinas, descemos devagar a escadaria, levantando os longos vestidos enquanto nossas sombras dançavam na parede de pedra. A escada tinha tantos degraus que eu tinha a sensação de que estava indo até o fundo de um poço. Gogu foi empoleirado em meu ombro até lá embaixo, onde havia outra porta em arco.

— Vamos logo! — exclamou Iulia, que estava na frente.

Nossas sapatilhas farfalhavam no chão de pedra conforme deslizávamos pela passagem sob um teto cheio de entalhes extravagantes. Aqui havia gárgulas, dragões e feras estranhas em número suficiente para decorar todos os castelos da Transilvânia. Os animais se penduravam nos cantos, rastejavam em torno das pilastras e caíam das arcadas do teto, observando-nos com olhos brilhantes e penetrantes. O musgo crescia em suas cabeças e ombros, suavizando suas formas angulares com capas verdes, cinzas e marrons. Na primeira vez em que vimos essa Galeria de Feras, Tati sussurrara: “Elas não são reais, são?”, e eu respondera:

“Cumprimente-as com um aceno de cabeça e siga em frente”. Tinha intuído desde o início que respeito e cortesia eram muito importantes para nos manter a salvo em lugares como aquele.

Ao atravessar a Galeria, senti algo pulando em meu ombro — o ombro que não estava ocupado por Gogu — e firmando-se nele, com garras afiadas como agulhas espetando minha pele por cima do tecido fino do meu vestido verde. A fera estava fazendo tudo o que podia para parecer um sapo, enrolando a cauda e esbugalhando os olhos enquanto olhava de soslaio para Gogu.

Meu sapo ficou tenso. *Intruso*.

A gárgula colocou para fora uma língua bifurcada e sibilou.

— Apaguem as luzes! — ordenou Iulia, e nós cobrimos as lamparinas com as mãos.

Os olhos começavam a se ajustar à súbita escuridão quando uma enorme e branca massa de água surgiu diante de nós: era a superfície coroada de névoa do lago, iluminada pela luz da Lua. Através daquela nuvem vaporosa, nós podíamos distinguir as tochas dos que estavam esperando para nos escoltar na fase final da jornada.

— Ooo-oo! — disse Iulia num tom descendente. — Ooo-oo!

Os barquinhos chegaram um a um, libertando-se dos grilhões da névoa — barcos graciosos e de proa bem alta, cada um na forma de um animal diferente: cisne, dragão, fênix, pato e salamandra. Em cada um deles havia uma criatura usando um longo bastão como remo, empurrando e levantando, empurrando e levantando. A resposta ao chamado de Iulia veio em cinco vozes, todas diferentes, cada uma mais fantástica do que a outra. Nossos guias eram o que eram; os únicos humanos ali éramos nós.

Os barcos atracaram e os barqueiros vieram nos ajudar a entrar a bordo. Meu sapo detestava essa parte. Ele começou a tremer de medo, um tremor frenético que percorria seu corpo todo. Eu estava acostumada: Gogu fazia isso sempre. Segurei-o contra o peito e, enquanto subia no barco, murmurei:

— Está tudo bem, Gogu. Você está seguro. Logo vamos chegar lá.

**Taul Ielelor**, o Água Morta. Era aqui que Costi havia se afogado. Nossa mãe nos avisara inúmeras vezes: não devíamos nunca ir lá, pois fazer isso era arriscar-se a sofrer a vingança das fadas que roubaram nosso primo. Mas, desde a primeira vez que o portal se abriu para nós, o reino que havia além dele se mostrara gentil e caloroso, recebendo-nos de braços abertos e com um sorriso de boas-vindas. Eu ainda tomava cuidado, pois não fazia parte da minha natureza confiar cegamente em ninguém. De qualquer maneira, era impossível acreditar que tinha sido uma daquelas criaturas que encontrávamos em nossas aventuras noturnas quem fizera nosso primo se afogar.

O povo do Outro Reino dava um nome diferente para o lago: na Lua Cheia, eles o

chamavam de Elo Brilhante. As águas do lago separavam o mundo deles do nosso. Assim que nossos pés tocavam os barcos, a magia do Outro Reino nos envolvia.

Tempo e espaço não eram o que pareciam naquele reino encantado. Em nosso mundo, para ir de Piscul Dracului até o Água Morta, era preciso andar bastante, fazer uma verdadeira expedição. Eu e Gogu já havíamos feito isso muitas vezes, pois o lago nos atraía apesar de nossos receios. Mas, na Lua Cheia, a jornada até **Taul Ielelor** era bem mais curta. Na Lua Cheia tudo era diferente, tudo ficava de cabeça para baixo e de trás para frente. Portas que permaneciam fechadas em outros dias se abriam, e os seres temidos pelos humanos se tornavam amigos. O Elo Brilhante era uma porta: não uma ameaça, mas uma promessa.

Era muito fácil perder a noção do tempo no Outro Reino e esquecer onde você estava e de onde tinha vindo. Essa podia ser aquela floresta tão conhecida, a mesma onde Petru cuidava da fazenda, onde tio Nicolae derrubava pinheiros para vender a madeira e onde nosso primo Cezar ia caçar no outono. Era a mesma, mas era diferente. Quando cruzávamos o Elo Brilhante, entrávamos num reino que existia no mesmo tempo e lugar do nosso mundo, com as mesmas árvores, colinas e rochas. Mas ele não era aberto aos humanos, a não ser aos sortudos o bastante para descobrir um portal e a maneira de abri-lo. O povo que vivia lá seguia leis que não eram como as nossas. Qualquer velho com histórias para contar sabia disso. Havia lendas sobre homens que atravessaram um portal, ficaram uma noite com o povo da floresta e, ao voltar, descobriram que cem anos haviam se passado, e que suas mulheres e filhos estavam mortos e enterrados. Havia histórias sobre gente que visitara a festa das fadas e enlouquecera. Quando voltavam ao mundo dos homens, eles só conseguiam vagar pela floresta até morrer de frio, fome ou sede. Havia ainda histórias de pessoas que entraram na floresta e simplesmente desapareceram.

Por isso, embora acreditássemos que tais tragédias jamais fossem acontecer conosco, pois os habitantes do Outro Reino sempre diziam que nos adoravam e que éramos bem-vindas, nós tínhamos criado regras de segurança. Se algo desse errado, as outras deveriam procurar a mim ou a Tati imediatamente, e deveriam fazer o que mandássemos sem discutir. Era proibido comer qualquer coisa enquanto estivéssemos no Outro Reino, e só podíamos beber da garrafinha de água que levávamos de casa. Era proibido sair da clareira onde dançávamos,



por mais que nos sentíssemos tentadas a explorar os caminhos banhados de Luar que adentravam a floresta. Devíamos tomar conta umas das outras. E quando Tati e eu disséssemos que estava na hora de voltar, ninguém podia protestar. Essas regras haviam nos protegido ao longo de nove anos de Luas Cheias. Já eram naturais para nós.

Os barcos começaram a deslizar pela superfície do Elo Brilhante e, quando cruzaram um ponto específico, o ar foi tomado por uma música doce e sussurrante. Enxames de criaturinhas que não eram nem insetos, nem pássaros, nem fadas rodopiaram em torno de nossas cabeças, formando uma faixa de boas-vindas viva para saudar nossa chegada. Seres subterrâneos com imensos olhos luminosos, mãos compridas, caudas escamadas e uma pele verde-azulada e brilhante nadavam ao lado das embarcações. Muitas criaturas viviam dentro ou ao redor de **Taul Ielelor**: seres que lembravam algas e que nadavam com o olhar sempre voltado para cima, para a superfície; e as fascinantes e pálidas Iele, de onde o lago tirava seu nome, com braços brancos que surgiam nas margens, nos salgueiros em torno do Água Morta ou em suas ilhotas. Se um homem descuidado estivesse passando por ali, elas tentariam atraí-lo e fazer com que se perdesse para sempre.

Conforme nos aproximamos da margem oposta, outras criaturinhas deixaram as ilhas em pequenos barcos para nos acompanhar, formando uma frota feita de cascas de noz, folhas secas e carapaças de besouro. Quando chegamos em terra firme o meu acompanhante — que tinha noventa centímetros de altura e quase o mesmo de largura e uma barba escarlate que ia até suas botas — me ajudou a descer. Ele fez uma profunda reverência.

— Muito obrigada — eu disse enquanto a gárgula voava do meu ombro e se escondia na grama.

— Encantado em lhe servir, senhorita Jenica. Espero que a senhorita retribua o favor.

— O senhor terá a primeira dança, é claro, senhor Anatolie — respondi.

O duende sorriu, revelando uma série de dentes incrustados com jóias.

— Garanto que conseguirei acompanhá-la, minha jovem. A senhorita gostará mais de mim como parceiro do que desse seu amigo verde e gosmento. Ele treme como geléia. Não reconheceria uma boa dança nem que ela estivesse embaixo de seu nariz.

Gogu parou de tremer imediatamente, e eu podia sentir a irritação tomando conta de seu corpo todo.

— Você o deixou chateado — expliquei. — Os sapos também têm sentimentos.

O duende fez outra reverência.

— Mil desculpas — disse ele, observando Gogu. — A noite vai ser interessante. Temos visitas. São os Seres da Noite, das florestas do leste.

Um arrepio de horror percorreu minha espinha e eu estaquei. A nossa frente, minhas irmãs e seus acompanhantes estavam desaparecendo no caminho largo, coberto de folhas e ladeado por árvores que levava até a clareira, seguindo o doce som de uma flauta. Os galhos das árvores estavam decorados com luzes coloridas na forma de pássaros, besouros e flores.

— Seres da Noite? — repeti, com a voz trêmula.

Fragmentos de histórias terríveis surgiram em minha mente. Histórias de sangue e violência, de atos cruéis e vingança.

— Não há com o que se preocupar — disse Anatolie casualmente.

— Há, sim! Nossa empregada Florica diz que eles aparecem de noite e mordem as pessoas que estão dormindo. Ela diz que a única coisa que eles bebem é sangue humano — retruquei, notando que minhas irmãs estavam longe demais para me escutar.

— Essa é a mesma Florica que disse que todos os duendes são ladrões e mentirosos? — perguntou Anatolie com os pés firmados no chão e as mãos nas cadeiras.

Ele estava vestindo uma capa que ia até os tornozelos e que era debruada com o que parecia ser pele de urso.

— Bom, é.

— A mesma Florica que disse que se você chegasse perto demais do Água Morta seria capturada pela rede mágica de Draguta, a bruxa da floresta?

— É, mas... os Seres da Noite, todo mundo diz que eles...

Decidi parar de falar. Anatolie tinha razão. Se eu jamais conhecesse nenhum Ser da Noite, era injusto julgá-los com base em lendas e histórias de terror.

— Você e suas irmãs estão a salvo aqui — disse o duende quando nós voltamos a andar. — Não foi a rainha da floresta em pessoa quem permitiu que comparecessem a esses festejos ao longo de nove anos de Luas Cheias? Acredite, se a proteção dela não se estendesse sobre vocês cinco, não estariam aqui agora.

— Não gostei nem um pouco de ouvir isso — disse, perguntando-me se ele queria dizer que nós teríamos tido o mesmo destino das pobres pessoas daquelas histórias: a morte, a loucura ou o desaparecimento.

— Os Seres da Noite não tocarão em vocês enquanto Ileana for rainha da floresta — disse Anatolie. — Acredite em mim.

— Obrigada — respondi.

Mas eu estava cheia de dúvidas. Não conseguia me lembrar de ter ouvido nada de bom sobre os Seres da Noite, e não queria conhecer nenhum deles. Eles jamais haviam estado na Clareira das Danças antes; pelo menos não enquanto estivemos lá. Pensei em alho, cruzes de prata e todo o resto que o povo usava para afastar as forças do mal. Não trouxera nada para proteger a mim ou a minhas irmãs.

Quando chegamos à clareira, a festa estava no auge. Um círculo de árvores cobertas de folhas amareladas protegia o local da dança, e em seus galhos havia ainda mais luzes. Elas lançavam uma iluminação acolhedora sobre os dançarinos em suas roupas brilhantes, cujos trajes, máscaras e jóias enchiam a clareira com um torvelinho de cores. Acima, deles, criaturas aladas seguiam suas próprias coreografias, algumas levadas por asas delicadas e diáfanas e outras por membranas quebradiças. Alguns convidados eram altos o suficiente para bater com as cabeças nas luzes, enquanto outros eram tão pequenos que era preciso tomar cuidado para não esmagá-los. Vi minha gárgula empoleirada num pé de azevinho, batendo as patas no ritmo da música e sorrindo serenamente.

Os músicos ficavam numa plataforma do outro lado da clareira, embaixo do maior carvalho. Os instrumentos eram os mesmos da banda da aldeia — flauta, tambor, gaita-de-foles, violino — mas com suas particularidades. Cada um possuía uma estranheza única. Não é qualquer tambor que emite poesia. Nem qualquer flauta que faz soar três notas ao mesmo tempo, cada uma se misturando perfeitamente com as outras. Quanto à gaita-de-foles, ela possuía um pouco da voz melancólica e profunda do bode cuja pele fora usada em sua fabricação. Já o violino cantava como uma cotovia.

O som dessa banda era inebriante, do nível de excelência que os músicos normais aspiram e que talvez atinjam uma vez na vida. Ele fazia os pés se moverem mais rápido, os corações se acelerarem, os rubores subirem às faces das pessoas. Até os mais tristes sorriam. Nós continuávamos a ouvir aquela música em nossos sonhos, dias após a Lua Cheia e nossa viagem ao Outro Reino.

Iulia já estava dançando, com os cabelos negros esvoaçando e um largo sorriso no rosto. Tati dançava mais discretamente, segurando a mão de Grigori, uma figura imponente com cabelos escuros muito longos e retorcidos. Dizia-se que ele era parente de Draguta, a bruxa da floresta.

Paula fora imediatamente conversar com seus amigos de sempre, um grupo de bruxas, astrônomos e profetas que vestiam trajes longos e esfarrapados e capas vaporosas que se enrolavam em seus corpos. Todos usavam algo na cabeça, fossem chapéus pontudos decorados com estrelas, gorros de feltro ou misteriosos capuzes que lhe escondiam os rostos. Estavam reunidos em volta da mesa embaixo de uma árvore e discutiam acaloradamente, movidos a um contínuo suprimento de **tuica**. Paula estava sentada no meio deles, fazendo largos gestos com as mãos conforme explicava uma teoria qualquer.

Stela estava com os pequeninos, perto dos músicos. Eles formavam dois círculos, indo

para dentro, para fora e para os lados numa coreografia particular. Alguns tinham asas, outros chifres, outros penas e outros escamas furta-cor. Tagarelavam como uma multidão de passarinhos conforme pulavam de um lado para o outro, mas mesmo assim conseguiam seguir perfeitamente os passos da dança. Todas nós havíamos começado ali mas, quando ficamos mais velhas, passamos a ser acolhidas por outras criaturas, levadas por outros barqueiros e autorizadas a conhecer melhor os freqüentadores do lugar. A Clareira das Danças tinha suas regras próprias.

A noite sempre se desenrolava da mesma maneira. A festa começava com quadrilhas, organizadas de forma a permitir que todos participassem, os grandes e os pequenos, os desajeitados e os ágeis, lado a lado. Nós participávamos daquilo desde nossa primeira visita ao Outro Reino, quando criaturas bondosas de todos os formatos nos pegaram pelas mãos e nos guiaram ao longo da coreografia. Não precisávamos mais disso, pois conhecíamos bem todas as danças. A primeira sempre era dançada com nossos barqueiros, pois era seu privilégio iniciar a noite conosco. Em dado momento, a rainha da floresta concedia audiências formais; essa era a oportunidade de dar as boas-vindas aos recém-chegados, receber pedidos e responder a perguntas. Depois a música mudava, e com ela o humor dos dançarinos. Então os casais dançavam devagar, flutuando em seus mundos particulares. Nessa altura minhas irmãs mais novas já estavam ficando cansadas, e nós nos sentávamos embaixo das árvores e ficávamos apenas observando, até que chegasse o momento da última dança — uma enorme reunião com todos os presentes para celebrar a Lua Cheia.

Então atravessávamos mais uma vez o Elo Brillhante e íamos para casa passar mais um mês trabalhando e sonhando.

A música já estava fazendo meus pés se mexerem antes mesmo de eu entrar na clareira. Peguei a mão do duende e nós dois começamos a dançar com vigor. O tambor acelerou meu coração; a gaita-de-foles parecia conversar com algo dentro de mim, dizendo “Mais rápido, mais rápido! Você está viva!” Anatolie apertou minha mão com força e nós corremos, saltamos, rodopiamos e chutamos o ar juntos. Gogu se escondera em meu bolso, onde estava a salvo de cair e ser esmigalhado pelos inúmeros pés que se movimentavam freneticamente. Quando a música cessou, tirei-o de lá e coloquei-o em meu ombro mais uma vez.

— Tudo bem? — sussurrei.

*Se você acha tudo bem ser sacudido para lá e para cá como um espanador de pó, então acho que estou bem, sim.*

Estudei a clareira enquanto meus batimentos voltavam ao ritmo normal.

— Onde estão os Seres da Noite? — perguntei a Anatolie.

— Eles vão chegar quando a Lua estiver mais alta, entre os galhos dos carvalhos maiores. Então vai vê-los em torno da clareira.

— Eles não dançam?

Anatolie sorriu.



— Aposto uma moeda de prata contra um pedaço de carvão que não conseguiria convencer um deles a dançar. Eles não se misturam. São um bando de deprimidos vestidos de preto. Não vêm para se divertir, mas para observar e avaliar.

Devido a um velho hábito meu e por ser a mais responsável, procurei minhas irmãs uma a uma para ter certeza de que estavam bem. Vi Stela do outro lado da clareira brincando de pega-pega com seus amiguinhos. Os que sabiam voar levavam grande vantagem. Iulia estava num círculo de rapazes e moças, habitantes da floresta. Quando eu vira aqueles seres pela primeira vez, achara que eram fadas, embora fossem bem mais altos e elegantes do que as fadas que eu imaginava na infância. Suas roupas eram feitas de folhas, teias de aranha, hera, cascas de árvore e penas, e seus rostos não eram exatamente humanos, algo um pouco assustador. Não havia sinal de Paula em lugar algum, mas eu sabia que ela ainda devia estar na mesa dos sábios.

Subitamente, um burburinho. Uma fanfarra foi tocada e todos abriram caminho para deixar passar uma mulher imponente cujo vestido parecia ser feito de gaze iridescente. Era Ileana, anfitriã daquela celebração e rainha do povo da floresta, atravessando a Clareira das Danças. As pessoas diziam que em sua coroa havia uma pena de cada pássaro que habitava seus domínios. Um passo atrás de Ileana estava um homem de cabelos dourados: Marin, seu consorte. Essa entrada grandiosa ocorria toda Lua Cheia. Atrás de Ileana e Marin vinha um grupo de pessoas que eu jamais vira antes.

— Aí estão eles — sussurrou Anatolie. — São carrancudos, não são?

Não achei os Seres da Noite carrancudos, apenas pareciam muito tristes. Eram

extremamente pálidos, com uma pele quase macilenta, e tinham olhos fundos, escuros e intensos. Todos estavam vestidos de negro. Os dois que vinham na frente eram os mais impressionantes. Os lábios da mulher eram finos e vermelhos como cerejas, não sei se por natureza ou por um artifício qualquer. Suas unhas haviam sido pintadas da mesma cor. Tanto ela quanto o homem que a acompanhava tinham feições aristocráticas: maçãs do rosto e maxilares bem definidos; narizes empinados e arrogantes; e sobrancelhas arqueadas e muito escuras. Formavam um belo casal. Ele usava uma camisa esvoaçante, calças apertadas e botas de cano alto; ela, um vestido justo cujo decote era bastante revelador.

Vi Tati em meio a um grupo perto de Ileana com os cabelos negros brilhando sob as luzes coloridas da clareira. A rainha fez um gesto para que ela se aproximasse e minha irmã obedeceu, fazendo uma profunda e graciosa reverência. Um segundo depois, Tati estava sendo apresentada aos recém-chegados. Senti um calafrio súbito. Quando Ileana dava tal atenção a alguém, nunca era para as menininhas humanas de Piscul Dracului, mas para os mais importantes habitantes do Outro Reino, como Grigori ou os profetas mais poderosos. O homem de botas de cano alto beijou a mão de Tati, num cumprimento frio. Então os Seres da Noite desapareceram sob as sombras das árvores.

Ileana e Marin não detinham realmente o poder do Outro Reino. Eles apenas comandavam as celebrações e resolviam pequenas brigas do povo da floresta. Ajudavam a vida cotidiana a seguir seu curso. Os habitantes do Outro Reino eram muito reservados quando perguntávamos sobre o lugar e suas regras, mas Paula descobrira algumas coisas na mesa dos sábios. Sabíamos que quem era o coração de tudo, quem possuía os mais antigos segredos e comandava a magia mais poderosa era Draguta, a bruxa da floresta. Draguta era mais antiga até do que Piscul Dracului. Ela vivia ali desde o tempo em que aqueles enormes carvalhos eram meros brotos. Draguta não frequentava a festa da Lua Cheia. Ela ficava em seu covil na parte mais selvagem e menos acessível da floresta. Se alguém precisava lhe perguntar algo, era obrigado a tentar encontrá-la, pois ela não viria até a pessoa.

Uma vez eu ousara duvidar da existência de Draguta. Só uma vez. Um coro de exclamações horrorizadas e espantadas fora a minha resposta. “Não diga isso!” “Psiu!” Era como se a bruxa estivesse por toda parte, observando e escutando tudo. Draguta existia

mesmo, e o medo que o povo sentia dela era bem real. Em nosso mundo, Florica falava o nome dela num sussurro trêmulo, e Petru fazia o sinal-da-cruz sempre que o escutava. Para cada menino ou menina de nosso vale que morrera na floresta ou se afogara no lago, havia uma história sobre Draguta e seus algozes, sobre mãos que saíam da água para arrastar os infelizes ao fundo. Para cada crucifixo que os aldeões haviam erguido nas cercanias da floresta de Piscul Dracului para afastar os maus espíritos, havia uma lenda sobre alguém que se afastara de seu caminho e caíra na rede da bruxa. Talvez não fosse surpresa que nosso castelo houvesse ficado desabitado por tanto tempo.

A rainha da floresta já acabara de apresentar os convidados para seus súditos. Ordenando que a música recomeçasse, ela foi para o meio da clareira de mãos dadas com Marin. Eu dancei com Grigori, que era um modelo de cortesia apesar da aparência assustadora. Dancei com um homem da floresta que tinha hera no lugar de cabelo, e outro que estava vestido de teias de aranha. A música penetrava meu sangue e tornava os meus pés ágeis e meu corpo flexível. Minha cabeça estava cheia de cores e luzes; eu sorria para o nada, e me sentia como uma beldade. Só quando as primeiras danças acabaram e os dançarinos se reuniram na borda da clareira enquanto a banda descansava foi que me lembrei que papai ia partir na manhã seguinte. Assim que minha mente se afastou da sedução da música, assim que meu corpo parou de se mover ao som de seus acordes, eu comecei a pensar incessantemente no longo inverno que tínhamos pela frente, e em como íamos conseguir passá-lo sem papai.

Minha preocupação devia estar aparente em meu rosto, pois Grigori veio me perguntar o que havia de errado. Anatolie sugeriu que eu devia estar me sentindo mal. Gogu mostrou que estava ciente de meus pensamentos aninhando-se em meu pescoço, debaixo dos meus cabelos. *Está tudo bem, Jena. Eu estou aqui.* Tê-lo por perto me consolava, pois de súbito eu me senti gelada e, apesar de estar rodeada por pessoas alegres, curiosamente sozinha.

Enquanto esperávamos a banda começar a tocar as músicas mais lentas, sinal para que os casais tomassem conta da clareira, pratos cheios de iguarias surgiram aqui e ali: pequenos bolos de um colorido exagerado, bichinhos feitos de açúcar, estranhos vegetais esculpidos na forma de castelos, árvores e gigantes, e montanhas de frutas que ainda levariam meses para brotar no mundo humano. Garrafas de tuica e de vinho de sabugueiro passavam de mão em

mão. Taças pequenas eram transportadas em bandejas que flutuavam na altura da minha cintura.

Não havia necessidade de tomar conta de minhas irmãs. Tati e eu tínhamos repetido as regras para as mais novas inúmeras vezes ao longo dos anos e elas obedeciam sem questionar, mesmo quando estavam hipnotizadas pela música. As regras nos ajudavam a lembrar quem éramos e qual era nosso lugar. A Clareira das Danças era nosso santuário, nossa alegria, nossa aventura. Mas não pertencíamos ao Outro Reino. Estávamos ali como convidadas, e era por sorte, não por direito nosso. Além disso, como dissera Tati certa vez, se fôssemos a uma festa todos os dias, as festas logo iam se tornar menos interessantes. Éramos meninas mortais, e desejávamos uma vida mortal. Para a maioria de nós, isso era o mesmo que casar e ter filhos.

Franzi o cenho ao pensar nisso, lembrando-me do que papai nos dissera. Casar cedo demais só para ter um filho que pudesse herdar Piscul Dracului seria terrível. Se fizéssemos isso, não poderíamos escolher com cuidado. Acabaríamos passando o resto da vida com alguém que detestássemos. Nosso pai se casara por amor, e fizera sua escolha sem pensar no que o povo esperava dele. Mas eu achava que nós não íamos ter o mesmo luxo, ao menos até que uma de nós produzisse o herdeiro necessário. Estremeci ao observar a Clareira das Danças.

Até ali, tínhamos tido sorte. Possuíamos o melhor de dois mundos. Torci para que nossa sorte não mudasse.

A música soou mais uma vez, e o povo de Outro Reino começou languidamente a formar casais para ir dançar. Gogu me cutucou com seu nariz gelado e os pêlos de meu pescoço se eriçaram.

*Olhe ali. Ali, embaixo dos carvalhos.*

Dirigi meu olhar para o local onde os Seres da Noite haviam desaparecido sob as sombras das árvores. Não vi o homem bonito com as botas de cano alto nem sua parceira dos lábios vermelhos. Mas tinha alguém ali. Os olhos dele eram tão escuros e profundos como os olhos dos outros dois. Seu rosto também era igualmente pálido, mas era mais branco do que macilento, e seus lábios eram mais generosos. Ele era jovem, talvez da mesma idade que nosso primo Cezar, e usava um casaco negro abotoado na frente, com gola alta e mangas compridas, que descia até seus pés. O que me impressionou foi sua intensa imobilidade. Ele mal parecia piscar ou respirar, mas seus olhos estavam avidamente focados em algo no meio dos dançarinos. Segui seu olhar e lá estava Tati, atravessando a clareira para começar a dançar.

Agora que minha irmã fizera dezesseis anos, Ileana passara a permitir que participasse das danças mais adultas. Tati estava de mãos dadas com uma criatura enorme que tinha um rosto grosseiro: um ogro chamado Sten. Estava corada e seu cabelo, revolvido pela dança, cascadeava sobre seus ombros como uma capa de seda negra. O vestido que usava era simples, mas delineava a silhueta perfeita de seu corpo. Muitos estavam observando-a.

Mas aqueles olhos eram diferentes dos outros. O homem de casaco preto olhava para minha irmã como se estivesse faminto. Não era preciso que ele movesse um só músculo para que eu visse o desejo em seu rosto, e aquilo me deu calafrios.

Conforme Tati dançava — primeiro com Sten, depois com Grigori e depois com um

jovem vestido com o que pareciam ser asas de borboleta — minha inquietação aumentava. Tomei uma decisão. Íamos precisar levantar de madrugada para nos despedirmos de papai, e era necessário que estivéssemos com uma aparência alegre e confiante. Isso seria impossível se passássemos a noite toda em claro.

— Gogu — murmurei —, nós vamos para casa mais cedo hoje. Ele se moveu em meu ombro, empertigando-se. *Estou pronto. Não se preocupe, Jena. Nós dois vamos cuidar de tudo.*

Reuni minhas irmãs e nos despedimos formalmente de Ileana e Marin, agradecendo-lhes a hospitalidade. Olhei em volta procurando os Seres da Noite, mas não vi nenhum — apenas um grupo de corujas de ar solene pousadas num dos galhos do carvalho mais próximo.

— Nossos convidados ficaram impressionados — disse Ileana. — Meninas humanas não são corajosas o suficiente para visitar festas como essa na parte do mundo de onde eles vêm. Eles perguntaram seus nomes e afirmaram que são todas muito bonitas.

O olhar de Ileana passou pelas cinco de nós, o que era extraordinariamente cortês de sua parte. Era quase certo que o elogio fora apenas para Tati, ou talvez para ela e Iulia. Stela era pequena demais para ser chamada de bonita. E quanto a Paula e a mim... eu não sabia que fadas haviam nos abençoado, mas elas haviam valorizado o cérebro mais do que a aparência. Nossa beleza era medíocre.

Voltamos para os barcos, acompanhadas por criaturinhas carregando nossas lamparinas.

Mas apenas os barqueiros que haviam nos trazido podiam nos levar de volta, atravessando a água e a névoa até que chegássemos ao nosso mundo. Gogu tremia de terror em minhas mãos, e eu o acariciei de leve. Quando meus pés tocaram a margem do outro lado, senti o alívio que sempre me dominava naquele momento. Conseguimos voltar. Consegui manter todas a salvo, pensei.

Então passamos pela Galeria das Feras, ouvindo os passos da gárgula atrás de nós até chegar à arcada, e subimos os muitos degraus da escada que levava até o portal.

Aqui não era preciso brincar de fazer sombras na parede, mas simplesmente tocá-la com nossas mãos. Eu fui a última. Meus dedos pousaram na superfície áspera e o portal se abriu diante de nós, revelando nosso quarto quentinho e aconchegante.

Minhas irmãs mais novas adormeceram assim que suas cabeças encostaram no travesseiro. Tati reuniu os vestidos que elas haviam largado pelo quarto e esticou-os sobre o baú de carvalho enquanto eu ajudava Iulia a tirar os grampos do cabelo. Quando finalmente coloquei minha camisola, ela já estava dormindo profundamente debaixo de sua colcha.

— Jena? — disse Tati baixinho, escovando suas madeixas negras.

— O quê? — perguntei enquanto enchia a tigela de água de Gogu, para que ele ficasse confortável pelo resto da noite. Ele me observava com ar muito sério, uma sombra verde sobre a mesinha ao lado da cama que eu e Tati dividíamos.

— Você viu aquele rapaz estranho? O do casaco preto?

— Vi, sim. Achei que você não tinha percebido.

— Queria saber quem ele é — disse Tati em meio a um bocejo.

Quando a tigelinha já estava do jeito que Gogu gostava, eu fui me deitar. O calor da colcha de penas de ganso era um bálsamo para minhas pernas doloridas. No silêncio do quarto, tudo o que se ouvia era o ruído de Gogu nadando na água.

— Ele é um deles — respondi, minhas pálpebras já se fechando. — Os Seres da Noite. Você conhece as histórias sobre eles. São perigosos e maus. Mortos-vivos. Só podem sair à noite, e precisam beber sangue humano para sobreviver. Espero que Ileana não os deixe ficar mais tempo. Você falou com algum deles? Vi que Ileana apresentou-os a você. Como eles são?

— Frios — disse Tati. — Terrivelmente frios.

Então ela não disse mais nada, e eu pensei que houvesse caído no sono. Mas sua voz



soou mais uma vez, e era apenas um sussurro na penumbra do quarto.

— Achei que aquele rapaz parecia triste. Triste e... interessante.

— Se você dissesse isso a Florica, ela responderia que a única coisa que os Seres da Noite acham interessante é afundar os dentes no seu pescoço.

Mas minha irmã já estava dormindo. O dia foi amanhecendo e os passarinhos começaram a cantar lá fora, só que eu continuei acordada, pensando no inverno que estava por vir e me perguntando se tinha sido uma tola quando dissera a papai que tudo daria certo. Após algum tempo, Gogu saiu de sua banheirinha e se aninhou ao lado do meu rosto no travesseiro, fazendo uma poça na fronha. *Estou aqui. Seu amigo está aqui.* Eu ainda não adormecera quando o Sol nasceu no horizonte além da floresta e Florica começou a mexer nas panelas para preparar o café.

# Capítulo 2

Estávamos todos no pátio. Dois cavalos estavam selados, prontos para a jornada até **Brasov**, onde papai continuaria viagem numa carruagem. Gabriel iria também e ficaria a seu lado durante todo o inverno, cuidando dele. Nosso faz-tudo, Dorin, fora para o casamento da irmã em **Tara Româneasca**, e não estaria de volta por algum tempo. Com isso, Piscul Dracului ia se tornar uma casa de mulheres, com exceção do robusto Petru.

Tio Nicolae e Cezar haviam descido de **Vârful** para se despedir de papai. Ambos vestiam quepes de pele de carneiro, pesadas luvas de lã e longas capas de pele sobre as roupas simples que usavam para trabalhar. Tio Nicolae estava sorrindo e seu rosto barbado irradiava confiança. Talvez ele estivesse fingindo alegria pelo bem de papai, mas aquilo me tranquilizava. Tio Nicolae sempre fora bondoso comigo e com minhas irmãs e sempre tinha uma piada para contar, um elogio a fazer e bolsos cheios de guloseimas que apareciam magicamente quando uma de nós estava triste ou encabulada. Agora que eu e Tati éramos quase mulheres, ele não usava mais nossos apelidos ao se dirigir a nós, conseguindo ser cortês e afetuoso ao mesmo tempo.

— Tatiana, Jenica, vocês sabem que nossa casa sempre estará aberta para vocês e suas irmãs. Por favor, falem comigo, Bogdana ou Cezar se tiverem qualquer problema. Queremos ajudar em tudo que pudermos.

— Vou cuidar de sua parte do negócio, tio Teodor — disse Cezar para papai, que ficara subitamente quieto agora que sua partida era iminente.

Cezar tinha dezoito anos. Ele era tão alto quanto tio Nicolae e bem mais forte, e tinha uma barba curta e bem cuidada e sobrancelhas marcantes. Não era uma pessoa fácil de se gostar, e sua transformação de menino em homem parecia tê-lo piorado. Eu havia tentado ser sua amiga, pois achava que era minha obrigação. Quando éramos pequenos, ele salvara minha vida.

— É claro que eu vou supervisionar o trabalho de Cezar — disse tio Nicolae ao ver a expressão de dúvida de papai. — Será uma boa experiência para ele.

— Vou cuidar das contas — eu disse. — Não preciso que ninguém me ajude, elas estão todas em ordem. Na verdade, acho até que posso cuidar de tudo.

— É trabalho demais para uma menina... — Cezar começou a dizer.

— Gostaria de falar a sós com cada uma das minhas filhas por um momento — disse papai. — Você primeiro, Jena. Nicolae?

Tio Nicolae assentiu e afastou-se, levando Cezar. Minhas irmãs estavam na escadaria em frente à entrada principal do castelo, com Florica e Petru logo atrás. Embora minhas irmãs estivessem exaustas e quase adormecidas, era claro para mim que estavam se esforçando para não chorar. Um vento gelado vinha da floresta: um mensageiro do inverno. Debaixo dos pinheiros, tudo era silêncio.

— Bem, Jena — disse papai, baixo para que os outros não pudessem escutar. — Creio que Cezar tem uma certa dose de razão. Isso é muita responsabilidade, e você só tem quinze anos. Tem certeza de que entendeu o que eu expliquei sobre os fundos e o carregamento de Salem bin Afazi que vai chegar? Deixei dinheiro suficiente para os gastos da casa até a primavera, mas se alguma coisa inesperada acontecer...

— Por favor, não se preocupe conosco, papai — disse, colocando a mão sobre o braço dele e percebendo que tinha a aparência pálida e arrasada por debaixo de todas aquelas camadas de roupas de inverno. — Sei muito bem que devo manter o dinheiro do negócio e o dinheiro da casa separados, e entendo tudo dos registros. As meninas vão me ajudar com o carregamento e Ivan pode trazer alguns homens da aldeia se nós precisarmos de gente para guardar os itens mais pesados.

Ivan era o neto de Florica e Petru que tinha uma pequena fazenda ali perto.

— Nós vamos ficar bem — garanti.

— Tati não entende tanto de negócios quanto você, Jena. Ela pode ficar cuidando das meninas mais novas. Faz isso muito bem desde que Bianca se foi. E você também faz, é claro. Vocês são boas filhas.

Nós sabíamos que papai jamais se casaria de novo; toda vez que ele falava em mamãe, o amor que sentia por ela ficava evidente em cada palavra.

— Obrigada, papai.

Ah, eu não ia chorar de jeito nenhum. Ia ser forte e dar o exemplo para minhas irmãs.

— Talvez fosse melhor que você evitasse ir até a floresta durante o inverno — disse papai com carinho. Ele não nos proibia nada, apenas dava sugestões. — Sei que você e esse sapo adoram aventuras, mas agora que é um pouco mais velha talvez pudesse obedecer mais às regras dos outros, pelo menos até que eu volte para casa. Minha maneira de criar vocês é considerada excêntrica aqui na região. O povo já acha que eu lhes dou responsabilidades demais. Melhor não dar mais o que falar enquanto eu estiver fora. Odiaria que essas fofocas magoassem vocês. Se estiver em dúvida sobre como deve se comportar, sempre pode perguntar a sua tia Bogdana.

— Vou tentar, papai.

Mas nós dois sabíamos que eu não conseguia ficar longe da floresta, assim como não conseguia deixar de expressar minhas opiniões quando achava que estava certa.

*Você não pode estar falando sério. E nossos piqueniques? E as panquecas de espiga d'água?*, disse Gogu.

— Psiu! — sussurrei de volta.

Chegara a hora de dizer adeus. Consegui beijar papai nas duas bochechas sem deixar minhas lágrimas rolarem, e então me afastei para permitir que minhas irmãs se despedissem. Acaricieei a pele fria e úmida de Gogu, tirando-o de meu ombro e colocando-o em meu bolso. Cezar me observava.

— Já é quase inverno — murmurei. — Está frio demais para fazer piquenique.

Depois que papai e Gabriel partiram, nós cinco queríamos voltar para a cama e recuperar o sono perdido, ou então simplesmente ficar em paz, pensando como a vida podia

mudar da noite para o dia e como podia ser difícil lidar com ela. Mas tio Nicolae e Cezar tinham feito a gentileza de atravessar a floresta para dizer adeus a papai, e nós precisávamos convidá-los para beber algo. Usamos a cozinha, que era grande, quente e acolhedora, embora fosse informal. O chão era de azulejos vermelhos e nas paredes havia tapeçarias de lã feitas pela própria Florica, listradas ou com estampas de árvores e flores. O fogo estava aceso no fogão, pois Florica já fizera duas fornadas de tortas naquela manhã. Eu adorava esse cômodo cheio de cheiros deliciosos e cores vividas. Piscul Dracului era um labirinto enorme e gelado, com escadarias tortuosas, quartos em formatos estranhos, parapeitos perigosos e corredores gigantescos. Eu também adorava a estranheza e as surpresas do lugar, mas a cozinha de Florica era seu verdadeiro coração. Quando criança, eu me sentira segura aqui. Florica jamais fora uma mãe para nós, mas tornara-se nossa amiga e confidente. Era uma mulher fornida que usava seus cabelos grisalhos num coque bem apertado, e a maneira como nos tratava misturava o respeito que uma empregada deve a suas jovens patroas e a disciplina gentil de uma gata-mãe cuidando de uma ninhada de gatinhos bagunceiros.

Nossos convidados se sentaram na enorme mesa da cozinha, que brilhava devida à limpeza diária de Florica. Petru já escapara dali, murmurando que ia cuidar das ovelhas. Como a maioria dos homens do vale, ele não sabia bem como se comportar diante de visitantes.

— Devo tirar a última fornada de tortas, Florica? — perguntou Tati tentando esconder um bocejo.

Florica assentiu e ela tirou a bandeja de dentro do fogão de azulejos azuis com as mãos protegidas por um tecido grosso e as bochechas coradas pelo calor. Tati estava com os cabelos negros trançados e presos no topo da cabeça, e estava linda apesar de usar apenas um vestido simples e um avental. As tortas exalavam um cheiro saudável de nozes. Gogu surgiu de dentro do meu bolso, cheirando o ar.

— Você parece estar bem preparada para o inverno, Florica — comentou tio Nicolae.

Havia dúzias de fileiras de alho penduradas nas vigas da cozinha, com punhados de ervas e guirlandas de pequenas cebolas. Os Seres da Noite não iam visitar Piscul Dracului naquele inverno se dependesse de Florica.

— Estamos com um bom suprimento de queijo e carne salgada este ano — continuou tio Nicolae. — Se precisarem de qualquer coisa, meninas, é só avisar.

Tanto Piscul Dracului quanto **Vârful** tinham estoques nos quais provisões como aquelas podiam ser guardadas ao longo de meses e meses, enquanto o tempo permanecesse frio. Era uma das vantagens de se viver nas montanhas, onde o inverno era rigoroso e demorava muito para ir embora.

— Muito obrigada, tio — disse Tati. — Gostaria de comer um pedaço de torta? E você, Cezar?

— Jena, esse sapo está comendo minha melhor geléia de ameixa — disse Florica.

Gogu escapulira de meu bolso e estava se aproximando do pote mais próximo de geléia em pulos bem pequenos, como se achasse que dessa forma ninguém iria perceber. Peguei-o



tentando chamar o mínimo de atenção possível e coloquei-o de volta no bolso.

— Você ainda tem esse sapo? — perguntou Cezar, franzindo o cenho.

Vi logo que ele ia começar a fazer um de seus discursos sobre como um sapo era uma péssima escolha de animal de estimação para uma jovem de boa família. Eu não tinha qualquer resposta para dar porque não saberia explicar exatamente o que Gogu era. Só sabia que “animal de estimação” era uma palavra terrivelmente inadequada para descrever meu mais querido amigo e conselheiro. Por isso, achei que devia mudar de assunto.

— Onde está Paula? — perguntei.

As outras estavam todas ali. Stela se escondera num cantinho perto do fogão e parecia estar mais dormindo do que acordada.

— Ela está escrevendo — respondeu Tati. — Está completando algum dever para padre Sandu. Foi lá para cima assim que papai foi embora. Iulia, vá buscá-la, por favor.

Nossas xícaras de café haviam sido feitas em Veneza e eram muito bonitas. Eu vira tanto tio Nicolae quanto Cezar examinando-as com o olhar crítico dos verdadeiros mercadores. Havia oito delas, cada uma de vidro de uma cor diferente e com alças de prata trabalhada na

forma de borboletas e flores. Quanto ao café em si, era turco. Os turcos dominavam a Transilvânia e eram vistos com antipatia por muitos, pois sua presença entre nós fora marcada por conflitos. Mas seus regentes não eram piores ou melhores do que outros que haviam comandado nosso país no passado. Papai dizia que a cultura turca era muito refinada, e que os turcos davam excelentes sócios no comércio de mercadorias, contanto que se soubesse lidar com eles. Ele trazia coisas lindas de suas viagens após ter comercializado com eles: tapetes de seda da Pérsia, cujos intrincados desenhos de flores e ornamentos pareciam ganhar vida; instrumentos musicais com acabamentos perfeitos; e caixas misteriosas com tampas de dobradiças e compartimentos secretos, decoradas com figuras marchetadas. Nós não bebíamos café com frequência, pois papai acreditava que era perigoso exagerar nos prazeres da vida. Mas aquela despedida justificava uma guloseima.

Gogu não devia beber café, pois ficava muito inquieto quando o fazia. Mas Iulia colocara um pires verde ao lado da minha xícara só para ele. Comecei a servir o líquido negro e denso da cafeteira, torcendo para não estar cansada a ponto de derramá-lo no colo de alguém. Estava lutando para não chorar. Eu teria trocado o suprimento de guloseimas de uma vida inteira para ter papai ali conosco, bem de saúde, sentado na mesa da cozinha contando uma história sobre algum lugar exótico que visitara e sobre as pessoas intrigantes que conhecera. Trocaria todo o café e todas as tortas do mundo por um sorriso dele.

Assim que Paula e Iulia voltaram e se sentaram, Cezar começou o interrogatório.

— Contaram para mim que você estava escrevendo, Paula — disse ele com um tom gentil. — Cartas?

— Não, estava fazendo um dever — respondeu Paula, que adorava falar sobre seus estudos. — É sobre invasões históricas do planalto da Transilvânia.

— Conte mais sobre ele — pediu Cezar.

Aproveitei que meu primo estava prestando atenção em Paula para colocar um pouco de meu café no pires de Gogu.

— Você deve saber que o nome Transilvânia significa “terra além da floresta” em latim — disse Paula, dando golinhos de café. Ela sempre conseguia bebê-lo muito quente. — A floresta ajudou a salvar o povo dessa área muitas vezes ao longo dos séculos, sabia? Nas regiões mais baixas, as cidades e aldeias foram conquistadas e pilhadas por um invasor atrás do outro. Mas aqui no planalto o povo se escondia na floresta quando os ouvia chegando, e os exércitos não conseguiam encontrá-los.

— Interessante — disse Cezar, um pouco irritado.

Tentei avisar Paula com o olhar, mas ela estava falando animadamente com nosso primo.

— As pessoas têm medo da floresta, é claro — continuou ela. — Existem tantas histórias estranhas sobre ela. Mas eu acho que a floresta abriga e protege a gente. Ai! Jena, você me deu um chute!

Encarei Paula, que imediatamente se calou. Costi já morrera há muito tempo, mas esse não era um assunto apropriado para se discutir com Cezar ou com o pai dele. No entanto, tio Nicolae parecia bem tranqüilo. Estava começando a comer seu segundo pedaço de torta.

— Essa terra já passou por tempos difíceis — disse Florica. — Minha avó contava histórias de arrepiar os cabelos da gente.

— Abriga e protege! — repetiu Cezar com as mãos cerradas em punhos, fazendo com que aquele cômodo alegre subitamente parecesse estar cheio de sombras. — De jeito nenhum! Enfeitiça e destrói, é isso o que essa floresta faz! Você não pode ter se esquecido do que aconteceu com Costin, Paula.

O fato de Cezar ter usado o nome inteiro de Costi, e não seu apelido, mostrava o quanto ele estava zangado.

— A própria Jena quase se afogou naquele dia — continuou ele. — O vale tem centenas de outras histórias parecidas com essas. Centenas de outras crianças já foram perdidas, centenas de viajantes entraram na floresta de Piscul Dracului e jamais foram vistos novamente. Só os nomes das criaturas que vivem nessa floresta já me dão calafrios: licantropos, trasgos, bruxas, os Seres da Noite.

Gogu esvaziara o pires e agora estava agachado ali ao lado, tremendo.

*Não confio nele, Jena. Ele me deixa nervoso.*

— É o café que deixa você nervoso — murmurei.

— O quê? — perguntou Cezar, penetrando-me com seu olhar.

— Nada.

— Dizer que a floresta é um santuário é quase... sacrílego — afirmou Cezar. — Todo mundo sabe que a floresta daqui é um lugar muito perigoso, cheio de presenças do outro mundo. Florica concordaria comigo, tenho certeza.

— O povo diz mesmo que é perigoso, senhor Cezar — disse Florica. — Mas acho que é mais o jeito de a gente olhar para as coisas. É preciso devolver o que a gente pega. Sempre me pareceu que se a gente respeita, é respeitado em troca, mesmo quando se trata desses seres que o senhor mencionou.

— Florica disse algo muito sábio — declarou tio Nicolae. — E me parece que Paula está sabendo bastante história.

— Preciso discordar do senhor, papai — disse Cezar com expressão dura.

Aquele olhar era familiar e eu não gostava nada dele. Quando Cezar ficava de mau humor, nada o apaziguava.

— Onde sua irmã aprendeu essas teorias, Tatiana?

Tati olhou-o surpresa, com meio pedaço de torta suspenso no meio do caminho até sua boca.

— Posso responder por mim mesma — disse Paula com a voz tranqüila, embora estivesse com os braços cruzados de forma beligerante. — Eu e padre Sandu já discutimos muito o assunto. Como ele é um padre da Igreja Ortodoxa, você não pode dizer que suas lições são sacrílegas. São sobre pessoas de verdade se refugiando na floresta. Existem documentos...

— Por favor me dêem licença, meninas — disse tio Nicolae com um sorriso, levantando-se da mesa.— Vou falar com Petru antes de ir embora. Cezar, não demore. Temos trabalho a fazer em casa.

Se ele achara que ia acalmar a tempestade daquela maneira, não foi bem-sucedido. Assim que tio Nicolae deixou a cozinha, Cezar recomeçou.

— Isso precisa acabar agora — disse ele, com o ar tão sério quanto o de um juiz. — Antes que um mal maior seja feito.

— O que você quer dizer? — disse Tati, olhando-o atônita.

— Essas aulas, essas visitas do padre. História, filosofia, grego... A maioria dos homens passa muito bem sem saber essas coisas, e uma mulher não pode acreditar que irá compreendê-las. Isso está fazendo Paula ter idéias perigosas. Na minha opinião, tio Teodor cometeu um erro lamentável ao permitir essas lições.

Um silêncio tomou conta da cozinha. Paula ficou com o rosto muito vermelho e todas nós encaramos Cezar, horrorizadas. Tati foi quem se recuperou primeiro.

— Papai confiou o bem-estar de nossas irmãs mais novas a mim e a Jena, Cezar — disse

calmamente. — Não é um momento oportuno para começar a questionar as decisões dele. Afinal, ele acabou de partir. E creio que devo lembrá-lo que não é tão mais velho do que eu. Não cabe a você decidir o que fazer.

— Além disso, há um propósito na educação de Paula — resolvi acrescentar. — Como não temos irmãos, papai vai precisar que ajudemos com os negócios conforme formos ficando mais velhas. As línguas que Paula está aprendendo serão muito úteis. A história ajuda as pessoas a não cometerem os mesmos erros sempre. E a geografia ajuda um mercador a encontrar novos mercados antes dos outros.

— Entendo — disse Cezar friamente. — Então seu pai não vê problema algum com a opinião de Paula de que bruxas, licantropos e sugadores de sangue são criaturas amistosas que só querem ajudar? Como você se sentiria se Stela entrasse nessa benevolente floresta um dia e fosse destroçada por alguma fera monstruosa? E se ela se tornasse uma presa de Draguta? De que valeria todo esse conhecimento?

Imaginei minha irmã menor de vestido rosa, dançando debaixo das árvores de clareira de Ileana com seu grupo de amiguinhos, radiante. Pensei nos Seres da Noite. Cezar estava certo e errado ao mesmo tempo. Uma pessoa não podia compreender o Outro Reino se jamais houvesse estado lá e visto o quanto ele era belo, o quanto era mágico e precioso. Sim, era perigoso também, mas para lidar com ele bastava colocar a sabedoria de Florica em prática: respeitar para ser respeitado e estar sempre alerta. Nosso primo não era a única pessoa do vale a agir daquela maneira. Muitos acreditavam que o Outro Reino era um lugar do demônio, cheio de presenças cujo único propósito era destruir os homens. Os limites da floresta eram repletos de crucifixos e nas árvores havia inúmeros amuletos pendurados.

— Cezar, se não concorda com a decisão de papai, por favor faça a gentileza de esperar até que ele volte de **Constanta** e então fale com ele pessoalmente — disse, tentando manter



minha voz tranqüila.

Obriguei-me a sorrir para ele, ignorando a raiva em seus olhos. Cezar assentiu com a cabeça, mas ainda estava furioso. Então ele pegou minha mão e levou-a até os lábios, deixando-me tão espantada que eu não soube como reagir. Iulia teve um ataque de riso nervoso.

Gogu deu um enorme pulo, mirando o meu ombro, mas passando pelo menos um metro acima dele. Ele aterrissou com um estrondo numa mesinha de carvalho, deslizou por ela e bateu com tudo na parede. Num segundo eu estava de pé, aninhando-o entre minhas mãos. Podia sentir o coraçãozinho dele batendo como um tambor em miniatura. Seu corpo estava tenso de indignação. Mas apenas seu orgulho parecia estar ferido.

— Há algo muito estranho nessa criatura — disse Cezar, observando Gogu atentamente. — Isso só serve para ilustrar meu ponto de vista. Um lugar onde uma criança pode encontrar um animal excêntrico como esse sapo não é seguro. Não é o reino benigno de suas teorias, Paula. O ideal seria que a floresta em torno de **Vârful** e de Piscul Dracului fosse derrubada por completo.

Talvez ele não tenha percebido nossas caras de horror abjeto, pois seguiu em frente sem pestanejar.

— Isso manteria essas presenças que mencionei longe de nossas casas, além de abrir uma área maior para o pasto. Os pastores não gostam de subir aqui, nem para vir até os pastos,

e têm boas razões. Com isso, a face oriente da montanha é completamente desperdiçada. Uma enorme clareira, isso eu gostaria de ver. Quanto a esse sapo, deveria se livrar dele, Jena. Você já é quase uma mulher. Se quer tanto ter um bichinho, e eu bem sei que as mulheres adoram esse tipo de coisa, deveria ter um gato, ou um terrier. Seriam bem mais apropriados. Posso arrumar um para você. Essa criatura é... peculiar.

Não consegui pensar em nenhuma resposta. Estava acostumada com a antipatia que Cezar sentia por Gogu, sentimento que ficara mais forte conforme eu fora crescendo. Quanto à floresta e seus habitantes, havia um motivo pelo qual Cezar os temia tanto, um motivo que fazia sentido para todos os que jamais haviam tido o privilégio de conhecer o Outro Reino.

— Tia Bogdana gosta de tortas, não gosta? — perguntei alegremente, querendo falar em outra coisa. — Florica, pode embrulhar algumas dessas para Cezar levar para casa? Vou levá-lo até a porta.

Quando estávamos indo encontrar tio Nicolae, Cezar estacou no corredor com os braços cruzados e o rosto escondido pelas sombras.

— Jena?

— Sim?

— Você está zangada, não está?

— Não, Cezar. Não concordo com o que você pensa, mas isso não quer dizer que esteja zangada. É difícil ficar zangada com alguém que já salvou sua vida. Quando você fala de Costi, eu vejo a cena como se tivesse acontecido ontem.

O rosto de Cezar se endureceu e seus olhos negros ficaram ainda mais escuros.

— Eu também, Jena. Gostaria que a imagem desaparecesse, mas não. Dez anos. Sonho com isso todas as noites.

Eu não me esquecera da tristeza de meu amigo quando papai pedira que não fizessemos mais piqueniques. Decidi que, em vez de recuperar o sono, nós passaríamos o resto do dia numa última expedição ao lago, antes que o tempo ficasse frio demais. Aos olhos do mundo talvez eu já fosse velha demais para essas aventuras, mas Gogu e eu precisávamos de nosso ritual favorito. E eu já estava chateada demais com a partida de papai para suportar que meu sapo ficasse zangado comigo. Além do mais, quem no mundo é velho demais para um piquenique?

Era uma longa caminhada, principalmente no frio. Quando chegamos ao nosso lugar preferido — uma caverninha ao lado de um córrego que ficava no topo de uma colina perto do Água Morta —, eu tirei os objetos de dentro da sacola que trouxera. Então fiz uma fogueira e duas panquecas: uma pequena para Gogu e uma um pouco maior para mim. Não sentira

vontade de comer as tortas de Florica, mas estava com fome agora. Coloquei algumas espigas d'água de enfeite sobre minhas obras de arte e chamei Gogu, esforçando-me para não falar muito alto. De vez em quando, os mais ousados habitantes do Outro Reino se aventuravam pelo mundo dos humanos; eles tinham seus próprios portais. Os anões andavam para lá e para cá o tempo todo, e Draguta também (se os boatos sobre ela fossem verdade). Talvez ela estivesse nos observando naquele momento. Cezar tinha certeza que fora a bruxa quem arrastara Costi para dentro d'água naquele dia terrível, quando eu tinha apenas cinco anos de idade. Se Draguta houvesse tido coragem de fazer isso, então seria capaz de tudo. E se havia alguma chance de ela estar ali por perto, seria uma tolice minha não me cuidar.

— Ande logo, Gogu! As panquecas vão esfriar!

Gogu estava explorando um monte de folhas. Era outono, e havia uma grossa camada delas sobre a terra, cheia de insetos de todos os tipos e de cogumelos que pareciam formar excêntricos castelos em miniatura. Gogu viu um bichinho suculento, olhou-me com o rabo dos olhos e pescou-o com a língua. Nós tínhamos um pacto para momentos como esse. Eu fingia que não estava vendo e Gogu fingia que não sabia que eu estava. Um segundo depois ele veio cheirar as panquecas.

Eu não tinha dúvidas de que Gogu era um habitante do Outro Reino que viera para o nosso mundo por acaso. O comportamento dele não era nada parecido com o dos sapos normais, sendo que seu entusiasmo por comida de gente era só uma pequena parcela disso. Eu tentara deixá-lo lá de volta algumas vezes quando era mais nova, embora no fundo quisesse desesperadamente ficar com ele. Por três Luas Cheias seguidas eu sugerira que Gogu ficasse na Clareira das Danças, mas, quando voltara para casa, ele insistira em vir também, empoleirado em meu ombro como sempre. Uma vez tentei largá-lo na floresta para que ele voltasse sozinho para o Outro Reino. Mas foi só uma vez. Eu me afastara enquanto ele estava nadando no córrego, com as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Após algum tempo, ele viera pulando atrás de mim, repreendendo-me com sua voz silenciosa: Você me abandonou, Jena. Eu sabia que jamais poderia fazer aquilo de novo.

— O dia está estranho hoje, Gogu — disse quando começamos a comer. — Como se uma nova etapa de nossas vidas estivesse começando. Não sei o que isso significa. Sinto como se fosse algo mais amplo do que a partida de papai e o fato de termos de nos cuidar sozinhas agora. Até Cezar estava diferente. Ele nunca falara aquelas coisas na frente de tio Nicolae antes, nunca agira como se fosse mais esperto do que o próprio pai ou do que nosso pai. E estava tão zangado. Ele tem estado sempre zangado ultimamente. Fico imaginando se um dia Cezar vai mesmo fazer o que disse. Será que ele poderia destruir o Outro Reino? Será que o ódio daria a um homem comum poder suficiente para fazer isso?

*Não perca tempo pensando nele. Coma sua panqueca.*

— Foi bem ali que aconteceu. Bem ali, perto daquela ilhota com os vidoeiros. Foi onde Costi se afogou.

Esquecida do piquenique, eu observei a margem do Água Morta, revivendo o dia terrível que nem eu nem Cezar tínhamos conseguido esquecer, mesmo após dez anos inteiros.

Três crianças estavam correndo pela floresta. Na frente vinha Costi, o favorito dos pais, um líder nato, embora tivesse apenas dez anos de idade, arrogante e impetuoso. Hoje era o primeiro dia de suas férias, que durariam um mês, e ele estava determinado a aproveitá-las o máximo que pudesse. Costi liderava uma pequena expedição para um lugar proibido, onde uma brincadeira especial seria feita, com o rosto iluminado de excitação. Atrás dele vinha Cezar, um menino apático de oito anos que tentava acompanhar o passo do irmão, observando-o com olhos sérios e inundados de adoração. E aos pulos bem lá atrás, com o peito arfante e o

coração quase estourando de emoção por estar numa aventura secreta com os meninos mais velhos, estava eu aos cinco anos de idade, correndo o risco de tropeçar nos meus próprios pés ao atravessar a floresta o mais rápido que podia.

A brincadeira se chamava Rei do Lago. Os meninos sempre falavam nela, mas essa era a primeira vez que me deixavam participar. Tati e eu estávamos hospedadas em **Vârful** e papai estava fora numa viagem de negócios. Hoje tia Bogdana ia ajudar Tati a fazer uma boneca.

— Nós precisamos de uma princesa — dissera Costi mais cedo, quando ainda estávamos em casa. — Ou de uma rainha.

— Nunca precisamos de uma antes — respondera Cezar, desconfiado.

— Posso ser a princesa.

Eu afirmara isso com toda a coragem que conseguira reunir, e não era muita. Aos meus olhos, Costi era um deus; eu mal ousava abrir a boca quando ele estava por perto. Cezar estava sempre preocupado em impressionar seu irmão mais velho e não tinha tempo para mim. Mas aquela oportunidade extraordinária me tornara ousada.

— Ou a rainha — completei.

— Você precisa ter uma roupa especial — disse Cezar com desprezo. — Costi tem um anel. Eu tenho uma capa. Você não pode brincar se não tiver uma roupa especial.

— Eu tenho uma coroa.

Eu a fizera no dia anterior, após ter ouvido os meninos planejando a expedição. Por via das dúvidas. Levara o dia todo construindo-a com cola, alfinetes, arame, continhas coloridas e pedaços de fita da caixa de costura de tia Bogdana. Era a coroa mais bonita do mundo, prateada e cintilante.

— Uma coroa está bom — admitira Cezar.

Costi me olhara de cima a baixo. Ele era muito alto, e era impossível esquecer que tinha o dobro da minha idade.

— Você vai conseguir acompanhar a gente, Majestade? — perguntou ele, esforçando-se para não rir.

— Claro que sim — respondi, levantando o queixo e usando toda a autoconfiança de que dispunha. Era tudo teatro, mas dera certo.

— Então, muito bem.

Costi dera sua permissão casualmente. Tremendo de emoção, eu pegara minha coroa e uma colcha de retalhos da minha cama que daria uma capa bem colorida para uma monarca. E seguira meus primos mais velhos para dentro da floresta.

Costi estava com seu anel de família, um enorme anel de prata que ele ganhara no dia de seu batizado por ser o filho mais velho e futuro dono de **Vârful**. Eu sabia que só lhe era permitido usá-lo em ocasiões especiais, e que devia passar o resto do tempo bem guardado. Cezar usava uma capa roxa de seda debruada de pele, muito imponente. Lembro-me do quanto quis poder brincar com ela um pouquinho. Regiamente vestidos, chegamos à margem de **Taul Ielelor**, onde os salgueiros se debruçavam sobre a água como os cabelos longos de driades melancólicas. Por que o lago cintilava tanto se o sol mal penetrava aquele abrigo de pinheiros altos e negros? Havia ilhotas aqui e ali, por toda a superfície. Uma delas era coberta por um tapete de flores rosas, amarelas, roxas e azuis, e em seu ponto mais alto havia uma floresta de vidoeiros em miniatura, sendo que cada árvore era apenas um pouco mais alta que eu aos cinco anos. A magia da ilha me envolveu assim que olhei para ela. Mais para o meio do lago, a névoa cobria toda a água. Imaginei ver figuras dentro da neblina: dragões, fadas, monstros. Meu coração batia forte, e não era apenas devido ao esforço de acompanhar os meninos.

Costi e Cezar já haviam estado ali muitas vezes, e sua brincadeira tinha regras firmemente estabelecidas. Ela começava com diversas competições que seriam impossíveis para alguém do meu tamanho vencer. Fiz o melhor que pude: corri, escalei, balancei-me numa



corda amarrada a uma árvore, fiz uma fogueira. Os dois tinham um tesouro de objetos úteis escondido na floresta, guardado numa caixa amarrada com um barbante. Espiei lá dentro, esperando encontrar maravilhas — mas só vi uma pederneira, uma faca afiada, um cobertor dobrado e uma bola de barbante. E eles tinham uma jangada também, que haviam construído sozinhos no verão anterior e que mantinham amarrada a um salgueiro, escondida sob algumas samambaias. Fiquei muito impressionada ao descobrir que meus primos tinham ousado entrar no Água Morta — apesar de ter só cinco anos, eu já ouvira as histórias sobre o lago.

— Última corrida — declarou Costi, que já ganhara quase todas as competições por ser mais ágil e mais rápido que o irmão, além de ser mais seguro de si. — Jena, corra o mais rápido que puder até aquele carvalho grande. Vamos contar até dez e então vamos correr atrás de você. Quem lhe pegar primeiro, ganha. Pronta? Um, dois, três... já!

Sem ter tempo para me dar conta do quanto aquilo era injusto, eu corri. Fiz o melhor que pude, com uma das mãos segurando a coroa para que ela não caísse e a segunda mantendo a capa de retalhos junto ao corpo. O chão era irregular, cheio de pedregulhos e rachaduras. Eu corria, corria, corria, mas o carvalho parecia ficar cada vez mais longe. Costi estava rindo ao se aproximar de mim, vindo atrás de sua presa com passos muito rápidos. Cezar fora deixado para trás. Vi as águas de **Taul Ielelor** num relance, e elas eram apenas um borrão brilhante. As árvores negras pareciam se fechar sobre mim.

De repente, fiquei apavorada. Podia ouvir a respiração de Costi, e pareceu-me que aquele era o ruído de um monstro prestes a me alcançar e me destroçar. Minhas pernas pareciam se mover cada vez mais lentamente, embora eu tentasse acelerar cada vez mais, como se estivesse atravessando um pântano. Meus olhos se encheram de lágrimas. Tropecei e caí, batendo o rosto numa raiz de árvore. E então ali estava Costi, agarrando-me pelos braços e gritando num tom triunfal:

— Peguei, peguei! Ganhei! Eu escolho primeiro!

Cezar aproximou-se, ofegante.

— Jena está chorando — observou ele.

— Ah — disse Costi, largando-me abruptamente. — Tudo bem, Jena? — perguntou, ao menos fazendo um esforço para parecer preocupado.

— Tome — disse Cezar, tirando um lenço do bolso. Eu me sentei no chão e assoei o nariz.

— Escolhe o que primeiro? — perguntei a eles.

— O que você vai ser na brincadeira — explicou Costi. — Rei do Lago, Rei da Terra ou Rei de alguma outra coisa. Nunca fizemos com três pessoas antes. O que você quer ser, Jena?

— Rainha das fadas — eu disse entre soluços.

— Tudo bem. Agora vamos fazer o seguinte...

— Não é tão simples assim.

Nós três ficamos paralisados de choque. Não tínhamos percebido que havia outra pessoa ali. Mas ao ouvir aquela voz, imediatamente vimos uma velha toda de preto, debruçada sobre as raízes de uma árvore próxima. Ela estava colhendo cogumelos amarelos e colocando-os numa cestinha. Era possível que estivesse ali aquele tempo todo; misturava-se com as cores escuras da floresta como se fosse apenas mais uma planta.

— O que você quer dizer? — perguntou Costi.

— É só uma brincadeira — disse Cezar.

— Nada é só uma brincadeira — respondeu a velha, coxeando em nossa direção com a cestinha de cogumelos pendurada no braço. — Seja qual for o jogo, é preciso jogá-lo direito. Existem regras. Regras que, aparentemente, vocês não conhecem.

— Que regras? — perguntou Costi, franzindo o cenho.

— Ah! — disse a velha, agachando-se perto de nós.

Ela tirou um pedaço de pano quadrado de dentro da cesta e esticou-o sobre o terreno arenoso da margem do lago. Como se envolvidos por um poderoso feitiço, nós três nos agachamos também e aguardamos.

— Você não pode se proclamar Rei sem dar algo em troca pelo título. Rei do Lago, Rei da Terra, Rainha das Fadas. Esses títulos não são concedidos a qualquer um, nem podem ser obtidos com demonstrações bobas de força e rapidez — disse a velha olhando para Costi, que apertou os olhos. — Vocês precisam pagar por eles.

— Pagar? — perguntou Cezar. — Com o quê? Dinheiro?

Houve um breve silêncio, e então a velha respondeu:

— Vocês precisam pagar com o que lhes é mais precioso no mundo. Com algo que amam

mais do que qualquer coisa. Coloquem-no em cima desse pano. Cedam-no voluntariamente e o título que desejam será de vocês para sempre. Se eu estivesse em seu lugar, daria esses cogumelos, pois eles afastarão a fome de mim por mais um dia, e nada é mais precioso do que a vida. O que vão entregar?

Nós três ficamos muito impressionados. Os rostos dos meninos estavam bastante sérios. Costi tirou do pescoço o cordão com seu anel de prata e colocou-o em cima do pano.

— Pronto — disse ele. — Quero ser o Rei do Lago.

— Tem certeza? — perguntou a velha, observando-o com muita atenção.

— Não teria oferecido meu anel se não tivesse certeza.

Eu só tinha cinco anos, mas sabia que precisava ser corajosa e abrir mão do meu tesouro. Tirei minha linda coroa, que fizera com tanto afínco e tanto amor.

— Quero ser a Rainha das Fadas, por favor — sussurrei, colocando-a ao lado do anel.

A velha mostrou-me seu sorriso banguela.

— Tem certeza, menininha? — disse ela com um ar que era ao mesmo tempo tranqüilo e intenso.

A voz dela me assustava mais ainda do que seus olhos pequenos e escuros. Mas Costi não demonstrara nenhum medo, e achei que precisava me igualar a ele.

— Sim — respondi.

O olhar da velha pousou sobre Cezar.

— Rei da Terra — disse ela, pensativa. — É o único que resta.

Cezar estava pálido. Parecia prestes a desmaiar e olhava fixamente para o irmão. Achei que ele não sabia o que oferecer e ia sugerir que entregasse sua capa quando a velha disse:

— Tem certeza?

Algo mudou no rosto de Cezar e um calafrio percorreu minha espinha. Era como se a escuridão estivesse refletida nos olhos daquele menino de oito anos. Baixei o olhar; não podia encará-lo. Ouvi-o dizer “tenho certeza” numa voz que parecia ser de outra pessoa. Então a velha falou mais uma vez.

— Está feito. Podem brincar. E não se esqueçam da próxima vez: tudo tem um preço.

Ela apanhou sua cestinha e se afastou claudicante, desaparecendo por entre as árvores da floresta.

Costi já estava de pé, e toda a seriedade havia sido esquecida.

— Sou o Rei do Lago! — gritou ele, agarrando minha mão e correndo comigo na direção da água. — Vamos, Jena! Você pode ser a primeira a andar na jangada. Vou levá-la até a ilha mágica. A Rainha das Fadas precisa de um lugar especial para reunir sua corte.

Foi tudo tão rápido. Com o coração batendo forte, deixei que meu primo me levasse até

aquela jangada precária, construída de galhos de salgueiro amarrados com pedaços desgastados de corda. A embarcação balançou enquanto Costi, com a água pelos joelhos, desfazia o nó que a prendia ao salgueiro. Eu me desequilibrei e caí sentada, engolindo lágrimas de medo. Meu primo mais velho permitira que eu participasse de sua brincadeira de gente grande. Não queria que ele me achasse uma chorona. Além do mais, eu pagara por aquilo com o que mais amava no mundo. Não era possível que fosse dar algum problema. E queria muito ir até aquela linda ilhazinha cheia de flores. Se procurasse bastante, talvez encontrasse fadas de verdade escondidas dentro dos botões. Eu era uma rainha; precisava ter coragem.

— Pronta? — perguntou Costi.

Sem esperar uma resposta, ele empurrou a jangada para longe da margem. A vareta que eles usavam para remar estava em cima da embarcação, ao lado dos meus pés. Costi provavelmente planejara subir também, mas a jangada se moveu rápido demais. Agarrei a vareta, mas ela rolou e caiu dentro do Água Morta. Costi ficou perto da margem, observando enquanto eu me afastava.

A jangada foi para o meio do lago, formando círculos na superfície que levaram a vareta cada vez mais para longe. Passei pela ilhota das flores. Passei por outra ilha cheia de espinheiros e por outra com inúmeras pedras cobertas de limo. As silhuetas de meus primos foram ficando cada vez menores. Imaginei que havia vultos nas ilhas à minha volta, mãos tentando me agarrar. A névoa me envolveu, como se tentasse levar-me para o reino misterioso que havia do outro lado. Desatei a chorar. A jangada afastou-se ainda mais, e eu comecei a gritar.

— Segure firme, Jena! — gritou Costi. — Vou aí pegar você!



Ele tirou a camisa e mergulhou no lago. Costi sabia nadar muito bem. Cezar estava na margem atrás dele, escondido pelas sombras. Seu rosto era um borrão branco, e seu corpo não era maior que um de meus dedos. Ele estava completamente imóvel. Fui me acalmado conforme Costi se aproximava de mim, e meus gritos se transformaram em soluços e então num choro mais tranquilo. Eu vi a água do lago borbulhando e formando redemoinhos em volta de meu primo. A jangada começou a se mover em círculos, deixando-me tonta e mantendo-me fora do alcance dele. Não havia nada onde eu pudesse me segurar. Senti outro grito surgindo em meu peito, e mordi os lábios com força para não deixá-lo sair. E então Costi estava ali, com as mãos segurando a borda da jangada e o rosto ainda mais pálido que o de Cezar. Os cabelos negros dele pingavam água e seu queixo estava batendo.

Eu estava assustada demais para dizer qualquer coisa. A jangada começou a deslizar lentamente na direção da margem, com as pernas fortes de Costi impulsionando-a para frente. Passamos pela ilha das pedras e pela ilha dos espinheiros. Costi estava lutando para segurar a jangada, nadando contra a corrente. Havia ferocidade em seus olhos, como se ele estivesse no meio de uma briga. Os dedos dele estavam escorregando. Tapei os olhos com as mãos enquanto ouvia a respiração ofegante de meu primo. Senti que a jangada estava rodando e depois virando; ouvi o barulho de algo caindo na água. Então alguém agarrou meu braço, e eu lutei para me libertar.

— Pare, Jena. Sou eu. Você está segura.

A voz era de Cezar. Ao abrir os olhos, vi a jangada chegando à margem e as mãos dele me arrastando para terra firme. Eu estava tonta e com o nariz escorrendo. Meu coração parecia que ia explodir.

Saí correndo. Passei por Cezar, pelo pano onde havíamos deixado nossas oferendas, pelas roupas que Costi largara ali, e me escondi debaixo de alguns arbustos, onde me cobri com minha colcha colorida e me deixei dominar por soluços de medo e alívio.

Não sei se fiquei lá muito tempo. Para uma criança de cinco anos, alguns minutos podem parecer uma vida inteira. Ouvi Cezar gritando meu nome, mas ignorei-o. Aquilo tudo era culpa dos meninos. Eles haviam me obrigado a entrar na brincadeira, haviam me obrigado a vir até o lago, e agora estava tudo estragado. E eu não me tornara Rainha das Fadas apesar de ter aberto mão da minha querida coroa. Agora meus primos iam caçoar de mim porque eu ficara com medo e chorara, e jamais me deixariam brincar com eles de novo.

— Jena! Apareça! Por favor, Jena!

Algo na voz de Cezar fez com que eu me levantasse e voltasse à margem do lago. O pedaço de pano quadrado ainda estava na areia, mas o anel de prata e minha coroa haviam desaparecido. A jangada não estava em lugar algum. E nem Costi.

— Onde você estava? — perguntou Cezar, segurando meus braços com força. Achei que ele fosse me sacudir. — Para onde você foi? Viu o que aconteceu?

— Ai, me largue! — protestei. — Ver o quê? Como assim? Cadê o Costi?

Foi então que percebi que, embora meu primo fosse três anos mais velho do que eu, ele estava chorando.

Cezar me fez sentar na areia da margem do lago e me contou o que havia acontecido. O nariz dele estava escorrendo por causa das lágrimas, e seus olhos estavam ficando vermelhos e inchados. Devolvi o lenço a ele. Cezar me contou que quando a jangada passara pela ilha das flores, Costi não conseguira mais segurá-la. Quando Cezar estava tirando as botas e a camisa para ir ajudar o irmão, um par de mãos saíra de dentro da água, puxando os braços de Costi e fazendo com que a jangada balançasse, como se desejasse virá-la. Cezar nadara para me salvar e conseguira agarrar a jangada bem na hora. Ele a levava para a margem e voltava para pegar Costi. Mas quando chegara a ilha das flores, a água estava calma. Costi desaparecera.

— Ele está morto — disse Cezar como se não pudesse acreditar nas próprias palavras, embora houvesse acabado de testemunhar o que acontecera. — Costi morreu. A bruxa o levou. Draguta, a bruxa da floresta. Ela levou-o para baixo do lago e o afogou.

Eu era pequena demais para saber o que dizer. Acho que ainda não entendia o que era a morte.

— Nós temos de ir para casa.

Os olhos de Cezar estavam estranhos, arregalados e com uma expressão de espanto. Ele parecia estar sentindo mais raiva do que tristeza.

— Vamos precisar contar a eles. Você vai ter de me ajudar, Jena.

Eu assenti, enquanto o pesar caía sobre mim como um manto negro. Costi se fora. Costi, que era tão vivaz — a pessoa mais cheia de vida que eu já conhecera. Costi, a quem todos amavam. Olhei os pequenos brilhos que cintilavam na superfície do lago e achei que tinha ouvido uma risada.

— Vamos, depressa — disse Cezar. — Temos de combinar o que vamos dizer. Podemos praticar no caminho.

Lembro daquela parte muito bem: nós dois atravessando a floresta, Cezar segurando minha mão tão pequenina na dele, que não era muito maior, e me explicando cuidadosamente tudo o que acontecera. Acho que ele fez isso para me acalmar. Mesmo após dez anos terem se passado, eu ainda me lembrava da expressão no rosto de Cezar quando ele contara o que acontecera ao pai. Era um enorme peso para um menino de apenas oito anos de idade. Ajudei no que pude, contando a mesma história. Os fatos estavam todos embaralhados na minha cabeça, por isso era bom que ele houvesse me explicado tudo tão direitinho. Cezar não falou nada sobre a brincadeira, e eu também não. Confessamos que estivéramos no lago proibido brincando com uma jangada. Falamos das correntes traiçoeiras e das mãos na água. Tio Nicolae e tia Bogdana ficaram tão desesperados com a perda de seu adorado primogênito que após algum tempo pararam de prestar atenção no que dizíamos.

Minha mãe levou a mim e a Tati de volta para Piscul Dracului. Depois disso, eu deixei de ver Cezar com tanta frequência. Ele se tornara o filho mais velho e se esforçava muito para aprender a ser mercador, acompanhar tio Nicolae nas reuniões da aldeia e entender tudo sobre a fazenda. Cezar passara diversos anos estudando em **Brasov** e voltara irreconhecível, já um rapaz. Ele passou a me intimidar; tão alto, tão grande, tão sério. Tão cheio de idéias e teorias que eram completamente opostas às minhas. Mesmo assim, eu lhe devia minha vida, e jamais me esquecera disso.

— O problema — eu disse a Gogu, que estava sentado numa folha e praticando a arte de ficar invisível — é que é muito difícil ser amiga de Cezar. Se eu pudesse ficar mais íntima dele, talvez conseguisse convencê-lo a desistir dessa idéia de vingança. Mas ele acha que as meninas são inferiores e que não têm cabeça para nada além de cozinhar e limpar. Nesse inverno eu vou provar o contrário. Vou cuidar tão bem do negócio de papai que nem ele nem tio Nicolae terão de fazer nada.

*Como é aquele ditado? Quanto maior a subida, maior a queda.*

— Gogu! Não diga isso! Achei que pelo menos você confiava em mim.

*Eu confio, Jena. Completamente, Mas tenha cuidado. Tudo está mudando. Foi você mesma quem disse. Mudanças podem ser assustadoras.*

— Por isso fico feliz de ter  *você*  — eu disse. — Você mantém minha cabeça no lugar, Gogu. Impede que eu cometa erros idiotas. Espero que Cezar nunca mais sugira que eu tenha

um cachorro. Não sei viver sem você.

*Nem eu sem você, Jena. Nós somos uma dupla. Está ficando frio... O inverno está chegando. Posso voltar ao seu ombro?*

# Capítulo 3

Querido papai, escrevi, andamos muito atarefadas desde que você viajou. Vou mandar o carregamento para **Sibiu** assim que tio Nicolae puder nos emprestar alguns homens para colocar tudo nas carroças.

Eu teria preferido cuidar daquilo sozinha, mas os homens da aldeia que sempre trabalhavam para nós estavam todos ocupados escorando as margens do rio Água Sombria, que virara uma torrente de água marrom após as chuvas recentes. Uma inundação era tão perigosa quanto Draguta de mau humor: podia consumir uma aldeia inteira num dia só.

O rio está quase transbordando, mas ainda é possível passar pela ponte, então o carregamento deve sair daqui antes que o inverno chegue. Acredito que as mercadorias que o senhor comprou de Salem bin Afazi devem chegar logo. Não se preocupe, vou guardá-las no depósito antes que o tempo piore.

Dei um suspiro e descansei a cabeça nas mãos, vendo as letras no papel à minha frente se transformarem em borrões. Já era quase Lua Cheia de novo; um mês se passara desde a partida de papai. Minhas irmãs estavam contentes, fazendo as preparações de sempre, contando os dias e as horas até o momento em que cruzaríamos o lago para ir ao Outro Reino. Mas tudo o que eu sentia era um profundo cansaço. Essa não era a primeira viagem que papai fazia, é claro. Mas ela ia durar muito mais que uma viagem normal e, além disso, era a primeira vez que tanto Gabriel quanto Dorin estavam ausentes ao mesmo tempo que ele. Fora difícil até mesmo conseguir com que Ivan, que nunca nos faltava, viesse trabalhar para nós, pois a fazendinha dele estava ameaçada pela cheia do rio.

Eu estava cuidando de muitas coisas, preocupada com tudo. Ansiava por um dia inteiro sozinha com Gogu, sem nada para fazer. Era difícil não deixar que isso transparecesse em minha carta para papai. Não queria preocupá-lo; se ele acreditasse que tudo estava bem, certamente sua recuperação seria mais rápida. Eu estava esperando receber notícias dele, embora no fundo soubesse que isso era tolice. Nenhuma carta chegara. **Constanta** era muito longe. As cartas levavam semanas para atravessar tamanha distância — isso quando havia alguém para trazê-las.

Paula e Stela estão ajudando Florica com as tarefas domésticas, e Iulia está se esforçando ao máximo para cooperar também.

Ultimamente o máximo de Iulia não vinha sendo muito, mas eu não contei isso a papai. Agora que as noites estavam ficando mais longas e mais frias, era bem difícil tirá-la da cama de manhã. Ela detestava fazer coisas fora de casa como encher as cestas de madeira, varrer o galinheiro ou alimentar os porcos.



— Por que logo eu tenho de fazer isso? — resmungava Iulia, com o nariz vermelho por causa do frio e as faces pálidas como a neve sob seu gorro de pele de coelho.

E eu respondia o que papai diria se estivesse em casa:

— Todo mundo faz a sua parte.

Estamos todas bem. Florica e Petru mandam lembranças. Papai, espero que sua saúde esteja melhorando nesse clima mais ameno. Se você estiver bem-disposto o suficiente para escrever, seria maravilhoso receber notícias suas. Muitos beijos. Estamos todos com muitas saudades, até Gogu. Da sua filha Jena.

Selei a carta, guardei a pena que estava usando para escrever e coloquei a tampa no tinteiro. A entrega teria de esperar até que tio Nicolae fosse mandar um de seus empregados na direção de **Constanta**. Se Deus quisesse, não ia demorar para isso acontecer.

Um dia antes da Lua Cheia, chegou uma carroça com a mercadoria que papai encomendara no Oriente. De má-vontade, os dois homens que haviam dirigido-a até Piscul Dracului descarregaram as caixas e pacotes, levando-os até nosso depósito e largando-os sem cerimônia no chão de pedra. Paula e eu havíamos separado o pagamento em peças de prata há muito tempo, e guardado-o num cofre com uma enorme fechadura. Os homens tentaram obter mais dinheiro, mas eu mostrei-lhes um documento com as assinaturas de papai e de Salem bin Afazi que dizia quanto devíamos pelo serviço. Após algum tempo, eles pegaram a prata e foram embora, com o humor muito melhorado depois que Tati aparecera sorrindo com uma

garrafa de **tuica** e diversos bolinhos.

Passamos o resto do dia verificando o carregamento e certificando-nos de que tudo estaria bem guardado até o momento de ser vendido. Os tecidos tinham de ser mantidos no seco, protegidos da poeira e das traças; as especiarias tinham de ser colocadas em caixas bem fechadas, em locais onde não batesse luz. Os tapetes precisavam ser desenrolados e protegidos por panos acolchoados.

O cômodo que usávamos como depósito era gigantesco. Imaginávamos que era ali que haviam sido organizadas grandes festas nos dias de ouro de Piscul Dracului. Mas o mármore polido do chão fora danificado há muito tempo, e as finas colunas envoltas em videiras que se erguiam até o teto pintado estavam cheias de rachaduras. Prateleiras haviam sido construídas nos locais onde elegantes damas e cavalheiros talvez houvessem se sentado, ouvindo belas melodias.

Nós cinco desempacotamos as caixas e engradados. Era um trabalho duro, mas nós adorávamos. Era como uma maravilhosa caça ao tesouro. Os carregamentos de Salem bin Afazi vinham sempre cheios de surpresas exóticas.

Stela encontrou uma caixa cheia de vidrinhos com os mais variados perfumes, de especiarias, flores e almíscar. Ela começou a organizá-los por cor, tomando muito cuidado com cada um.

Paula descobrira livros destinados a um monastério perto de **Sibiu**, uma preciosa

coleção. Ela agora estava sentada de pernas cruzadas no mármore com os óculos na ponta do nariz, inteiramente absorta por um antigo volume com capa de couro.

Eu, Iulia e Tati estávamos trabalhando juntas, pois havia tapetes nesse carregamento e cada um precisava ser verificado e guardado. Eles eram enormes e muito pesados. Quando finalmente terminamos, nossas costas estavam doendo.

Stela guardara os vidrinhos e colocara a caixa com eles numa prateleira. Agora, estava investigando uma cesta cheia de brinquedos engraçados de madeira — abelhas, libélulas e morcegos que zumbiam e batiam as asas quando eram empurrados para frente. Gogu estava ao lado dela, fascinado, com os olhos esbugalhados repletos de apreensão.

— Eles não são reais, Gogu — ouvi minha irmãzinha dizer. — Não são reais de verdade.

— Olhem só!

Iulia tinha começado a esvaziar uma caixa cheia de tecidos. Tati retirara a cobertura do primeiro pacote que havia ali dentro para verificar se eles tinham alguma imperfeição ou se haviam sido danificados pela água.

— É tão lindo! Parece uma teia de aranha! — disse Tati, levantando um pedaço da seda que tinha entre as mãos.

O tecido não era exatamente branco; tinha a cor de uma pálida flor do campo ligeiramente dourada pelo sol. A seda era muito fina e se agarrava aos dedos de Tati conforme ela a manuseava. Era toda bordada com borboletas furta-cor, que brilhavam quando tocadas pela luz. Aqui e ali, os olhos, asas ou antenas dos insetos eram acentuados por uma pequena pérola, cristal ou conta de vidro brilhante.

— Esperem só para ver — eu disse. — Assim que a mulher de um **voivode** aparecer com esse tecido, as outras todas vão vir bater na nossa porta querendo a mesma coisa, só que melhor.

— Oh, Jena — disse Tati, tocando a seda com o rosto. Era muito claro que ela havia se apaixonado. — Ele é tão...

— Tem bastante — observou Iulia — E já faz muito tempo que a Tati não ganha um vestido novo.

— Se todas nós trabalhássemos nele, ficaria pronto para amanhã à noite — disse Paula, sem tirar os olhos do livro que lia.

— Vamos, vamos! — exclamou Stela, batendo palmas e assustando Gogu, que deu um salto.

— Vamos fazer o quê? — perguntou Tati, que estava hipnotizada.

— Quantos metros precisamos? — eu disse. — Iulia, passe a tesoura.

— Oh, não devíamos... — Tati começou a protestar, mas os olhos dela já estavam iluminados de alegria.

— Iulia tem razão, tem bastante — eu disse. — Papai não vai se importar, e eu já assinei pelo carregamento. Não vamos pegar muito. Você não é nada grande. Mas vai precisar de um tecido por baixo, esse aqui é quase transparente.

— Tenho uma combinação de seda antiga que podemos usar — disse Tati, voltando à realidade. — Tem certeza, Jena? Quatro metros, acho. É bastante costura para fazer num dia só. E ainda temos de organizar o resto do carregamento.

— Vai ser bom para nós ter o que fazer — eu disse, já aplicando a tesoura ao tecido e

pensando que preferia costurar do que fazer contas e me preocupar o tempo todo. —Vamos torcer para que não apareçam visitas inesperadas até amanhã à noite.

Tati, Paula e Stela foram trabalhar no vestido enquanto eu e Iulia desempacotávamos e guardávamos o carregamento. Quando terminamos, Tati já cortara os pedaços de seda e Paula estava fazendo alterações na combinação. Essa era uma época do ano em que o Sol se punha cedo, e era difícil costurar à luz das lamparinas. Quando descemos para jantar, estávamos com os pensamentos distantes, e tanto Florica quanto Petru pareceram desconfiados.

— Estamos exaustas — disse Iulia, servindo-se de uma segunda porção de **ciorb**. — Deve ser um recorde descarregar um carregamento inteiro num dia. Amanhã, não quero fazer nada.

— Mas vai fazer — respondi, entrando na brincadeira e fingindo estar irritada.

Era essencial que disfarçássemos, agindo como sempre fazíamos. Sempre nos esforçávamos ao máximo para que Petru e Florica não percebessem que os dias antes da Lua Cheia eram diferentes dos outros. Desta vez precisávamos disfarçar ainda mais, pois teríamos de passar um dia inteiro costurando sem dar na vista. Florica não entenderia por que precisaríamos passar tanto tempo numa ocupação tão frívola. Quando é que Tati iria usar um vestido de baile? Papai estava viajando, e o passeio mais excitante que podíamos dar era ir tomar café com tia Bogdana.

— Precisamos alterar algumas roupas, Iulia — disse Tati calmamente. — Preciso ver

todas as coisas de Paula e Stela, baixar bainhas, consertar fechos, fazer remendos....

Iulia começou a protestar e Tati acrescentou:

— Não há nada mais justo. Paula e Stela ficam com as roupas por último, então ao menos não deviam precisar se preocupar com buracos no tecido. Provavelmente há alguns vestidos seus que a Paula já pode usar, Iulia. Você está crescendo demais este ano.

— Eu ajudo — disse Stela, entendendo o que estava acontecendo.

— Eu também — disse Paula. — Gosto muito daquela saia de Iulia que tem a borda trabalhada. Já notei que ela não consegue mais fechá-la.

— Está me chamando de gorda? — perguntou Iulia indignada, fazendo Paula se encolher.

— Os homens apreciam mulheres com um pouco de carne — disse Florica com alguma satisfação. Ela própria era bastante corpulenta. — Ninguém gosta de abraçar alguém que é só pele e ossos. Vocês estão todas ficando lindas, cada uma do seu jeito.

Mas Iulia já empurrara seu prato de sopa para longe.

— Você não é gorda — eu disse a ela. — Tem o mesmo tipo de corpo que mamãe tinha, e papai a achava a mulher mais linda da Transilvânia. Ele próprio já me disse isso.

— Vamos para cama cedo esta noite — disse Tati animadamente. — Vocês todas precisam dormir bem, pois vão trabalhar para mim amanhã. Florica, acho que vamos ficar costurando em nosso quarto. Podemos sentar em volta do braseiro para nos esquentar, e assim não vamos atrapalhar você.

— Como você achar melhor — disse Florica.

Todas nós sabíamos que ela ficaria feliz em ter a cozinha para si, para variar. Desde que papai partira, nós só comíamos ali. A sala de jantar formal com seu tapete de seda e sua mesa de carvalho brilhante parecia fria e inóspita sem ele.

Petru não jantou conosco. Quando perguntamos a Florica onde ele estava, ela respondeu de forma um pouco ríspida que seu marido fora se deitar mais cedo.



— Ele está cansado, Jena. Nós estamos ficando velhos. Ele disse que as cercas do lado leste não vão durar até o fim do inverno. Precisam de conserto, ou os lobos vão atacar as ovelhas. É muito trabalho.

Não respondi. Dorin teria contratado mais homens para realizar esse tipo de tarefa, mas eu não estava conseguindo fazer o mesmo. Petru me parecia estar sempre exausto, mesmo quando acordava de manhã. Ele era parte tão intrínseca de Piscul Dracului que eu havia me esquecido que era um homem idoso. Quase morri de culpa.

Tati mandou nossas irmãs mais novas para cama assim que o jantar acabou. Se não dormíssemos bem aquela noite estaríamos aos tropeços na noite de Lua Cheia, dançando de olhos quase fechados. Ela e eu ficamos acordadas até um pouco mais tarde costurando o vestido novo.

— Jena?

— Hum?

— Gostaria de saber se aquele jovem vai estar lá de novo amanhã à noite.

— O rapaz de casaco preto?

Eu quase me esquecera dele; na verdade, estivera ocupada demais para pensar em qualquer habitante do Outro Reino.

— Quem sabe? — respondi. — Não sei por que você está interessada. A única coisa que ele fez foi ficar parado com cara de triste mostrando quanto tempo conseguia olhar você sem piscar.

— Talvez ele seja tímido.

— Os tímidos não fazem questão de ser diferentes como ele. Além do mais, ele estava com os Seres da Noite. Gostaria que voltassem para casa. Não gosto das histórias que já ouvi sobre eles. Eles me perturbam.

— Não importa — disse Tati despreocupadamente. — Como acha que devo fazer as mangas, Jena? Estreitas ou abertas?

Tati deu os últimos pontos na bainha do vestido mais ou menos no mesmo horário na noite seguinte, cercada por nós quatro, já vestidas em nossas roupas de baile. Lá fora, fazia um frio terrível. Eu sentira o inverno na pele mais cedo, quando parara de costurar um pouco para realizar alguns afazeres essenciais. Petru estava trabalhando na fazenda, e Florica não

conseguia dar conta de tudo sozinha. Quando eu finalmente terminara de encher as cestas de madeira, levar a comida das galinhas e me certificar de que o depósito estava seco, meus dentes estavam batendo e minhas orelhas doíam por causa do frio. Nós estávamos usando chapéus de pele, capas e botas, e carregávamos nossas sapatilhas na mão. Em nosso quarto, o vento gélido atravessava todas as fendas e buracos que conseguia encontrar nas paredes. Tremendo, Tati tirou seu vestido e colocou a roupa de festa, mantendo-se perto do fogo.

— Ande logo! — pediu Iulia.

Dei uma rápida escovadela nos cabelos de minha irmã mais velha. O vestido fluuava ao redor dela como névoa, e seus olhos estavam brilhando. Ajudei-a a colocar sua capa azul e a ajeitar um capuz de pele na cabeça. Enrolara Gogu numa luva de lã e o colocara no bolso de meu vestido verde. Isso estragava o caimento dele, mas eu não podia permitir que meu sapo ficasse resfriado.

Uma corrente de ar muito fria subiu aos rodopios pela escada em caracol, emaranhando-se nas estátuas da Galeria das Feras, procurando vítimas. As gárgulas haviam se escondido em qualquer buraco que tinham conseguido encontrar entre uma pedra e outra. Ví várias delas paradas num canto, juntinhas como morcegos. Ninguém queria sair nessa noite.

Tivemos de bater os pés nos chãos e esfregar as mãos para nos esquentar enquanto esperávamos na margem do lago, vendo nossa respiração se transformar em vapor conforme as luzes dos barcos se aproximavam. Uma fina camada de gelo cobria toda a superfície do Água Morta. Os barcos vinham quebrando-a, fazendo soar uma estranha melodia. Na próxima Lua Cheia, a água estaria completamente congelada.

— Rápido, rápido, rápido — disse Stela. — Estou virando um picolé.

Um, dois, três, quatro barcos chegaram à margem. Uma por uma, minhas irmãs embarcaram: Stela com o duende de barba azul, Paula com um feiticeiro banguela, Iulia com Grigori. Quando Sten saiu do quarto barco e estendeu a mão para me ajudar a entrar, eu olhei em volta, confusa. Tati ainda estava parada na margem, esperando. Gogu começou a tremer. Dava para sentir apesar da luva de lã.

— E minha irmã?

Sten murmurou algo. Tirei Gogu do bolso com luva e tudo e segurei-o perto do meu coração por debaixo da capa.

— O que você disse? — perguntei.

— Ele está atrasado — repetiu Sten. — Pode entrar, senhorita, e o jovem sapo aqui também. Isso.

Sem esperar mais, o ogro enfiou o remo com força na lama e nós começamos a deslizar

sobre a água fazendo o gelo tilintar ao se quebrar. Tati ficou sozinha na margem do lago. Eu já estava abrindo a boca para protestar quando vi o último barco chegando. Quando ele surgiu de dentro da névoa, a primeira coisa que enxerguei foi o remo feito de madeira de salgueiro e as mãos brancas que o seguravam; mas logo discerni também o casaco negro e as feições emaciadas e solenes daquele jovem que passara a última noite de Lua Cheia observando minha irmã de forma tão estranha. Só o vi de relance, pois Sten pareceu ter imaginado que estava participando de uma corrida que precisava vencer; ele empurrava o barco com toda a força para frente, fazendo pequenas ondas geladas na água.

— Talvez devêssemos esperar pelos outros — sugeri com o queixo batendo quando chegamos na margem oposta, tão antes dos outros que nem mesmo o barco de Stela surgira por entre a névoa. — Está tudo bem, Gogu, já chegamos — eu sussurrei para o meu sapo.

Meu barqueiro fez uma profunda reverência. Ele era muito bem-educado para um ogro.

— Aquele rapaz que estava no último barco... você sabe quem ele é? — perguntei.

— É um dos Seres da Noite — grunhiu Sten. — Escória. Eu acho que deveriam voltar para casa. Só ouvi coisas ruins deles.

— Se ele é escória, por que foi escolhido para trazer minha irmã no barco?

— Ileana os tolera. São nossos convidados. Ele deve ter pedido a ela. Quanto à nossa dança: posso ser seu parceiro naquela em que os homens atiram as mulheres para o alto? Eu era campeão disso na minha terra.

Sten viera de muito longe para vir morar na floresta. Ele nascera a noroeste dali, numa região que, ele me dissera, era ainda mais fria do que a nossa. Isso era difícil de acreditar.

— Fiz uma aposta com Grigori — continuou o ogro.

— Que aposta? — perguntei desconfiada, vendo minhas irmãs aparecerem uma a uma.

— Apostei que posso atirar minha parceira mais alto do que ele. Vou ganhar, é óbvio.

— Tudo bem — concordei, sorrindo.

Não conseguia resistir a uma aposta. Mas foi então que meu sorriso desapareceu. Todas as minhas irmãs estavam chegando; todas, menos Tati.

— Ele é tão lento — resmunguei. — E é esquisito. Nunca diz nada. Nunca nem abre a boca.

— É — disse o ogro —, é por causa dos dentes.

— O quê?

— Os dentes dos Seres da Noite. Ele não quer que a senhorita os veja. E, principalmente, não quer que sua irmã os veja.

Fiquei apavorada. Certamente Seres da Noite só se interessavam por meninas humanas por um motivo, e não era dançar nem conversar. Preparei-me para gritar o nome de Tati mas, naquele instante, o último barco surgiu. O rapaz o guiava sem jamais tirar os olhos de sua passageira, que estava imóvel com sua capa e seu capuz. Eles chegaram à margem. O jovem saiu do barco e ofereceu sua mão a Tati. Ela desembarcou com sua graça habitual e disse algo, provavelmente um agradecimento. Não parecia haver nada de estranho na situação. Seja como fossem os dentes dele, talvez eu estivesse sendo boba em me sentir tão assustada. Afinal de contas, aquela era Tati. Minha irmã mais velha. Já tinha dezesseis anos, e devia saber se cuidar.

— Vamos lá — eu disse para o ogro. — Precisamos praticar um pouco se quisermos

ganhar essa aposta.

Foi uma noite maravilhosa. A magia do Outro Reino fez meu cansaço desaparecer. Fui envolvida pelo som da música, o cheiro delicioso das guloseimas e o glorioso redemoinho de cores que dominava o espaço abaixo dos veneráveis carvalhos. Em nosso mundo já era outono há algum tempo, mas aqui na Clareira das Danças nós podíamos tirar nossos chapéus, capas e botas e colocar nossas sapatilhas, pois o ar era tépido e as flores nunca deixavam de desabrochar.

Havia uma árvore em particular cujos habitantes cuidavam de nossas roupas até que fosse hora de ir para a casa. Ela era infestada por pequenos seres com narizes arrebitados e braços longos que simplesmente pegavam nossas capas, capuzes ou botas, os vestiam e se sentavam nos galhos para esperar que a festa acabasse. Chegavam a brigar por algumas das peças. O chapéu de pele de coelho de Iulia era uma das preferidas. Ao ver a batalha que as criaturinhas estavam travando por ele, soltando grunhidos e gritinhos, perguntei-me se o chapéu sobreviveria até o fim da noite.

Sten ganhou a aposta. No final da nossa dança, eu estava tonta e machucada, mas feliz por tê-lo ajudado a vencer. Por ser um estrangeiro, ele parecia sentir que precisava se afirmar para os outros. Eu poupara Gogu dessa aventura, deixando-o aos cuidados de Paula. Meu sapo adorava pular, mas não gostava de ser atirado para lá e para cá. Grigori foi meu parceiro seguinte, e Sten dançou com Iulia. Então começaram a tocar uma jiga, e nessa dança animada meu parceiro era sempre o mesmo: Anatolie, o duende de barba vermelha.

— O barqueiro de sua irmã não exigiu a dança a que tem direito — disse Anatolie para mim conforme rodopiávamos de braços dados.



— Mesmo? — perguntei, surpresa. — Talvez ele não dance. Acho que os Seres da Noite não gostam de dançar.

Soltei o braço de Anatolie para andar três passos para a direita, pular e bater uma palma.

— Mas os outros estão dançando, olhe — mostrou o duende, dando seu salto com maestria e batendo uma palma acima da cabeça.

E estavam mesmo. O homem de botas pretas cujas feições pareciam as de uma melancólica estátua de mármore dançava com a mulher vestida de negro. Não havia um sorriso em seus lábios vermelhos, e ela erguia o queixo como se fosse uma rainha. Uma jiga? Não para aqueles dois — eles se moviam ao som de uma melodia lúgubre imaginária. Ao seu redor, o resto dos Seres da Noite dançavam da mesma forma, todos pálidos e altivos. Os outros casais, alegres e joviais, se mantinham a uma certa distância. Do outro lado da clareira, a imponente Ileana dançava com seu consorte, Marin. Eles não desprezavam a jiga, mas a dançavam como nobres participando da brincadeira de plebeus — entediados e com ar de quem está fazendo um enorme favor.

— Tem gosto para tudo, hein? — disse Anatolie rindo enquanto pegava minhas duas mãos para que percorrêssemos a clareira juntos. — Ninguém dança isso tão bem quanto nós, senhorita Jenica! Reis e rainhas, lordes e damas, quem precisa deles?

— Psiu! — eu disse ao perceber que a música estava acabando. — Ileana pode ouvir! Se você ofender a rainha da floresta pode ter problemas, mesmo sendo um duende. Por que não vai dançar com Iulia? Preciso descansar um pouco.

Encontrei um pequeno espaço num dos limites da clareira e fiquei parada por algum tempo, observando tudo. Procurei por minhas irmãs: Iulia dançava e Stela estava sentada na grama com seus amiguinhos, fazendo guirlandas de flores. Paula conversava animadamente com os sábios e Gogu, sentado na mesa deles, cheirava uma garrafa de aguardente de ameixa. Paula falou alguma coisa para ele, que pulou de volta para perto dela. E Tati...

Tati não estava dançando. Eu não a vira na clareira a noite inteira, e ela adorava dançar. E quanto ao lindo vestido novo, no qual todas nós havíamos trabalhado até ficarmos com os dedos doendo? Era estranho que minha irmã não estivesse exibindo-o para todos; ele ficaria lindo sob as luzes da Clareira das Danças. Olhei à minha volta. Onde estava ela? E onde estava o rapaz de casaco preto? Meu coração começou a bater mais forte. Nossas regras eram sagradas; nós nunca as quebrávamos. “Não podemos entrar na floresta sozinhas. Não podemos deixar a clareira até a hora de ir para casa.”

Comecei a entrar em pânico, algo que jamais fazia. Meu coração disparou e minhas mãos ficaram suadas. Os Seres da Noite... sugadores de sangue! Procurei sistematicamente por toda a clareira — para lá, para cá, para a esquerda, para a direita. Os outros estavam lá, com sua pele branca e seus olhos mortos, mas não aquele jovem. Todas as minhas irmãs mais novas estavam ao meu redor, mas não havia sinal de Tati. Uma dúvida terrível surgiu em minha mente. O tecido lindo, a pressa frenética para terminar o vestido... Será que Tati planejara tudo aquilo? Será que ela quisera estar linda não para todos os convidados da festa, mas apenas para ele? Se fosse verdade, seria a primeira vez que minha irmã tinha segredos para mim.

Voltei a procurar, começando pela mesa onde Paula estava.

— Você viu a Tati?

— Não — disse Paula. — Leve Gogu daqui. Ele fica tentando beber a **tuica**. Ela deve estar por aí, não se preocupe.

— Não estou preocupada — menti, abrindo caminho por entre a multidão até chegar no local onde Stela estava fazendo guirlandas. Agachei-me ao lado dela. — Stela, você viu a Tati?

— Não. Essa não, Ildephonsus, o cabo dela está fino demais. Olhe só como se faz.

Ildephonsus, uma criatura com um focinho rosa funguento e asas vaporosas, aproximou-se para observar Stela demonstrando a melhor maneira de colocar uma margarida na guirlanda, que já estava imensa e formava vários círculos em volta de seus artesãos. Deixei-os com seu trabalho.

Iulia passou dançando, sem qualquer sinal do cansaço e do mau humor que vinha

demonstrando nos últimos dias. Ela sorria sem parar e seus olhos azuis brilhavam. Mas eu ainda não vira Tati em lugar algum.

— Onde está ela, Gogu? — murmurei.

— Jena? — disse Tati logo detrás de mim, fazendo-me pular de susto.

— Tati! Onde você estava?

Eu estava preocupada com você, achei que tivesse desaparecido na floresta!, pensei. Mas me controlei e não disse mais nada.

— Você ainda está de capa — reparei, surpresa. — Por que não está dançando?

— Talvez eu dance mais tarde.

O sorriso de Tati me pareceu evasivo.

— Vi que estava procurando por mim — continuou ela. — Estou bem, Jena. Vá se divertir.

Foi então que vi o jovem do casaco preto. Ele estava a uma certa distância de nós, mas claramente esperava por minha irmã. Tinha a expressão melancólica de sempre, como a de um cão que acabou de levar uma bronca injusta. Mas seus olhos negros negavam aquela tristeza; havia algo neles que me assustou. Gogu se remexeu em meu ombro. Ele é perigoso.

Engoli em seco e finalmente consegui dizer alguma coisa.

— Você não vai me apresentar para o seu amigo?

— Ah, está falando de Triste? Acho que ele ainda não está preparado para isso, Jena.

— Quem? — perguntei, certa de que não ouvira direito.

— Triste — repetiu Tati, olhando para o Casaco Preto com uma expressão tão carinhosa

em seu belo rosto que eu senti um frio me percorrer a espinha.

— Aposto que esse não é o nome dele de verdade — eu disse, irritada, deixando que minha ansiedade me tornasse cruel. — Os pais dele provavelmente lhe deram um nome bem vulgar, como Ivan. Bom, se o casaco é pretensioso, o nome tem de ser também.

Tati me olhou, incrédula. Ela parecia prestes a cair em prantos ou a me dar um tapa. Nós nunca discutíamos. *Parabéns, Jena.*

— Cale a boca, Gogu! — murmurei, furiosa comigo mesma. — Diga-lhe que você está proibida de conversar com ele. Ele é um deles! Não entende o quanto isso é perigoso?

Isto dito, girei sobre os calcanhares e me perdi na multidão.

Não dancei muito mais depois disso. Observei os dois voltando para a sombra abaixo das árvores, Tati com sua capa azul-escura, ele com seu longo casacão preto. Não se tocavam, nem mesmo a ponta dos dedos; mas estavam tão próximos que poderiam sentir o hálito um do outro em seus lábios ou pálpebras. Estavam conversando. Na realidade, era Tati quem falava, enquanto Triste quase só escutava, dizendo apenas uma palavra aqui e ali. Dava para ver que ele não queria abrir muito a boca.

Eu os vigiei a noite inteira, até que a manhã veio chegando e as danças mais animadas deram lugar a melodias suaves, música para os namorados. Iulia sentou-se na margem da clareira olhando os casais, os olhos cheios de sonhos. Stela estava deitada na grama com a cabeça na barriga de Ildephonsus, quase adormecida. Duas fadinhas estavam fazendo ninhos em seu cabelo. Na mesa de Paula, as discussões continuavam. Será que os sábios nunca se cansavam?

Tati tirou a capa. Triste dobrou-a e colocou-a em cima das raízes de um carvalho, sem jamais tirar os olhos de minha irmã. O Luar iluminou seu vestido delicado, mostrando a cascata de cabelos que lhe caía pelas costas, tão negros e brilhantes quanto a asa de um corvo, e as curvas de seu corpo envoltas pela seda semitransparente. Ela estendeu sua mão, e Triste pegou-a como se fosse a jóia mais preciosa do mundo. Eu não tinha mais qualquer dúvida: Tati usara o vestido de borboletas para ele. Era um presente, apenas para seus olhos. Eles dançaram. Longe de todos, afastados dos outros casais, eles iam seguindo os passos da dança. Mesmo quando a coreografia os obrigava a se distanciar, eles se viravam para olhar, olhar e olhar, como se quisessem mergulhar um no outro.

— O que Tati está fazendo, Gogu? — sussurrei. — Ela deve ter enlouquecido!

Gogu estremeceu exageradamente. *Estou com frio. Vamos para casa?*

Não fiquei nem um pouco surpresa quando Tati foi a última de nós a ir até os barcos. Eu vira onde Triste parara sua embarcação, longe de todas as outras e escondida pelos juncos. Observei minhas outras irmãs entrarem em seus barcos e começarem a travessia com seus parceiros. A névoa estava densa sobre o lago nessa madrugada, e em meio à fumaça branca eu vi formas estranhas — basiliscos, dragões, esfinges. Gogu estava tremendo tanto que corria o risco de cair do meu ombro. Enrolei-o na luva e coloquei-o dentro do meu bolso.

— Está tudo bem, Gogu.

A aurora, pensei. Desde a última Lua Cheia eu fizera muitas perguntas a Paula sobre os Seres da Noite. Ela me dissera que eles perdiam seus poderes quando o Sol saía. Se eu conseguisse arrancar Tati daqui sã e salva, ela cairia em si. Quando estivéssemos em casa, eu seria capaz de fazê-la raciocinar. Mas ela precisava se afastar daquele jovem a tempo.

— Está pronta? — perguntou Sten com um de seus enormes pés dentro do barco, outro na margem e uma das mãos estendidas para me ajudar a entrar.

— Estou esperando minha irmã.

— Ela está ali — disse o ogro, fazendo um movimento de cabeça. Era verdade. No segundo em que eu voltara para falar com ele, Tati e Triste haviam surgido, caminhando a uma distância discreta um do outro. Ele trazia a capa dela em seu braço, e ela parecia uma pintura com seu lindo vestido. Quando minha irmã chegasse na outra margem, iria congelar.

— Ótimo — eu disse friamente. — Vamos.



Sten estava em ótima forma. Nós cruzamos o Elo Brilhante em poucos minutos, deixando uma trilha de ondas e gelo quebrado atrás de nós. Logo Iulia chegou com Grigori, seguida por Paula e Stela. O ar deste lado estava tão frio que meu rosto estava ficando dormente. Em meu bolso, Gogu não se movia.

Nós esperamos, enroladas em nossas capas, chapéus e luvas, tentando driblar o frio.

— Ande logo, Tati — murmurou Paula. — Não está uma manhã boa para passear de barco.

Esperamos mais. Sten começou a tirar sujeirinhas de seus dentes. Anatolie batia os pés no chão de impaciência, dando longos suspiros. Grigori abraçou Iulia para esquentá-la.

— Ele precisa vir logo — disse o duende. — O Sol vai nascer daqui a pouco.

A proa do barco surgiu então, aproximando-se devagar. Ele tocou a margem a alguma distância de nós. Tati parecia iluminada, ainda sem sua capa, seu capuz ou suas botas. Triste saiu do barco logo após dela. Tati virou-se de costas para ele, que desdobrou a capa azul e colocou-a sobre os ombros dela. Triste não tocou minha irmã nem um segundo a mais do que o necessário para vesti-la, mas havia algo na maneira como ele manteve as mãos acima dos ombros dela, como se quisesse abraçá-la, mas não ousasse, que era tão doce quanto uma

carícia.

Tati virou-se para agradecer. O jovem inclinou a cabeça e então pegou o capuz e as botas de dentro do barco e entregou-os a ela. Nós esperamos até que Tati os vestisse, equilibrando-se com uma das mãos nos ombros de Triste para tirar suas sapatilhas. Ele permaneceu imóvel, com o rosto rígido e os olhos vazios. O nome que escolhera para si era ideal; eu jamais vira alguém parecer triste de tantas maneiras diferentes.

— Adeus — disse Tati.

Triste não disse nada. Seus olhos falaram por ele.

— Vamos, Tati — disse Iulia com o queixo batendo. — Vai estar na hora de acordar antes de irmos dormir.

Acima de nossas cabeças, para além da névoa que cobria o lago como um cobertor, o céu começava a clarear. Os outros barqueiros estavam subindo em suas embarcações. Nenhum deles gostaria de estar nesta margem quando o Sol nascesse.

Tati estendeu uma das mãos e tocou a face de Triste com os dedos, tão suavemente quanto uma borboleta pousando numa flor. Ele fechou os olhos, e a palidez de seu rosto foi

tingida pelo mais leve rubor. Um segundo mais tarde, Tati estava ao meu lado e, em meio a uma melodia de gelo se quebrando e de pios de corujas, cinco barquinhos se afastaram na direção do Outro Reino.

Estamos a salvo, pensei, como sempre. Mas pareceu-me que, embora houvésssemos cruzado a margem até o nosso mundo e estivéssemos voltando para casa, isso deixara de ser verdade.

# Capítulo 4

**Vârful** era repleto de coisas belas. A casa tinha pisos de mármore e de madeira polida, largos corredores, imensas escadarias e um exército de empregados bem treinados. As xícaras de café de tia Bogdana eram de porcelana, e ela sempre servia bolinhos pequenos e lindamente decorados para as visitas. Para uma mulher que ama beleza, um mercador sempre será um bom marido.

Era o dia da caça ao cervo, e Paula e eu estávamos fazendo companhia para nossa tia. Esperávamos tomar bastante café antes que o dia terminasse. Daniela, a criada de tia Bogdana, entrava e saía silenciosamente da sala de costura, reabastecendo as bandejas. Tio Nicolae e Cezar haviam partido bem cedo, armados com arcos e acompanhados por uma tropa de homens das redondezas e inúmeros cães de caça. Nós tínhamos sido convidadas para ir junto com eles, pois diversas mulheres iam acompanhar os maridos e não seria considerado inadequado se participássemos. Iulia fora a única que aceitara. Ela amava andar a cavalo, e sempre se chateava por não ter um para seu uso exclusivo.

Eu não gostava nem um pouco de caçar. Marin, o rei da floresta, com seus cabelos

dourados e seu porte nobre, muitas vezes me lembrava um cervo. Eu sentia que não havia muita diferença entre alguns dos animais que eram sempre caçados, como lobos, javalis e gatos selvagens, e os mais estranhos habitantes do Outro Reino. Além do mais, não era justo deixar Paula sozinha para tentar divertir tia Bogdana. Stela estava resfriada, e Tati não se importara nem um pouco em ficar em casa para cuidar dela.

— Fico triste por Tatiana não ter podido vir. Gostaria de conversar com ela — disse tia Bogdana, bebericando seu café. — Mas admiro o senso de responsabilidade dela em ficar em casa cuidando de Stela. É claro que dezesseis anos já é idade para estar casada e pensando em ter seus próprios filhos. Já é hora de apresentar as mais velhas de vocês para um círculo maior de rapazes solteiros. Não me olhe assim, Jenica. Seu pai é homem; ele não entende que os pretendentes não vão simplesmente aparecer na sua porta. É preciso agir. No seu caso, um pouco de cuidado com a aparência e o comportamento será muito bem-vindo. Teodor certamente quer que vocês consigam uma boa situação. Especialmente agora, que a saúde dele está tão frágil. Vocês precisam pensar no futuro, meninas ela terminou, colocando a pequenina xícara na mesa. Vi a expressão no rosto de Paula e decidi falar alguma coisa bem rápido.

— O médico de papai disse que ele deve se recuperar inteiramente — eu disse, exagerando um pouco. — Ele só precisa de descanso e de um clima mais quente.

Mas não era fácil mudar de assunto com tia Bogdana.

— Uma festa — disse ela, observando-me com atenção. — Isso é o que Teodor deveria ter feito, dado uma bela festa para vocês, com música e dança. Uma oportunidade para vocês conhecerem os jovens da região. Vocês nunca saem de casa. Ninguém jamais as vê. Gostaria de saber se Nicolae concordaria em dar uma festa aqui. Ele gosta tanto de música.

Minha tia fez uma expressão melancólica ao dizer isso. Ela usava um recatado capuz de renda na cabeça e seu vestido, embora fosse feito de um belíssimo tecido, era simples e escuro. Eu me lembrava de uma época, antes da morte de Costi, em que tia Bogdana usava vestidos de todas as cores e enfeites no cabelo. Havia uma pequena pintura de meu primo numa prateleira próxima à cadeira dela, ao lado de uma imagem de Santa Ana, que fora feita no aniversário de dez anos de Costi. Toda vez que eu olhava para ela, sentia o terror de estar naquela jangada sendo levada cada vez mais para longe, para o interior da névoa. Ao encarar os olhos pintados de Costi, eu via as lágrimas apavoradas de Cezar e ouvia sua voz me contando o que acontecera.

— Nós saímos, sim, tia Bogdana — disse Paula, costurando o calcanhar puído de uma meia. Nós havíamos trazido um cesto de roupas para remendar, pois sabíamos que o dia ia ser longo. — Sempre vamos à igreja na aldeia e vemos todo mundo lá. Papai já nos levou a todas as lojas de **Brasov**. Nós vemos bastante gente.

— Mas não as pessoas certas — disse tia Bogdana pacientemente. — Ir a lojas e ver dois homens fazendo negócios não é o mesmo que colocar um vestido bonito e permitir que as pessoas lhe admirem. Um rapaz precisa ver uma menina em suas melhores roupas. Uma jovem vestida para dançar é como uma flor molhada de orvalho; ela atrai todos os olhares.

Eu e Paula nos olhamos, e eu desviei o rosto imediatamente. Gogu colocou a cabecinha para fora do meu bolso. *Se você fosse uma flor, Jena, ia ser uma espiga d'água.*

— Nós não vamos fazer nenhuma festa até papai voltar para casa — eu disse. — Mas obrigada pela sugestão, tia.

Tia Bogdana me encarou.

— Jenica, você dá respostas bastante atrevidas para uma menina de quinze anos — disse gentilmente. Eu sabia que sua intenção era boa. — Seu pai... — continuou tia Bogdana, suspirando — ele é um homem adorável, mas insiste em fazer tudo do jeito dele. E isso não é bom para vocês, querida. Os pretendentes não vão se importar com o fato de que você sabe fazer contas e distinguir tafetá de seda e jade de âmbar. O que mais importa no final das contas é a maneira como você se porta e se veste. E a necessidade de só conversar sobre assuntos apropriados. Esse sapo é um problema também. Sei que é um bichinho muito bonzinho, mas deixa manchas de água nas suas roupas.

— Sim, tia — respondi, sabendo que não havia sentido em discutir. Tia Bogdana era a maior autoridade da região naquilo que era apropriado.— Cezar já mencionou isso também. Ah, Cezar... Com mais um suspiro, tia Bogdana colocou sua xícara na mesa de novo. Seus olhos estavam fixos na pintura de Costi.

Daniela se levantou e levou a bandeja embora.

— A vida pode ser muito cruel, minhas queridas, cruel e arbitrária — disse minha tia. — Às vezes, acho que ela é ainda mais dura para as mulheres, que não podem se distrair com negócios.

— Algumas mulheres fazem isso — murmurou Paula, mais Para a meia que estava costurando do que para nós duas.

— O que você disse, Paula? — perguntou tia Bogdana, que ouvia muito bem.

— E verdade, tia Bogdana — eu disse, metendo-me na discussão apesar de minhas boas intenções. — Casar e ter filhos não precisa ser a única opção para nós. Papai já nos contou sobre mulheres em Veneza e outras regiões que têm grande influência no comércio e tomam conta de importantes negócios. Eu já ajudo bastante o papai e já estou aprendendo tudo o que posso...

— Não diga mais nada, Jena. Esse não é um caminho que você pode levar a sério. Essas mulheres não são... respeitáveis. Na sua idade é impossível compreender inteiramente o que eu estou dizendo. Apenas um tipo de mulher busca entrar no mundo masculino dos negócios ou — continuou ela, olhando para Paula — no mundo masculino dos estudos. Nossa força fica na esfera doméstica. Uma mulher realmente sábia é aquela que conhece seu lugar. Vocês precisam de maridos adequados. Eles não vão aparecer por sorte. É necessário fazer um esforço. Seu pai é homem, e por isso não pode compreender o que estou dizendo. O fato de jamais ter colocado vocês em aulas de dança mostra isso. Não faz sentido aparecer numa festa se a única coisa que vão fazer é pisar nos pés de seus parceiros. Não ria, Paula. Isso não é uma piada.

— Não, tia — dissemos eu e Paula em uníssono.



— Mas é claro que, se seu pai se recuperar, isso não será mais uma questão tão importante para você, Jena.

— Ah, não? — perguntei, curiosa.

— Minha querida, todos aceitamos que Tatiana vai se casar antes. Teodor jamais soube qual era a maneira correta de criar jovens mulheres, mas mesmo assim sua irmã mais velha tem uma graça natural, e os modos dela são minimamente aceitáveis. Ela pode se sair bem se for apresentada para os rapazes certos. Como você é mais nova e um pouco menos... Como você é mais nova, não seria um problema se jamais se casasse e continuasse em casa cuidando de seu pai. Teodor jamais se casará de novo; ele era muito apaixonado por Bianca. Vai precisar de companhia quando ficar mais velho. Essa é a vantagem de ter tantas filhas mulheres.

Eu podia sentir a indignação tomando todo o corpinho de Gogu, apesar de estar separada dele pelo meu vestido de lã.

— De fato, creio que uma de nós vai continuar morando em Piscul Dracului, seja casada ou solteira — respondi, lutando para não perder as estribeiras. — Nós amamos a casa, amamos a floresta e amamos papai. É claro que nunca o deixaríamos sozinho.

Era interessante, mas nossa tia jamais mencionava uma possibilidade óbvia: que uma de nós poderia se casar com Cezar. Não que nós quiséssemos. Minhas irmãs não gostavam dele e

eu... bem, eu achava que não queria me casar com ninguém. Não sem amor. Não sabia bem o que sentia por meu primo, mas definitivamente não era uma paixão como aquelas descritas nos livros, um sentimento que nos domina e nos leva para um universo novo. É claro que era tolice esperar sentir isso. Quando as jovens escolhiam um marido, considerações práticas quase sempre vinham antes das vontades do coração. Isso era algo que tia Bogdana já nos explicara muitas vezes.

Havia uma expressão específica nos olhos azuis de minha tia, o eu sabia que significava que ela estava planejando algo. Vou falar com Nicolae sobre a festa — ela disse. — Não vai estar frio demais se prepararmos tudo bem rápido. Faz muito tempo que não organizamos uma celebração em **Vârful**.

— Não há necessidade de uma festa, tia Bogdana — eu disse, temendo mais uma complicação numa vida tão atarefada quanto a minha.

— acredite, Jena, há uma grande necessidade. E se o pior acontecer? Nicolae não terá como sustentar vocês cinco para o resto de suas vidas. É claro que precisamos torcer para que Teodor se recupere dessa doença terrível e retorne na primavera. Mas, como boas filhas, é seu dever se preparar...

A porta da sala se abriu alguns centímetros. Eu olhei na direção do ruído, espantada com a rapidez de Daniela. Mas foi Iulia que encontrei parada ali, e meu sangue gelou ao vê-la. Ela não entrara na sala de costura, e estava fazendo movimentos frenéticos, pedindo que eu fosse lá fora. Nós achávamos que a caçada ia durar até de noite. O rosto de Iulia estava tenso e estranho, e seus olhos estavam arregalados. Ela estava fazendo de tudo para não ser vista por Paula ou por tia Bogdana.

— Com licença — eu disse, largando minha costura por ali e indo casualmente até a porta.

No momento em que saí da sala, Iulia agarrou meus braços com toda a força. Ela estava balbuciando algo sobre a neve e uma flecha. — Sangue — disse ela. — Tanto sangue!

Atravessei o corredor com Iulia, levando-a para longe dos ouvidos de tia Bogdana.

— Respire fundo, Iulia, e me diga o que aconteceu.

Eu estava começando a ouvir sons lá fora, cascos de cavalos, homens gritando, portas batendo, passos rápidos no cascalho.

— Muito bem, isso mesmo. Agora fale. O que aconteceu? — perguntei, com o coração disparado.

— O homem não conseguiu ver... A luz estava fraca na floresta, parecia que já era de noite... Ele estava tentando acertar o cervo, mas o arco deu um tranco. E a flecha entrou no

peito dele, Jena! Tanto sangue, eu nunca vi tanto sangue... — disse Iulia, gaguejando e tremendo.

— Quem? — perguntei, agarrando os ombros dela. — Quem se machucou, Iulia?

— O tio Nicolae — sussurrou ela. — Ai, Jena. O tio Nicolae morreu!

Um segundo depois, o enorme vulto de Cezar surgiu no corredor, ainda com seu casacão de lã e suas botas de caça. Suas roupas estavam encharcadas e ele estava inteiramente manchado de vermelho. Senti-me enjoada. Tio Nicolae, o gentil e sorridente tio Nicolae, que nesta manhã mesmo havia nos abraçado e feito piadas antes de a caça começar.

— Preciso falar com minha mãe — disse Cezar, com a voz fria e tensa.

— Paula está lá dentro com ela — eu disse, tentando manter a calma. — Você não pode entrar assim. Precisa pelo menos trocar de roupa.

Meu primo olhou para suas vestes banhadas em sangue como se mal compreendesse o que estava vendo.

— Preciso ver minha mãe — repetiu ele mecanicamente.

— Cezar, espere até que alguém lhe traga uma camisa limpa — eu disse, piscando para impedir as lágrimas de jorrarem.

— Ah — disse Cezar, forçando-se a entender o que estava acontecendo. — Uma camisa.

— Vou pedir para um dos criados — disse Iulia, esforçando-se para ajudar embora estivesse aos prantos.

— Peça que eles se apressem — eu disse.

Ruídos na porta de entrada me fizeram supor que o corpo de tio Nicolae estava sendo trazido para dentro de casa. Alguém estava chorando.

— Posso entrar com você, se quiser — ofereci, com a mão ainda sobre o braço de meu primo. Ele parecia tão tenso quanto uma corda prestes a arrebentar.

— Não — disse Cezar, encarando-me como se houvesse acabado de notar que eu estava ali. — Não, você precisa levar suas irmãs para casa.

Ele olhou para a parede em silêncio durante alguns segundos e então disse:

— Obrigado, Jena.

Ficamos os dois sem dizer nada até que um dos criados veio com uma camisa, que Cezar vestiu. O criado levou embora as roupas manchadas de sangue, deixando uma trilha de gotas vermelhas no chão. Eu me perguntei se nosso tio sangrara até morrer nos braços do filho. A situação era tão terrível que eu não sabia o que dizer. Se fosse qualquer outra pessoa, eu teria podido dar-lhe um abraço — mas com Cezar não me sentia à vontade para fazer isso. Por isso abracei Iulia, que se agarrou a mim.

— Vocês podem ir agora — disse Cezar, empertigando-se. Ao vê-lo, lembrei-me de um menino assustado de oito anos prestes a contar aos pais que seu irmão mais velho jamais ia voltar para casa. — Não há mais nada que possamos fazer aqui.

Cezar abriu a porta da sala de costura de tia Bogdana. Um segundo depois, Paula saiu correndo de lá, segurando sua cestinha com uma expressão de espanto. A porta se fechou.

Tirei minhas irmãs dali, dando a notícia terrível a Paula pelo caminho. Desejei com todo o coração que tia Bogdana não fizesse qualquer ruído até que saíssemos da casa. Coloquei a mão dentro do meu bolso, procurando Gogu. Ele estava todo encolhido lá no fundo, tão distante e fechado quanto Cezar havia sido.

Tio Nicolae estava no corredor, deitado sobre dois bancos de madeira. Havia um cobertor sobre ele com uma mancha de sangue que crescia cada vez mais. Seu cão estava ali por perto, tremendo de frio. Havia homens por toda parte — criados, habitantes da aldeia, amigos de Cezar que vieram para a caçada —, todos parados em silêncio com expressões sombrias. Eu só pensava em ir embora dali. Queria estar em casa com Tati e Stela, onde poderia deitar-me na cama e chorar. Forcei-me a parar ao lado do corpo de tio Nicolae. Parte de mim ainda se recusava a acreditar que ele se fora. Ele não pode estar morto, não pode. Deve ser um pesadelo, pensei.

Toquei o rosto pálido de meu tio. Estava frio como a neve. Não era um pesadelo, mas a mais terrível realidade. Murmurei uma oração, que minhas irmãs repetiram. Nós acabáramos de dizer amém quando o grito de tia Bogdana ecoou pela casa.

Senti-me enjoada e tonta. Você já tem quinze anos, é quase uma adulta, lembrou-me minha voz interior. Peguei as mãos de minhas irmãs.

— Vamos para casa — disse.

Querido papai, escrevi, o mensageiro de Cezar já deve ter-lhe comunicado a trágica

morte de tio Nicolae. Uma **pomana** foi feita sete dias depois. Florica e Petru vieram conosco, assim como Ivan e sua família. Muitos amigos de tio Nicolae compareceram, assim como gente de todo o vale, incluindo juiz Rinaldo e, é claro, padre Sandu, que fez uma linda homenagem a ele. O tempo já está ficando muito frio, e algumas pessoas estão precisando de roupas quentes e outros suprimentos. Todas as coisas de tio Nicolae foram distribuídas. Tia Bogdana quis que o senhor ficasse com o melhor colete bordado dele e com seu material de escritório. Eu os guardei para o senhor. Não vimos tia Bogdana desde a **pomana**, mas Cezar tem freqüentado a igreja. Ele me disse que sua mãe está arrasada e não deseja ser vista por ninguém.

Estaquei, segurando a pena no ar. Estava frio no escritório de papai. Lá fora, a neve recobriria tudo, formando montinhos ao redor de Piscul Dracului, fazendo desaparecer as folhas das árvores e recobrimdo os ângulos irregulares de nosso telhado. Pingentes de gelo pendiam delicadamente dos beirais e a água dos açudes estava completamente congelada. Já estava quase na hora da Lua Cheia de novo. Faziam dois meses que papai se fora, e ainda não havíamos recebido nem uma mensagem dele.

— Nem sei se ele recebeu a primeira carta que escrevi, Gogu — eu disse. — Está difícil continuar dizendo para minhas irmãs que a saúde dele está melhorando, pois elas sabem que ele não mandou nenhuma notícia.

Gogu não respondeu. Ele estava diferente desde o dia do acidente. Muitas vezes eu não tinha idéia do que estava pensando.

— Puxa, Gogu — disse, exasperada — diga alguma coisa! Gogu voltou seus olhos esbugalhados para mim. *Por que não conta a verdade a seu pai?*



— O que acha que devo dizer? Que não consigo contratar os homens da região para trabalhar para nós neste inverno? Que as cercas ainda não foram consertadas e nós já perdemos algumas ovelhas? Não posso preocupá-lo.

Os invernos eram sempre difíceis nas montanhas. Mesmo assim, Dorin sempre conseguia convencer os homens do vale a vir trabalhar em nossa propriedade por um pagamento razoável. Mas este ano, quando eles não estavam ocupados mantendo a neve longe de suas cabanas, conseguindo madeira para queimar em suas lareiras ou impedindo que o rio transbordasse, estavam em **Vârful** trabalhando para Cezar. Ivan ajudava Petru sempre que podia, mas como havia tarefas mais imediatas a serem realizadas na fazenda, isso significava que o conserto das cercas estava sendo adiado. Mas ele precisava ser feito, ou nosso rebanho sofreria mais perdas.

— Estou preocupada, Gogu — eu disse, molhando a pena no tinteiro mais uma vez. — Achei que ia dar conta de tudo melhor. Sei que Florica e Petru estão trabalhando demais e que é minha responsabilidade conseguir ajuda, mas não está sendo possível. E eu não quero ter de pedir a Cezar. Ele verá isso como uma oportunidade para me dizer que meninas não deviam preocupar suas cabecinhas com assuntos tão importantes.

*Não pense mais nele.* Gogu descobrira uma gota de tinta na mesa e estava tocando-a de leve com uma das patinhas.

— Pare com isso! Está fazendo uma bagunça, e eu estou cansada de arrumar tudo!

Meu tom fora ríspido demais para uma travessura tão boba. Vi meu sapo estremeando de susto e obriguei-me a respirar fundo.

— Desculpe — disse, acariciando o pescoço dele com o dedo. — Estou chateada. Não são só os problemas da fazenda, é Tati também. Ela deveria estar ajudando, mas passa o dia inteiro com a cabeça nas nuvens. Sei que está pensando em Triste. Parece que ela esqueceu todas as nossas regras assim que o viu pela primeira vez.

Aparentemente, Gogu não tinha nada a contribuir sobre esse assunto, pois se manteve calado. Apanhei a pena mais uma vez.

Adoraríamos saber como o senhor está, papai. Poderia enviar-nos uma mensagem pelo empregado de Cezar. Não sei se recebeu minha primeira carta. Já faz tempo que eu a enviei. Fique certo de que estamos todas muito bem de saúde e que tudo está indo bem, embora o frio esteja forte este ano. Saiba que o carregamento de **Sibiu** foi entregue sem problemas e armazenado no depósito. Seu agente na cidade vai levar os itens até os compradores, e guardará o pagamento no cofre até que o senhor retorne. Ainda não falei com Cezar sobre a mercadoria de Salem bin Afazi. Como eu disse, mal o vi desde a **pomana**.

Preciso confessar que estava feliz com isso. Não conseguia esquecer a imagem de tia Bogdana curvada como uma velha, agarrando cada peça de roupa de tio Nicolae antes de entregá-las aos homens esfarrapados e meninos magricelos que haviam comparecido à **pomana** para recebê-las. E tampouco esquecia a expressão dura de Cezar, que parecia estar sentindo mais raiva do que dor.

Quanto a Iulia, o choque da morte violenta de nosso tio a princípio a deixara melancólica e silenciosa. Então, subitamente, ela se tornara mais voluntariosa até do que antes, reclamando de tudo a sua volta: do frio, da nossa dieta, composta quase exclusivamente de **mamaliga**, e do fato de Tati não estar fazendo sua parte das tarefas domésticas. Para minha surpresa, descobri que Iulia tinha razão quanto à terceira questão. A todo momento, eu encontrava minha irmã mais velha observando a paisagem com ar sonhador, ou olhando para o nada, ou levando muitíssimo mais tempo para fazer um trabalhinho qualquer. Quando eu perguntava o que estava acontecendo, ela dava respostas vagas:

— Não sei do que você está falando, Jena. Ah, eu devia estar cortando os legumes?

Tentei falar com Tati sobre Triste, explicar que as coisas estavam difíceis e que eu precisava da ajuda dela. Ela não pareceu me ouvir. Estava cada vez mais perdida num mundo só seu, sempre rindo de algo que eu desconhecia e com os olhos fixos numa cena que era invisível para mim.

Assinei e fechei a carta para papai, perguntando-me se seria justo pedir que Petru fosse até **Vârful** entregá-la. Não queria ir pessoalmente. Jamais seria capaz de entrar naquela casa de novo sem ver o sangue de tio Nicolae ou ouvir o grito de tia Bogdana.

Alguém está chegando. Gogu saltou mais ou menos na direção do meu bolso. Consegui apanhá-lo no ar e escondê-lo um segundo antes de a porta do escritório se abrir. Paula apareceu com um ar apoloético.

— Cezar está aqui — ela disse.

Um segundo depois, meu primo estava entrando no aposento. Ele se sentou do outro lado da pequena mesa quadrada na qual estavam meus papéis, penas e tinteiro. Estava muito bem vestido, todo de preto, e usava em volta do pescoço um ornamento que pertencera a tio Nicolae: uma corrente de ouro com um pingente em forma de corneta de caça.

— Não estava esperando você, Cezar. Paula, pode chamar a Tati, por favor?

Não sabia se Cezar estava ali para tratar de negócios ou de assuntos de família, mas sabia que não queria lidar com ele sozinha. Não agora, quando a morte de seu pai fizera tudo mudar tanto. Além disso, ficar a sós com ele no escritório seria considerado impróprio pelas regras de conduta que eram tão importantes para nossa tia.

Paula saiu apressada. Cezar estava observando a carta selada sobre a mesa. Decidi falar sobre ela, pois não conseguia pensar em mais nada para dizer.

— Eu estava escrevendo para papai. Espero que um de seus homens possa levar a carta até Constanta para mim.

— É claro que sim, Jena — disse Cezar, pegando a carta e colocando-a dentro do bolso do casaco. — Mas você deve saber que isso não será possível por enquanto. As estradas nunca estão seguras, mesmo quando o tempo está bom. E parece que o inverno vai ser muito rigoroso.

— Eu sei.

Ficamos os dois num silêncio constrangido. Torci para que Tati estivesse chegando.

— Como você está, Cezar? — obriguei-me a perguntar. — Como está tia Bogdana?

Cezar cerrou com força o maxilar, e seus olhos se fixaram no infinito.

— Minha mãe está como seria de se esperar. As mulheres não têm a força necessária para lidar com perdas como essa e seguir em frente.

Tal afirmação não poderia passar por mim em branco.

— Não posso concordar com você — disse, rodopiando a pena entre os dedos. — Sempre acreditei que as mulheres têm grande resistência. Em tempo de guerra, por exemplo, são elas que suportam a perda de seus homens e a reviravolta em suas vidas. São elas que mantêm suas comunidades unidas. Mas compreendo o quanto tia Bogdana deve estar triste e chocada.

Cezar me encarou. Não consegui adivinhar o que ele estava pensando.

— Você, eu imagino, agiria de forma diferente nessas circunstâncias — admitiu ele.

*Se isso é um elogio, nós preferimos os insultos.* Gogu, remexeu-se indignado dentro do meu bolso.

— Você recebeu alguma notícia de papai desde que nos vimos pela última vez? Alguma mensagem? — perguntei tentando usar um tom de voz casual, embora o último comentário de Cezar tivesse me parecido muito estranho.

— Não, Jena. Sinto muito. Tente não ficar preocupada — ele respondeu, esticando o braço por cima da mesa e pousando sua mão sobre a minha.

Tirei a mão dali o mais rápido possível; algo naquele gesto me pareceu muito errado.

— Não estou preocupada, Cezar — disse, irritada. — Sei muito bem que é difícil passar pelas estradas no inverno.

Forcei-me a respirar fundo para me acalmar. Cezar deu um sorrisinho superior que me irritou ainda mais do que o gesto importuno com o qual ele tentara me consolar. Mas lembrei que meu primo perdera o pai há menos de um mês, e que ainda devia estar muito perturbado. Essa provavelmente era a razão de seu comportamento.

— É gentil de sua parte vir nos ver — eu disse, tentando agir da forma que tia Bogdana aprovaria. — Espero que sua mãe possa receber visitas logo.

Nesse momento, alguém bateu na porta. Era Paula de novo.

— Não consigo encontrar Tati em lugar nenhum — explicou. — E tem um homem lá fora. Está todo esfarrapado, diz que não arrumou nenhum trabalho, não tem comida nem dinheiro e que sua mulher e seus filhos estão passando fome. Florica mandou perguntar se podemos dar alguma coisa a ele.

— Podemos dar alguma comida, é claro — respondi, levantando-me e indo até a prateleira onde ficava o cofre com as moedas de prata e cobre que deveríamos usar nas despesas da casa.

Um fluxo constante de mendigos vinha batendo na porta de Piscul Dracului desde o início do inverno, e não parecia correto mandá-los embora sem ao menos uma moeda no bolso. As expressões angustiadas e os trapos que vestiam me deixavam preocupada. Para cada homem que víamos, certamente deveria haver uma mulher e um bando de crianças em estado ainda pior, morando na floresta e tentando sobreviver daquilo que conseguiam nas casas dos mais ricos. Eu me perguntava quantos morriam indo de uma propriedade para outra, desaparecendo nos campos cobertos de neve.

— Você é generosa demais — comentou Cezar, observando o cofre de ferro que eu pegara e colocara sobre a mesa. — Um pouco de comida e alguma compaixão não é muito, mas é mais do que a maioria desses homens merece. Eles andam de um lado para o outro mendigando porque não gostam de trabalhar e não aproveitam as oportunidades que aparecem em seu caminho. Você não devia desperdiçar seu dinheiro. Que foi, Jena? O que houve?

Eu estava de olhos arregalados observando o conteúdo do cofre. Da última vez em que o havia aberto para dar algum dinheiro a Ivan, ele estivera quase cheio de prata e cobre. Agora as moedas mal cobriam seu fundo, e só haviam restado cinco de prata. Da noite para o dia, nosso dinheiro para todo o inverno desaparecera.

— Jena?



Eu devia estar bastante pálida. Sentei-me devagar, agarrando a borda da mesa para me sustentar, procurando desesperadamente por uma explicação. Um engano, devia ser um engano... Alguém colocara o dinheiro em outro lugar...Alguém colocara o dinheiro das despesas domésticas no cofre com o dinheiro das transações... Mas isso não era possível, pois eu verificara pessoalmente o outro cofre naquela manhã.

— Jena, o que houve? — perguntou Cezar com o cenho franzido, inclinando-se sobre a mesa para se aproximar de mim.

— Nada — respondi, fechando o cofre com um estalo. — Paula, vá dizer a Florica que ela pode dar um pouco de comida ao homem, e pode deixá-lo se esquentar perto do fogão antes de mandá-lo embora.

Minhas mãos estavam tremendo, e eu deixei-as sobre meu colo para que Cezar não percebesse. Como isso podia ter acontecido? As únicas pessoas que sabiam onde a chave do cofre ficava eram papai, minhas irmãs e eu. Todas nós sabíamos que esse dinheiro precisava ser gasto cuidadosamente e durar o inverno todo, talvez até mais tempo. Como eu poderia pagar alguém para vir ajudar Petru? Como poderia fazer uma doação para a igreja em nome da família? Como poderia dar um dinheirinho extra a Ivan para que ele se certificasse de que nossa mercadoria chegasse a salvo a **Sibiu** e às outras cidades mais distantes? Ele já contava com esse pagamento, pois sua família aumentava sem parar e a fazenda era pequena demais para sustentá-la toda.

— Você está sem dinheiro? Precisa me contar — disse Cezar. — Seu pai me deixou aqui para cuidar de vocês e de Piscul Dracului. Tenho o direito de saber.

Abruptamente, eu perdi a calma.

— Você não tem direito a nada! — retruquei, com os punhos cerrados sobre aquele cofre leve demais. — Piscul Dracului não é seu, e nem nosso! Meu pai ainda está vivo e vai melhorar. Vá para casa, Cezar. Não preciso da sua ajuda. Está tudo muito bem. Só preciso... só preciso...

E então eu estraguei tudo e comecei a chorar, pois me dera conta de que ia ter de interrogar todas as minhas irmãs sobre o dinheiro desaparecido, e que talvez elas me achassem capaz de acreditar que eram ladras. Fiquei de pé num pulo e virei de costas para Cezar, desejando muito que ele fosse embora. Mas o que meu primo fez foi abrir o cofre e soltar uma exclamação.

— Isso é tudo o que restou? — perguntou ele, fazendo as moedas tilintarem ao apanhá-las e atirá-las de volta lá dentro. — Mal vai durar um mês, Jena, e mesmo assim se nada de inesperado acontecer. É melhor me deixar cuidar das despesas da casa de agora era diante. É óbvio que você não sabe fazer isso.

— É mentira! — respondi, limpando minhas lágrimas e encarando-o. — Não fui eu quem não soube cuidar das despesas. Não sou completamente idiota, como você parece acreditar. O dinheiro desapareceu nos últimos dias, e eu não sei quem pegou. Mas tinha bastante. Eu estava tomando muito cuidado.

— Tome — disse Cezar, entregando-me um lenço de seda. Ele era o tipo de homem que sempre tinha um à mão. — Quem cuida dessa chave, Jena?

— Não importa — respondi, assoando meu nariz. — Ela estava bem guardada. Pelo menos, era o que eu achava. Deixe que eu cuido disso, Cezar. Vou dar um jeito. — Cezar me encarou.

— É melhor você parar de ser tão generosa com esses mendigos. Eu quero muito lhe ajudar. Não vamos brigar. Deixe que eu tome conta desse cofre, e do outro onde você mantém o dinheiro para negócios. Não podemos deixar que as moedas dele desapareçam misteriosamente também, podemos? Pelo que eu me lembro, tio Teodor o guarda aqui...

Fiquei apenas observando, sem saber como reagir, enquanto meu primo abria o que eu acreditava ser uma porta secreta e pegava o cofre, muito mais pesado que o outro, onde ficava o dinheiro dos negócios de papai. É claro que Cezar sabia onde ficava. Ele já estivera naquele escritório muitas vezes com tio Nicolae.

— Você não precisa fazer isso — disse com a voz tremendo de raiva e mortificação. — Posso cuidar de tudo sozinha. Foi só um contratempo.

— Confie em mim, Jena. Eu quero o melhor para você. Vou lhe dar um pouco para suas

despesas a cada semana e, se algum imprevisto acontecer, você pode me pedir mais. Assim, vou poder aprovar cada gasto conforme eles forem surgindo. É uma simples questão de bom senso. Você é uma menina sensata, pelo menos a maior parte do tempo. Um pouco arrogante.

— Não é justo! — exclamei, percebendo com horror que, do ponto de vista de Cezar, as ações dele faziam todo o sentido. — Você não pode simplesmente levar todo o nosso dinheiro e querer decidir como vamos gastá-lo. Eu já sou uma mulher, posso cuidar disso sozinha!

— Deixe-me ajudá-la, Jena — disse Cezar gentilmente. — Nós somos amigos, não somos? Eu quero tomar conta de você.

Ele colocou o chaveiro com as duas chaves no bolso e um cofre debaixo de cada braço. Pude ver em seus olhos que nenhum argumento faria qualquer diferença. Cezar era um homem grande, alto e forte, e eu jamais conseguiria pegar os cofres de volta à força.

— Se nós somos mesmo amigos — eu disse, reconhecendo que estava assustada — você vai parar de me obrigar a fazer o que eu não quero e deixar que eu cuide das minhas obrigações. É verdade que surgiu um problema, mas...

— Calma Jena — disse Cezar como quem tranquiliza um cãozinho assustado. — Fico feliz em poder lidar com isso para você. Terá tudo o que precisa, pode ter certeza. Confie em mim.

Se um homem precisa dizer “Confie em mim”, é um sinal claro de que não se deve fazer isso. Confiança é algo que se obtém sem palavras.

— Creio que você não está entendendo — eu disse, arrependendo-me amargamente de ter perdido a cabeça mais cedo; sem dúvida, Cezar vira aquilo como mais uma prova da minha infantilidade. — A confiança deve ser mútua. Sei que lhe devo a minha vida, mas isso não significa que quero lhe passar uma responsabilidade que deveria ser minha. Não sou burra. Você me conhece, e deveria saber disso.

Cezar teve a decência de parecer um pouco constrangido.

— Eu confio em você, Jena. De todas vocês... Mas mesmo assim você é mulher, e não tem experiência nesses assuntos. Seu pai nos pediu para ajudar vocês. Só estou fazendo o que tio Teodor gostaria.

— Ele não gostaria que você decidisse como cada moeda deve ser gasta — respondi, com o coração apertado ao pensar nessa possibilidade. — E se precisarmos pagar os trabalhadores dia a dia? Não posso fazê-los esperar enquanto corro até **Vârful** pelas estradas cheias de neve.

— Mande-me uma mensagem quando precisar de trabalhadores. Vou enviá-los para cá e

depois os pagarei pessoalmente. Assim você vai ter muito menos trabalho, Jena. Confie em mim. Lá vai ele de novo.

— Vamos ver o que Tati acha disso — disse, desesperada.

Se Tati jogasse todo o seu charme para Cezar e exercesse sua natural autoridade de irmã mais velha, talvez conseguisse convencê-lo de que estava agindo de maneira absurda.

— Venha até a cozinha — continuei. — Acredito que temos chá de groselha preta para oferecer.

Eu teria de contar às minhas irmãs que estávamos com muito menos dinheiro do que supúnhamos. Florica se preparara o melhor que pudera, mas nós teríamos ainda menos luxos nesse inverno do que o de costume. Eu não teria como comprar nada de minimamente extravagante se precisava implorar cada centavo a Cezar. Se Tati não conseguisse convencê-lo a mudar de idéia, iríamos comer **mamaliga** até a primavera.

Mas Tati não estava na cozinha. As meninas disseram que ela fora dar uma volta, uma coisa bem estranha de se fazer com a neve na altura dos joelhos e o céu tão escuro que ao meio-dia já parecia estar anoitecendo. Mandeí Iulia ir procurá-la enquanto Cezar conversava constrangido com minhas outras irmãs. Gogu era uma bolinha de indignação guardada em meu bolso, refletindo tudo o que eu própria estava sentindo.

Após algum tempo, Iulia retornou com uma mensagem: Tati chegaria logo. Nós esperamos, conversando cada vez menos. O chá ficou frio. Estava claro que Tati ou se esquecera ou jamais tivera a intenção de juntar-se a nós.

— Preciso ir — anunciou Cezar, levantando-se. — Obrigado por sua hospitalidade. Voltarei em breve, Jena. Vejo que você precisa mesmo de meus conselhos, por mais relutante que esteja em aceitar isso. Talvez na próxima vez eu possa falar com Tatiana também. Ela é a irmã mais velha, e deveria cuidar de suas responsabilidades. Adeus, meninas.

— Adeus, Cezar — responderam minhas irmãs em uníssono. Nossa seriedade havia suprimido as brincadeiras e os risos de todas.

Levei nosso visitante até a porta. Em meu bolso, Gogu não parava. Enxerido. Intrrometido. Como ele ousa fazer isso?

— Adeus, Jena — disse Cezar, fazendo uma pequena cortesia e mantendo os dois cofres sob os braços.

O céu estava cada vez mais escuro e os montes de neve à nossa volta eram apenas sombras.

— Adeus — eu disse. — Ainda não desisti, Cezar. Não vou deixar que você tome conta de tudo assim. Assim que eu contar a papai...

Mas parei de falar subitamente. Quem era o único que podia ordenar que minhas cartas fossem levadas até o distante Mar Negro? Sem os mensageiros de Cezar, eu não tinha meios de contar nada a papai.

Gogu se remexeu, inquieto. Ele vai dizer de novo, espere só.

— Confie em mim, Jena.

E eu fiquei parada observando enquanto meu primo deixava Piscul Dracului, carregando minha independência para longe com seus braços fortes.



# Capítulo 5

Foi só depois de anoitecer, quando nossas irmãs já estavam adormecidas em suas camas e a pálida luz da Lua entrava pelas quatro janelas coloridas de nosso quarto, que eu tive oportunidade de conversar com Tati sozinha. Minha irmã só voltara para casa quando já era quase hora do jantar. Após a refeição, ela se mantivera ocupada lavando o cabelo de Stela e escovando-o perto do fogo até que secasse, enquanto Paula contava uma história que ouvira de padre Sandu, sobre uma menina que preferira ser transformada numa árvore do que se submeter a um jovem que estava perseguindo-a.

Minha raiva tinha diminuído e agora eu estava mais assustada do que furiosa. Meu estômago estava embrulhado e eu nem conseguira ouvir direito a história de Paula. Tivera bastante tempo para pensar em meu confronto com Cezar, e concluíra algo que me apavorava: ele agora era o dono de **Vârful**; só havia papai, com sua saúde frágil, entre ele e Piscul Dracului. Se papai morresse, tudo iria pertencer a meu primo, e nosso futuro estaria nas mãos dele. Cezar não acreditava que mulheres pudessem ser independentes, e já havia ameaçado perseguir e destruir os habitantes do Outro Reino muitas vezes. Naquela tarde, ele começara a reclamar seus direitos.

Tati estava calma e distante. Seu ar de tranqüilidade me deixou ainda mais irritada. Tentei parar de ouvir a sábia voz de meu sapo conselheiro: *Acalme-se, Jena. Tati não tem culpa do que aconteceu.* Era muito fácil para Gogu dizer isso. Não seria ele quem teria de cuidar de Piscul Dracului ao longo do inverno sem nenhum dinheiro, ou de implorar cada moeda a Cezar.

— Jena, estou ouvindo daqui seus dentes rangendo de raiva — disse Tati, ajeitando as colchas que cobriam Paula e Stela e voltando-se para me encarar. — Posso sentir ondas de ódio vindo de você. O que houve?

— Onde você estava? — perguntei abruptamente, tentando não levantar a voz e não acordar minhas outras irmãs. — Eu precisei de você essa tarde!

— Desculpe, Jena — disse Tati, sentando-se em nossa cama e apanhando a escova de cabelos. — Eu estava dando uma caminhada e perdi a noção do tempo. Mas minha presença não teria feito diferença. De nós cinco, é só a você que Cezar ouve.

— Mas ele não me ouviu hoje — disse, amargurada. — Estou preocupada, Tati. Com Cezar e com você. Pensei que ele fosse nos ajudar da maneira correta, como tio Nicolae teria feito: deixando que cuidássemos das coisas e que o procurássemos se tivéssemos algum problema. Mas Cezar acha que ajudar é tomar conta de tudo. Ele acha que somos incapazes.

— Que bobagem! Todo mundo sabe o quanto você é boa para negócios, Jena. E quanto ao dinheiro que está faltando... algumas pessoas vieram pedir esmola alguns dias atrás e eu

dei umas moedas a elas.

— Quantas? — perguntei, com medo de ouvir a resposta.

Tati parou de escovar o cabelo por um momento.

— Não sei, Jena. Eles estavam tão cansados e tão pálidos, e havia crianças também... Afinal, papai nos ensinou a ter compaixão pelos outros. Mas ainda tinha bastante na caixa. Acho que Iulia também deu um pouco a alguns viajantes que estiveram aqui ontem. Mas você não pode tirar dinheiro do negócio para usar nas despesas da casa?

Não consegui pensar numa resposta. Já entendera o que havia acontecido: tantas pessoas esfarrapadas batendo em nossa porta levaram a pequenos atos de generosidade que acabaram virando uma grande imprudência. Eu sabia que todas as minhas irmãs acreditavam que a solução era tão simples quanto Tati sugerira. Nenhuma além de Paula sabia como funcionavam as finanças de papai. Elas jamais haviam se interessado pelo assunto. Misturar dinheiro de negócios com dinheiro da casa era algo que nunca fazíamos. E, se tivéssemos planejado bem, não teria sido necessário. De qualquer forma, era tarde demais. E eu estava começando a perceber que a culpa do que acontecera era toda minha.

— Jena? — disse Tati com uma voz suave que ecoou em nosso quarto iluminado pela luz das velas — Você está zangada comigo?

Gogu pulou em sua tigelinha, fazendo uma minúscula onda na superfície da água, e afundou-se até o pescoço.

— Eu estava — admiti. — Papai não está aqui, e eu preciso poder contar com você. Nunca achei que Cezar fosse fazer o que fez. Estou chocada. Não é só pelo dinheiro. Você já o ouviu dizendo que vai derrubar toda a floresta e destruir o povo do Outro Reino. Estou começando a me perguntar se ele não seria mesmo capaz de fazer isso.

Tati arregalou os olhos, horrorizada.

— Mas é só conversa, não é? Como ele conseguiria? Ele não conhece o portal, então não poderia ir até o Outro Reino mesmo se quisesse. São só ameaças. Ninguém tem tanto poder assim.

— Não sei. Acho que se ele destruísse a floresta no nosso mundo, ela desapareceria no Outro Reino também. Pelo que entendi do que já me disseram, os dois lugares existem paralelamente. Têm as mesmas árvores, os mesmos rios, os mesmos caminhos. Se você fizer o bem ou o mal em um, o outro também sente as conseqüências. Acho que nosso mundo e o Outro Reino são ligados, e que dependem um do outro para manter um equilíbrio. Isso significa que Cezar poderia devastar o Outro Reino sem precisar de um portal. Sempre achei que ele iria esquecer a raiva que sente desde a morte de Costi.

— Ele provavelmente vai, Jena, especialmente agora que é dono de uma propriedade e

tem tanto em que pensar. Mas de qualquer forma, será que Ileana não teria como impedi-lo? Tirei meu vestido pela cabeça e peguei minha camisola.

— Não sei — respondi. — Quando Cezar fala nisso, seus olhos se enchem de ódio. Ele me pareceu diferente hoje. Tão seguro de si que nem quis me ouvir. Fiquei assustada.

Tati não disse nada.

— Tati, preciso falar de outro assunto com você.

— De quê, Jena? — perguntou minha irmã com a voz muito mais fria, como se houvesse dado um passo para longe de mim.

— Do Triste. E dos Seres da Noite. Vi vocês dois dançando, e o jeito como estavam olhando um para o outro. Você precisa tomar cuidado e não se esquecer das nossas regras.

Deitei-me na cama e puxei o cobertor até a altura do queixo; o quarto estava gelado.

— Não esqueci as regras, Jena. Eu só...

Tati não soube como completar sua frase e deitou-se ao meu lado. Tentei encontrar uma maneira de dizer o que precisava sem magoá-la.

— Sei que Ileana disse que você poderia dançar com os adultos. Isso me preocupa também. Acho que não notou a forma como alguns de seus parceiros estavam olhando para você. Isso fez com que eu pensasse que talvez não devêssemos voltar ao Outro Reino. Tudo lá está diferente. Como se o perigo estivesse se aproximando cada vez mais. Você e o Triste... é inviável, Tati. Mesmo que ele não fosse um Ser da Noite, seria impossível. Mal posso acreditar que estou precisando lhe dizer isso. É nesse mundo que nós precisamos encontrar pretendentes, casar e ter filhos. O mundo em que vamos a festas dadas por tia Bogdana, temos conversas educadas enquanto bebemos café, damos comidas aos porcos e tentamos economizar dinheiro. Não o mundo da Clareira das Danças.

Tati ficou em silêncio, e então disse num sussurro:

— Você às vezes é tão sensata que me deixa com raiva. Alguém precisa ser — disse, engolindo minha irritação, estou só tentando proteger você e tomar conta das coisas enquanto papai não volta.

— Não quero conversar sobre isso.

— Mas nós temos de conversar, Tati. Tudo vai ficar ainda mais difícil se você ficar perdida no seu mundinho e esquecer o seu bom senso.

— Se nós usássemos bom senso para tudo, nem iríamos ao Outro Reino. Não teríamos nos esforçado tanto para manter esse segredo ao longo dos anos. Simplesmente faríamos aquilo que tia Bogdana considera apropriado para moças de família. Não posso acreditar que é isso o que você quer, Jena. Você é a mais independente de todas nós.

Ela estava certa, é claro, o que não me ajudou nem um pouco a me sentir melhor.

— Não vamos poder continuar visitando o Outro Reino para sempre — respondi. — O portal só abre se todas nós fizermos uma sombra com a mão. Assim que uma de nós se casar e for embora, é possível que a mágica pare de funcionar. Talvez ela só vá durar enquanto formos crianças.

— A mágica funcionava só com quatro irmãs antes de Stela nascer — observou Tati.

— Mesmo assim. Ela não funcionava quando uma de nós estava doente ou viajando com papai. Precisamos começar a nos acostumar com a idéia de que isso pode não ser para sempre. Precisamos tomar cuidado para não nos apaixonarmos por ninguém do Outro Reino, pois então parar de ir lá seria mais difícil ainda.

Tati não disse nada.

— Prometa que não vai passar a noite inteira com Triste da próxima vez — implorei. — Prometa que não vai... se envolver. Você sabe muito bem que é contra as nossas regras. Está dando um mau exemplo para as outras.

Gogu pulou para fora de sua tigela, sacudiu-se como um cachorro se secando e deixou uma trilha de poças em meu braço e peito para chegar ao seu cantinho favorito do meu travesseiro, logo ao lado do meu pescoço. Ele estava gelado, e eu o cobri com o cobertor.

— Não vou prometer nada que não possa cumprir — disse Tati, virando-se de costas para mim.

— Tudo bem — disse de mau humor. — Acho que vou precisar explicar melhor as coisas para você. Triste veio visitar o reino de Ileana com os Seres da Noite. Ele se parece com eles. Age como eles. Não tenho nenhum motivo para acreditar que não seja um deles. Você conhece as histórias tão bem quanto eu. Lembra daquela vez que houve um ataque nas montanhas perto de **Brasov** e todo mundo temeu que nosso vale fosse ser o próximo alvo? Em todas as casas, havia uma foice, um machado ou um forcado do lado da porta, pronto para ser usado. A população estava amedrontada demais para sair nas ruas. Você sabe o que dizem dos Seres da Noite. Eles se alimentam de sangue humano. Se não fizerem isso, morrem. Quando eles mordem você, ou você morre ou se torna um deles: um morto-vivo. Não importa o quanto Triste seja educado ou o quanto ele goste de você, Tati. O fato é que, mesmo que tenha a melhor das intenções, mais cedo ou mais tarde vai lhe destruir. Você precisa acabar



com isso antes que fique sério demais.

Lembrei deles dois perdidos numa dança solene, com a luz da Lua envolvendo-os e separando-os de todos os outros na clareira — uma imagem maravilhosa e mágica. O que havia entre eles parecia ter surgido do nada. Fora sério desde o primeiro segundo em que se viram. Será que era algum feitiço? Será que aquele jovem de casaco preto encantara minha irmã?

— Você não entende — disse Tati. — Não posso virar as costas para ele agora. Ele jamais teve um amigo antes. É horrivelmente sozinho.

Achei que ele tinha vindo para o reino de Ileana com os Seres da Noite — respondi, sem conseguir demonstrar qualquer solidariedade.

Triste está mesmo com eles, mas não de verdade. Ele não pode explicar direito. Acho que aquele mais alto, o líder, tem algum poder sobre ele. Triste só fica com os Seres da Noite porque é obrigado.

— Foi isso que ele disse?

— Mais ou menos, Jena — respondeu Tati com alguma hesitação. — O lugar de onde

eles vêm não é como o reino de Ileana. As regras são diferentes. Ele está desesperado para fugir, mas algo o prende lá. Algo sobre o qual ele não pode falar. Ele precisa de mim.

— Ele provavelmente só está dizendo isso para fazer você sentir pena — disse, sabendo que estava fazendo tudo errado; era como estar numa carroça desembestando ladeira abaixo com as rédeas dos cavalos escapando-me das mãos.— Como você sabe que ele não está mentindo?

Gogu se aproximou de mim. *Jena, fique quieta.* —Você é tão ríspida, Jena — disse Tati bem baixinho.

— Alguém precisa ser. Alguém precisa tomar conta de tudo.

— E sempre foi você. Jena, a responsável. Sabe, sempre senti inveja disso. Ser considerada a irmã bonita pode ser um pouco irritante, como se você não tivesse nenhuma outra qualidade.

Eu não respondi e apenas me recostei no travesseiro, envolvendo Gogu com a mão para me consolar. A verdade é que era muito exaustivo ser a irmã responsável. Eu tinha uma solução bem simples para esse problema de Tati e Triste. Tudo o que precisava era me recusar a abrir o portal. Ao mesmo tempo em que parte de mim não podia imaginar desistir das nossas visitas da Lua Cheia, repletas de música e magia, outra parte, que estava ficando cada vez mais dominante, dizia que estava se aproximando o momento em que teríamos de fazê-lo, ou veríamos os dois mundos se tocarem de uma maneira que traria um desastre

completo. Mas eu ainda precisava ir à Clareira das Danças ao menos uma vez. Precisava avisar Ileana e Marin do perigo que Cezar representava e dizer que, agora que ele era o dono de Vârful, a nossa venerável floresta corria o risco de começar a ser derrubada no primeiro dia de primavera.

— Sei que é contra as regras, Jena — disse Tati num sussurro. — Sei o que preciso fazer. Mas acho que não consigo. É como se eu estivesse sendo levada pela maré. E as ondas são fortes demais para mim.

Eu me perguntara se Tati iria usar o vestido de borboletas de novo, mas ela colocou seu vestido de festa azul-violeta e passou algum tempo trançando o cabelo e prendendo-o no topo da cabeça com a ajuda de Iulia. Em volta do pescoço, Tati colocou um fino colar de prata que pertencera à nossa mãe. Mesmo vestida de forma tão simples, minha irmã estava linda, embora houvesse uma palidez em seu rosto e uma intensidade em seus olhos que ela não possuía antes.

Nós não estávamos muito alegres naquela noite. Iulia e eu havíamos discutido mais cedo quando ela reclamara que não havia ingredientes para fazer tortas e doces. Talvez eu tivesse sido um pouco grosseira com ela quando me recusara a pedir a Cezar que me desse dinheiro para comprar tais bobagens. Isso deixara Iulia emburrada. Paula também estava mais quieta do o normal. Padre Sandu não aparecera no dia em que iríamos ter nossa lição, e embora eu houvesse dito que talvez fosse por causa do tempo frio, nenhuma de nós acreditava nisso. Stela percebera que estávamos infelizes de uma maneira ou de outra, e decidiu reclamar de dor de cabeça.

Gogu estava em cima da mesinha de cabeceira, observando-me enquanto eu colocava meu vestido verde e penteava o cabelo. Verde como a grama, verde como uma espiga d'água, verde como a minha casa.

— Quer ir dentro do bolso?

*Quero ir no seu ombro até a hora de cruzar o lago. Não fique triste, Jena.*

Meu sapo estava esperto como sempre. Havia tantos sentimentos misturados dentro de mim que eu não sabia qual era o mais forte. Mas tristeza de fato era um deles: eu estava triste por havermos perdido a capacidade de nos aprontarmos para nossa noite especial com alegria. Também estava me sentindo culpada. De certa forma, a insatisfação de Iulia fora causada por mim, pois fora eu quem não tomara conta do dinheiro direito e não soubera como me impor a Cezar. Precisava encarar o fato de que não estava lidando com a situação tão bem quanto deveria. E, acima de tudo, estava com medo: medo por Tati e medo do futuro.

— Ande logo, Jena — disse Iulia, olhando-me criticamente de cima a baixo.— Será que você não consegue dar um jeito nesse cabelo?

Eu lavara meu cabelo mais cedo e, ao secar, ele decidira que ia enrolar. Não sabia como fazê-lo tomar qualquer outra forma.

— Não — respondi, irritada, e me encaminhei para o portal.

Tati já estava agachada diante dele, e seus olhos brilhavam como estrelas. Gogu se aninhou no imenso emaranhado que era o meu cabelo. Macio, lindo e aconchegante.

A superfície do Água Morta estava coberta de gelo.

— Ooo-oo!

Foi Tati que os chamou dessa vez, com sua respiração se transformando em vapor ao entrar em contato com o ar frio.

Nem mesmo o destemido Sten conseguiria fazer o barco cruzar aquela barreira de gelo dura como uma rocha. Quando era inverno, nossos acompanhantes vinham de trenó. Cada veículo tinha um som particular, e por isso podíamos ouvi-los antes mesmo que suas luzes surgissem em meio à névoa. O dragão era cheio de sininhos prateados, o pato tinha um sino maior pendurado em volta do pescoço e a fênix vinha acompanhada de uma fileira de pequenos pássaros vermelhos piando em uníssono. Iulia, Paula e Stela foram cumprimentadas e levadas nos três primeiros trenós. Tati e eu ficamos esperando na margem. Dessa vez, dois dos acompanhantes estavam atrasados.

— Então, vai ser ele de novo? — perguntei, esfregando as mãos para esquentá-las. Elas estavam ficando dormentes apesar das luvas de pele de carneiro que eu usava.

Tati não respondeu. Apesar do frio terrível, ela estava parada como uma estátua com o olhar fixo no lago, como se pudesse fazer Triste aparecer apenas com o pensamento.

— E se ele já tiver ido para casa? Espero que você não fique desapontada.

— Ele vai vir — disse Tati com absoluta certeza.

Um segundo depois, dois trenós surgiram de dentro da névoa, sendo que um deles, a salamandra, vinha acompanhado de uma pequena banda de gnomos de cabelos emaranhados tocando trompetes feitos de bambu. Como todos os outros trenós, esse se movia sozinho, sem precisar que veados, lobos ou unicórnios que o puxassem. Era Grigori que vinha dirigindo. Ao lado da salamandra vinha outro trenó, esse em forma de cisne e envolto em silêncio. Ao ver seu ocupante, Tati levou um susto.

— Ele está machucado! — exclamou ela.

Algo de fato acontecera com Triste. Um de seus olhos estava roxo e o outro lado de seu rosto estava todo ferido. Talvez houvesse sofrido um acidente, mas seu aspecto parecia com o dos amigos de Cezar depois que bebiam **tuica** demais e acabavam brigando. Ele estava bem ereto no trenó, mantendo os olhos negros fixos em Tati com uma intensidade perturbadora.

Fiquei tentada a sugerir que Tati fosse com Grigori, mas não disse nada. Pensei em conversar com Triste, em mandá-lo ficar longe da minha irmã. Mas desisti da idéia. Aqueles olhos me diziam que ele não me escutaria, assim como Tati não me escutara. Eu teria de encontrar outra solução.

— O que aconteceu com ele? — perguntei a Grigori quando estávamos atravessando o lago congelado, enquanto a bandinha de gnomos nos entretinha com algumas de nossas músicas preferidas.

— Com Triste? Muita gente não gostou quando ele anunciou que ia acompanhar sua irmã de novo. Em vez de desistir educadamente, ele nos desafiou. E brigou bem. Acho que ninguém vai se meter com ele da próxima vez. Isso se houver uma próxima vez: aquele homem alto, o líder dos Seres da Noite, parece ter bastante controle sobre ele.

Tive um pensamento assustador.

— E se ele tivesse mordido vocês? Achei que essa possibilidade impediria qualquer um de brigar com os Seres da Noite.

— A mordida de um deles não pode nos fazer mal. — explicou Grigori, olhando para o

trenó em forma de cisne. — E, de qualquer forma, Ileana está tomando conta deles. Ela viu que você estava preocupada da última vez, e está também. Alianças entre nosso povo e o seu acontecem, é claro, mas existem muitas dificuldades.

— Preciso conversar com Ileana hoje. Talvez eu pudesse lhe pedir que mandasse os Seres da Noite embora.

Grigori passou a mão por seus longos cabelos negros.

— Você pode tentar, Jena. Mas acho que ela não vai fazer isso. Ileana não ordena; não é assim que as coisas funcionam aqui. Ela acha melhor permitir que aprendamos sozinhos. Se o resultado for desastroso, paciência.

— Mas há um desastre maior à nossa frente do que a questão de Triste e Tati — eu disse sombriamente — e é culpa do meu primo. Você pode perguntar à rainha se eu poderia conversar com ela mais tarde?

— É claro — disse Grigori, fazendo uma mesura conforme chegávamos à outra margem. — Mas lembre-se que o verdadeiro poder do Outro Reino não é de Ileana e Marin. Nos tempos mais difíceis, apenas Draguta pode ajudar.



— Muita gente já me falou isso — eu disse, saindo do trenó ao som de uma fanfarra frenética vinda dos trompetes de bambu e agarrando o braço de Grigori para não escorregar no gelo.

Gogu estava tremendo de frio e medo. Eu jamais compreendera por que ele insistia em vir conosco, já que o lago o aterrorizava tanto.

— O que ninguém nunca me contou é onde fica a moradia de Draguta. Nem mesmo você, e eu já ouvi dizer que são parentes.

Grigori sorriu, mostrando uma fileira de dentes brancos e brilhantes.

— Se você realmente precisar dela, saberá onde encontrá-la — disse. — É só lembrar disso. E agora, quanto à nossa dança. Sten e eu fizemos outra aposta...

Persuadi os gnomos a levarem seus trompetes até a Clareira das Danças, pois sabia que Stela ia adorá-los. Eles marcharam à nossa frente carregando os instrumentos sobre os ombros, com largos sorrisos de orgulho em seus rostos vermelhos.

*Jena?*

Meu sapo estava em seu estado normal de novo. Tirei-o de dentro do bolso e coloquei-o no ombro.

— Boa noite, jovem senhor — disse Grigori respeitosamente.

— Ele diria boa noite se pudesse — eu disse. — Ele agradece a você por sua educação. Muita gente não tem a menor consideração pelos sapos.

— Neste reino, nós compreendemos que tirar uma conclusão dessas é perigoso — disse Grigori. — Um amigo é um amigo, não importa a forma que ele tenha.

Perdi Tati e Triste de vista quase imediatamente. Dancei com Grigori, com Sten e com Anatolie. Dancei com os rapazes da floresta, que tinham nomes longos e complicados que soavam como nomes de estrelas, plantas raras ou pedras preciosas. As mulheres da floresta dançavam tão suavemente quando uma teia de aranha sendo balançada pelo vento. Todas eram lindas como flores exóticas e encantadoras como jóias. Assim como os homens, elas tinham as feições um pouco parecidas e os olhos um pouco frios — sua beleza não era maculada pelos pequenos defeitos que dão personalidade aos seres humanos. Quanto a mim, eu preferia os habitantes menos decorativos da floresta: Anatolie, com seu humor sarcástico; Sten, horrendo mas honesto; Grigori, alto e imponente, porém sempre tão gentil.

— Gostaria de dançar? — perguntou uma voz profunda e sombria como veludo azul-escuro que me deu calafrio.

— É claro.

Decidi ser educada, apesar do susto que tomara. Afinal, aquela era uma oportunidade de conseguir informações. Aceitei a mão estendida do homem pálido de botas pretas que era o líder dos Seres da Noite, e entrei com ele na clareira.

A mão dele era fria como gelo, e ele me apertava com força. De perto, pude ver que seus olhos eram brilhantes, negros como carvão e encimados por longos cílios que qualquer mulher adoraria ter. Os lábios eram finos e o nariz altivo e encurvado. Ele era alto — mais alto até do que Cezar. Meu cabelo era um emaranhado que se erguia por diversos centímetros acima da minha testa, mas mesmo assim eu batia apenas na altura de seu peito.

— Seu nome é Jenica — disse a voz de veludo quando começamos a dançar majestosamente. — Uma menina humana. Que interessante.

Tentei pensar numa resposta apropriada. A que Gogu sugeriu não podia ser usada: *Você quer dizer como fonte de alimento? Ou está só tentando ser educado?*

— E, é isso mesmo — acabei dizendo. — Qual é o seu nome?

Eu já inventara meus próprios nomes para os líderes dos Seres da Noite, no mesmo estilo do nome de Triste. Chamara a criatura elegante à minha frente de Arrogante, e a mulher de lábios vermelhos de Sedutora.

— Pode me chamar de Tadeusz — respondeu ele, claramente surpreso por eu ter ousado perguntar algo tão pessoal. — Minha irmã se chama Anastasia. Você dança bem, Jenica — afirmou Tadeusz, fazendo-me girar numa pirueta.

— Obrigada. Nós freqüentamos a clareira desde que éramos pequenas, e por isso praticamos bastante.

— Você prefere este reino ao seu próprio? Algo no tom de voz dele me fez pressentir um perigo qualquer.

— Não — respondi firmemente. — Adoro tudo aqui, mas pertenço ao meu reino. Vocês vão ficar muito mais tempo na corte de Ileana?

— Por que você pergunta?

Nós seguimos a coreografia, andando bem depressa, unindo nossas mãos e girando ao chegar no final da fila. Eu não sabia como responder ao que Tadeusz perguntara. Não parecia correto compartilhar minha preocupação em relação a Triste e Tati.

— Triste é seu filho? Ou seu irmão? — indaguei, sentindo a mão gelada dele na minha e perguntando-me como minha irmã podia gostar tanto de alguém cujo toque era como o de um peixe morto.

Tadeusz atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Muitas pessoas olharam para ele. Eu também não consegui desviar o rosto, fascinada e horrorizada. Os dentes dele não eram exatamente presas, mas não havia dúvida de que aqueles caninos longos haviam sido feitos para cavar buracos na pele das vítimas.

— Não tenho filhos nem irmãos, Jena — disse, subitamente sombrio. — Nós vivemos muito tempo, mas sempre vagamos sozinhos.

Senti-me impelida a corrigi-lo.

— Mas você disse que Sed... que Anastasia é sua irmã — observei. — Então, não está completamente sozinho.

— Irmã, amante, filha, estranha: quais desses títulos lhe perturbaria menos? — perguntou ele com certa petulância.

— Gosto de saber a verdade, mesmo quando ela me perturba.

— Então pergunte o que quer perguntar.

— Muito bem. Quero saber quando Triste vai para casa. Quando ele vai embora.

— E por que você se interessaria por tal informação? E sua irmã quem se envolveu com esse jovem. Você, creio eu, só vê esse sapo pela frente.

*Isso não é da sua conta!* Gogu estava realmente enfurecido.

— Pergunto por causa dela. De minha irmã, Tatiana. Ela parece ter esquecido que alguns sonhos são impossíveis. Eu temo por ela.

— É mesmo? — perguntou ele com as sobrancelhas erguidas, evidentemente zombando de mim. — Você não pode viver a vida dos outros. Talvez seja hora de libertar sua irmã e viver a sua própria. Você é jovem e tem seus atrativos. Dança bem. Tem uma certa vivacidade que infelizmente falta à maioria das mulheres humanas. Por que não abandonar essas regras com as quais cerceia a si mesma e a suas irmãs e buscar alegria, aventura e satisfação? Eu adoraria ensinar algumas coisas a você...

Tadeusz passou um de seus dedos gelados pelo meu pescoço e pela parte de meu peito que estava descoberta, um gesto de chocante intimidade. Gogu deu um pulo mal calculado, escorregando pela camisa negra imaculada de Tadeusz e caindo desajeitadamente no chão. Os olhos negros se voltaram para baixo, impassíveis. Uma das botas se ergueu do chão e o salto pairou bem acima de meu amigo. Rapidamente eu apanhei Gogu, salvando-o do perigo.

— Sinto muito — menti. — Temo que Gogu tenha feito uma mancha em sua camisa. Vou levá-lo embora.

— Obrigado pela dança, Jenica.

A música já estava acabando. Tadeusz fez uma mesura elegante para mim, e não parecia que estava me zombando.

— Obrigada a você — murmurei, correndo para me misturar na multidão.

Pouco tempo depois, Grigori veio me encontrar. Ele me levou até o local onde Ileana e Marin estavam sentados em troncos de salgueiro cheios de hera, descansando da dança. Aparentemente, algumas pessoas haviam ouvido dizer que eu ia fazer um pedido. A audiência não seria particular. Anatolie estava lá com três outros anões e Sten se encontrava ali também, além de muitos outros.

Fiz uma profunda reverência, limpei minha garganta e expliquei tudo: a doença de papai, sua viagem, as cartas sem resposta. O terrível acidente de tio Nicolae. O fato de eu acreditar que Cezar estava realmente planejando acabar com a floresta. Eles escutaram em silêncio. Quando terminei, Ileana disse calmamente:

— Mas nós já sabemos de tudo isso. Nós observamos vocês. Estamos em toda parte.

— Precisamos fazer algo — eu disse. — Será que não compreende? Isso pode significar a destruição completa da floresta. A Clareira das Danças desapareceria. Vocês não teriam onde morar.

— **Taul Ielelor** não pertence ao seu primo — disse Marin gravemente. Ele não controla Piscul Dracului. Você manterá sua propriedade a salvo.



— É o que estou tentando fazer — disse, rangendo os dentes de raiva. — Mas Cezar está fazendo de tudo para tirar a responsabilidade das minhas mãos. Ninguém vê nada de errado com isso. Para os homens do meu mundo, as ações dele parecem sensatas. Eles jamais acreditariam que cinco irmãs seriam capazes de tomar conta de uma propriedade ao longo do inverno sozinhas. E quanto ao que Cezar pretende fazer com a floresta, vocês devem saber que o povo teme as criaturas daqui. Eles culpam vocês por muitas mortes e desaparecimentos.

Vi a expressão sardônica no rosto de Tadeusz e desviei o olhar imediatamente.

— Agora que tio Nicolae morreu, ninguém pode nos ajudar. — continuei. — E se papai falecer também...

— O que acontecerá? — perguntou Ileana friamente.

— Se ele morrer antes de ter um neto homem, Cezar herdará Piscul Dracului. E então, sem dúvida, a floresta desaparecerá.

— Hummm. E por que seu primo deseja ser nosso inimigo? Por que ele quer tanto nos destruir?

— Ele acredita que seu povo fez com que Costin, o irmão dele, se afogasse. Ele morreu no Água Morta, há muito tempo. Cezar jurou se vingar de todas as criaturas da floresta. Mas eu jamais pensei que ele cumpriria a promessa. Acreditei que ia esquecer a raiva, ou que eu poderia fazê-lo mudar de idéia. Acho que estava errada.

— Talvez não — disse Ileana, fixando seus olhos azuis-claros em mim como se me decifrasse. — Seu primo ouve você. Talvez você pudesse fazer uma troca com ele, Jena.

Não gostei nem um pouco do rumo que a conversa estava tomando.

— Majestade, eu vim pedir ajuda. Não acredito que possa barganhar com Cezar. Acho que não tenho nada que esteja preparado a entregar a ele. Mas se papai não voltar, se ele não melhorar, vou precisar encontrar uma maneira de impedir que meu primo leve a cabo essa terrível ameaça.

As criaturas ao meu redor apenas me observaram, sem dizer palavra. Eu esperara ver medo, raiva, vê-los todos se unindo contra Cezar. Esperava obter soluções. Essa aceitação completa quase parecia indiferença.

— Estou falando do futuro de todos vocês! — exclamei, deixando de lado o meu bom senso. — Vocês nem se importam?

Houve um completo silêncio. Gogu se remexeu dentro do meu bolso. *Ah, não.*

— E o que quer que nós façamos? — disse Ileana, numa voz tão calma que chegava a ser assustadora. — Lutar contra esse primo, arrancá-lo de suas terras? Incendiar suas colheitas, matar seus animais? Se fizéssemos isso, iríamos incitar todo seu povo a nos perseguir com suas foices e forcados. Não é nossa maneira de agir. Seu Cezar escolherá o caminho dele. Se a escolha levará ao bem ou ao mal, apenas o tempo dirá.

— Então não fará nada mesmo para evitar que seu reino seja destruído?

— Nós não vamos interferir. Os fatos se desenrolarão como devem; não cabe a nós parar o fluxo das coisas. Você já pensou que a solução pode estar ao alcance de suas mãos?

— Não sei o que quer dizer — disse sem poder esconder minha mágoa e irritação. — Não consigo nem contratar homens para consertar minhas cercas. Como poderei resolver um problema tão enorme quanto esse? Cezar é o dono da propriedade agora. Ele tem poder.

— Você precisa resolver esse enigma sozinha — disse Ileana, levantando-se e segurando a saia de seu vestido bordado a ouro para iniciar mais uma dança.— Tem capacidade para isso. Música! Vamos, toquem uma escocesa!

Em um segundo eles haviam desaparecido na clareira. Eu estava atônita. A rainha da floresta não apenas não me oferecera qualquer ajuda como tratara meus problemas — e os dela — como se fossem uma bobagem.

— Ela se importa, sim — disse Grigori, o único que ficara para trás dentre todos que estavam me ouvindo. — Mas nossa maneira de agir é deixar que as coisas sigam seu curso. O que você estava falando sobre suas cercas? Eu e Sten podemos fazer o trabalho pesado para vocês. Deveria ter pedido ajuda a nós.

Subitamente, meus olhos se encheram de lágrimas.

— Obrigada, mas é melhor não. Vocês correm um risco enorme quando vêm para o nosso mundo, e principalmente quando ficam lá por algum tempo. Não vou permitir que façam isso por nós. Cezar já é uma ameaça grande o suficiente. Não devemos piorar tudo dando a outras pessoas a chance de vê-los em nossa fazenda. Mas eu agradeço a oferta. Preciso tentar encontrar Tati agora.

— Posso dirigir-lhe a palavra?

Uma figura alta e negra surgiu ao meu lado. Outro além de Grigori tinha permanecido ali após minha audiência com Ileana. O pálido Tadeusz tocou meu cotovelo sem permissão. Seus olhos se encontraram com os de Grigori e, para minha surpresa, foi o parente de Draguta quem se afastou.

— Você está com problemas — murmurou Tadeusz, entrelaçando seu braço com o meu e começando a atravessar a clareira.

— Eu poderia ajudá-la. Esse seu primo é o mesmo que nada.

Ele estalou os dedos para ilustrar o que dizia.

— Ele pode ser impedido de interferir. Seria muito fácil fazer isso, Jenica. E me daria prazer ser útil a você. Ele poderia simplesmente ser... removido.

Eu senti aqueles dedos longos e ossudos envolvendo os meus. Tadeusz levou minha mão aos lábios, e o toque gelado de sua boca me fez sentir um calafrio. Em meu bolso, Gogu estava mudo de fúria.

— É claro que eu pediria algo em troca. Tudo na vida tem um preço.

Senti nojo dele.

— Obrigada, mas vou encontrar outra solução para os meus problemas — eu disse com o coração disparado.— Tenho certeza de que acharei uma maneira.

Tadeusz encarou-me como se estivesse me avaliando com seus olhos negros.

— Tem certeza? — ele perguntou, tocando meu cabelo com uma das mãos e brincando com meus cachos castanhos.

— Tenho. Preciso ir.

— Não precisa ter medo, Jenica. Nem tudo o que você ouviu falar de meu povo é verdade. As histórias dos camponeses mostram uma imagem distorcida pela superstição e pelo medo. Mas há muitas verdades no Outro Reino. É uma questão de percepção. Os olhos de cada observador vêem uma realidade diferente. Você não gosta de tirar conclusões precipitadas, gosta?

Engoli em seco. A voz dele era um instrumento sutil, suave e envolvente. Seu som calava fundo um mim.

— Eu não confio nos outros com muita facilidade — respondi. — Não gosto de resolver meus problemas através da violência. E prefiro saber exatamente no que estou me metendo.

— Ah. Mas você vem ao Outro Reino a cada Lua Cheia, acreditando que estará a salvo, que seus amigos estarão aqui para recebê-la, que poderá se divertir inocentemente a noite inteira.

Encarei-o, querendo estar em qualquer lugar do mundo menos ali, mas hipnotizada pela voz. Apesar do meu horror, estava intrigada pelo que ele estava dizendo.

— Eu tomo cuidado — eu disse. — E olho bem minhas irmãs. Sempre deu certo. Sempre estivemos seguras aqui.

Tadeusz sorriu e eu tentei não olhar para os dentes dele.

— Tão jovem e tão ignorante — disse. — Mas talvez você não seja assim tão jovem. Você olha bem suas irmãs, é verdade. Olhou principalmente a mais velha na penúltima Lua Cheia, conforme ela dançava com um parceiro após o outro. Obrigou-a a voltar para casa antes da festa terminar. Por que será? E de novo, na última Lua Cheia... Será que você estava com ciúmes, Jenica? Será que desejou ser um pouco mais velha e sentir os braços de um homem ao redor de sua cintura? Corei violentamente e disse:

— Não vou ouvir isso. Vou embora.

— Então vá — disse Tadeusz casualmente, mas sua mão não largou a minha. —Vá e permaneça na ignorância, se é isso que prefere.

— Ignorância de quê? — perguntei, pensando que talvez ele pudesse me contar algo sobre Triste que me ajudaria a persuadir Tati a desistir dele.

— Todos esses anos você se limitou a visitar o Outro Reino uma vez por mês, e apenas por uma entrada. Mas há outra maneira de vir aqui. Na Lua Nova, surge um outro portal. Com a minha ajuda, ele se abrirá para você. Você descobrirá muitas coisas, Jena. Na Lua Nova, você poderá consultar o espelho de Draguta. Se quiser descobrir a verdadeira natureza do namorado de sua irmã, é lá que encontrará a resposta. Se tiver coragem, poderá ver o seu futuro e o futuro daqueles que ama — disse Tadeusz enquanto passava o polegar na palma da minha mão.

— O que quer dizer? — perguntei com a voz rouca, odiando a maneira como as palavras dele me faziam sentir, como se eu houvesse vislumbrado algo que queria muito e que jamais obteria. — Que se passarmos por esse portal não daríamos aqui na Clareira das Danças, mas em outro lugar? No seu reino? Disseram-me que vocês vinham das florestas do leste.

— Há muitos caminhos no Outro Reino — afirmou Tadeusz, levantando as sobrancelhas e dando um sorriso zombeteiro. — Aposto que não é corajosa o suficiente para experimentar esse.



Eu sabia que deveria dar as costas e ir embora, mas perguntei:

— E se eu quiser experimentar? — sussurrei — Onde fica esse portal?

Os dentes de Tadeusz brilharam à luz da Lua. — Tudo tem um preço. Não se esqueça.

— Que preço?

— Um preço que você pode pagar, Jena. Tenha certeza disso.

— Quer dizer que não vai me dizer qual é? Isso é pedir que eu corra um risco idiota. E eu não sou uma idiota.

— Ah, que pena. Não estou surpreso com sua covardia.

Engoli em seco.

— Se... se eu decidisse experimentar — eu disse, odiando-me por estar perguntando isso — como eu passaria pelo portal? Aonde eu iria?

— Se quiser mesmo atravessar o portal, chame-me e eu a levarei ao local certo — respondeu Tadeusz com aquela voz que me envolvia como uma capa de seda.

— Chamar você? Como?

— Muito simples. As cercas dos homens e seus amuletos insignificantes não me impedem de ir e vir. Não tenho necessidade de portas, chaves, feitiços ou encantamentos. Ouvirei seu chamado no pulsar de seu sangue e nas batidas urgentes de seu coração.

Ele acariciou meu rosto com as costas da mão e eu estremei.

— Já ouvi muitas histórias sobre seu povo. Por que eu deveria confiar em você?

Gogu vinha ficando cada vez mais agitado, e nesse momento ele me deu um susto enorme, pulando do meu bolso e desaparecendo em meio à grama alta. Dei-me conta, alarmada, de que eu e Tadeusz tínhamos ido para muito longe da clareira, muito mais longe do que era permitido pelas nossas regras. Estávamos sob a sombra de enormes carvalhos, e só havia silêncio e negror ao nosso redor. As luzes coloridas estavam distantes, assim como a melodia mágica da festa.

— Meu Deus! — exclamei — Meu sapo! Preciso pegá-lo!

Libertei-me de Tadeusz e comecei a andar rapidamente na direção da clareira, guiada por um murmúrio na grama que eu acreditava ser o som dos passos de Gogu. A voz de Tadeusz me seguiu, profunda e suave:

— Não me julgue baseada em velhas histórias. Viva a sua vida assim e você não será melhor que um camponês ignorante chafurdando na imundície. Se precisar de uma prova de minhas boas intenções, eu a darei, Jena.

Não olhei para trás. Meu coração estava batendo forte e minha testa estava molhada de suor frio. O que eu estivera pensando? Gogu se movia cada vez mais rápido. Comecei a correr e ouvi um som estranho: não era a risada de Tadeusz, mas a gargalhada de uma velha.

Fiquei chocada ao descobrir, quando voltei para a clareira, que a dança estava quase terminando: os presentes já estavam pulando de um lado para o outro na coreografia do *grand finale*. Por causa da forma estranha como o tempo passava no Outro Reino, minha conversa

com Tadeusz havia tomado metade da noite. Gogu não estava em lugar nenhum. Procurei nos arbustos ao longo do caminho que tomara, mas não o encontrei. Fui de novo até o local onde ficava o trono de Ileana, e nada. Olhei em todos os lugares. Observei a confusão de pessoas pulando e batendo os pés no chão. Tadeusz estava de volta com os outros Seres da Noite, mas ainda tinha os olhos fixos em mim, o que me deixou desconcertada. Falei com Stela e com Paula, mas nenhuma das duas vira meu sapo.

— Mas Tati está logo ali — disse Paula, como para me consolar. — Eles ficaram sentados lá a noite toda.

Tati e Triste haviam encontrado um lugar perto da margem da clareira e abaixo de alguns videiros desfolhados. A capa azul de Tati estava espalhada na grama, e ela estava sentada com as costas apoiadas num tronco pálido. A cabeça de Triste estava em seu colo. Ela acariciava os cabelos dele, e ele segurava sua outra mão. Eles não pareciam estar conversando.

— Vão dizer a ela que está na hora de ir embora — eu disse às minhas duas irmãs. — Preciso encontrar Gogu.

Gogu fizera aquilo para me avisar, eu sabia. Ele percebera aquela voz insidiosa me encantando e me seduzindo e pulara do meu bolso para me proteger. Mas agora eu estava a salvo e ele havia desaparecido.

Circulei toda a clareira, perguntando a todos por quem passava se tinham visto meu

sapo. A resposta era sempre não. Perguntei às criaturas que guardavam nossas capas e eles negaram enquanto jogavam minhas roupas para mim, quase atingindo minha cabeça com as botas de inverno. Quando completei o círculo eu já estava chorando, e minhas irmãs estavam esperando por mim com seus acompanhantes.

— Já é quase manhã — disse Grigori. — Precisamos ir.

— Eu não posso ir! Não posso deixar Gogu aqui!

— Ele vai ficar bem, Jena — disse Stela, bocejando. — Ele vai ficar a salvo até a próxima Lua Cheia.

— Eu não vou! Não posso deixar Gogu para trás!

Percebi que minha voz estava histérica, como a de uma criança apavorada. Perder Gogu seria como perder parte de mim mesma; como ser rasgada ao meio.

— Nós temos de ir agora — disse Anatolie gentilmente.

— Venha, Jena — disse Grigori. — Você vai precisar deixar seu amigo aqui.

— Aqui é mesmo o lugar certo para ele — observou Iulia. — Talvez tenha chegado a hora de soltá-lo.

Dei um tapa na cara de Iulia. Ela me encarou com os olhos arregalados e uma marca vermelha na bochecha. Então se virou, colocou as mãos sobre o rosto e começou a chorar; vi que seus ombros estavam tremendo por causa dos soluços. Fiquei arrasada. Ia ter de deixar Gogu ali. Se não fosse embora com minhas irmãs, elas não conseguiriam voltar para casa. Além disso, eu não poderia desaparecer do meu mundo por um mês inteiro, mesmo que pudesse ficar ali durante todo aquele tempo sem beber ou comer nada. Era impossível.

Fui com as outras para o lago, lembrando como Gogu estava da primeira vez em que eu o encontrara na floresta: sozinho, fraco, machucado, amedrontado. Ele estava comigo há mais de nove anos. Estava acostumado a morar no castelo, a comer conosco e a dormir no meu travesseiro. Não sabia como se cuidar na floresta; isso se não estivesse ferido, ou pior. Ele ia ficar com frio, ia ficar com fome, ia se sentir horrivelmente sozinho. E se ele se perdesse e eu jamais voltasse a vê-lo?

Iulia continuava chorando. Paula e Stela estavam pálidas e quietas. Tati andava de mãos dadas com Triste; os dois se seguravam com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos.

Chegamos à margem. Minhas irmãs entraram uma a uma em seus trenós, que deslizaram sobre o gelo. O céu começara a clarear. A alvorada chegava tarde nessa época do ano; nossa noite fora generosa. Meu coração era uma bola de tristeza pulsando em meu peito. Imaginei a clareira vazia após a partida dos dançarinos, com meu amigo mais querido ali sozinho, tentando desesperadamente me encontrar.

— Jena, eu não quero ir embora — disse Tati. Senti um calafrio.

— O quê? Você precisa ir. Nós todas precisamos.

— Mas eu quero muito ficar, Jena. Não sei como vou agüentar um mês longe...

A voz de Tati ficou cada vez mais baixa, até que ela se calou. Então se virou e encostou a cabeça no peito de Triste, que tocou seu pescoço com uma das mãos.

— Eu posso ficar aqui procurando Gogu — disse Tati com a voz abafada pelo casaco negro.

— Não pode, não — retruquei.

Engoli o resto das minhas lágrimas e, subitamente, fiquei com raiva. Raiva de mim mesma por ter sido estúpida o suficiente para ouvir Tadeusz e permitir que Gogu desaparecesse, e raiva de Tati, que estava usando minha aflição para ganhar tempo.

— Lembre-se, nós não podemos abrir o portal sem você. Você precisa vir, e eu preciso deixar Gogu aqui. E quanto a você — eu olhei para Triste com fúria e vi sua mão apertando mais o pescoço de minha irmã — devia pensar melhor no que está fazendo. Seu lugar não é aqui, e eu gostaria muito que você desaparecesse.

Virei de costas para os dois e subi no trenó era forma de salamandra com as lágrimas me cegando. Os gnomos começaram a tocar uma canção sombria. Mal me lembro de ter cruzado o Água Morta ou de ter me despedido de Grigori antes de ver os veículos voltando a toda, perseguidos pelos primeiros raios de Sol. Só conseguia pensar em Gogu: meu sapo estava abandonado, perdido, estremecendo de frio e medo; ou, pior ainda, morto em algum lugar da clareira. E tudo porque eu fora irresponsável. Jamais me sentira mais arrasada ou culpada na vida.

Tati estava parada na margem ao lado de Triste. Ele estava adiando sua partida até o último momento, o que era um grande perigo.

— É melhor você ir — disse ela, tentando ser forte.



Um segundo depois, Tati se atirou nos braços de Triste. Ele a abraçou e pousou a cabeça em seu ombro, tocando com os lábios seu pescoço nu. Então se afastou, indo para o trenó ainda de mãos dadas com ela. Eles se mantiveram assim enquanto ele subia e até mesmo enquanto o trenó em forma de cisne já se afastava da margem, Tati mal equilibrada sobre o gelo quebradiço e Triste muito inclinado para fora do veículo. De súbito, o trenó acelerou e as mãos dos dois foram separadas.

Nós cinco atravessamos a Galeria das Feras, cujos ocupantes eram apenas vultos indistintos escondidos nos cantos, e subimos aquela enorme escadaria.

— Ande logo, Jena! — disse Paula.— Ande logo, Tati!

Eu vinha por último, andando atrás de Tati. Temia que ela decidisse sair correndo e atravessasse o gelo do Água Morta em busca do namorado. Subindo, subindo, subindo... cada passo deixava meu coração mais apertado. Finalmente, chegamos ao portal. Esticamos nossas mãos na direção da parede de pedra... mas eu tirei a minha antes de tocá-la. Um barulho! Apurei os ouvidos para tentar ouvi-lo de novo. Por um segundo, só houve silêncio. Então surgiu o ruído de novo, uma batidinha leve vinda do pé da escada. Plop... plop...

— Alguma coisa está subindo a escada! — sussurrou Stela, ficando branca como um lençol.

Plop... plop... estava chegando mais perto.

— Gogu? — eu disse numa voz bem baixinha e trêmula.

Um segundo depois, ele apareceu, três degraus mais abaixo. Tremia de exaustão e havia uma fina camada de gelo recobrendo todo o seu corpinho. Apanhei-o e apertei-o contra o peito, soltando um enorme soluço. Ele estava muito frio e com a pele dura e quebradiça, como se estivesse quase congelado. Seus olhos estavam semicerrados. *V-você me deixou. V-você me deixou para t-trás.*

— Encoste na parede, Jena! — disse Iulia, irritada. — Já deve ser quase dia! Ande logo, ou nós podemos ficar presas entre um mundo e outro!

Mal pude escutá-la. Uma torrente de lágrimas estava caindo pelas minhas bochechas. Abracei meu sapo com toda a força, tentando esquentá-lo.

— Vamos, Jena — disse Tati, que estava ao meu lado.

Nossos olhos se encontraram e nós perdoamos uma à outra. Nós cinco tocamos na parede, o portal se abriu e nós voltamos a Piscul Dracului.

Nada de tigela de água dessa vez. Gogu ficou aninhado em meu peito, enrolado num cachecol de lã que eu esquentara em nosso braseiro. Ele ainda tremia muito. Ao lado de nós dois, Tati estava deitada olhando para o teto.

— Desculpe — sussurrei para o meu sapo. — Desculpe, desculpe, desculpe. Sei que você estava tentando me resgatar. Juro que nunca mais vou abandonar você.

Gogu não respondeu, mas os tremores diminuíram e seus olhinhos brilharam um pouco.

— Como foi que você atravessou o Água Morta? Nem gosta de chegar perto do lago. Alguém trouxe você?

*D-D-D...*

— Deixe para lá. O importante é que você está a salvo e que nós estamos juntos. Não quero pensar em mais nada agora.

Eu não conseguia parar de chorar. Talvez estivesse compensando por todas as vezes em que ficara calma e resolvera os problemas dos outros. Como eu pudera ser tão tola? Permitira

que Tadeusz me envolvesse e me fizesse esquecer o que era certo. Não fora nada difícil para ele. Precisava me certificar de que jamais faria aquilo de novo. Ainda me lembrava das palavras dele, da revelação espantosa de que havia outro portal para o Outro Reino na Lua Nova e da promessa fascinante de ver o futuro... e se eu pudesse ver o futuro de Cezar e usasse o que vira para impedi-lo de realizar suas ameaças? E se pudesse ver o que seria de Tati e Triste? E se pudesse ver o meu futuro, ou o de papai? Tentei parar de pensar naquilo, mas as imagens tomavam conta da minha mente — imagens do que poderia ser revelado para mim se eu tivesse coragem.

Após algum tempo, Gogu saiu de dentro do cachecol e pulou no meu travesseiro, deitando ao lado do meu rosto. *Não fique triste, Jena. Eu estou aqui.*

# Capítulo 6

Um pesado cobertor de neve se estendia sobre a montanha, tornando traiçoeiros todos os caminhos que a atravessavam. A floresta ficava ainda mais bela no inverno: cascatas congeladas que pareciam xales delicados; folhagem recoberta com uma fina camada brilhante de geada; montes de gelo branco-azulados que revelavam, aqui e ali, inúmeras folhas úmidas em tons de marrom e cinza; o gorjeio solitário de um passarinho; as marcas perfeitas das patas de um lobo ou de um gato selvagem impressas na neve. Os ursos deviam estar dormindo, enroscados no fundo de suas cavernas. Conforme andávamos, minha respiração formava uma imensa nuvem, e a de Gogu formava uma pequena.

Eu não tinha conseguido dormir direito e saíra bem cedo para dar uma caminhada. Esperava que o exercício fosse me ajudar a pensar melhor, pois eu me sentia como se uma névoa densa houvesse tomado conta da minha mente. Era muito fácil brigar com Tati por ela ter-se envolvido com Triste, mas o que eu fizera era quase pior do que isso: deixara que um Ser da Noite me afastasse da clareira e sussurrasse suas mentiras perigosas em meus ouvidos; e sentira por um momento a vontade deliciosa e proibida de aceitar o que ele havia oferecido. Na luz fria daquela manhã de inverno, eu mal podia acreditar que permitira que aquilo acontecesse.

Andei até a aldeia lá embaixo. Ao lado dos portões de madeira trabalhada de cada pequena fazenda havia vacas pastando e galinhas ciscando. De vez em quando uma mulher toda coberta de xales e cachecóis aparecia na estrada, carregando um balde ou um fardo. Uma carroça cheia de madeira passou por mim, puxada por dois imensos cavalos com borlas vermelhas penduradas nas crinas, um amuleto contra os maus espíritos. As toras de madeira eram da propriedade de Cezar e estavam indo para **Brasov**. Parei na casa do juiz Rinaldo para fazer uma visita à mulher dele. Ela me convidou para entrar e tomar um chá de rosa e disse que esperava que tia Bogdana pudesse receber visitantes em breve. Não contei a ela que mesmo nós havíamos sido impedidas de vê-la.

A igreja da aldeia, com seu telhado pontudo de madeira, ficava no alto de uma pequena montanha. Hesitei ao chegar lá, tentada a ir conversar com padre Sandu, mas sem saber exatamente o que queria dele. Não podia falar dos Seres da Noite. Podia ter pedido a ele que rezasse pela recuperação de papai, mas no final decidi ir embora, pois estava cedo e eu não queria perturbar nosso sacerdote sem uma boa razão. As cortinas de sua casinha estavam firmemente fechadas. Passei pela fazenda de Ivan no caminho de volta e a mulher dele me deu um pote de mel. Eu suspeitava que tal gentileza exigiria um certo sacrifício da parte deles, mas teria sido falta de educação recusar o presente. Pelo menos Iulia ficaria feliz, pois eu ou Tati poderíamos usar o mel para fazer um doce. Talvez Florica ainda tivesse algumas nozes escondidas.

Nevava levemente quando Gogu e eu chegamos ao pátio do castelo. Eu estava pensando no que ia dizer às minhas irmãs. Começaria desculpando-me com Iulia por ter batido nela. Fizera sentido o que ela me dissera na noite passada, sobre soltar Gogu no Outro Reino. Iulia não tinha como saber que eu havia sentido uma onda de tristeza e culpa quando ela tinha dito aquilo, e que fora isso que me levara a dar-lhe aquela bofetada. Também diria a todas que lamentava muito por não ter explicado que não podíamos misturar o dinheiro da casa com o dinheiro dos negócios. Contaria que já tínhamos pouca prata e pouco comida antes mesmo de Cezar ir embora com nossos cofres, e que eu não tinha qualquer intenção de implorar pela ajuda dele. Então, elas poderiam me ajudar a pensar em maneiras de sobreviver até o final do inverno. Comecei a me sentir um pouco melhor. Não achava fácil admitir que estava errada; se pudesse escolher, na verdade, não erraria nunca. Mas eu ainda ouvia o eco da voz suave de Tadeusz em meus ouvidos e sentia a lembrança de seu toque em minha pele, e com isso soube

que precisava fazer as pazes com minhas irmãs e permitir que elas me ajudassem. *Cavalos*.

— O quê?

*Cavalos na porta. Temos visitas.*

Gogu estava certo. O cavalo capão negro de Cezar e mais outros dois estavam amarrados na nossa porta da frente.

— Maldito Cezar! — disse, apressando o passo e segurando Gogu para que ele não caísse. — Ele é a última pessoa que quero ver agora!

Odiávamos receber visitantes na manhã seguinte à Lua Cheia. Sempre estávamos cansadas e emburradas depois da noite mal dormida. Na cozinha, Florica estava fazendo chá de frutas e Iulia partindo fatias de pão enquanto Paula servia geléia de ameixa. Stela colocava pratos e copos na mesa, e estava tão exausta que parecia prestes a adormecer e deixar cair algo no chão.

Cezar conversava com Tati, que estava pálida, cansada e ausente. Os dois amigos de Cezar estavam sentados à mesa. Seus nomes eram Daniel e Razvan, e meu primo havia conhecido-os na época em que estudara em Brasov. Eles eram filhos de proprietários de

terras, jovens considerados apropriados para casar com moças de família como nós. Eu achava Daniel arrogante e Razvan um pouco lento. Os dois eram grandalhões como Cezar e tinham mais ou menos os mesmos interesses: caçar, beber e contar vantagem. A cozinha parecia lotada com a presença deles, e eu senti como se nós tivéssemos que nos encolher para que coubéssemos todos ali.

*Fique calma, Jena.*

— Olá, Cezar — eu disse.

Os três jovens me olharam de cima a baixo, reparando bem no sapo que eu tinha no ombro, nas minhas botas imundas e na bainha encharcada de meu vestido.

— Está fazendo outra visita surpresa? — perguntei.

Mas então vi um objeto na mesa ao lado da xícara de chá de Tati, e meu coração deu um pulo. Perdoei Cezar no mesmo instante.

— Uma carta! É uma carta de papai?



Meu primo se levantara da mesa quando eu entrara na cozinha, e agora ele veio em minha direção e pegou ambas as minhas mãos com as suas. Resisti ao impulso de arrancá-las dali.

— A carta veio de Constanta — disse Cezar —, mas a letra não é de tio Teodor. Paula me disse que é do secretário dele.

— Esperamos você para abrir, Jena — disse Paula solenemente.

Vi nos olhos dela o significado do gesto: se as notícias fossem ruins, era melhor que as ouvíssemos juntas.

— Papai muitas vezes pede que Gabriel enderece suas cartas — eu disse, pegando o envelope e a faca do pão e tentando impedir minhas mãos de tremerem. — Obrigada por trazê-la, Cezar.

— Estou à sua disposição. Ela veio com um representante de meu agente em Constanta. Ele não esteve com seu pai, foi um mensageiro quem lhe entregou a carta. Por isso, não tenho mais nenhuma notícia a dar a vocês.

— Com licença — eu disse.

Não podia pedir que Cezar e seus amigos sumissem dali, embora quisesse muito ler a carta de papai em paz, tendo apenas minhas irmãs à minha volta. Fui até o fogão, virei de costas para os outros e rasguei o envelope.

Vi imediatamente que a carta também fora escrita por Gabriel, e senti um embrulho no estômago, uma mistura de medo e desapontamento. Passei os olhos pela carta. Se as notícias fossem as piores possíveis, eu iria precisar de um segundo para me recompor antes de contá-las às minhas irmãs. Limpei a garganta, lutando para não chorar.

— Envio a vocês, senhoritas, os cumprimentos de seu pai — li em voz alta. — Teodor ainda não está recuperado o suficiente para escrever. A tosse dele piorou e seu médico está muito preocupado. Tenham certeza de que todas as providências possíveis serão tomadas. Seu pai ainda está debilitado demais para mandar instruções sobre os negócios. Sei que o carregamento de Salem bin Afazi já está no estoque...

Enquanto eu dizia isso para os outros, já estava examinando o trecho seguinte da carta, na qual Gabriel sugeria que eu pedisse a Cezar para vender as mercadorias de papai. Decidi não ler essa parte em voz alta.

— Foi decidido que Teodor não seria informado da morte trágica e prematura de seu primo. O médico dele acredita que o choque poderia ser fatal. Gostaria de pedir que não

mencionem o fato se escreverem para seu pai. Vou enviar esta carta pelo agente de Cezar e espero que vocês a recebam sem problemas. É claro que permanecerei ao lado de Teodor nessa época difícil. Segui as instruções e pedi que Dorin não volte a Piscul Dracului até segunda ordem já que, na ausência de seu pai, ele terá pouco o que fazer aí. Respeitosamente, Gabriel.

Fez-se um silêncio quando eu terminei de ler. Olhei para minhas irmãs uma a uma, e elas todas estavam com a mesma expressão. Seus rostos exprimiam o que eu sentia: nós havíamos nos dado conta de que nossos piores medos estavam se realizando. “Muito preocupado.” “Debilidado demais.” “Poderia ser fatal.” As frases pareciam levar a uma única conclusão: nós jamais veríamos nosso pai de novo.

Após alguns segundos, Florica levou o bule de chá até a mesa e colocou-o sobre ela com estrondo.

— Deus seja louvado, o pai de vocês ainda está entre nós — disse ela, enxugando os olhos. — Senhor Cezar, o senhor quer chá?

— Eu sirvo — eu disse, querendo me ocupar para me manter calma. — Razvan? Daniel? Sinto muito, mas temos apenas pão para oferecer.

— Ah, como eu posso ter esquecido? — disse Cezar, levantando e pegando uma enorme cesta que estava perto da porta. — Sinto não termos mais motivos para celebrar, mas Florica tem razão. Deveríamos ficar felizes por tio Teodor ainda estar vivo. Trouxe alguns

suprimentos, algumas guloseimas. Achei que talvez estivessem precisando. Tomem.

Ele colocou a cesta em cima da mesa e tirou a toalha que cobria seu conteúdo. Um cheiro delicioso tomou conta da cozinha.

— Nossas despensas estão bem cheias — explicou Cezar. — Meu mordomo cuida bem delas. Isso não nos fará falta. Nozes, mel, um pouco de vinho para as meninas mais velhas, algumas geléias... E pedi que as cozinheiras fizessem bolos. Podemos comer um pedaço com o chá. Vocês parecem estar precisando de uma sobremesa.

*Gostaria de saber o que ele quer com isso,*

Eu estava tão desconfiada quanto Gogu. Não gostava de ver Cezar bancando o benfeitor. Ele raramente fazia boas ações sem esperar nada em troca.

— Oh, Cezar, que maravilha! — disse Iulia com as bochechas coradas de prazer.

Percebi que Razvan estava olhando-a com o que parecia ser admiração. Quando minha irmã se inclinou para examinar melhor a cesta, ele observou bem o decote dela. Franzi o cenho para Iulia, mas ela nem percebeu.

Já ficara claro que Tati não ia fazer qualquer comentário sobre a cesta. Daniel estava sentado bem na sua frente, mas ela estava bebendo chá e olhando para o nada, como se ele fosse invisível.

— Obrigada, Cezar — eu disse a contragosto. — Tenho certeza de que falo em nome de todas nós quando digo o quanto esses pequenos luxos são bem-vindos.

Percebi que meu primo estava usando a corrente de ouro do pai de novo, aquela que tinha uma corneta de caça em miniatura. Talvez ele a usasse o tempo todo agora.

— Jena? — disse Stela timidamente.

— O que foi, Stela?

— O papai vai morrer? É isso que quer dizer debili.. debili...

— Debilitado quer dizer fraco e cansado, só isso — explicou Paula com firmeza —

Papai só precisa descansar mais um pouco. Ele vai voltar na primavera.

Nós nos banqueteamos com o conteúdo da cesta. Cezar foi praticamente o único que abriu a boca. Eu tinha diversas perguntas, mas não podia fazê-las agora. Não me parecia possível que Gabriel houvesse aberto minhas cartas, pois ele jamais seria tão indiscreto. Mas se não fizera isso, como podia ter impedido que papai soubesse da morte de tio Nicolae? Era evidente que Gabriel recebera a notícia ele próprio. Será que Cezar censurara minha correspondência? A carta dizia “se escreverem para seu pai”. “Se”, não “quando”. Seria possível que papai não houvesse recebido minhas cartas? E quem decidira que não precisávamos dos serviços de Dorin? Um jovem forte para ajudar Petru na fazenda valeria seu peso em ouro nesse momento.

Esperei por uma oportunidade de perguntar tudo isso a Cezar, mas ele estava discursando sobre os perigos da floresta, um de seus assuntos favoritos, e eu não consegui interrompê-lo. Ninguém estava discutindo com ele; hoje, nenhuma de nós cinco tinha vontade ou energia para desafiá-lo. Após algum tempo, minha atenção se voltou para os eventos da noite passada: o olhar de Tadeusz, sua voz aveludada, as coisas que ele me dissera. Não compreendia por que eu fora sua escolhida nem o que ele pretendia com isso. Nas lendas que se contava na Transilvânia, os Seres da Noite jamais faziam favores a ninguém.

— Você deveria me deixar lidar com a parte mais baixa da floresta de Piscul Dracului também, Jena — disse meu primo. — Como estou contratando homens para derrubar as árvores em volta da minha casa, é melhor que eles venham trabalhar nas terras de tio Teodor logo depois. Nós podíamos limpar toda essa área antes do fim da primavera. E a madeira lhe renderia bastante dinheiro.

— O quê? — perguntei estupidamente, acabando de perceber sobre o que ele estava falando.

— Meu projeto, Jena — disse Cezar com uma paciência exagerada. — Livrar minha propriedade e a propriedade de tio Teodor das forças malignas dessa floresta.

*Seu primo quer se meter em tudo. Ele gosta de controle.*

— Você não pode fazer isso, Cezar. O povo pode ter medo das criaturas que vivem na floresta, mas duvido muito que apoiasse sua sugestão — disse olhando para Florica, que ficara muito pálida. — Derrubar muitas árvores só serviria para irritar o que você chama de forças malignas. Elas poderiam se vingar em todos da comunidade.

Foi então que vi a maneira como Cezar estava me olhando e me corrigi:

— Bem, pelo menos é nisso que a maioria acredita. Florica me disse uma vez que basta respeitá-los que eles respeitarão você. E se os ofender você... terá problemas. Ninguém vai querer trabalhar para você se for para fazer isso. De qualquer forma, não pode fazer nada em Piscul Dracului sem a permissão de papai.

A boca de Cezar se contraiu muito e ele me lançou um olhar gélido.

— Fico ofendido ao ouvir essas coisas de você Jena. Vou lhe fazer o favor de acreditar que elas são fruto de sua inocência.

*Ele quer dizer ignorância.*

— Já que fala de ofensas e vinganças — continuou meu primo — sinto-me na obrigação de lembrar a você que poucas ofensas são piores do que roubar um menino do irmão que ele adorava. Esperei anos para poder puni-los por isso. As árvores são apenas o primeiro passo. Quanto a homens para derrubá-las, alguém que está passando fome não pode recusar trabalho por causa de uma superstição. Além disso, é muito fácil trazer homens de outras aldeias que não conheçam as peculiaridades dessa floresta.

Todos na cozinha estavam como que paralisados. Ninguém disse uma palavra, embora eu pudesse ver que Paula estava louca para dar um palpite. Encarei-a, tentando deixar claro que devia ficar em silêncio. Estávamos todas cansadas e tristes; não era o momento ideal para desafiar Cezar, mas sim para permanecermos caladas. Os amigos de Cezar estavam visivelmente constrangidos, e decidiram pegar mais comida da mesa.

— Chega dessa história — disse Cezar de súbito. — Jena, quero verificar as contas dos negócios já que estou aqui. Acredito que suas irmãs saberão fazer sala para os meus amigos.



— É claro que saberemos — disse Iulia, que estava sentada entre Razvan e Daniel.

Agora que Iulia comera uma guloseima, estava de ótimo humor e pronta para aproveitar ao máximo aquela situação, distribuindo sorrisos tímidos e olhares e enchendo os dois rapazes de bolo. Não gostei nem um pouco desse novo comportamento; preferia quando dava suas risadas de menininha. Até Cezar estava observando-a.

— Muito bem — disse levantando-me. — Vamos acabar logo com isso. Não acredito que Daniel e Razvan vão querer ficar muito mais tempo. Florica, pode fazer mais chá para nossos convidados? Paula, venha comigo e com Cezar. Traga o livro que está lendo.

— Ah, outra coisa — disse Cezar conforme nós três subíamos a escada estreita que ia dar no escritório de papai. — Notei quando estava vindo para cá que as cercas de seus pastos de cima foram consertadas. Imagino que vai precisar de dinheiro para pagar os trabalhadores. Quem foi que ajudou Petru? O trabalho ficou ótimo. Jena? Alguma coisa errada?

— N-não, nada.

Minha cabeça estava rodando e meu estômago estava embrulhado. As cercas haviam sido todas consertadas durante a noite! Não era possível. Eu vira Petru trabalhando no celeiro quando fora dar minha caminhada, e ele não havia saído de lá até a hora em que eu voltara. Além disso, mesmo com mais dois ou três homens, o conserto levaria vários dias. Será que Grigori tinha feito isso? Não, eu pedira que ele não se arriscasse, e não acreditava que agiria

sem me consultar. Meu coração veio parar na garganta. Fora Tadeusz. Era a única explicação. Mas eu jamais pedira a ajuda dele, não aceitara sua oferta! Lembrei de sua voz profunda e sombria: Se precisar de uma prova de minhas boas intenções, eu a darei, Jena.

— Não preciso de dinheiro, Cezar. Alguns homens passaram por aqui e se ofereceram para fazer o trabalho em troca de comida. Fico feliz por ter ficado bom. Ainda não pude ver o resultado.

Uma vez no escritório, Paula se sentou na mesa de Gabriel, que ficava no canto, e eu e Cezar um de frente para o outro, na escrivaninha de papai.

— O que você deseja ver? — perguntei.

Peguei a pasta mais recente de recibos e pagamentos. Minhas mãos estavam tremendo. Pensei em Tadeusz e em seus pálidos amigos em nossos campos, trabalhando em nosso mundo, usando aquelas mãos elegantes para endireitar as vergas e amarrar o arame farpado de nossas cercas, a uma distância tão curta do local onde eu e minhas irmãs dormíamos. Pensei neles rondando nossos currais. E se alguém tivesse visto?

— Tem certeza de que está bem, Jena? — perguntou Cezar, observando-me com atenção.  
— Está muito pálida.

— Estou ótima. Não há necessidade disso, Cezar. Os livros estão todos atualizados e todas as contas estão batendo. Não há nenhum motivo para você verificar o que estou fazendo, especialmente agora que levou todo nosso dinheiro. Não poderei registrar nada nos livros até que você o devolva para mim.

Cezar deu um sorrisinho condescendente para mim, como se eu fosse uma criancinha precoce. Então, de súbito, ficou sério de novo.

— Preciso lhe contar uma coisa, Jena — disse ele. — É sobre as visitas de padre Sandu. Imagino que você já saiba o que é.

Com essa frase, Cezar conseguira toda a minha atenção.

— O que você fez? — perguntei com a voz gelada, sem conseguir olhar para Paula.

— Tomei providências, como disse que faria. Falei com o superior de padre Sandu. Sabia que as lições que ele dava para vocês não haviam sido aprovadas pela Igreja? Que foram um acordo feito entre ele e seu pai, que queria um tutor para Paula? Até você deve saber o quão inadequado foi tal comportamento.

— Como assim “comportamento”? — disse Paula, levantando-se num salto e tremendo de fúria. — Padre Sandu é tutor de muitos meninos da vizinhança, você sabe muito bem. Como ousa insinuar que há algo de ilícito em minhas aulas? Tudo o que ele faz é me tratar com trataria um aluno homem.

Cezar deu outro de seus sorrisinhos, mas seu olhar estava frio.

— Exatamente — disse ele.

*Idiota arrogante.*

— Diga logo! — exigi, fazendo de tudo para não perder completamente as estribeiras ao lembrar das janelas fechadas na casa de padre Sandu e tentando não ouvir o que Gogu estava pensando. — O que você fez?

— Não agi como você pensa que agi. Não pedi que o padre parasse de vir a Piscul Dracului. Tudo o que fiz foi contar ao superior dele o que estava acontecendo.

— Pois sabia que isso traria o resultado que você queria — eu disse.

Agora o sorrisinho se voltou para mim de novo.

— Bem, de fato o nosso bom sacerdote não vai mais vir visitar vocês — explicou Cezar com enorme satisfação. — Foi decidido que ele seria enviado para a igreja perto de Sibiu. Acontece de vez em quando: um padre trabalhando sozinho numa parte remota do país e sem contato com ninguém do clero pode se perder um pouco. Acredito que vão mandar um substituto com urgência.

Paula saiu do escritório em silêncio, apertando o livro com força contra o peito. Seu rosto estava branco como um lençol e seu maxilar estava trancado, mas ela se recusou a chorar na frente de nosso primo.

— Como você ousa?! — explodi. — Você nem entende direito o que fez, entende? Não é só Paula que vai ser afetada, Cezar. Padre Sandu mora nesta região há mais tempo do que nós. Ele vem casando, batizando e enterrando os habitantes desta comunidade há muitos anos. As pessoas confiam nele. Você fez isso sem nem pensar nas conseqüências!

— A comunidade não precisa de pessoas que desobedecem regras e convenções sem pensar que elas existem para protegê-las. Além do mais, não fui eu quem mandou padre Sandu embora.

— E claro que foi! Cezar, seu pai era muito respeitado na região. O povo o considerava um líder da comunidade. É isso que o dono do **Vârful** deve ser. Você está no lugar de tio Nicolae agora. Precisa ir falar com esse superior agora mesmo e pedir-lhe que traga padre Sandu de volta. E fale com o juiz Rinaldo no caminho. Seu pai jamais teria sonhado em tirar um padre tão amado da comunidade.

— Você está chateada — disse Cezar, e por um segundo havia preocupação genuína em sua voz.

— Prometa que vai fazê-los voltar atrás, Cezar. Mostre quem realmente é. Faça a coisa certa.

Cezar franziu o cenho para mim, e eu acrescentei:

— Pelo menos prometa que vai pensar no assunto. A expressão dele mudou, e tornou-se indecifrável.

— Talvez seja possível negociar — disse ele. Lembrei-me de uma outra voz dizendo “Tudo tem um preço”. — Você parece estar cansada, Jena — disse meu primo.

— Não dormi muito bem. Enfim, o que você quer ver nos livros-caixa?

Passamos algum tempo revisando o mais recente livro-caixa, que estava inteiramente atualizado e cujas contas estavam todas batendo. Fiquei esperando que Cezar encontrasse algum problema, mas ele verificou os números em silêncio, fazendo poucas perguntas. Algumas vezes a mão dele tocou a minha e eu tirei meus dedos de perto. E outras vezes ele me lançou olhares que me fizeram desejar que Paula ainda estivesse ali.

Quando estávamos quase no fim do livro, Cezar agarrou minha mão, ficou muito vermelho e começou a dizer:

— Jena...

*Ah, não.*

— Eu venho querendo lhe perguntar uma coisa — eu disse rapidamente, ficando de pé num salto. — Você tem aberto as cartas que mandei para papai, Cezar? Como Gabriel poderia ter escondido a morte de tio Nicolae de papai se não fosse por isso?

Cezar largou minha mão como se ela estivesse em brasa.

*Muito bem, Jena!*

— É claro que não! Quem você pensa que eu sou?

O rubor desaparecera do rosto de meu primo. Ele fingia muito bem que estava mortalmente ofendido.

*Um homem que quer o que não pode ter*, disse Gogu. Eu respirei fundo e disse:

— Achei que conhecia você. Tempos atrás, você me escutava. Mas o menino que já foi meu amigo está desaparecendo, e muito rápido. No lugar dele, surgiu um homem autoritário que se recusa a ouvir a opinião dos outros. Sei que não é educado dizer isso, mas mentir seria pior ainda. Você quer ter controle absoluto. Não devia querer mandar no que não lhe pertence, Cezar.

Ficamos os dois em silêncio. A boca de Cezar estava comprimida e fina como um pedaço de linha. Ele fechou o livro-caixa e entregou-o a mim; eu o coloquei na prateleira. Ele segurou a porta; eu passei. Quando estávamos descendo a escada estreita, Cezar disse baixinho:



— Deve ser de família.

— O quê? — perguntei, desesperada para estar com o resto das pessoas e para vê-lo ir embora.

— Você disse que quero ter controle absoluto. Mas você é assim, Jena. Uma mulher que deseja segurar as rédeas o tempo todo tem um futuro solitário pela frente.

*Patife. Canalha.*

— Você entendeu errado — eu disse, parando no degrau abaixo do dele e surpresa por estar tão magoada, pois achava que nada que ele pudesse dizer me afetaria. — Ter controle é bom quando se está à frente de um negócio ou tomando conta de uma casa. O que me ofende é você querer estender seu controle até áreas onde ele não é desejado nem necessitado.

— Está dizendo que eu ofendo você, Jena?

*Finalmente ele captou.*

— Não gosto de sua raiva, de seu ódio. Está na hora de se livrar de tudo isso, de esquecer o passado. Não gosto do que está fazendo em Piscul Dracului. Tomando conta de tudo. Tentando mostrar a todos que não conseguimos cuidar do negócio e da casa sozinhas. Você podia ao menos nos dar a chance de provar do que somos capazes — eu disse, terminando de descer a escada.

— Ah, mas você teve essa chance. Seu pai não está ausente há tanto tempo, mas seu dinheiro foi desperdiçado, sua irmã mais velha falhou completamente em lhe apoiar, Paula está falando bobagens perigosas, Iulia está se atirando em cima de qualquer rapaz como uma coquete barata...

*Ande logo, bata nele!*

— Não diga isso! — exclamei indignada, e foi por muito pouco que não aceitei a sugestão de Gogu. — Você estava olhando para ela também, tanto quanto seus malditos amigos! Iulia só tem treze anos e ela é uma boa menina!

— Talvez — disse Cezar. — Mas sem ninguém para controlá-la, por quanto tempo vai permanecer assim? Jena, eu valorizo seu senso de dever. Admiro sua tentativa de cuidar da casa e da família num momento tão difícil. Mas, embora você não goste nem um pouco disso, o fato é que a pessoa ideal para tomar a frente do negócio, da fazenda e da casa é um homem. Na ausência de tio Teodor, esse homem deve ser seu parente mais próximo: eu. Quanto mais cedo encarar essa simples verdade, mais cedo vai voltar a ser uma menina sadia e alegre, sem esse cenho franzido.

Meus dedos buscaram automaticamente minha testa. Cenho franzido? Eu vinha estado tão ocupada que não me lembrava da última vez em que vira minha imagem num espelho.

*Já terminou?*

— Você já disse tudo o que queria, Cezar?

— Não fique zangada, Jena. Eu...

— Já?

— Por enquanto, peço apenas que pense no que eu disse. Você é severa demais comigo.

— Diante de tudo o que você fez, acho que estou demonstrando ter bastante autocontrole. Pode desistir de me ver atravessando a neve para bater à sua porta e implorar por dinheiro. Não precisa mandar homens para vir trabalhar na fazenda. Como pode ver, sou perfeitamente capaz de fazer acordos com outras pessoas. E vou encontrar outro meio de enviar minhas

cartas para Constanta.

Cezar não respondeu. Ele sabia tão bem quanto eu que não havia outro meio. Poucas pessoas tinham dinheiro suficiente para viajar por aquelas estradas horríveis durante o inverno. Nós ficávamos tão isolados que eu não teria oportunidade de encontrar outros mercadores antes da primavera. Quando papai estava em casa, grande parte dos negócios era feita através de seus agentes nas cidades, e Dorin servia de mensageiro. Mas Dorin fora impedido de voltar a Piscul Dracului. Se eu quisesse mandar cartas para papai, apenas Cezar poderia fazer com que fossem entregues. Isso significava que eu não podia escrever a verdade — pelo menos, não toda.

— Gostaria que não viesse aqui por algum tempo — eu disse, tentando manter a calma. — Você me irritou muito, e aborreceu Paula. Por favor, leve seus amigos e vá embora.

*Vá, vá, vá, seu homem detestável.*

— Eu acho...

Mas eu nunca soube o que Cezar achava naquele momento. Nós abrimos a porta da cozinha e demos num enorme alvoroço. No centro do cômodo, estava o pequeno e mirrado Petru, e perto da lareira havia um homem mais jovem, porém muito parecido com ele: Ivan, seu neto. Petru estava contando uma história aos tropeços enquanto Daniel, Razvan e minhas irmãs o bombardeavam com perguntas. Florica estava muito pálida, murmurando uma prece e fazendo o sinal-da-cruz. Mas foi Tati quem me deixou mais assustada, pois suas bochechas

estavam tingidas de vermelho vivo e ela estava segurando sua xícara de chá com tanta força que eu pensei que ia quebrá-la a qualquer momento.

— O que... — eu disse, mas a voz mais grossa e poderosa de Cezar abafou a minha.

— Sentem-se todos e falem um de cada vez. Tatiana, o que aconteceu?

Tati encarou-o com seus enormes olhos azul-violeta, mas não disse nada.

— Iulia, o que houve? — perguntei.

— Petru estava contando uma história horrível — respondeu Iulia com os lábios trêmulos.

— Uma morte — disse Petru, com a voz sombria. — Ivona, filha de Marius, o moleiro. Só tinha quinze anos. A mãe entrou no quarto dela de manhã e lá estava a menina, esparramada na cama como uma boneca de pano, branca como a neve. Um corpo sem sangue.

— Como assim? — perguntei, sem conseguir admitir para mim mesma que já sabia a resposta.

— Ela tinha duas feridas no pescoço — disse Florica, arrasada. — A marca de uma mordida.

— Você sabe o que isso quer dizer — completou Petru.

E embora nenhum de nós ousasse dizer em voz alta, nossos rostos brancos e olhos arregalados estampavam a verdade. Sem dúvida, fora um Ser da Noite que fizera aquilo.

# Capítulo 7

Cezar assumiu o comando imediatamente. Ele iria para a aldeia falar com juiz Rinaldo, enquanto os outros dariam ordens para que todos os homens se armassem e se preparassem para entrar na floresta ao anoitecer e caçar o malfeitor. Eles o levariam ao tribunal ou o matariam. Petru, Ivan, Daniel e Razvan já estavam colocando suas capas e reunindo seus pertences para partir.

Tati correrá lá para cima. Após algum tempo minhas outras irmãs a seguiram, deixando-me sozinha para lidar com a situação.

— Jena, vou mandar que todos instalem defesas, não apenas nas casas, mas também nos celeiros e outras dependências — disse Cezar gravemente. — Quero que Florica faça o mesmo aqui: alho, pregos de ferro, amuletos, o que houver.

— A casa de Marius era bem protegida — disse Petru, colocando seu chapéu de pele de carneiro. — Isso não impediu que a criatura entrasse.

Lembrei das palavras de Tadeusz: “As cercas dos homens e seus amuletos insignificantes não me impedem de ir e vir.” Os olhos de Cezar mostravam o quanto ele estava determinado. Eu sentia nojo, culpa e medo ao mesmo tempo.

— Não quero que nenhuma de vocês saia de casa — disse Cezar. — E nem você, Florica, a não ser que seja absolutamente necessário. Vai precisar cuidar da fazenda, eu sei, pelo menos até que Petru volte. Mas faça apenas o essencial, e sempre tome cuidado. Volte para dentro e tranque bem as portas e janelas antes do anoitecer.

Cezar me encarou, e então disse, num tom completamente diferente:

— Está tudo bem, Jena. Vamos pegar esse monstro. Eu prometo — garantiu, pegando minha mão. — Acho que um de nós deveria permanecer aqui com vocês. Razvan, você poderia ficar em Piscul Dracului até que eu volte? Não deixe que as meninas se assustem. E mantenha sempre seu arco à mão.

Razvan assentiu, mas pareceu irritado. Estava claro que ficar cuidando de uma casa cheia de mulheres não seria tão divertido para ele quanto partir numa caçada com os outros homens.



— Lembrem do que eu disse. Tranquem sempre as portas — disse Cezar. — Cuidado, todos vocês; essa é uma hora sombria.

E com essas palavras, ele se foi.

— Tenho de confessar uma coisa — eu disse a minhas irmãs um pouco mais tarde, quando estávamos todas em nosso quarto, em choque e silêncio. — Não quero contar, mas acho que preciso. Isso é provavelmente culpa minha.

Elas não pronunciaram uma palavra enquanto eu contei minha conversa com Tadeusz. Não revelei tudo o que ele me dissera, mas no final do meu relato elas estavam todas me olhando, incrédulas.

— Jena! — exclamou Paula. — E você tem fama de ser a irmã mais responsável! Como pôde dar ouvidos a ele? Esqueceu de tudo o que sabemos sobre os Seres da Noite?

— Ele disse que tudo isso era lenda, e que nós não sabíamos como eles eram de verdade — expliquei, arrasada. — E, pelo visto, não é mentira. Parece que quem atacou a menina passou direto pelos amuletos da casa. Essa história de que alho e cruzeiros de prata afastam os Seres da Noite é balela.

— Isso se tiver sido mesmo um deles quem fez isso — disse Tati, que tremia apesar de estar enrolada num xale grosso e cujo rosto estava pálido e exausto.

— Claro que foi, Tati — disse Iulia. — Você ouviu a história de Petru. Só não quer acreditar nela por causa de Triste. Não quer admitir que ele pode ter sido o responsável.

Tati ficou de pé num pulo, soltando faíscas pelos olhos.

— Ele não foi o responsável! Triste jamais faria algo tão horrível! Ele não seria capaz!

— Nós não temos como ter certeza disso — argumentou Paula calmamente. — Não sabemos muita coisa sobre o Outro Reino, apesar de visitarmos a Clareira das Danças há tanto tempo. O povo de lá é cheio de truques. Sei que não vai gostar do que vou dizer, Tati, mas Triste pode ser qualquer coisa. O que ele mostra a você pode ser apenas o lado que quer que você veja.

Fiquei aliviada ao ver que minhas irmãs mais novas concordavam comigo em relação a Triste, e arrisquei-me a dar uma sugestão:

— Existe uma maneira de saber a verdade sobre o Outro Reino. Nós poderíamos fazer a travessia na Lua Nova e olhar o espelho de Draguta, como Tadeusz sugeriu. Poderíamos ver o futuro. E se conseguíssemos, poderíamos mudá-lo: tomar providências para impedir que coisas ruins aconteçam.

Todas ficaram em silêncio por um segundo. Então Paula disse:

— Jena, eu já passei muito tempo com os sábios e feiticeiros do Outro Reino. Falamos sobre maneiras de ver o futuro. Falamos sobre portais e sobre a forma como o espaço e o tempo são diferentes no reino deles e no nosso. Ninguém nunca disse nada sobre um espelho mágico.

— Talvez eles só revelem o que querem que você saiba — respondi eu, um pouco grosseiramente.

Eu não sabia que caminho tomar. Uma menina tivera uma morte horrível e os homens tinham saído para caçar os Seres da Noite com arcos, porretes, foices e forcados. Mesmo assim, eu ainda pensava no portal da Lua Nova. A voz sedutora de Tadeusz não era a única causa disso, embora eu soubesse que era uma delas. Mesmo após a perda de uma inocente, havia algo naquela voz que ainda me atraía. Mas o motivo principal era imaginar que o espelho de Draguta poderia me dar as respostas de que eu tanto precisava. Só era preciso olhar dentro dele para saber se papai voltaria para casa, e se Tati esqueceria aquela paixão estúpida e sairia ilesa daquela história. Além disso, se atravessasse o portal, eu poderia perguntar a Tadeusz se ele cometera o assassinato. Poderia dizer a ele que jamais desejara um ato vil como aquele, e que o preço por consertar algumas cercas não podia ser a vida de uma jovem inocente. Poderia deixar claro que jamais pedira nada daquilo, e que não queria mais

nenhum de seus favores.

— Você não está pensando em ir, está Jena? — perguntou Iulia com uma mistura de medo a admiração. — Depois do que aconteceu hoje?

— Não sei — respondi.

No meu bolso, Gogu estava tão imóvel que parecia estar congelado, e eu podia sentir o terror emanando dele. *Não, Jena, não!*

— Talvez eu nem precise decidir. Talvez Cezar e os outros homens peguem o assassino. Talvez Ileana expulse os Seres da Noite de seu reino, e tudo isso acabe.

— De repente não foi culpa sua, Jena — disse Paula. — É possível que o pai da menina tenha feito algo que irritou os Seres da Noite, como incendiar parte da floresta ou derrubar um carvalho. Não dá para saber.

— Mas eu sei — eu disse, tirando Gogu do meu bolso e segurando — o em minhas mãos para me consolar. — Posso sentir. Posso sentir tudo ficando mais negro. Começou quando os Seres da Noite apareceram. Piorou depois que Tati encorajou Triste. Agora eu me tornei responsável pela morte de alguém. Preciso consertar isso de alguma maneira.

— Já falei que não foi Triste quem fez isso — disse Tati, que estava encolhida na cama e enrolada em seu xale. — Ele é um homem muito gentil e muito bondoso.

— Na sua frente — retruquei.

— Tati não se apaixonaria por um assassino — disse uma vizinha.

As palavras de Stela causaram alguns segundos de silêncio, e então Iulia limpou a garganta e disse:

— Nunca se sabe. O amor faz as pessoas fazerem coisas bem esquisitas. Por exemplo, Jena gosta mais de Gogu do que de qualquer ser humano, não gosta? E ele é só um sapo. Isso é a coisa mais estranha que eu já vi.

Gogu estremeceu ao ouvir seu nome mas então, abruptamente, uma nuvem encobriu seus pensamentos, como se ele estivesse escondendo-os de mim de propósito.

— Não é o mesmo tipo de amor — expliquei. — E de qual quer forma, Tati mal conhece Triste.

Tati não disse nada.

— Amor à primeira vista — disse Paula. — Acontece nos contos de fadas, por que não aconteceria na vida real?

— É um erro encher sua cabeça com contos de fadas — afirmei. — Só vai lhe trazer decepções. Não existem heróis maravilhosos na vida real, só rapazes chatos como Daniel e Razvan. É o melhor que nós vamos conseguir.

— Não consigo parar de pensar nisso, Gogu — eu disse mais tarde enquanto dava milho para as galinhas sob um céu de chumbo. — É meu dever com aquela menina, Ivona, atravessar o portal e falar com Tadeusz de novo, mandá-lo parar com isso. E se os homens de Cezar realmente matarem um Ser da Noite e Tadeusz quiser se vingar? Pode ser que não acabe nunca, até que toda a região fique inundada de sangue. Não posso esperar até a próxima Lua Cheia. É tempo demais. Pense nos estragos que podem ser feitos até lá?

*É muito corajoso da sua parte, mas é uma tolice. Você não pode ir.*

— Os Seres da Noite precisam ir embora da floresta e voltar para casa. Nem sei de onde vieram, mas quero que retornem. Se eles forem embora e levarem Triste, isso também resolveria o problema de Tati.

Gogu não respondeu. Do outro lado do pátio, Razvan estava tirando neve com uma pá para deixar caminhos livres até o celeiro e as outras dependências. Ele me surpreendera ao se oferecer para ajudar nos trabalhos da fazenda, deixando claro que preferia ter alguma coisa para fazer do que ficar parado segurando seu arco e fazendo cara de mau.

— O que mais eu posso fazer? — perguntei ao meu sapo. — Pare de me olhar desse jeito!

Eu podia ver, pela expressão de Gogu, que ele achava que eu estava me metendo onde não devia, e isso não estava me ajudando em nada. Coloquei-o em cima da pilha de madeira que ficava ao lado do galinheiro, onde ele gostava de passear.

*Não volte lá nunca mais, nem na Lua Nova, nem na Lua Cheia.*

— Você acha que Tati vai concordar com isso? Ela só consegue pensar em Triste. Acha que ele não faria mal nem a uma mosca.

Naquele momento, eu tive uma idéia. Por um lado, ela era ridícula diante do que acabara de acontecer. Mas por outro, fazia todo sentido.

— A não ser que ela conhecesse outra pessoa, um rapaz simpático qualquer. Alguém de quem tanto ela quanto tia Bogdana pudessem gostar. Se eu pudesse fazer com que Tati se interessasse por um homem de verdade, talvez ela se desse conta do quão impossível é sua história com Triste. Talvez isso quebre o feitiço que ele colocou nela. Não acho que a gente possa dar uma festa agora, pois faz muito pouco tempo que tio Nicolae morreu, e todo o vale vai estar pensando na caçada aos Seres de Noite. Além disso, não temos dinheiro, e não podemos servir mamaliga para os convidados. Mas...

Eu me sentei num muro de pedra e cruzei os braços. Gogu estava caçando insetos num pedaço velho de madeira. Desviei o olhar. Se ele queria mesmo comer um bando de besouros, eu me recusava a observar.

— Não é só Tati — eu disse. — Iulia também tem se comportado de forma estranha. Cezar disse que ela estava se atirando em cima dos rapazes, e acho que tinha uma certa dose de razão. Ela é jovem demais para isso. Detesto admitir, mas tia Bogdana está certa quando fala que precisamos ter boas maneiras. Todas nós necessitamos de oportunidades para conhecer jovens que possam se tornar maridos apropriados. Se não quisermos que Cezar controle Piscul Dracului e tome todas as decisões, precisamos dar o primeiro passo. Precisamos aceitar que papai talvez não volte nunca.

Estremeci ao pensar nisso, mas continuei.



— Gogu, não consigo imaginar Cezar sendo dono de Piscul Dracului. Ele não ama esse lugar como nós. Seria... errado. Praticamente qualquer outro seria melhor do que ele. Talvez os amigos de tia Bogdana tenham filhos de quem nós poderemos vir a gostar com o tempo. Rapazes que conseguiriam cuidar do castelo e da floresta. Homens sensatos, mas com bons corações.

Gogu estava perseguindo uma criaturinha qualquer, e seus pensamentos estavam lacrados.

— Então, tudo bem — rosnei. — Se não quer responder, não responda. Pode deixar que eu resolvo meus problemas sozinha. Precisamos de um herdeiro para Piscul Dracului. Uma de nós precisa se casar. Se Tati se recusar, acho que eu terei de fazer o sacrifício. Sempre planejei fazer outras coisas: ter aventuras, fazer viagens, virar uma mulher de negócios. E esperava me casar por amor, se é que ia me casar. Costumava sonhar que iria conhecer um estranho misterioso num porto distante e saber instantaneamente que ele era o homem da minha vida. E claro que alguém que quiser se casar com uma de nós vai precisar obter a permissão de papai. Mas...

Não pude continuar. Se papai morresse, Cezar imediatamente se tornaria dono de tudo. Era impensável. Um homem com tanto ódio não devia poder decidir o destino dos outros.

— Gogu, eu vou visitar tia Bogdana. Quer parar de comer esses bichos? É nojento.

Meu sapo se encolheu todo na pilha de madeira e ficou em silêncio absoluto, tornando-

se praticamente invisível. Eu lembrei que quase o perdera há pouco tempo.

— Desculpe — eu disse. — Mas é que eu e você somos tão próximos que às vezes esqueço que não somos um só. Por isso digo o que penso, e só percebo que magoei você quando as palavras já saíram. Gogu?

Olhei dentro da pilha de madeira, mas só consegui distinguir os olhos dele — enormes, arregalados e seríssimos.

— Desculpe, Gogu. Saia daí, por favor. Preciso muito dos seus conselhos.

Ele me fez esperar bastante tempo, para que eu percebesse o quanto se ofendera. Então veio se sentar ao meu lado, segurando na boca algo que deixou em meu colo.

— O que é isso?

Era um presente. Ele jamais fizera algo assim antes. Uma sementinha marrom no formato de um coração.

— Puxa, Gogu, obrigada! Que fofo!

Gogu estremeceu. Acho que meu tom fora um pouco condescendente.

— Gogu, eu adorei o presente — disse, tirando minha luva para fazer carinho na cabeça dele. — No primeiro dia de primavera, vou fazer para você a melhor panqueca de espiga d'água da sua vida, e dane-se quem disser que estou me comportando como criança. A não ser que você queira outra coisa em troca.

Meu sapo pensou alguma coisa estranha e alegre, mas ela desapareceu tão rápido que não pude discernir o que era. Após algum tempo, ele sugeriu, hesitante:

*Você podia...*

— Podia o quê, Gogu?

*Podia... não, nada.*

—Você está muito esquisito hoje. Acho que cruzar o Água Morta sozinho deixou você meio doido. Vai me contar como foi que fez aquilo?

Silêncio.

— Acho que isso é um não.

Agora, quem estava magoada era eu. Nós dois sempre contávamos nossos segredos um para o outro. Nossa amizade era baseada em completa confiança.

*Jena?*

— Hum?

*Você vai mesmo se casar com um rapaz que conhecer numa festa?*

— Nem sei se vamos poder dar a festa, Gogu. Vai depender do que tia Bogdana disser. Vai ser a primeira vez que eu vou falar com ela desde a **pomana**, e não tenho idéia de como vai reagir. Se ainda estiver muito chateada, acho que nem vou sugerir nada. De qualquer forma não ia ser uma festa, mais uma reunião. Mas espero que possamos ter música e comidas gostosas. Quanto a casar com alguém, a idéia de lidar com isso como se fosse uma transação comercial me deixa enojada. Mas se for preciso, é o que vou fazer.

Coloquei a sementinha dentro do bolso. Tinha diversos obstáculos pela frente: Cezar me dissera que sua mãe não queria receber visitas; meu pedido poderia magoá-la profundamente; mesmo que ele fosse concedido, eu precisaria pedir dinheiro a meu primo; a neve cobria a estrada que dava em Piscul Dracului, o que tornava difícil chegar lá; e havia os Seres da Noite. Tudo isso deixava claro que minha idéia era boba e nada prática. Mas a saúde de papai estava muito frágil, e eu não queria esperar até a primavera.

— Vou visitar tia Bogdana amanhã de manhã. Se ela aceitar minha sugestão, vou dizer às meninas que não vamos voltar ao Outro Reino até que os Seres da Noite deixem o vale. Veja bem, Gogu, estou sendo responsável. Estou seguindo o bom conselho que você me deu. *Sinto muito, Jena.*

— Sente muito? Pelo quê?

*Sinto por não poder proteger você.*

A postura e a voz de meu sapo mostravam que ele estava mesmo perturbado. Subitamente, senti uma enorme vontade de chorar.

— Não seja bobo — eu disse, fungando. — Por que você deveria me proteger? Basta ser meu amigo e me dar bons conselhos.

*Coloque-me no seu ombro. Quero voltar para dentro de casa.*

— Jena! Que bom ver você!

Aparentemente, tia Bogdana não estava triste demais para receber visitas. Ela estava de luto fechado, o que acentuava sua palidez, e estava mais magra, mas sorriu quando Daniela me levou até seu quarto de costura.

— Daniela, sirva café, por favor. Venha se sentar, Jena. Lamento por ter estado tão trancada aqui dentro, mas sair é um esforço tão grande sem Nicolae. Onde quer que eu vá, sinto a falta dele.

— Eu sinto tanto, tia Bogdana. Nem consigo imaginar como dever ser terrível. Se houver qualquer coisa que nós pudermos fazer...

Sentei-me numa pequena cadeira onde havia uma almofada bordada. Os olhos pintados de Costi me observaram da prateleira ali perto.

— E agora aconteceu essa morte horrível da filha do moleiro... É como se uma maldição houvesse tomado conta do vale, uma espécie de escuridão. Gostaria de saber o que foi que fizemos para merecer tantas desgraças. E padre Sandu foi embora. Isso foi um duro golpe. Em tempos como esses, uma comunidade precisa do apoio de seu sacerdote.

Decidi não mencionar que o filho dela fora responsável pela partida de padre Sandu.

— Cezar parece estar fazendo de tudo para capturar o assassino — eu disse. — Eles não encontraram ninguém na noite passada, mas acho que ele vai continuar tentando até conseguir. É muito determinado.

Tia Bogdana suspirou.

— Para ser sincera com você, Jena, não tenho certeza se Nicolae teria feito a mesma coisa. Acho que ele teria pedi do que abençoassem a casa da menina e a borda da floresta, e mandado erguer um crucifixo. Mas isso... é pagar sangue com mais sangue. Temo por Cezar e por todos aqueles homens. Não é sábio interferir nas forças da floresta.

Minha tia limpou a garganta, olhando para a foto de Costi.

— Cezar deveria saber disso melhor do que ninguém — continuou. — Ah, aí vem Daniela com o café. Deixe-me servir você, Jena. Como estão suas irmãs?

— Estão bem, obrigada. Abaladas com essa tragédia, é claro. Tia Bogdana, preciso lhe perguntar algo. Gostaria que me dissesse se acha uma idéia minha apropriada.

— Diga, Jena.

Dei minha sugestão aos tropeços, torcendo para que tia Bogdana não ficasse furiosa ou irrompesse em lágrimas, acusando-me de desrespeitar sua dor. Ela me observou sobre sua xícara de café, sem dizer uma palavra. Não parecia chateada, apenas intrigada.

— Por isso — eu disse, finalmente —, estava pensando se podíamos fazer uma reunião com alguns convidados. Sei que não é o melhor momento, mas pode ser que sirva para dar ânimo às pessoas. Achei que o povo do vale poderia encarar como uma coisa boa. Um gesto que mostrasse que não estamos com medo, que vamos acender luzes na escuridão.



— A senhora não precisaria fazer nada, apenas me aconselhar e sugerir quem deveríamos convidar. Sei que talvez fosse melhor esperar até a primavera, mas...

Tia Bogdana levantou a mão para me silenciar, e eu parei de falar imediatamente. Ela bebericou seu café, pensativa. Engoli o meu, observando-a. Daniela veio correndo encher minha xícara. Gogu escapulira do bolso e estava em cima dos meus joelhos. Ele deu um salto súbito, aterrissando no braço da poltrona de tia Bogdana.

— Mil desculpas....

— Não se preocupe — disse tia Bogdana, sem prestar muita atenção no que acontecera. — Jena, a questão aqui é equilibrar aquilo que é melhor para você e suas irmãs e aquilo que a comunidade espera de nós. Por acaso, uma velha amiga minha, uma senhora que conhece muita gente, alugou uma casa perto de **Brasov** onde está passando o inverno, e deve receber muitos convidados. Creio ser possível fazer alguma coisa, contanto que seja discreta. Como é inverno, as pessoas não podem viajar longas distâncias. E com essa nova ameaça, será necessário oferecer acomodações para que os convidados passem a noite em Piscul Dracului, pois ninguém vai querer sair durante a noite. Você vai precisar mover tudo o que está em seu estoque. Aquele é o único cômodo onde a reunião poderá ser feita.

— Mas vamos chamar tanta gente assim? Eu tinha pensado em receber as pessoas na sala de jantar.

— Jena, não faz sentido dar uma festa se não formos fazer tudo como se deve — declarou tia Bogdana, que claramente estava animada com o desafio que ia ter pela frente. — Não devemos esperar que vocês encontrem pretendentes em uma noite, mas quando as pessoas as virem, vão começar a falar. Os rumores se espalham até no inverno, pode acreditar em mim. Quando chegar a primavera, vocês começarão a receber inúmeros convites.

Eu estava atônita com tal entusiasmo, e me dei conta de que esperara uma recusa.

— Acha mesmo que os convidados virão? Apesar da presença de Seres da Noite em nossa floresta?

— Precisamos tentar, Jena. Contanto que as pessoas cheguem e saiam de dia, acho que poderemos ter algum sucesso. Vocês todas vão precisar de vestidos novos. Minha costureira poderá fazê-los, com alguma ajuda. Você estava planejando dar a festa quando?

— Pensei na próxima Lua Cheia — respondi, imaginando o que Tati acharia disso. — Se é que haverá tempo para organizar tudo. Mas vou trabalhar duro, tia Bogdana.

— Você mudou drasticamente de opinião, Jena — disse minha tia, observando-me com atenção. — Se alguém houvesse me perguntado no verão passado se eu seria capaz de persuadi-la a se interessar por tais atividades, eu teria respondido que seria impossível até que você fosse um pouco mais velha. O que a levou a querer dar uma festa?

Tia Bogdana havia esfarelado um biscoitinho num pires e dado-o para Gogu comer. Eu decidi responder-lhe com o máximo de verdade possível.

— A morte de tio Nicolae, e a doença de papai. Nós precisamos pensar no futuro. E eu acredito no que disse antes, sobre mostrar que somos fortes e corajosos. Tenho tanto medo dos Seres da Noite quanto qualquer um, mas acho que uma festa pode ser boa para a aldeia, principalmente se o povo se envolver. Mas vou precisar de ajuda para preparar tudo — disse, perguntando-me como poderia tocar na delicada questão do dinheiro.

— Não poderemos dançar, é claro — disse tia Bogdana. — É mesmo uma pena. Nicolae adorava dançar e sei que ele não se importaria, mas não seria apropriado tão pouco tempo após... Mas acho que podemos contratar a banda da aldeia para tocar algumas músicas. Os homens vão gostar da oportunidade de ganhar um dinheirinho extra para passar o inverno. E podemos pedir que as mulheres venham ajudar Florica a preparar o jantar. Isso será bom para todo mundo, e se vierem todos juntos, vão se sentir mais seguros após a noite cair.

— Tia — decidi dizer —, não tenho certeza se Cezar vai achar que essa é uma boa idéia. Ele está com todo o nosso dinheiro e quer aprovar as despesas uma a uma.

Minha tia levantou as sobrancelhas.

— É mesmo? Mas ele não vai discordar de mim. Não se preocupe com os gastos, Jena. Nicolae ficaria feliz em fazer isso por vocês. Pode encarar essa festa como o presente de despedida dele.

Subitamente, tia Bogdana começou a chorar. Eu me levantei e abracei-a.

— Você é uma boa menina, Jena. Um pouco excêntrica, talvez, como o pobre Teodor, mas de bom coração. Estou bem, querida. Essa festa será boa, pois eu terei algo para me ocupar. Podemos começar a fazer a lista de convidados agora mesmo. Daniela, anote isso, sim? O juiz Rinaldo, é claro, e Lucian, o filho dele...

Eu nunca vira Tati tão furiosa. Quando lhe disse que não íamos para o Outro Reino na próxima Lua Cheia, primeiro ela pensou que era brincadeira. Então, quando viu que eu estava falando sério, começou a gritar comigo. Nós estávamos trancadas em nosso quarto sozinhas, pois eu aconselhara às outras que se mantivessem afastadas. Tati andou de um lado para o outro, tentando me dissuadir com todos os argumentos que consegui imaginar. Não podíamos dar uma festa agora, insistiu ela, pois fazia muito pouco tempo que tio Nicolae morrera. Eu disse que tia Bogdana e Cezar haviam concordado, contanto que fosse uma festa discreta. Então ela disse:

— Mas nós sempre vamos para o Outro Reino na Lua Cheia! As meninas vão ficar chateadas!

— Eu já disse a todas elas que não vamos desta vez, e todas aceitaram. Não faz sentido

ir agora após o que aconteceu com Ivona. A coisa lógica a fazer é ficar longe de lá até termos certeza de que o vale está seguro de novo.

Fiz de tudo para permanecer calma e controlada. Não deixaria que Tati descobrisse a imensa vontade que eu sentia de atravessar o portal da Lua Nova, de confrontar Tadeusz e fazê-lo compreender que eu não queria sua ajuda — não a esse preço.

— E não é sempre que nós vamos. E naquelas vezes em que uma de nós estava doente ou viajando na Lua Cheia? Já deixamos de visitar o Outro Reino em mais de uma ocasião. Ileana e os outros não vão se incomodar se não aparecermos. Eles não se importam com essas coisas.

— E quanto a Triste? Ele vai ficar chateado. Vai achar que estou fugindo dele porque acredito que fez aquilo, que acho que é capaz de assassinar alguém a sangue frio. Eu preciso ir, Jena. Preciso explicar para ele!

— Ele pode nem estar mais lá. E provável que Ileana tenha mandado os Seres da Noite embora. Os crimes deles colocaram o povo dela em perigo. Você não viu Cezar e os outros saindo daqui para caçá-los.

— Triste vai se recusar a ir embora — declarou Tati, com o rosto vermelho como se estivesse com febre. — Mesmo que Ileana os expulsa, ele vai ficar. Não vai me abandonar.

— Que coisa idiota! Vocês só se viram três vezes, Tati! Você sabe muito bem o que acontece com as mulheres humanas que se apaixonam por homens do Outro Reino: elas não podem nunca mais voltar para cá. Além do mais, você vai envelhecer e ele não vai. Um dia você vai ser uma mulher bem velha, cheia de rugas e sem dentes, e ele ainda vai estar igual. E você não iria mais nos ver, nunca mais. É isso mesmo que quer?

— Pode ser que não seja assim — disse Tati bem baixinho com a cabeça baixa e os cabelos negros lhe caindo sobre o rosto como cortinas de seda. — Os contos de fadas nem sempre dizem a verdade.

— Pode ser bem pior do que isso. Se ele for um Ser da Noite, você pode morrer depois de uma mordida.

— Não diga isso!

— Sinto muito, mas é verdade. Não estou pedindo muito, só que você perca uma Lua Cheia.

— Não é só isso que você está pedindo, Jena — disse Tati, encarando-me com seus olhos enormes, cheios de frieza agora. — E não está bem pedindo, está? Está mandando. Não vou poder passar pelo portal se não me ajudar a abri-lo. O que você quer de verdade é que eu jamais volte a ver Triste. Acha que vou esquecê-lo quando dançar com um rapaz desses que tia Bogdana quer arrastar até aqui. Mas eu não vou. E não vou nessa festa idiota. Você

não entende.

Tati estava certa; o que quer que fosse que ela estava sentindo, era algo novo para mim, algo que eu não compreendia: poderoso, misterioso e assustador. Comecei a achar que fizera tudo errado ao tentar interferir em algo que não conseguiria controlar.

— Então me explique — pedi, sentando ao lado dela na cama. — Eu quero entender.

— Você só está sendo boazinha para me convencer a ir à festa.

— Não estou, não. Mas não consigo acreditar que isso aconteceu tão rápido e fez você mudar tanto. Sinto que está muito distante de mim, e que não posso mais contar com você.

— Lembra como se sentiu da última vez em que estávamos no Outro Reino, quando perdeu Gogu? Quando realmente achou que ele havia sido esmigalhado na clareira, mas não teve coragem de dizer em voz alta?

Eu assenti, surpresa ao ver que ela tinha percebido, pois parecera inteiramente absorta por suas próprias preocupações.

— Multiplique isso por mil e vai entender como eu me sinto quando penso em nunca mais voltar a ver Triste. É a sensação mais horrível do mundo, como se alguém arrancasse um pedaço do meu coração.

— Mil? Não é um pouco de exagero?

Eu não acreditava que jamais sentiria algo pior do que a angústia que sofri naquela noite. Gogu era meu companheiro constante; um companheiro diferente, era verdade, mas não menos amado por isso. E eu já o tinha há mais de nove anos, enquanto Tati acabara de conhecer Triste.

— Bem, afinal de contas, Gogu é um sapo, e Triste é um homem.

Fiquei feliz por ter deixado Gogu com Paula, pois tinha certeza de que ele se sentiria ofendido com essa frase, embora ela fosse só uma meia-verdade.

— Aí é que está, não é? Triste não é um homem. Quero que você me responda uma coisa, Tati.



— O quê?

— Você já perguntou para Triste se ele é um Ser da Noite?

— Nós já falamos sobre isso, é claro. Mas ele não podia me dizer.

— Não podia? Como assim?

— Ele não pode falar sobre isso. Não sei por quê. Mas parece que é proibido. Ele quer, mas não consegue. Ele é tão sozinho, Jena.

— Eles são todos assim. Tadeusz disse “sempre vagamos sozinhos”. Talvez a mãe de Triste tenha sido uma humana — eu disse, estremeçando. — Uma vítima. Mas em vez de morrer, como aquela menina, ela virou um deles.

— Ele não é como os outros Seres da Noite, Jena. Ele é muito doce e atencioso.

— Isso é para fazer você gostar dele.

Ser doce e atencioso era o que melhor funcionaria com Tati. Já para mim, Tadeusz oferecera a possibilidade de conhecimento além da minha imaginação. Ele também me elogiara, e eu fora forçada a admitir que tinha gostado. As palavras de admiração dele haviam acordado algo em mim, feito com que eu me desse conta de que gostaria de ser uma menina linda. Tadeusz soubera como me tentar, e Triste sabia como atrair Tati.

— Tati, sobre o que você e Triste conversam? Vocês têm alguma coisa em comum?

Tati sorriu.

— Nós falamos de tudo. E de nada.

— De tudo? Mas você nem sabe me explicar o que ele é. E os dentes dele? Você os viu bem de perto. São iguais aos nossos?

Tati hesitou.

— E então? — insisti.

— Não exatamente — disse ela com certa relutância. — Eles são um pouco estranhos. Triste tem muita vergonha deles. Mas eles não são presas.

— Os dentes de Tadeusz também não são presas, mas tenho certeza de que ele é um Ser da Noite.

— Jena, eu e Triste não estamos de brincadeira. Faça o que quiser. Dê sua festa. Deixe que tia Bogdana me mostre os rapazes que ela considera ideais para mim. Proíba-me de ir ao Outro Reino. Mas vou encontrar Triste de qualquer maneira, mesmo sem saber como. Ou ele vai me encontrar. Vamos ficar juntos de qualquer jeito, e não há nada que você possa fazer para impedir.

— Mas Ileana pode — eu disse, aterrorizada com tanta certeza. — Se ela expulsar os Seres da Noite, você não vai conseguir encontrá-lo.

— Eu vou encontrá-lo. Onde quer que ele vá, não importa para quão longe ela o mande, nós vamos nos encontrar.

Foi então que eu notei o que Tati estava usando em volta do pescoço: um cordão muito fino, negro, que era na verdade apenas um fio de linha, com um pequeno amuleto pendurado. Eu jamais o vira antes.

— O que é isso? — perguntei, intrigada.

Tati cobriu o amuleto com a mão rapidamente.

— Mostre, Tati.

Devagar ela retirou os dedos, revelando um pedaço de vidro em forma de lágrima, vermelho como sangue, contrastando com sua pele muito branca.

— Foi ele quem lhe deu isso?

Mas era uma pergunta tola. Aquilo era a cara de Triste.

— Nós trocamos.

— Vocês trocaram? E o que você deu em troca?

— Minha corrente de prata — disse Tati num sussurro.

— A corrente da mamãe? Você deu?

Fora um presente que papai dera para sua namorada no dia em que ela concordara em se casar com ele. Mamãe a usara todos os dias até morrer. Creio que meu horror ficara aparente em minha voz. Tati se afastou de mim com certo temor, mas seus olhos não deixaram de me encarar.

— Eu sou a mais velha — disse ela. — Era minha, e eu podia dá-la a quem quisesse.

# Capítulo 8

Meu projeto subitamente criou asas e passou a envolver toda a comunidade. Tia Bogdana ficou nos bastidores, deixando claro que era eu quem estava no comando e que o propósito da festa era dar coragem ao vale naquele momento difícil. Ela obrigou Cezar a me dar dinheiro suficiente para servir um jantar magnífico, contratar músicos e pagar ajudantes. Como minha tia previra, todos ficaram felizes em participar dos preparativos em troca de um pequeno pagamento em dinheiro, madeira ou comida, contanto que não precisassem estar fora de casa após o cair da noite

Enquanto limpávamos os cômodos do castelo para acomodar os visitantes, planejávamos o cardápio do jantar e enviávamos os convites para a festa, a terrível caçada aos Seres da Noite continuou. Cezar reunira um bando de homens de ar feroz para acompanhá-lo em suas excursões, sendo que muitos deles não eram da região. Petru voltara a cuidar da fazenda, murmurando um dia na mesa do café que estava cansado de andar para lá e para cá atrás de criaturas misteriosas. Nem eu nem ele mencionamos as cercas consertadas.

Papai não mandara nenhuma notícia, e até mesmo Gabriel parara de escrever. Eu estava

sentada no escritório dele com Gogu, olhando sua cadeira vazia e me perguntando se a idéia de fazer uma festa na Lua Cheia fora um erro terrível. Será que eu decidira levar aquilo adiante só para me proteger do perigo que meus desejos traziam? Um único pensamento errado poderia fazer com que Tadeusz batesse à minha porta na Lua Nova. A parte mais perturbadora de seu convite fora a idéia de que meramente querer algo, mesmo que por um momento de descuido, poderia fazê-lo acontecer. Eu não conseguia parar de me lembrar da voz dele, embora soubesse que estava cometendo um erro terrível.

Havia um problema extra com o qual lidar: Cezar se mudara para Piscul Dracului. Ele ordenara que Florica preparasse o quarto de papai para ele, Daniel e Razvan, afirmando que era muito mais fácil coordenar a caçada dali do que de **Vârful**. Além disso, dissera ele, estava preocupado conosco. Precisávamos de homens no castelo, de protetores. Tia Bogdana tinha muitos empregados leais, e poderia passar sem sua presença.

— Não temos privacidade nenhuma, Gogu — eu disse, cruzando os braços em cima da mesa de papai e deitando minha cabeça sobre eles. — Sempre que me viro, esbarro num deles. E Florica está tendo de trabalhar mais, além de estar cuidando dos preparativos para a festa. Quero escrever para papai de novo, mas não posso contar um monte de mentiras. E também não posso contar que Cezar está invadindo o castelo aos poucos, que todos no vale estão apavorados, que eu não estou mais cuidando dos negócios e que Tati se apaixonou por um... sei lá o que ele é. As coisas não poderiam estar piores.

*Esqueceu de um item nessa lista de desastres. Você deu ouvidos àquele monstro de botas pretas. Deixou que ele bajulasse você. E quer vê-lo de novo, eu sei.*

Levantei a cabeça e encarei meu sapo com raiva.

— Isso mesmo — eu disse —, vá em frente, faça com que eu me sinta ainda pior. Quase aceitei um convite para fazer algo muito idiota. E uma menina morreu, provavelmente por causa disso. Eu penso nisso todos os dias, apesar de não dizer em voz alta. Se pudesse voltar no tempo, apagaria aquela noite por completo.

Gogu não respondeu. Talvez ele soubesse que eu estava precisando me esforçar muito para não pensar na Lua Nova, que ia chegar em poucos dias.

— Vamos precisar esvaziar o estoque. Isso significa que as mercadorias de Salem bin Afazi vão ter de ficar no celeiro até depois da Lua Cheia. Precisamos mover tudo assim que parar de nevar. Será que tia Bogdana tem algumas tapeçarias para me emprestar, para que eu possa cobrir os piores buracos das paredes daquela sala? Vai fazer um frio danado lá dentro. Você está preocupada, mas não é com as tapeçarias.

— Não, estou preocupada comigo mesma. Com a fraqueza que demonstrei. Com os outros erros que posso cometer. Com tudo que depende de mim.

*Sua festa maravilhosa não vai resolver tudo isso?*

Encarei Gogu e meus olhos começaram a se encher de lágrimas. Ele parecia tão amargo.



— Você podia me apoiar um pouco mais, Gogu.

*Não ligue para mim. Sou só um sapo. Pode chafurdar na sua autocomiseração.*

— Que história é essa de “sou só um sapo”? Você é meu melhor amigo no mundo, e sabe muito bem disso.

*Vá experimentar seu vestido de festa e decorar seu salão.*

Levantei-me, suspirando. Gogu vinha agindo de forma muito estranha ultimamente. Eu não conseguia entender se aprovara ou não a idéia da festa. Mas ele certamente andava perturbado. Talvez aquela conversa de casamento houvesse deixado-o preocupado com seu próprio futuro.

— Não estaria organizando essa caça a maridos se pudesse evitar — eu disse. — De qualquer maneira, eu jamais me casaria com alguém que não gostasse de sapos. Você sempre vai morar comigo. Juro, Gogu. Pare de fazer essa cara emburrada.

Gogu não respondeu. Ele vinha permanecendo em silêncio por períodos cada vez mais longos, como se fechasse as cortinas de sua mente para mim. Aquilo me preocupava.

“Vá experimentar seu vestido de festa.” Isso era outra chateação. Tia Bogdana insistira em afirmar que nós cinco precisávamos de roupas novas para a ocasião. Não havíamos contado que já tínhamos um vestido cada uma, pois achamos que isso poderia levantar suspeitas. Assim, concordamos em deixar que sua costureira trabalhasse pra nós, usando tecidos que nossa tia selecionara em seu próprio estoque, que era vasto. Mas nossa primeira prova não fora muito boa.

— Não precisa nos criticar por usar roupas elegantes, Gogu — eu disse a ele enquanto descíamos as escadas do escritório. — Tia Bogdana vai nos obrigar a vestir o que é mais apropriado.

Era uma pena que nenhuma de nós houvesse gostado de seu vestido, mas não podíamos discutir, pois era Cezar quem estava pagando tudo. O de Stela era de renda branca com um laço de fita vermelho, “um vestido de bebê”, segundo ela. O tom de rosa do vestido de Paula a deixava com cara de doente. A beleza natural de Iulia ficara bem menos acentuada no vestido discreto que tia Bogdana escolhera para ela, de cor cinza-clara com a gola bem alta e mangas longas e estreitas. Iulia afirmara que aquele era o vestido mais sem-graça que já vira, e eu havia sido obrigada a concordar com ela.

Ficara óbvio que nossa tia queria que eu e Tati aparecêssemos mais do que as outras na festa. O vestido de Tati era azul-claro com fios prateados, e tinha a cintura alta e uma enorme cauda. A cada prova a costureira o apertava mais, franzindo o cenho sem entender por que minha irmã parecia estar desaparecendo. Tati vinha comendo muito pouco. Durante as refeições, ela só brincava com a comida e olhava para o nada. E não estava fazendo a menor questão de esconder sua falta de entusiasmo com o vestido, a festa e tudo o mais.

Tia Bogdana decidira que eu ia usar vermelho-escuro. O tecido era suntuoso e o corte do vestido era bonito, embora ele revelasse mais do que eu gostaria. Era a escolha ideal para atrair os homens, mas errada para mim. Eu sabia que Gogu não gostava dele, e talvez houvesse sido por isso que fizera aquele comentário. Não havia aquele tom de vermelho nas cores da floresta, nem mesmo nas folhas mais vividas do outono. Eu gostava mais de cor de ferrugem, azul-escuro, ou dos milhares de tons de verde existentes na natureza. Mas não importava. Era apenas uma noite. Precisava me certificar de que poderíamos fazer os retoques finais nós mesmas, para que eu tivesse tempo de costurar um bolso para o meu sapo. Tinha a impressão de que ia precisar mais do que nunca do meu conselheiro naquela Lua Cheia.

Fui até o depósito, pensando qual seria a melhor maneira de mover os engradados, fardos e carpetes enrolados que havíamos colocado ali à custa de tanto suor. Ao virar uma esquina do corredor, estaquei. As enormes portas duplas do aposento estavam abertas. Diversos homens estavam pegando o precioso carregamento de Salem bin Afazi das prateleiras e colocando-o no pátio.

— O que vocês estão fazendo? — perguntei, furiosa. — Quem deu permissão para tirarem isso daí?

Os homens me olharam, mas não pararam de trabalhar. Fui até o pátio, onde uma neve fina estava caindo. Se os tecidos do carregamento se molhassem, perderiam o valor. E nós havíamos tomado tanto cuidado na hora de guardá-los.

Uma enorme carroça estava parada bem na entrada do depósito, atada a quatro cavalos

que esperavam pacientemente para começar a puxá-la. Cezar dava ordens a um número cada vez maior de homens que colocava sem parar as mercadorias no veículo. Vi que os itens do carregamento estavam sendo empilhados na carroça entre camadas de um tecido impermeável, que servia de proteção. Afinal de contas, Cezar era um mercador e reconhecia que aquela carga era preciosa. Mas isso não mudava o fato de que ele estava levando tudo embora sem me consultar. Por que eu ficara tanto tempo pensando nos meus problemas sentada no escritório de papai?

— Cezar, o que é isso? — perguntei com raiva. — As mercadorias só precisam ser levadas até o celeiro. Por que a carroça? Por que ninguém me disse que isso ia acontecer?

Meu primo ficou um pouco vermelho e me tirou rapidamente dali de perto.

— Jena, por favor, não fale assim comigo na frente dos meus empregados. Guarde seus guinchos para os momentos de privacidade.

*Guinchos? Que coisa ofensiva!*

— Essa casa e esse carregamento pertencem ao meu pai, Cezar. Eu falo o que quiser. O que você pensa que está fazendo?

— Você está me insultando.

— Só quero uma resposta direta.

— Achei que fosse ficar contente. Anda tão pálida e cansada. Essa festa que você inventou de fazer na Lua Cheia está lhe dando trabalho demais, especialmente numa época tão assustadora.

— Responda a minha pergunta — respondi, rangendo os dentes.

Os homens estavam tirando os itens quebráveis do estoque agora: os vidrinhos de perfume, as xícaras de porcelana. Estava tudo indo para a carroça.

— Só quero ajudá-la. Precisa tirar o carregamento daqui para poder dar a festa, não precisa? Ele vai para o depósito de **Vârful**. Tem bastante espaço lá. Assim, vai ficar bem mais fácil vendê-los quando o tempo melhorar. Pode deixar que eu cuido de tudo. Vou conseguir bons preços para você, Jena.

Ele estava agindo como se papai já estivesse morto, como se ele fosse o patriarca da família. Mas eu não ia permitir.

— Não sei se você vai mesmo conseguir o melhor preço, ou se vai repassar todo o lucro para nós. Papai pediu que eu cuidasse desse carregamento. Ele é muito especial. E eu sei que ele prefere que não seja vendido até sua volta.

— Eu sou um mercador, Jena — disse Cezar contraindo os lábios, obviamente ofendido. — Faça-me o favor de reconhecer que sei o que estou fazendo. Pode aceitar minha ajuda. Se aprender a cooperar, vai ser melhor para nós dois. Não que eu não goste de ter uma briguinta com você de vez em quando, mas já está virando uma mulher. Concentre-se em organizar sua festa. Minha mãe me disse que está se saindo muito bem. Estou ansioso para vê-la de vestido novo.

*Que nojo.*

— Isso é muito arrogante de sua parte, Cezar. Papai quis que eu ficasse responsável pelos negócios dele, e espero que você ao menos me consulte antes de tomar qualquer decisão importante. Acho que essa caçada aos Seres da Noite confundiu sua cabeça. Talvez devesse se concentrar nela, e deixar que eu cuide das mercadorias de papai.

Antes mesmo de terminar meu pequeno discurso eu já havia me arrependido de tê-lo começado. Cezar estava me olhando com fúria, e sua irritação se transformara em algo bem mais amedrontador.

— Já que você aparentemente não quer fazer nada além de enumerar as deficiências do meu comportamento — disse ele, abaixando a voz para não ser ouvido pelos carregadores, que estavam amarrando com cordas as mercadorias na carroça —, deixe-me retribuir o favor, prima. Vamos falar das cercas que foram consertadas, segundo você, por homens que estavam passando pela região. Falei sobre isso com Petru, felicitando-o por ter encontrado trabalhadores tão eficientes. Ele não sabia de nada, e achava que o trabalho ainda precisava ser feito. Foi tudo muito rápido, não foi, Jena? Parece que o conserto foi feito da noite para o dia, por assim dizer. Alguém esteve aqui em Piscul Dracului, e você escondeu isso de mim.

Rezei para que minha expressão não me traísse. Eu não estava preparada para isso, e não conseguia pensar em nenhuma resposta satisfatória. Petru não me perguntara quem havia feito o conserto. Eu deduzira que ele preferia não tocar no assunto, e não oferecera qualquer explicação.

— Petru estava ocupado quando os homens passaram por aqui — disse, sabendo que precisava responder mais alguma coisa. — E logo depois vocês todos saíram correndo atrás dos Seres da Noite. Não tive chance de contar a ele.

— Saíram correndo?! Você está querendo dizer que perseguir aqueles sugadores de sangue foi um ato precipitado?

— Não, Cezar.

Comecei a tremer e coloquei as mãos nos bolsos para que ele não visse o quanto estava nervosa.

— O que eles fizeram foi horrível — continuei. — Sei que você acredita que caçá-los é o correto a fazer. Muita gente concordaria com você.

— Mas você não? — perguntou ele, incrédulo.

— Não tenho capacidade de julgar. Compreendo esse desejo de vingança, e imagino que a família de Ivona esteja sentindo exatamente isso. Mas o povo diz que é perigoso mexer com os poderes da floresta. Que o mais sábio a fazer é colocar vigilantes nas ruas e amuletos nas portas. Se padre Sandu ainda estivesse aqui...

— Ah, então é isso de novo, não é? Você está ressentida por eu ter reclamado daquele padre maluco, e não consegue ver os fatos de maneira objetiva. Que mesquinharia, Jena.

— Não sou criança, Cezar, como você mesmo parece ansioso por me lembrar sempre que tem a oportunidade. Acho que reagir de uma forma tão violenta pode piorar tudo. É só isso que estou tentando dizer.

Não podia confessar aquilo em que realmente acreditava: que a filha do moleiro fora



morta em pagamento pelo conserto das minhas cercas e que, pelas contas dos Seres da Noite, nós estávamos quites. Fazia sentido, mas era terrível.

— Se nós esperássemos e se todos colaborássemos para proteger o vale, após algum tempo essa ameaça desapareceria. Os Seres da Noite iriam embora. É sempre assim que eles fazem.

Cezar me encarou e, ao ver a desconfiança em seus olhos, tentei desesperadamente despistá-lo:

— Estou preocupada com você — eu disse, colocando a mão sobre o braço dele. — Não é seguro ficar fora de casa no escuro.

Isso não era mentira; nenhum dos membros da caçada estava a salvo. Embora meu primo fosse um tirano, eu não queria vê-lo atacado pelos Seres da Noite ou por qualquer outra criatura que habitasse a floresta no escuro. Mas não mencionei que essa era a menor das minhas preocupações.

A mão de Cezar cobriu a minha. Aquilo me fez lembrar vividamente do toque dos dedos gelados de Tadeusz e da sensação que eles me haviam causado. Sem querer, estremei.

— Lamento por ter aborrecido você, Jena. — disse meu primo num tom mais suave, do qual eu gostava ainda menos. — Acredite, não me dá prazer algum precisar repreendê-la. Suas preocupações me perturbam. E quanto aos Seres da Noite, não tenha medo por mim. Sou um caçador experiente. Nós vamos encontrar esse malfeitor, tenha certeza. Se a sorte nos sorrir, o teremos como prisioneiro antes da Lua Cheia.

Aquela foi uma época estranha em Piscul Dracului. De um lado, os preparativos para nossa festa caminhavam a todo vapor. Inúmeras mulheres subiam a colina que dava no castelo todos os dias para ajudar Florica a fazer a faxina e a comida, ou para emprestar algum utensílio de cozinha ou uma toalha de renda que serviria para cobrir uma prateleira velha. Inúmeros ruídos vinham da cozinha. Lá embaixo, na aldeia, a banda aproveitava cada segundo para praticar um pouco mais.

Em contraste, a cada anoitecer o grupo de Cezar ia na direção da floresta vestido com capas de lã, chapéus de pele e botas pesadas. Alguns estavam armados com arcos ou facas, enquanto outros levavam ferramentas de fazenda ou forja; sabia-se que o povo do Outro Reino temia o ferro. Os caçadores voltavam de manhã e estavam sempre congelados, exaustos e, até agora, de mãos vazias. Eu torcia para que continuasse assim, pois meu coração me dizia que derramar mais sangue mergulharia todo o vale no caos e na escuridão. Talvez houvesse sido esse o objetivo dos Seres da Noite: deixar sua marca terrível na corte de Ileana e em nossa pacífica comunidade.

Cezar e seus amigos dormiam durante a manhã. Era o único momento em que não tínhamos a imensa presença deles dominando o castelo e nos impedindo de conversar normalmente. A festa e a caçada não pareciam duas coisas que podiam existir lado a lado no mesmo mundo, mas ambas haviam sido criadas para proteger o vale. Eu esperava que nossa celebração fosse ser encarada por Tadeusz e seus capangas como um gesto de desafio ou independência; uma mensagem dizendo que eu não seguiria seus conselhos e que desprezava o que haviam feito.

Tati estava assustadoramente silenciosa. Seu apetite sumira; ela dava todas as desculpas do mundo para não comer, deixando-me muito preocupada. Minha irmã mais velha jamais fora corpulenta e agora estava sobrando dentro das roupas, como se elas houvessem sido costuradas para alguém bem mais saudável. Ela não voltara a tentar me convencer a fazer a travessia para o Outro Reino. Em vez disso, ficava vagando pelos corredores estreitos e escadas tortuosas de Piscul Dracului como um fantasma. Quando conseguia escapar dos olhos atentos de Cezar e seus amigos, ia dar longas caminhadas solitárias na floresta, e voltava tremendo de frio, com as botas e a barra do vestido encharcadas e com uma expressão desesperada nos olhos, uma mistura de tristeza e fúria. Eu passara a aguardar sua volta para poder ajudá-la a entrar no castelo sem que Cezar percebesse.

Dois dias antes da Lua Nova, tia Bogdana veio nos fazer uma visita com sua costureira, e nós nos reunimos na sala de jantar após o café para mais uma prova dos vestidos. Iulia estava parada em cima da mesa fazendo uma careta enquanto a mulher ajeitava a barra de seu vestido cinza-claro. Ela tentou alargar um pouco a gola alta, tentando ver se conseguia deixá-la menos discreta.

— Iulia, estou vendo que não gostou muito do vestido — disse tia Bogdana gentilmente. — Acredite em mim: não é aos rapazes que se deve impressionar, mas às mães deles. E é impossível fazer isso deixando tudo à mostra, querida. Deixe essa gola em paz, ela está apropriada para uma menina de treze anos. Podemos colocar um laço nas costas. Vai deixar o vestido mais feminino e mostrar melhor o corpo bonito que você tem. Será que poderemos dançar um pouco? Parece-me uma bobagem não fazê-lo por causa de Nicolae, já que ele gostava tanto de dançar.

— Faremos o que a senhora achar melhor, tia — eu disse. A costureira se levantou; ela terminara de ajustar a barra de Iulia.

— Muito bem, Iulia, já acabou — disse tia Bogdana. — Desça daí. Cuidado com os alfinetes. Stela, suba você agora.

Ouvi uma comoção de vozes e passos vinda do corredor. Uma das vozes era de Cezar.

— Vamos comemorar! — gritou ele bem alto, como se estivesse excitado demais para se controlar. — Florica, traga **tuica** quente e comida. Não vamos ficar muito tempo aqui, pois temos de contar a novidade ao juiz Rinaldo. Quem ia imaginar, hein? Eu senti o pescoço magricelo do monstro com as minhas próprias mãos!

— Jena, vá perguntar ao meu filho o que aconteceu — disse tia Bogdana com ar preocupado enquanto ajudava Stela a subir na mesa.

Fui fazer o que ela mandara com o coração aos pulos. Nenhuma de minhas irmãs se ofereceu para ir comigo. Na cozinha, Cezar, seus dois amigos e diversos outros homens estavam tirando camadas e mais camadas de casacos que soltavam rolos de fumaça diante do calor do nosso fogão, enquanto Florica pegava pratos e copos. Estaquei ao chegar na porta. Cezar estava pendurando seu casaco e nossos olhos se encontraram. Com o rosto vermelho e uma expressão de triunfo, ele cruzou o cômodo em poucos passos e pegou minhas duas mãos.

— Dê-me os parabéns, Jena! Fizemos uma captura a noite passada!

Pensei em Tadeusz, tão arrogante e seguro de si; pensei em Triste segurando a capa de Tati para ela. Não fui capaz de articular uma pergunta.

— Sente-se, Jena. Estou vendo que está chocada. Deveria ter dado a notícia de maneira mais gentil. Florica, traga um pouco de água para a senhorita Jenica, por favor.

— O que aconteceu? — perguntei com a voz rouca. — Vocês pegaram um Ser da Noite?

— Não, não era um deles — respondeu Daniel. — Outra dessas criaturas da floresta, um cúmplice. Ele estava vagando por aí, fazendo maldades. Cezar achou que ele pudesse nos levar até os Seres da Noite, dar alguma informação útil.

— E ele teria dado — interrompeu Cezar, claramente querendo contar a história ele mesmo. — Se aquela besta não houvesse decidido nos enfrentar, teríamos podido trancafiá-lo e arrancar o que precisamos dele.

Meu corpo inteiro estava gelado.

— Um cúmplice. — repeti. — Que tipo de cúmplice?

— Um anão. Não há dúvidas de que era da floresta. Ofereci sua liberdade em troca de informações, mas ele nem quis saber. Lutou como um demônio. Mordeu a mão de Daniel e quase arrancou meu olho com a bota. Mas perdeu, é claro.

Anatolie, pensei, em pânico. Mas não podia perguntar “De que cor era a barba dele? Ele tinha diamantes nos dentes? Era um velho amigo meu?”

— Quer dizer que vocês prenderam esse anão? — perguntei.

Minha esperança era que ele pudesse escapar após algum tempo. Mas o que estivera fazendo no nosso mundo numa época tão perigosa? Ao ouvir minha pergunta, Cezar ficou sério.

— Não, Jena. Essas criaturas não se deixam capturar tão facilmente. Usamos diversos métodos para fazer o diabinho falar, mas ele não revelou nada sobre os Seres da Noite ou sobre os portais que ajudam a sair ou a entrar no reino deles. No final das contas, acabou morrendo por causa de seu silêncio. Não havia alternativa. Não podíamos soltá-lo. Esses vermes precisam ser exterminados da nossa floresta. Os que acobertam os criminosos são tão culpados quanto eles.

Eles o haviam matado. Assim, sem mais nem menos, uma criatura perdera a vida devido a um crime que não cometera. Os anões eram pacíficos; eu duvidava que houvessem participado da morte de Ivona. “Diversos métodos.” Será que Cezar estava falando de tortura?

— Não me parece que seja ocasião para parabenizar ninguém — eu disse com a voz trêmula. — Vocês capturaram, torturaram e mataram uma criatura sem saber se ele tinha qualquer responsabilidade pelo assassinato. E não obtiveram qualquer informação. Derramaram ainda mais sangue, e para nada.

Todos ficaram em silêncio. Os homens estavam me encarando sem acreditar no que haviam acabado de ouvir. Florica estava paralisada ao lado do fogão com o bule nas mãos.

— Jena, acho melhor você nos deixar agora — disse Cezar numa voz calma e perigosa. — Estamos cansados, pois trabalhamos a noite inteira. Você precisa de mais algum tempo para digerir o que ouviu. Está assustada e irracional.

— Trabalharam a noite inteira?! Um bando de dez ou onze homens contra um anão? — eu disse, ficando de pé com tanta raiva que deixei que as palavras saíssem numa torrente, sem prestar atenção ao que dizia. — Perdoe-me, mas não posso considerar isso uma vitória.

— Saia agora daqui, Jena! Não vou permitir que palavras como essas sejam pronunciadas neste vale, não enquanto eu for o dono de **Vârful**. Dobre a língua, por favor. Florica, onde está aquela **tuica**?

Uma das coisas mais difíceis que tive de fazer na vida foi contar o que ouvira para minhas irmãs na frente de tia Bogdana, sem saber como elas iriam reagir. Eu estava tremendo de fúria e humilhação após a bronca de Cezar, e horrorizada com o que ele fizera. Tudo o que queria era me esconder em algum lugar com Gogu e chorar como um bebê. Mas meu primo e seus amigos estavam falando alto e animadamente na cozinha sobre a caçada, e iam ficar ainda mais barulhentos após começarem a beber **tuica**. Eu precisava contar a história antes dele, pois assim poderia fazê-lo de forma mais gentil. Foi o que tentei.

— Cezar matou um anão? — perguntou Iulia, a primeira a conseguir emitir um som após o meu relato.

Stela, que congelara de pavor no meio do processo de tirar seu vestido de festa, estava me encarando com olhos arregalados e com o queixo tremendo, prestes a chorar.

— Tia Bogdana, posso levar Stela lá para cima? — perguntou Paula com a voz um pouco trêmula.

— É claro, querida. Seu vestido já está quase pronto. Essa é uma novidade estranha. Não imaginei que Cezar...é muito perturbador.



Gargalhadas vieram da cozinha até nossos ouvidos. Eu olhei para Tati, que estava parada perto da parede, pálida e atônita enquanto o som dos risos entrava pela porta. Então ela se virou e saiu da sala sem dizer palavra.

Acho que Tatiana não está muito bem, Jena — disse minha tia, muito séria. — Ela está tão magra e parece estar sempre com a cabeça na Lua. Será que não é melhor consultar um herborista? Posso recomendar alguém, se você quiser.

— Obrigada, tia. Vou pensar.

Percebi que tia Bogdana estava se dirigindo a mim como se eu fosse a chefe daquela casa, a pessoa que estava no comando. Ouvi a voz de Cezar na cozinha e lembrei do que ele me dissera — palavras que me magoaram, palavras que apenas um tirano diria — e me dei conta de que perdera inteiramente o controle de Piscul Dracului.

Na manhã seguinte, os fazendeiros do vale acordaram como faziam todos os dias e foram ver seus rebanhos. Em cada propriedade, um animal havia sido morto. A escolha da vítima fora arbitrária, mas o método era sempre igual. Numa fazenda fora uma ovelha, em outra um porco. Uma família encontrara seu cão de estimação morto na frente da porta de casa. Alguns haviam tido mais sorte e perdido apenas uma galinha, mas outros encontraram morta a única vaca que tinham, arrimo de muitas famílias. As vacas do vale não eram valorizadas apenas pelo leite que davam na primavera e no verão, ou pelos bezerros que tinham. Na época do ano em que o clima estava mais ameno, elas iam pastar juntas na montanha; um homem ia de casa em casa recolhendo todas, e as devolvia à noite para que fossem ordenhadas novamente. Cada animal conhecia a porteira da fazenda onde morava e a família com quem convivia. Naquela manhã, oito vacas foram encontradas com a garganta cortada. Oito famílias haviam perdido não apenas um animal essencial para sua sobrevivência, mas também uma honrada amiga.

Ficamos sabendo da notícia bem cedo. Ivan veio nos contar, pálido como um lençol. Ele, que felizmente perdera apenas um de seus patos, saiu com Petru para verificar nossos rebanhos. No inverno, a maioria ficava abrigada em dependências perto do castelo, mas nossas ovelhas ficavam num curral às margens da floresta. No celeiro e no estábulo os animais estavam todos bem, exigindo seu café da manhã. Os dois homens foram até o pasto enquanto eu e Iulia alimentávamos as galinhas e os porcos e Paula e Stela ajudavam Florica a fazer pão na cozinha. Cezar e seus amigos ainda estavam dormindo, e estariam famintos quando acordassem. Tati continuava desaparecida.

Ivan e Petru demoraram algum tempo para voltar. O pasto estava coberto de neve, e ao longo do inverno as ovelhas precisavam comer o feno que era levado até lá. Eu fiquei esperando que eles reaparecessem enquanto cortava madeira com mais energia do que o necessário. Cenas de morte e violência me passavam pela cabeça. Não sabia mais se dar uma festa em Piscul Dracului teria qualquer efeito sobre os Seres da Noite. Algo parecia estar acontecendo, algo poderoso demais para ser afetado por um gesto tão pequeno de rebeldia. E, embora eu ficasse apavorada ao pensar nisso, comecei a me perguntar se devia tomar um caminho diferente para impedi-lo. Hoje era Lua Nova. Se eu fosse até o Outro Reino, será que conseguiria mudar alguma coisa? Se eu olhasse no espelho de Draguta, será que descobriria os segredos do futuro e poderia modificá-lo? Mas talvez eu estivesse me enganando, fingindo que meus motivos eram altruístas enquanto na verdade era uma tentação sombria que me atraía.

*Jena.*

Gogu estava sentado num toco de árvore, estremeando a cada vez que meu machado cortava um pedaço de madeira. Eu estaquei.

— O que foi, Gogu?

Subitamente me dei conta de que poderia ter sido ele, que eu poderia ter acordado e encontrado-o morto ao meu lado no travesseiro, assassinado com a mesma frieza do que os outros animais.

*Conte para mim o que você está pensando.*

— Não posso. Você vai ficar zangado.

*Conte. Eu sou seu amigo.*

— Estou com medo. Tudo o que quero é ser uma covarde completa e me esconder de tudo isso. Podemos parar de visitar o Outro Reino para que ninguém descubra nosso segredo. Podemos dar nossa festa e fingir que não temos medo dos Seres da Noite. Mas não acredito que só isso seja suficiente para consertar tudo. O povo de Ileana não mataria os animais desse jeito. Ela mesma disse que eles não gostam de interferir no rumo dos acontecimentos quando eu falei que alguém poderia punir Cezar. Os súditos dela respeitam a vida, e não matam de forma arbitrária. Foram os Seres da Noite que fizeram isso. Mas não foi uma vingança pelo anão, pois ele não era um deles. É Tadeusz, ele está jogando uma espécie de jogo. E pura maldade e malícia para causar medo nos outros. Tenho certeza de que é culpa minha. Se eu

não houvesse permitido que ele me enfeitiçasse...

Eu ainda me lembrava da voz sedutora dele, e sua suavidade negra ainda me atraía, contra toda a minha vontade. *O que você está planejando?*

— Nada — respondi.

Mas estava mentindo, e achei que Gogu sabia.

Quando Petru e Ivan voltaram ao castelo com o ar muito grave, pensei que iam me dizer qual animal havíamos perdido. Mas eles tinham contado o rebanho três vezes, e todas as nossas ovelhas estavam vivas. Aparentemente, Piscul Dracului passara imune pelo massacre. Talvez, disse Petru, o mesmo houvesse ocorrido em outras fazendas; algumas eram distantes demais e ainda não havia qualquer notícia delas.

Antes do final do dia, juiz Rinaldo convocou uma reunião na aldeia. Cezar e Petru foram, e eu fiquei apavorada com a notícia que trouxeram. De todas as fazendas do vale inteiro, a nossa era a única que não havia perdido um animal. Piscul Dracului recebera uma proteção especial. Não tinha a nada a ver com a diferença entre castelos e cabanas que fazia com que ricos e pobres fossem tratados de forma diferente, pois **Vârful** perdera uma ovelha.

Cezar estava enlouquecido de raiva. Algumas pessoas haviam exigido saber por que logo a nossa propriedade, que ficava tão perto da floresta, havia sido poupada. Um homem muito idoso murmurara algo sobre Piscul Dracului ser um lugar muito misterioso, cheio de perigos ocultos e passagens secretas. Petru o chamara de velho caduco, mas o estrago já fora feito. A história se espalhou, e foi aumentando cada vez mais. Alguém sugeriu que o motivo de o castelo haver ficado vazio por tanto tempo era o fato de que ele escondia uma espécie de entrada, um portal através do qual os dois mundos se encontravam.

Cezar reuniu todos na cozinha: nós cinco, Florica e Petru. Razvan e Daniel estavam perto da porta com um ar constrangido, e pareciam ter sido colocados ali para impedir que escapássemos. Talvez Cezar houvesse se esquecido de que aquela era nossa casa.

— Estou muito insatisfeito — disse ele. — Profundamente perturbado com o que aconteceu e com o que o povo anda dizendo. Se eu acreditasse que um de vocês está escondendo alguma coisa, que não estão revelando informações que poderiam me ajudar a capturar esses assassinos, eu iria...

Ele parou de falar por um momento, então voltou-se para Florica e seguiu em frente:

— Você já trabalha aqui há anos, Florica, desde a época do antigo dono. Existem mesmos passagens secretas e portas ocultas neste castelo? E não diga que não sabe.

O tom dele era assustador. Florica empalideceu e se afastou dele. Petru colocou a mão no ombro dela.

— Cezar — eu disse — você não tem o direito de interrogar Florica como se ela fosse uma criminosa.

Cezar franziu o cenho e seu rosto se tornou uma máscara de ferocidade.

— Vou fazer tudo o que for preciso para expulsar essa ameaça de nossa floresta, Jena. Ligações pessoais e antigas lealdades precisam ser deixadas de lado quando a vida das pessoas está em risco. Você não viu a criatura que capturamos. Eles são todos do mal, até a alma. E eu me recuso a ser alvo das fofocas maldosas desta comunidade. Não vou permitir que acusações como essas manchem minha reputação. Se houver um pingo de verdade nelas, quero saber de tudo agora. Sou o chefe desta família enquanto seu pai estiver ausente. Talvez vocês não compreendam bem o perigo que estamos enfrentando. Mas devem entender o que rumores assim podem fazer. Se o povo ligar vocês cinco a esse tipo de histórias, jamais conseguirão se casar com alguém que preste. Ninguém quer uma mulher com fama de bruxa.

Paula ia dizer algo, mas eu a silencieei com o olhar. Qualquer comentário dela poderia inflamar ainda mais a situação. No meu bolso, Gogu estava tão furioso que parecia emitir vibrações.

— Cezar — eu disse —já que você se preocupa tanto com as aparências, posso sugerir que nós discutamos isso de forma privada, só eu e você, acompanhados por uma de minhas irmãs? Não quero vê-lo mandando e desmandando em Florica e Petru.

A expressão no rosto de Cezar estava tranqüila. Sua raiva fora suprimida, mas seus olhos ainda mostravam algo muito perigoso.

— Minha intenção era falar com todos vocês juntos, mas mudei de idéia. Vou ver um de cada vez, começando por Stela. Sozinha. E vamos fazer isso agora, antes que vocês possam combinar uma história qualquer.

— Está acusando minhas irmãs de mentirem? — perguntou Tati.

Todas olhamos para ela, surpresas. Ultimamente, minha irmã mais velha não vinha participando muito de nenhuma conversa. Ela decerto conseguira chamar a atenção de Cezar, que a encarou e apertou os olhos como se quisesse vê-la melhor. Talvez aquela fosse a primeira vez que ele percebia o quão pálida e magra Tati estava, e o quanto ela mudara.

— Não posso responder isso até ouvir o que têm a dizer — disse ele.

— Você não vai conversar com Stela sem uma de nós por perto — afirmei. — Ela só tem cinco anos. E essa casa ainda é de meu pai. Você não é chefe de nada, Cezar. Não enquanto ele estiver vivo.

Respirei fundo, tentando manter a calma.

— Stela já devia estar na cama — continuei. — É completamente fora de propósito sujeitá-la a isso a esta hora. Você pode falar com ela amanhã, na minha presença; ou, melhor ainda, com a presença de tia Bogdana também. Vamos ver se você está preparado para nos intimidar na frente da sua mãe.

Cezar levantou a mão, preparado para me dar uma bofetada. Minhas irmãs soltaram uma exclamação de horror em uníssono. Então, para nossa grande surpresa, Daniel deu dois passos longos, atravessou a cozinha e colocou seu enorme corpo entre mim e meu primo. Cezar abaixou o braço e eu me afastei. Ninguém dissera uma palavra.

— Tati — eu disse —, leve Stela para cama, por favor. Florica, Petru, vocês podem ir dormir. O dia foi muito longo e vocês precisam descansar. Paula e Iulia, por favor, limpem a mesa antes de subir e deixem tudo arrumado para quando Florica for fazer o café.

Cezar se virara de costas para mim, e eu podia ver que estava tenso.

— Obrigada — eu disse a Daniel.



Ele estava parado perto da porta, em estado de alerta. Percebi que nem mesmo um jovem forte como aquele se sentia seguro após contrariar Cezar.

— Não sei se vocês vão continuar a caçada amanhã, Daniel, mas gostaria que você e Razvan me dessem alguns minutos de privacidade para que eu possa conversar com meu primo. Por favor, esperem ali fora.

Eles obedeceram. Minhas irmãs tiraram a mesa rapidamente e levaram a louça para ser lavada e secada na área de serviço. Sabendo que elas estavam ali por perto mas que não poderiam me escutar, aproveitei a oportunidade para falar com Cezar, que ainda estava de costas.

— Você ia mesmo me bater — eu disse com a voz gelada, incapaz de me conter, mesmo sabendo que aquilo poderia deixá-lo ainda mais furioso. — Qualquer homem que tenta fazer tal coisa perde meu respeito imediatamente. Meu pai jamais levantaria a mão para uma mulher, e nem tio Nicolae. Por que você sente tanto ódio?

— Eu não odeio você, Jena — disse Cezar, ainda sem se virar. — Muito ao contrário. Mas você testa minha paciência, às vezes. Sei que quer proteger suas irmãs e seus empregados, e isso é admirável. Mas se um deles estiver escondendo algo... Se um deles houver feito um pacto com essas criaturas... Não posso acreditar nisso, mas preciso me certificar se os rumores são verdadeiros. Se o pior tiver acontecido e alguém de minha própria família houver ajudado esses demônios, preciso usar toda a informação disponível para arrancar esse mal pela raiz e destruí-lo para sempre.

Eu estava com tanta raiva que mal podia falar.

— Você vai ser consumido por esse ódio se não tomar cuidado, Cezar. Eu não entendo. Você mudou tanto que mal posso reconhecê-lo. Sei o quanto a morte de Costi foi terrível para você, mas já faz muito tempo que ela aconteceu. Você tem suas terras para cuidar, uma comunidade para comandar, uma vida para viver. É assustador ter Seres da Noite na nossa floresta. É terrível que Ivona tenha morrido e que tanta gente tenha perdido seus animais. Mas você é um líder. Deveria estar dando um exemplo, não atacando como uma fera ao sentir cheiro de sangue. Não importa o quão cruel tenha sido a perda de seu irmão, ela não devia fazê-lo esquecer do que é certo.

Cezar não respondeu por um longo tempo, apenas se virou e me encarou com enorme mágoa, como se fosse eu quem houvesse acabado de quase bater nele. Finalmente, ele disse:

— Você não entende. Não sabe como é quando alguém lhe oferece uma coisa e faz você acreditar que conseguiu tudo o que queria, para só depois descobrir que foi enganado. Que aquilo que você acreditava ser uma dádiva é uma promessa vazia, fria, inútil. Pagar um preço impossível e receber só ouro de tolo; não há nada mais cruel. Eu, um líder? De jeito nenhum. O povo só me segue porque sou a única opção neste lugar isolado. Sinto muito ódio, mesmo. Quero saber a verdade. E quando souber, vou usá-la para destruir quem me enganou, quem fez a brincadeira mais pérfida do mundo comigo. Vou reduzi-los a pó e então vou arrasar essa floresta para que eles jamais possam voltar a me assombrar. Vou expulsá-los até dos meus sonhos.

— Brincadeira pérfida? — eu repeti baixinho. — Que brincadeira? Do que você está falando?

— Não importa, Jena. Não quero mais falar sobre isso. Amanhã ouvirei o que vocês têm a dizer, um a um. E vou descobrir se alguém estiver mentindo. Não vou permitir que a comunidade seja intimidada pelas forças da floresta, e não vou deixar que a reputação de minha família seja manchada por uma associação com a bruxa Draguta e seus capangas. É ela que está por trás disso, não os Seres da Noite. Foi ela quem fez Costi se afogar. E nunca deixou que eu esquecesse, nem por um segundo. As pessoas pensam que a vida segue após uma tragédia como essa, que a gente se recupera, que nem tudo muda. Mas é mentira, Jena. Eu não me esqueço nunca. E não vou esquecer até tomar uma providência. Até destruí-los completamente.

Iulia e Paula haviam acabado de guardar a louça e estavam me esperando na porta. Graças a Deus pelas minhas irmãs. Eu me esquecia por completo de seus pequenos defeitos quando via que estavam por perto quando eu mais precisava. Envolvi Gogu, que estava dentro do meu bolso, com a mão. Ele estava encolhido de tensão e muito perturbado.

— É verdade, eu não entendo — eu disse. — Sempre acreditei que deveríamos deixar as coisas ruins para trás; não esquecê-las, mas aprender com elas e usar esse conhecimento em nossas vidas. Se você não consegue fazer isso, então não devia culpar Draguta ou o povo da floresta. A vida é sua, e só você pode vivê-la. Vou dormir, Cezar. Se algum dia você tentar me bater novamente, eu contarei ao meu pai e à tia Bogdana. Uma vez eu posso vir a perdoar. Mas se voltar a acontecer, jamais pensarei bem de você de novo.

No silêncio de nosso quarto, Stela estava embrulhada em seu cobertor, quase dormindo. Não havia sinal de Tati.

— Stela? — eu disse, agachando-me ao lado da cama de minha irmãzinha — Onde está Tati?

— Não sei.

— Jena — disse Paula assustada —, a capa dela não está aqui.

Senti um frio no estômago. Lembrei-me da aparência doentia e desesperada de Tati nos últimos dias, das estranhas excursões que fazia até a floresta, da maneira como parecia estar perdida em outro mundo, como se não fizesse mais parte da nossa família. Ela sabia o que Tadeusz me contara, sabia sobre o portal da Lua Nova.

— Acho melhor eu ir ver se ela está bem — eu disse o mais calmamente que pude, com o coração na boca. — Vou deixar Gogu aqui na tigelinha.

Coloquei água na tigela de Gogu. Minhas mãos estavam tão trêmulas que derrubei bastante na mesa.

— Jena, onde é que você pensa que ela está? — perguntou Iulia. — Por que está tremendo deste jeito?

— Não estou tremendo — respondi, tirando Gogu do bolso e colocando-o ao lado da tigela.

*Não, Jena, não!*

— Só não quero que Cezar a encontre vagando por aí. Você viu como ele está nervoso. Vou sair de fininho e trazê-la de volta.

*Jena, não vá, Não faça isso!*

— Hoje é Lua Nova — disse Paula. — Você não acha que Tati vai...

Mas ela não conseguiu dizer em voz alta aquilo que eu mais temia.

— É claro que não — menti. — Ela nem sabe aonde ir. Nenhuma de nós sabe onde é o portal.

Lembrei-me das palavras de Tadeusz: “Chame-me e eu a levarei ao local certo.”

— Preciso ir. Cuidem de Gogu para mim.

*Leve-me com você, Jena! Não vá sem mim!*

Abri a porta antes que Gogu pudesse pular no meu ombro, pois sabia que se o tivesse nas mãos não conseguiria deixá-lo no quarto.

— Não vou demorar — eu disse, pegando minha capa no cabide. —Vão dormir. Vejo vocês de manhã.

Eu podia sentir os olhares horrorizados de minhas irmãs quando atravessasse a porta. Ouvi um pequeno baque, que significava que Gogu saltara da mesinha e tentara me seguir. Fechei a porta antes que ele conseguisse alcançá-la. Se Tati fosse mesmo fazer o que eu suspeitava, não havia outra escolha além de ir atrás dela. Mas eu não podia arriscar a vida de meu melhor amigo também.

Eu queria correr, encontrar Tati o mais rapidamente possível, antes que fosse tarde demais. Mas prossegui com cuidado, indo pé ante pé, sem fazer qualquer ruído. Se acordasse Cezar, precisaria inventar uma desculpa para estar fora da cama vestindo minha capa de sair, e seria obrigada a retornar ao quarto sem Tati.

Não havia um mapa a seguir ou qualquer pista que indicasse qual caminho eu deveria tomar. Um instinto que eu não sabia possuir foi me levando, uma escada acima, outra abaixo, para além do escritório de papai, através de um corredor cujo chão rangia, e finalmente até o cômodo que já fora nosso estoque e que agora estava vazio, esperando pela festa da Lua Cheia.

O castelo estava todo escuro. Eu pegara uma vela antes de descer, mas a luz bruxuleante e fraca não iluminava muito bem os recantos sombrios de Piscul Dracului. Atravessei todo o enorme cômodo, com seus pilares que desapareciam no negror da noite e o chão que brilhava de leve à luz de minha vela. Subi por uma escada que havia do outro lado. Ela dava numa galeria construída para os músicos que ficava acima do salão, e numa outra escada que levava até um terraço de onde se podia ver a floresta. Como era noite de Lua Nova, seria impossível discernir qualquer coisa.

— Tati, onde você está? — sussurrei. — Por favor, por favor, faça com que ela ainda esteja aqui...

A porta que dava no terraço estava entreaberta e a corrente que a trancava pendia da maçaneta. As precauções de Cezar não haviam adiantado de nada. Atravessei-a e subi mais uma escada, chegando ao terraço de pedra. A noite estava escura como breu, e tão fria que minha respiração congelava assim que deixava meu corpo. Aninhei-me em minha capa,

levantando a vela para tentar, em vão, iluminar meus arredores.

— Tati? Você está aqui?

Alguém se movimentou subitamente na parede onde ficava a sacada. Tati estava parada ao lado do parapeito, com olhos arregalados e assustados e o rosto muito pálido. A capa azul recobria todo seu corpo, e seus pés estavam calçados com sapatilhas. Mas ela não estava sozinha. Ao seu lado havia um vulto alto vestido de negro. Não era Triste. Não era Tadeusz. Aqueles lábios vermelhos, aquela pele branca, aquele porte elegante, pertenciam à mulher dos Seres da Noite: a altiva Anastasia.

— Tati, venha para dentro. Você não pode ir. É perigoso demais. Minha voz parecia a voz de uma criança, débil e inútil. Anastasia sorriu, mostrando seus dentes estranhos e me fazendo sentir um calafrio.

— Dê-me seu braço, Tatiana — disse ela, e sua voz era musical e sedutora como a de seu irmão. — Eu atravessarei com você. Triste está lhe esperando na outra margem. Sua irmã está errada. Não há perigo nenhum. Vocês são mulheres agora. Têm direito a isso.

— Não! — exclamei. — Tati, não!



Eu podia ver o anseio nos olhos de minha irmã, um anseio que ficara ainda mais profundo quando ela ouvira o nome de Triste. Quanto a mim, eu também queria seguir em frente, obedecer Anastasia e ir até onde ela comandasse. Desejava muito atravessar o portal. Queria o conhecimento que ele podia me proporcionar. Aquilo que Anastasia dissera sobre ter direito a ele me acalentara. No mundo dela, não existiam homens como Cezar para desprezar minhas aspirações e minha busca por independência.

— Venha conosco, Jenica — ronronou Anastasia. — Meu irmão quer lhe mostrar o espelho. Ele está bem ali, do outro lado. Venha, pegue minha mão.

Eu hesitei, lembrando da pequena e sábia voz de Gogu protestando veementemente. *Não, Jena!* Ele jamais estivera errado antes.

—Você está indecisa — disse ela com desdém. — É medrosa como uma velha. Venha, Tatiana.

E, diante de meus olhos, Tati deu o braço a Anastasia e elas se afastaram, penetrando na escuridão. O portal podia estar em qualquer lugar. Elas podiam simplesmente ter desaparecido, e minha irmã podia jamais retornar. Imaginei-a pálida e sem vida como Ivona, com a marca lívida de uma mordida no pescoço. Respirei fundo e me atirei atrás das duas.

# Capítulo 9

A vela se apagou e eu fiquei cega. Cambaleei pelo terraço, esperando alcançá-las antes que estivessem fora do meu alcance. Subitamente, percebi que já andara demais... deveria haver uma parede ali. Apalpando a escuridão à minha frente, toquei algo gelado como o inverno: a mão de alguém, com dedos finos e unhas longas. Agarrei-a com toda força, mal conseguindo respirar. Um segundo depois nós estávamos caindo, caindo tanto que eu sabia que, quando chegássemos ao chão, nos transformaríamos numa massa de carne e ossos quebrados. Tentei gritar, mas não pude emitir nenhum som. Ouvi à minha volta os gorjeios de estranhos pássaros formando uma lúgubre melodia noturna. Fechei os olhos, esperando pelo momento em que meu corpo seria feito de pedaços.

Mas pousei devagar no solo. Senti uma superfície macia sob meus pés. Ouvi uma música suave ao longe. Abri os olhos.

Estávamos às margens de **Taul Ielelor**, no caminho que dava na Clareira das Danças. Lá estava a avenida ladeada de imensas árvores que levava até a clareira e a pequena praia de areia onde nossos barcos atracavam. O lago estava congelado. Sua superfície não brilhava

como sempre, mas parecia negra e sinistra sob as sombras dos carvalhos. Ainda havia luzes penduradas nas árvores, mas suas formas eram diferentes. Em vez de besouros, pássaros e borboletas, hoje elas eram criaturas bizarras: uma barata com dentes protuberantes; uma criança com membros atrofiados e expressão terrível no rosto; um crânio; e uma maçã cheia de vermes. A luz que elas emitiam era fraca e estranha, e dava à paisagem um tom roxo-esverdeado. O rosto branco de Anastasia parecia cadavérico, e Tatiana estava claramente apavorada. Eu engoli em seco e larguei a mão gelada de minha guia, tentando dizer qualquer coisa. Não podia brigar com Tati por sua fraqueza, pois sentira o mesmo desejo de vir até aqui. Ele pulsava em meu sangue mesmo agora, enquanto eu seguia as duas até a clareira de Ileana.

Obrigui-me a permanecer em silêncio. Não queria perguntar onde estava Tadeusz, e nem onde estava o espelho de Draguta. Não parecia muito sábio deixar que os Seres da Noite descobrissem que eu queria muito qualquer coisa que eles tivessem a oferecer. Torci para que Ileana estivesse aqui como sempre e para que eu pudesse reiterar meu pedido, já que parecia que todo o vale fora envolto numa escuridão malévola. Decidi que iria implorar que expulsasse os Seres da Noite dali. E se a rainha da floresta risse da menina humana que ousava interferir em assuntos tão grandiosos, eu não me importaria.

Tentei pegar o braço de Tati para que ela ficasse ao meu lado, pois pude ver em seus olhos que minha irmã não me ouviria se eu lhe pedisse que tomasse cuidado. Mas Anastasia estava correndo com ela. Eu precisaria ficar muito atenta, pois só assim teria certeza de que conseguiria levar Tati a salvo de volta para casa. Nossa casa. Eu nem sabia como íamos chegar lá. Anastasia não parecia ser o tipo de criatura que se prestaria a estalar os dedos e nos transportar de volta assim que estivéssemos cansadas. Não havia qualquer barco na margem do lago. Mas não havia problema: na clareira eu encontraria pessoas que conhecia e que me ajudariam.

— Onde está Triste? — perguntou Tati. — Você disse que ele estaria logo aqui do outro lado. Mas não há sinal dele. Você mentiu para mim! Onde ele está?

Anastasia estava andando rapidamente e os saltos de suas botas afundavam no solo úmido.

— Paciência, paciência, Tatiana. Ele vai chegar. Está esperando por você. Anseia por você. Vou levá-la até ele.

E ela foi arrastando Tatiana com tanta velocidade que eu estava quase correndo no esforço de acompanhá-las. As árvores pareciam estender longos dedos quando passávamos por debaixo delas, dedos ásperos e vorazes que se prendiam em minha capa e nos cabelos de Tati. Minha irmã desembaraçou-se deles, estremeando.

— Andem logo! — disse Anastasia, sem qualquer traço de beleza na voz. — Vocês são lentas demais!

Ao chegar perto da clareira de Ileana, nós estacamos. Lá havia inúmeros dançarinos como na Lua Cheia, mas eles não eram familiares. Não discerni a figura alta de Grigori, ou o grandalhão Sten, ou o pequenino Ildephonsus. Não vi a elegância da rainha da floresta ou os cabelos dourados de seu consorte. Em vez deles, criaturas estranhas saltavam e se remexiam na grama. Havia Seres da Noite entre elas, mas também muitas que pareciam ser metade animal e metade homem ou mulher: um corpo humano com a cabeça de um javali, uma mulher com a pele coberta de escamas e, aqui e ali, seres com membros atrofiados cujos corpos pareciam estar amassados e que saltitavam numa imitação grotesca de uma dança formal. Mas o que mais me perturbou é que havia humanos em meio à mistura — homens e mulheres cujos rostos não mostravam a alegria que se costuma encontrar nos dançarinos, mas expressões de dor, medo ou loucura.

Vi uma menina que tinha mais ou menos a idade de Paula, com o rosto pálido e muito sério e o corpo franzino. Seu cabelo estava preso com um laço de fita negro e seu vestido era uma réplica do de Anastasia. Ela estava abaixo das árvores na beirada da clareira, observando tudo gravemente. Duas mulheres dos Seres da Noite a cercavam, e minha impressão foi de que estavam ali para impedi-la de fugir. A menina parecia vagamente familiar, e vê-la naquele local tão estranho me deixou muito inquieta; alguém tão frágil e inocente decerto não pertencia àquele lugar. Vi que a menina estava olhando para um grupo de pessoas entretidas com uma espécie de jogo no qual usavam longos bastões afiados. Eles os jogavam bem alto, competindo para ver quem alcançava um embrulho pendurado num ramo de carvalho. O embrulho estava se contorcendo e lutando para escapar; havia algo vivo ali dentro. Um dos bastões atingiu o alvo, e de lá de dentro veio um grito de dor.

Anastasia continuava a levar Tati para longe.

— Para cá — comandou ela, contornando a clareira.

Eu segui as duas enquanto observava um círculo de Seres da Noite que não estavam dançando, apenas olhando uma figura que dava cambalhotas no meio deles. Era um homem de meia-idade usando uma roupa esfarrapada de pastor — capa de feltro, chapéu de cone — e dançando uma dança grosseira que fazia seu corpo se sacudir como se ele fosse uma marionete mexendo-se contra a vontade. Vi agonia em seus olhos. Ele me encarou e moveu os lábios num pedido silencioso: “Ajude-me!” Mas antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, Anastasia agarrou meu braço e me tirou dali.

— Espere — protestei. — Aquele homem.. o que estão fazendo com ele? E o que é aquilo pendurado na árvore? Os lábios vermelhos de Anastasia formaram um sorriso malicioso.

— Aquele homem e uma mulher humana se perderam — disse ela. — Por que *você* protesta? Nós poupamos as vidas deles. Agora, como muitos outros tolos, eles fazem parte de nossos festejos.

— Mas parecia que aquele homem não conseguia parar. Como se ele fosse forçado a dançar e dançar, apenas para ser zombado pelos outros.

Tentei discerni-lo mais uma vez, mas diversos dançarinos haviam se colocado entre mim e o infeliz.

— Não nos julgue, Jenica. Seu primo torturou um membro do povo de Ileana também, embora não tenha conseguido do nada com isso. Os anões são ridiculamente leais.

— Você pode me dizer qual foi? — perguntei eu, sem poder evitar. — Foi Anatolie?

Ela riu. O som ecoou em meus ouvidos, desdenhoso e cruel.

— E de que me importa? Para mim, eles são todos iguais.

— Onde está Triste? — perguntou Tati, que parara de andar e estava com uma expressão determinada no rosto. — Não vou dar mais nenhum passo antes de vê-lo. Nem eu, nem Jena — afirmou ela, pegando minha mão.

— Isso mesmo — eu disse, tentando encarar Anastasia com firmeza. — Já que você não cumpre suas promessas, nós vamos para casa.

Anastasia riu de novo, e dessa vez os seres que estavam dançando ali perto pararam e ficaram em silêncio. Subitamente nós tínhamos uma platéia, e não havia um rosto familiar sequer nela. Onde estavam nossos amigos?

— Para casa?

Era a voz de Tadeusz. Eu me virei, largando a mão de Tati, e ali estava ele, bem atrás de nós.

— Não vai ser tão fácil, Jenica. Você não poderá cruzar o Elo Negro sem um de nós como guia. Não fique assustada. Não queremos lhe fazer mal. Um pouco de conhecimento, um pouco de diversão, e nós as levaremos de volta. Você me surpreendeu — disse Tadeusz, aproximando-se e tocando meu cabelo. — Não acreditei que fosse ter coragem para vir.

— Não estou aqui porque quero — retruquei, trêmula de pavor. — Estou aqui para ter certeza de que minha irmã vai voltar para casa a salvo. E para dizer a você...

Mas parei no meio da frase. Não parecia ser uma boa idéia exigir que eles deixassem o vale agora, pois eu estava sozinha e cercada de estranhos.

— Preciso comunicar algo a você, mas prefiro fazê-lo em particular — concluí.

Tadeusz deu um sorrisinho que me fez lembrar de Cezar.

— Não quis dizer... — comecei a explicar, mortificada.

— Ah, acho que quis, sim — interrompeu ele com a voz mais aveludada possível, insinuando-se até os mais remotos recantos da minha mente. — Se não quisesse atravessar o



portal, não teria conseguido. Tanto você quanto sua irmã. — Tadeusz fixou os olhos negros em Tati, mas então voltou a me encarar.

— Nós teremos tempo para audiências particulares mais tarde. A noite é longa. Não quer olhar no espelho mágico de Draguta? Quando tiver feito isso, nós teremos milhares de outras coisas para conversar, Jena.

— Não estou interessada no espelho — eu disse.

Do canto do meu olho, pude ver que Anastasia estava ficando cada vez mais irrequieta e impaciente. Ela examinou suas longas unhas pintadas e olhou em torno.

— Vou dizer agora o que quero que saiba. Você e seu povo trouxeram o mal para este vale. Não aceitei sua oferta, mas você cobrou um pagamento assim mesmo; o sangue de uma menina inocente. Foi você quem começou isso. Não pode dizer que só pelo fato de ter desejado algo eu concordei em barganhar com você, pois isso não é justo. O povo do vale já está faminto. É inverno, e as coisas andam difíceis. Matar os animais deles não apenas é cruel, mas também injusto. Nem todos são como Cezar. A maioria compreende a necessidade de compartilhar. Eles entendem que os humanos e o povo da floresta precisam viver lado a lado. Os súditos de Ileana também sabem disso, mas aparentemente vocês não.

— Você me prometeu que eu poderia ver Triste — disse Tati, muito nervosa. — Quero vê-lo agora mesmo. Mostre que ele está bem.

— É claro, Tatiana — disse Tadeusz com uma voz gentil e calorosa que inspirava toda a confiança do mundo. — Vou levá-la até ele. Ele é tímido, você sabe. Não quer aparecer no meio de tanta gente. Por aqui.

— Espere! — gritei, percebendo que passaria a noite correndo e tentando alcançar os outros. — Eu quero ir também!

—Você, por aqui — disse Anastasia.

Ela começou a me levar por um caminho que adentrava a floresta. Tati e Tadeusz haviam desaparecido. Tentei me desvencilhar e encontrar Tati, mas meus pés estavam obedecendo a uma força que eu não controlava, arrastando-me para perto daquela mulher. Eu estava rodeada de maldade, nas garras de um feitiço qualquer. Tentei chamar minha irmã, mas meu grito morreu em minha garganta; só consegui emitir um som estrangulado. Nós penetramos cada vez mais na escuridão enquanto as luzes lúgubres da clareira iam ficando mais fracas às nossas costas.

— Onde estou? — consegui dizer. — Onde estão Ileana e Marin? Por que está tudo tão diferente?

Um medo terrível nasceu dentro de mim. Talvez os Seres da Noite houvessem

modificado o Outro Reino para sempre. Talvez o reinado de Ileana tivesse terminado e todos os nossos amigos houvessem desaparecido.

— Você acredita que há apenas um reino neste local? — perguntou Anastasia, levantando as sobrancelhas como se me considerasse incrivelmente estúpida. — A Lua Nova nos pertence, e nós fazemos nossa própria celebração. É Ileana quem escolhe não participar. Mas isso não importa. O mundo de meu irmão é mais forte do que o dela. Com o tempo, tudo isso será nosso.

Meu coração ficou gelado. O pânico me dominou, mas não conseguiu sufocar o meu bom senso.

— Achei que vocês fossem do leste — sussurrei.— Achei que estivessem só de visita. E quanto a Draguta?

— Draguta? — disse Anastasia, jogando seus cabelos negros para o lado. — Ela nada mais é do que uma herborista insignificante que finge ter mais poder do que possui. Por que se manteve escondida todos os dias em que estivemos na floresta de Piscul Dracului? A velha não ousa sair da toca agora que os Seres da Noite chegaram.

Eu estava tentando raciocinar, enquanto meus pés me impeliavam a seguir Anastasia.

— Se Draguta tem mesmo tão pouco poder, porque seu irmão usou o espelho dela para me tentar a vir aqui? Ele não deve ter nenhum valor. Por que Tadeusz me disse que eu encontraria a verdade lá dentro? Será que ele só me disse mentiras?

— Só sei de uma coisa — respondeu ela com um sorriso irônico nos lábios vermelhos. — Meu irmão jamais esteve interessado em você, uma coisinha feiosa de cabelos desgrenhados e sem curvas que só sabe fazer perguntas imbecis. É sua irmã que ele quer. Ela é mesmo um pedaço, com aquela pele branca e toda aquela timidez. Não precisa fazer essa cara, Jenica. Não somos tão precipitados. Ele só quer que Triste os veja juntos, só isso. Quer brincar um pouco.

Senti-me humilhada, confusa e aterrorizada ao mesmo tempo. Permaneci em silêncio, mas estava gritando por dentro.

— Você quer fazer perguntas, não quer? Então olhe no espelho. Pode jurar o quanto quiser que está aqui só para levar sua irmã de volta, mas eu sei a verdadeira razão. Você tem sede de saber. Quer conhecimento a qualquer custo, pois o conhecimento permite o controle, e você adora estar no controle, não é, Jenica? E gosta de elogios. Pobre menininha idiota. Meu irmão soube exatamente como manipular você. Foi a coisa mais fácil do mundo.

Por um segundo, eu soube o que era odiar alguém. Soube o que Cezar sentia quando seu olhar ficava sombrio e sua expressão gelada. Então percebi que havíamos chegado num pequeno lago rodeado de samambaias, um lago perfeitamente redondo com águas que brilhavam tanto quanto **Taul Ielelor** nas noites de Lua Cheia. Sem dúvida, aquele era o espelho mágico de Draguta. Não havia qualquer ruído na floresta à nossa volta, nem mesmo o gorjeio de um pássaro noturno ou o som das patas de um inseto andando pela grama.

No segundo em que ela me libertar do feitiço, pensei, vou precisar correr muito. Correr até a clareira, pegar Tati, ir até o lago e atravessá-lo sei lá como. Mas sabia que aquilo seria impossível. Desejei de todo o coração não ter deixado Gogu para trás. Ele teria pensado numa maneira de escapar, eu tinha certeza. Minha estupidez nos levava até ali, mas o bom senso dele nos teria salvado. Corra. Corra. Fiquei ali, paralisada, esperando que Anastasia soltasse meus pés. Tentei não olhar para aquele círculo de água brilhante, pois me pareceu que assim que eu o visse, ficaria sem saída: presa por uma visão, uma vítima do meu próprio desejo por conhecimento. Olhei para o sabugueiro que havia perto do lago e vi algo pequeno e cintilante por entre seus galhos; algo que refletia o brilho da água e me ofuscava a vista. Pisquei os olhos sem acreditar e então estiquei o braço para pegar o objeto. Era uma pequena coroa feita de arame, pano e contas coloridas. “Quero ser a Rainha das Fadas.”

Anastasia sibilou como uma cobra. O feitiço fora subitamente quebrado; meus pés não estavam mais presos ao chão e eu não estava mais sendo impedida de falar. Afastei-me um passo, pronta para fugir. A coroa escapou de minhas mãos e, quando me abaixei para pegá-la, olhei para a superfície do espelho de Draguta.

Vi um par de crianças pálidas de olhos escuros, ambos com expressões muito sérias. O menino tinha cerca de oito anos, e a menina ainda era um bebê. Irmãos, sem dúvida, e eu sabia que os conhecia. O menino era Triste e a outra era a menina frágil que há pouco eu vira ladeada por guardiãs. O espelho mostrou os dois na floresta, zanzando, provavelmente perdidos. O menino segurava a irmã nos braços, tentando atravessar uma vegetação cada vez mais densa conforme a luz ia sumindo. Eles chegaram a uma clareira ao anoitecer e lá, debaixo das árvores, estava Tadeusz, de botas negras e capa esvoaçante. “Não tenham medo”, disse ele, e então a visão desapareceu.

Antes que eu pudesse começar a decifrar o significado do que vira, uma nova imagem surgiu no espelho. Eu vi a mim mesma, dançando com um jovem vestido de andrajos. Ele era

muito alto, e seus cabelos escuros e desgrenhados caíam sobre dois olhos verdes como esmeraldas. Ele olhava para a menina que tinha nos braços como se ela fosse sua razão de ser, e a Jena da visão olhava para ele com todo o amor do mundo. Eu senti frio e calor ao mesmo tempo; quis que a visão se tornasse realidade, e que o amor à primeira vista de fato existisse. O rosto dele era exatamente como eu gostava: uma boca gentil e engraçada, traços fortes e bem definidos e olhos profundos e inteligentes. Ele me pareceu familiar, mas eu sabia que jamais o vira antes. O homem no espelho então voltou o rosto para mim, e havia tanto carinho em seu olhar que meu coração bateu como um louco. Seja sensata, Jena, eu pensei. Você está no Outro Reino; nada é o que parece.

Foi aí que, para meu horror, ele mudou. Aquele belo rosto se transformou numa máscara distorcida. Os olhos passaram de verde a vermelho, a pele ficou cheia de pústulas e de feridas putrefatas. O rapaz levantou a mão, e seus dedos tinham unhas amarelas tão longas que pareciam garras curvadas. Ele abriu a boca e emitiu um som terrível, o grito de um ser selvagem saído dos recantos mais escuros da floresta. A outra Jena desaparecera de dentro do espelho, mas minhas irmãs mais novas estavam lá, todas as três. Fiquei paralisada de terror enquanto aquele monstro as atacava e as obrigava a sair correndo, perseguindo-as pela floresta sem mostrar misericórdia. Ouvei Stela gritando de dor. Ouvei minha própria voz, débil e patética, dizendo não, não!

Confie nele, disse alguém, e seu coração será destroçado. A visão sumiu da superfície da água. Tudo o que restou foram algumas folhas flutuando e algas se movendo abaixo da superfície.

Limpei as lágrimas do meu rosto e me esforcei para me acalmar. Estava livre para ir embora; aparentemente, aquelas revelações enigmáticas e horripilantes eram tudo que o espelho de Draguta tinha a me mostrar. Anastasia estava estranhamente silenciosa. Ela era alta e forte. Perguntei-me se conseguiria correr mais rápido do que ela. Virei-me e vi que seus olhos estavam fixos na pequena coroa que tinha nas mãos, aquela bobagem que eu, aos cinco anos de idade, considerara a coisa mais maravilhosa do mundo. Ela estava caindo aos pedaços.

— Jogue isso fora — disse Anastasia, olhando a coroa e agarrando a própria garganta como se algo estivesse lhe machucando. — É um feitiço maligno, um feitiço dela. Uma menina humana não pode segurar um talismã como esse. Ele vai matá-la, Jenica. Jogue-o longe.

— Dela? Você está falando de Draguta? Mas não está com medo de uma mera bruxa da montanha, está?

Comecei a me afastar de Anastasia. Se, por mais incrível que parecesse, aquele meu brinquedo de infância me desse alguma vantagem no reino dos Seres da Noite, eu não hesitaria em usá-lo.

— Jogue fora, Jenica!

Anastasia se atirou em minha direção, esticando o braço para arrancar a coroa de minhas mãos. No mesmo segundo, um redemoinho branco se interpôs entre nós e nós duas nos afastamos. Vi uma coruja pousando no galho do sabugueiro, branca como a neve e com olhos de um estranho tom azul-esverdeado. Anastasia fez um gesto complicado com as mãos diante dela, como alguém que tenta afastar um mau-olhado.

Corra, disse minha voz interior. Eu obedeci, ainda segurando a coroa.

— Tati! — gritei, sem me importar com quem me ouviria ou que tipo de reação poderia causar. Sabia que havia recebido uma segunda chance e que precisava aproveitá-la. — Tati, onde está você?

Saí correndo na direção da clareira, com o coração aos pulos e a respiração ofegante. Senti-me como se estivesse com cinco anos novamente e que o carvalho que precisava alcançar para ganhar a corrida estava ficando cada vez mais longe. Ouvi Costi vindo atrás de mim, se aproximando — mas dessa vez era Anastasia quem me perseguia, e após algum tempo o som de seus passos diminuiu, embora eu ainda a ouvisse gritando:

— Jenica! Pare!

Cheguei ao local onde me perdera de Tadeusz e de Tati e parei, sem saber que caminho eles haviam tomado. Temi escolher errado e ficar zanzando pela floresta para sempre, perdida como as crianças da visão. Crianças humanas; um menino e uma menina comuns que haviam sido capturados por aquele lugar encantado e jamais poderiam ser libertados.

A coruja sobrevoou minha cabeça, fazendo com que eu me agachasse. Corri atrás dela, tentando não perdê-la de vista enquanto passava por arbustos espinhosos. Esse não era o caminho por onde eu viera. Para onde aquela criatura estava me levando, para o meio da floresta?



— Espere! — pedi, mal conseguindo respirar.

Mas o pássaro seguiu em frente, emitindo um piado lúgubre ao voar até o pé de uma colina íngreme e cheia de vegetação. Lá embaixo, eu vi a superfície estranhamente brilhante do Água Morta, que cintilava mais do que nunca. Desci a colina com galhos e espinhos se agarrando em minha capa e nos meus cabelos. Ouvi o som dos passos dos meus perseguidores e latidos de cães de caça. Ao meu lado, alguém também estava descendo com toda a rapidez. Será que Anastasia me alcançara? Por entre as árvores, vislumbrei um rosto muito branco e apavorado e cabelos negros. Era Tati, e ela estava com um homem todo de negro que a arrastava numa velocidade impressionante. Tadeusz, ainda estava com minha irmã, ele ia chegar lá embaixo antes de mim e nos impedir de escapar...

A coruja piou de novo. Vi-a pousada num galho perto da margem do lago. Eu estava correndo tão rápido que achava que não ia conseguir parar. Passei por entre arbustos de azevinho e cheguei ao pé da colina ainda segurando minha coroa.

— Jena! Venha logo! — disse minha irmã.

Ao olhar para Tati, vi que a pessoa que estava com ela não era o altivo Tadeusz, mas um jovem mais franzino de casaco preto; um jovem em relação a quem, aparentemente, eu estivera bastante enganada.

— Você está bem? — perguntei a Tati, certa de que estava ouvindo passos e latidos não

muito longe de nós.

— Estou. Eu corri e me escondi, e Triste me encontrou — respondeu ela com os olhos brilhantes. — Mas ele diz que nós precisamos ir embora.

— Vocês não deviam ter vindo — disse Triste num sussurro olhando por cima do ombro. — Estão em perigo e, se eu ajudá-las, vou quebrar uma promessa e colocar uma inocente em perigo. Precisam ir embora depressa.

Ele está falando de sua irmã, pensei. Triste devia ser obrigado a obedecer aos Seres da Noite para que não machucassem a menina. Que horror.

— Só queria ver você — disse Tati bem baixinho.

— Eu sei, minha amada, e vê-la enche meu coração de alegria. Mas precisa ir agora, depressa, antes que eles cheguem à margem. Não venha mais para cá na Lua Nova. Prometa-me.

— Eu prometo.

Tati ficou na ponta dos pés para beijá-lo. Triste a abraçou e eu tive de desviar o olhar, pois seus lábios se tocaram com tanta paixão que fiquei enrubescida. Senti-me como uma intrusa. Lembrei-me do que Tadeusz me dissera sobre ter inveja de minha irmã, e lembrei-me do jovem que olhara para mim como Triste olhava para Tati — como se eu fosse o Sol, a Lua e todas as estrelas do firmamento ao mesmo tempo. Por um segundo, eu acreditara que aquilo poderia se tornar realidade, até que o espelho de Draguta me mostrara o quanto os sonhos podem nos enganar. Olhei para o lago e vi a coruja pousando num vidoeiro que ficava na primeira das inúmeras ilhotas do Água Morta. A superfície estava completamente congelada. Senti um arrepio de medo quando compreendi o que precisaríamos fazer.

— Adeus — disse Triste, e sua voz tinha mais melancolia do que qualquer som que eu jamais ouvira.

— Quando vou vê-lo de novo? — perguntou Tati enquanto eu a arrastava na direção do lago. — Não agüento mais isto!

— Draguta não pode ajudar vocês? — perguntei, já parada sobre o gelo. — Não pode falar com ela?

— Vão! — sussurrou Triste. — Vão antes que eles vejam vocês.

E então ele desapareceu por entre as árvores.

A coruja branca nos guiou em nossa travessia de **Taul Ielelor**. O gelo estava escorregadio, e quando finalmente chegamos ao outro lado, estávamos machucadas, exaustas e morrendo de frio. Tati chorava, mas eu não. Meu coração ainda estava batendo de medo e cansaço, e meu cérebro tentava compreender tudo o que acabara de acontecer. Os sons que ouvia indicavam que nossos perseguidores haviam desistido ao chegar à margem do lago. Algo ou alguém nos ajudara, algo que era mais do que um simples pássaro do Outro Reino. Olhei para a coruja. Ela estava pousada sobre o toco de uma árvore, alisando tranquilamente as penas com o bico como uma ave qualquer.

— Obrigada — eu disse, inclinando a cabeça em sinal de respeito. — Não sei por que nos ajudou, mas muito obrigada. Acho que o portal não vai abrir hoje à noite. Pode nos mostrar como chegar em casa?

Com um piado estridente, a coruja abriu asas e voou para longe. Em poucos segundos, havia desaparecido. A única claridade à nossa volta vinha do brilho da superfície do lago. Não era Lua Cheia, e por isso o caminho que sempre usávamos para chegar ao castelo e a escadaria que tomávamos para chegar a nosso quarto não estariam ali.

— Não tem problema, Jena — disse Tati deixando-me surpresa, pois eu não acreditava que ela estava calma o suficiente para falar qualquer coisa. — Podemos chegar em casa atravessando a floresta.

— Como? Provavelmente vamos ficar andando em círculos para sempre. Podemos virar...

Não tive coragem de completar a frase. Se Tati não vira aquele fantoche patético na clareira, sendo atormentado e obrigado a dançar, então eu preferia que não soubesse que ele existia. E quanto à menina pálida de vestido negro, parecia-me que ela e seu irmão não eram tão diferentes de nós.

— Acho que não, Jena. É o Elo Brilhante que separa os dois mundos, e nós já o atravessamos — explicou Tati, tremendo e enrolando-se melhor em sua capa. — Acho que, se tomarmos cuidado, conseguiremos chegar ao castelo.

— O que você quer dizer? Se isso for verdade, o que fazemos para abrir o portal é... não é mágica nenhuma, não tem nenhum significado. E as sombras na parede que fazemos toda Lua Cheia? Se não fosse um feitiço, funcionaria sempre que tentássemos.

— Não sei. Mas acho que precisamos começar a andar. Estou com frio. Precisamos seguir a margem do lago até acharmos um caminho. Pelo menos perto dele há mais claridade do que na floresta fechada.

— Tati? — eu disse quando já estávamos contornando o lago.

— O que foi?

— Você vai me contar o que aconteceu?

— Mas eu já contei. Aquele homem alto, o Tadeusz, tentou me levar para algum lugar e eu simplesmente corri para dentro da floresta, sem nem perceber para aonde estava indo. Um segundo depois, Triste apareceu. E eu ouvi o som da risada de Tadeusz. Era como se ele soubesse tudo que ia acontecer. Como se fosse tudo um jogo. Ele me assustou, Jena.

— Aqui, tem um caminho perto deste córrego, por entre essas pedras.

Aquele caminho levava ao lugar secreto onde eu e Gogu fazíamos piqueniques. Isso significava que a parte do lago por onde havíamos passado era o local onde Costi se afogara, e que aquela margem era a praia de areia onde eu e meus primos um dia havíamos deixado nossos maiores tesouros e começado a jogar um jogo que nenhum de nós compreendia. Senti o peso da coroa no bolso da minha capa. “Quero ser a Rainha das Fadas.” Algo não se encaixava. Eu estava quase resolvendo um quebra-cabeça, mas algumas peças estavam fora do lugar.

— Espere um minuto — eu disse, tirando a coroa do bolso e colocando-a numa pedra chata que havia ao lado do córrego — Acho que ainda não está na hora de levá-la de volta — sussurrei.

— O quê?

— Nada. Vamos, então. Precisamos fazer o mínimo de barulho possível. Cezar pode estar na caçada de novo. Explico tudo quando estivermos a salvo em casa, atrás de uma porta trancada.

Tati estava certa em relação ao portal — ou, ao menos, certa quanto ao fato de que conseguiríamos voltar andando para Piscul Dracului sem precisar passar por um portal. Estávamos mais machucadas ainda quando chegamos ao caminho que dava na entrada principal do castelo. Nossas botas estavam encharcadas por causa da neve, e as bainhas de nossos vestidos, imundas. Minhas orelhas doíam e meu nariz escorria; eu jamais sentira tanto frio na vida. Dentro do castelo, algumas luzes ainda estavam acesas. Apesar de precisarmos economizar combustível para fazer fogo, Florica não permitia que Piscul Dracului ficasse imerso na escuridão nas noites de inverno. Havia uma lamparina acima da imensa porta de ferro da frente.

— A porta vai estar trancada — disse Tati. — Tudo vai estar trancado, menos a janela do terraço.

Mas nós não éramos pássaros ou morcegos, e não podíamos alcançar aquela entrada. Só havia uma solução.

— Vamos precisar nos esconder no celeiro — eu disse. — Podemos tentar entrar em casa escondidas quando Petru sair para trabalhar de manhã. Se dermos sorte, ele não vai nos ver.

— Mas e se ele vir?

— Prefiro ser vista por Petru do que por Cezar. Vamos! Pelo menos tem fenoquentinho lá dentro, se você não se incomodar de dividi-lo com uma vaca.

Se tivéssemos caminhado um pouco mais rápido e chegado em casa um pouco mais cedo, talvez o plano houvesse dado certo. Se eu não tivesse parado, por causa de um instinto que não sabia explicar, para deixar a coroa para trás, Cezar não teria nos visto. Estávamos a meio caminho do celeiro quando ouvimos vozes. Um segundo depois, meu primo e seus dois amigos viraram uma esquina e estacaram, olhando-nos com enorme espanto. Razvan estava carregando uma tocha. Daniel tinha um arco nas mãos, com uma flecha pronta para ser atirada. Cezar estava na frente e, quando nos viu, a expressão feroz em seu rosto transformou-se em incredulidade. Ele não disse nada. E eu não tinha idéia de como ia me explicar.

— Cezar! — exclamou Tati. — Nós... nós estávamos... nós ouvimos um barulho aqui fora...

Cezar observou nós duas, tremendo de frio e patéticas em nossa roupa suja de lama, e então voltou seus olhos para a porta do castelo. Ela estava aberta e destrancada, e Petru estava



parado ali de roupa de dormir e casaco de lã, segurando um atizador numa das mãos. Minha cabeça voltou a funcionar e eu corri até ele.

— Não há com que se preocupar, Petru. O barulho era só Cezar, que estava voltando — balbuciei, torcendo para que meu velho empregado compreendesse que precisávamos de ajuda. — Sinto muito por ter acordado você. Podemos entrar agora. Lamento mesmo ter dado tanto trabalho.

Petru não disse uma palavra. Ele simplesmente me encarou e então voltou para dentro de casa, murmurando alguma coisa sobre Florica ter preparado uma bebida quente para nós. Cezar agarrou meu braço e obrigou-me a entrar também. Ele emanava raiva por todos os poros. Assim que chegamos ao vestíbulo, arranquei meu braço da mão dele.

— O que foi que eu disse para você?! — gritou ele. — Vocês não podem nunca sair à noite, principalmente se estiverem sozinhas! Não posso acreditar que foram tão idiotas assim. Podiam ter topado com um monstro! E por que, pelo amor de Deus, vocês não esperaram por Petru? Você precisa deixar que eu me encarregue dessas coisas, Jena! Achei que houvesse compreendido isso.

Cezar agarrou meu braço de novo e me arrastou para a cozinha. Os outros todos já haviam ido para lá sem dizer nada. Florica estava esquentando água numa chaleira com os olhos vermelhos de sono, usando um casacão de Petru por cima da camisola. Seu marido colocava a louça na mesa. Tati estava ao lado do fogão tremendo sem parar e com o rosto muito pálido. Daniel e Razvan estavam por ali com cara de constrangidos.

Cezar não largara meu braço. Tomei uma decisão: precisava tomar providências antes que ele percebesse que a história que havíamos inventado estava cheia de furos.

— Preciso me sentar — eu disse, fingindo que estava com as pernas bambas e me agarrando a meu primo para não cair.

Aconteceu o que eu previra. Cezar me abraçou e me levou até uma cadeira. Encarei-o, e vi que estava muito desconfiado.

— Desculpe, Cezar — disse, odiando-me por implorar o perdão dele dessa maneira, mas sem conseguir pensar em outra solução. — Fomos muito burras, você tem razão. Prometo nunca mais fazer algo assim de novo.

Acho que exagerei, pois ele me olhou com ainda mais desconfiança. Florica colocou a chaleira de chá de frutas na mesa, ao lado de uma garrafa de **tuica** quente, do pimenteiro e do açucareiro. Ela e Petru haviam permanecido em completo silêncio.

— Preciso lhe fazer algumas perguntas, Jena — disse Cezar. — Não quero que pense que não confio em você, mas como estão circulando esses boatos sobre o castelo, é meu dever investigar qualquer coisa suspeita. Como foi que conseguiu ouvir um barulho no pátio se seu quarto dá para o outro lado? Além disso, não pode ter sido a nós que você ouviu. Só nós três saímos hoje, e só fomos até sua cerca mais próxima para ter certeza de que os animais estavam bem. E não fizemos quase nenhum barulho, para poder surpreender qualquer malfeitor que cruzasse nosso caminho. Se é verdade que vocês duas acordaram Petru, como é possível

que já estivessem no pátio completamente vestidas enquanto ele ainda estava abrindo a porta? Não faz sentido. Petru, o que você tem a dizer?

Petru teve um súbito acesso de tosse, tão forte que precisou deixar a cozinha.

— É melhor eu ir ajudá-lo, Jena — murmurou Florica. — Ele fica muito mal quando começa a tossir desse jeito.

E ela desapareceu também. Tati começou a servir o chá, como se aquela fosse uma das reuniões dadas por tia Bogdana. Em meio à minha exaustão, consegui ter forças para concluir que o mundo humano às vezes era tão estranho quanto o Outro Reino.

— Além disso, está no meio da noite — continuou Cezar. Vocês deviam estar dormindo profundamente. Um ruído qualquer não teria acordado as duas. E eu também teria ouvido um barulho mais forte.

— Jena tem dormido muito mal — disse Tati, entregando uma xícara a Cezar. — Nós todas estamos assustadas com essa situação. Ela não queria preocupá-lo.

Era uma mentira deslavada. Fiquei surpresa ao ouvir Tati contando-a com tanta compostura, considerando-se o quanto andava abatida e ausente. Seus olhos ainda estavam

brilhando, e não era só por causa das lágrimas que vertera. Talvez aquele beijo houvesse lhe dado forças.

— Hum — grunhiu Cezar, sentando-se tão próximo de mim que sua coxa encostou na minha, fazendo com que eu me afastasse. — Sinto muito, Jena. Mas, mesmo assim...

Eu bocejei, sem precisar fingir, e disse:

— Não podemos conversar sobre isso de manhã? — perguntei no tom mais doce possível.

— Beba seu chá — disse Cezar. — Você precisa se aquecer. Está tremendo. Pegue.

Ele tirou sua pesada capa e colocou-a sobre meus ombros. Não pude deixar de ficar grata, pois ela era realmente muito quente.

— Obrigada — disse bem baixinho. — Lamento muito.

E lamentava mesmo. Lamentava que Tati houvesse decidido cruzar um portal proibido e que nós não tivéssemos conseguido chegar em casa sem sermos vistas. E lamentava que existissem coisas tão tristes como as que eu vira na Lua Nova.

— Tudo bem, Jena. Não se preocupe — disse Cezar, dando-me tapinhas na mão. — Posso esperar para saber o que aconteceu. Mas vou querer a verdade.

Gogu estava sentado em meu travesseiro, tão imóvel que parecia um sapo empalhado. Quando me deitei, ele se afastou de mim.

— Desculpe — sussurrei. — Devia ter levado você comigo.

Gogu me lançou um olhar de reprovação. Não estava permitindo que eu ouvisse seus pensamentos, mas eu não precisava de palavras para saber o que estava sentindo.

— Mas nós estamos bem. Não aconteceu nada de horrível conosco.

Ele apenas piscou, mas foi um gesto cheio de significado.

— Gogu, desculpe, por favor. Não vou conseguir dormir se você estiver zangado. Sinto muito, mesmo.

Uma torrente de fúria veio dele.

*Você mentiu para mim! Disse que só ia trazer Tati de volta. E tinha prometido que nunca ia me largar assim de novo. Como posso tomar conta de você se me deixa para trás?*

Tentei pensar numa resposta que não fosse deixá-lo ofendido. Ao meu lado, Tati se enrolara na colcha, cobrindo-se quase que por inteiro.

— Vá dormir, Jena — murmurou ela. — Já é quase de manhã.

— Gogu, tudo o que fiz foi trazer Tati de volta — sussurrei. — Mas precisei ir mais longe do que esperava. E fiquei perturbada com o que vi; coisas que não gostaria que ninguém visse, nem mesmo você. Coisas tão horríveis que nem quero falar nelas. Mas tem razão. Você me fez muita falta. Percebi isso assim que cheguei lá.

*Você me considera um inútil. Acha que eu não sirvo para nada, só porque sou um*

*sapo.*

Fiquei horrivelmente magoada com tanta raiva. Jamais vira Gogu daquele jeito em todos os nossos anos de convivência. Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Isso é bobagem, e você sabe muito bem. Você é meu amigo mais querido, meu companheiro e meu melhor conselheiro. Tem mais coragem que qualquer príncipe montado num cavalo branco.

*Tudo da boca para fora.*

— Não é da boca para fora! Não o levei comigo porque estava com medo de perdê-lo. É a mais pura verdade. Ia morrer se isso acontecesse!

— Será que vocês não podem conversar de manhã? — perguntou Tati, exausta.

Coloquei a cabeça no travesseiro e fechei os olhos, mas não consegui parar de chorar. Quando Tati já estava dormindo há muito tempo, Gogu pulou para perto de meu rosto e lambeu minhas lágrimas.

Após nossa travessia da Lua Nova, a idéia da festa, que eu esperara ser a solução para diversos problemas, tornou-se um pouco ridícula. Mas não tinha jeito: precisávamos ir em frente. Os convites já haviam sido enviados e as pessoas começaram a responder dizendo que aceitavam; na verdade, mais pessoas do que tia Bogdana esperara, pois ela temera que os boatos que estavam circulando pelo vale sobre nós e nosso castelo assustassem a todos. Mas, aparentemente, a curiosidade era mais forte do que o medo.

Todos os recantos de Piscul Dracului estavam sendo limpos por mulheres locais. Ouvi nossas ajudantes sussurrando sobre Seres da Noite e sobre a bruxa Draguta conforme esfregavam, poliam e tiravam o pó, mas tentei ignorá-las. Eu tinha minha própria história, e ainda não a contara a Tati.

Se eu estivesse certa sobre o significado daquela visão das duas crianças perdidas na floresta, precisava revelar a ela a verdade sobre Triste. As palavras com que ele se despedira de nós pareciam confirmar o que eu acreditava: Triste devia obediência aos Seres da Noite, ou sua irmã sofreria as conseqüências. Só não entendia porque ele próprio não dissera isso a Tati.

A perspectiva de contar tudo a ela me enchia de receio. Uma vez que Tati soubesse que Triste era de fato um humano que se perdera no Outro Reino e estava vivendo lá há anos, impedido de ver sua família, ela jamais desistiria dele. Era muito cruel, mas mesmo se Triste fosse um mortal, eles não poderiam namorar ou se casar. Parecia que ele e sua irmã moravam no Outro Reino desde que eram crianças. Não era possível permanecer muito tempo no reino de Draguta sem beber ou comer algo. Tadeusz os atraíra e os mantivera lá por tempo demais; os dois jamais poderiam voltar a viver em nosso mundo. Talvez estivessem se transformando em Seres da Noite, ou em criaturas ainda mais assustadoras. E se Triste não podia viver no mundo dos humanos, então talvez Tati resolvesse se juntar a ele. Eu sabia que ela era generosa o suficiente para isso. Assim que lhe contasse a história de seu amado, Tati tomaria essa decisão, mesmo que isso significasse passar a vida no reino sombrio e cruel que



vislumbráramos na Lua Nova.

Eu podia não revelar nada, é claro. Não planejava contar a outra visão que tivera no espelho: a de um jovem de olhos verdes que eu pensara amar por um segundo encantado, até que a imagem revelara o monstro que ele era. Não tinha idéia do que isso significava. Talvez fosse um aviso para não confiar demais nas pessoas. Eu também não repetira as palavras cruéis que Anastasia me dissera, nem mencionara que fora Tati quem Tadeusz quisera atrair. Na verdade, Tati e eu mal havíamos falado do que se passara conosco na Lua Nova, apesar do interrogatório feito por nossas irmãs mais novas.

Paula era nossa fonte de informação mais confiável quando o assunto era o Outro Reino. Aproveitei uma oportunidade de lhe fazer algumas perguntas quando estávamos dando os toques finais em nossos vestidos de festa. Nós duas havíamos levado nosso material de costura para um pequeno cômodo que havia numa torre, pois lá tinha bastante claridade. Apenas Gogu estava ali conosco, agachado num rolo de seda verde, emburrado. Ele ainda não havia me perdoado por completo, e eu precisava confessar que entendia por quê.

— Paula, queria lhe perguntar uma coisa.

— O quê?

— Quando as pessoas vão para o Outro Reino e ficam lá muito tempo, não podem voltar nunca mais, podem? Não se houverem comido qualquer coisa.

Ela assentiu e disse:

— Todo mundo sabe disso.

— Mas algumas pessoas voltam, às vezes. Já ouvi histórias sobre gente que ficou sumida centenas de anos e depois reapareceu na floresta. Em geral, elas ficam loucas. Mas deve ser possível voltar.

— O tempo é diferente no Outro Reino — explicou Paula, empurrando os óculos mais para cima do nariz e examinando o vestido que estava costurando. — Pode ser mais rápido ou mais devagar do que aqui, como eles quiserem. Anos e anos podem se passar aqui enquanto apenas um dia se passa no Outro Reino. Mesmo que não se toque na comida. É por isso que as pessoas ficam loucas. Imagine voltar para cá e descobrir que todo mundo que você conhecia já está morto há cem anos. Mas por que você quer saber, Jena? Gostaria que nos contasse o que aconteceu naquela noite.

— Foi horrível — respondi, estremeendo. — Lúgubre e cruel. Não quero que fiquem pensando nessas coisas. Fique feliz de não ter visto o que eu vi.

Paula me olhou desconfiada.

— Como foi que vocês conseguiram chegar lá?

Decidi ignorar essa pergunta, e disse:

— Paula, e se alguém do Outro Reino quisesse ficar em nosso mundo? A regra é a mesma?

— Não sei, Jena. Mas acho que as regras podem ser quebradas se Draguta permitir. Acho que as pessoas só conseguem atravessar de um mundo para outro quando ela deixa.

— É mesmo? — eu disse, espantada. — Tati disse isso também, que o jeito de abrimos o portal não tem nenhum significado especial. Que só conseguimos ir ao Outro Reino porque Draguta nos permite. Na Lua Nova, depois de atravessarmos o Água Morta, voltamos andando para casa.

— Você está querendo saber tudo isso por causa de Triste? — perguntou Paula, sempre tão esperta.

— Não posso contar. Preciso falar com Tati primeiro. Preciso contar algo a ela.

Cezar também vinha fazendo muitas perguntas. Ele não acreditou em nossa explicação, mas como continuamos a dizer que tínhamos saído porque havíamos ouvido um barulho no pátio e Petru deu um jeito de confirmar tudo sem precisar mentir, meu primo não obteve as respostas que desejava. Cezar andava irritadiço. Ele explodia a qualquer momento, e ninguém estava imune aos insultos que vinha distribuindo. Ivan me contara que cada vez mais homens do vale estavam querendo desistir da caçada aos Seres da Noite. Muitos dias haviam se passado desde a morte de Ivona, e como ninguém havia sido capturado, o povo estava começando a dizer que preferia estar em casa à noite e gastar suas energias cuidando de seus rebanhos e alimentando suas famílias. Alguém comentara, sem que meu primo soubesse, que continuar com a caçada ofenderia ainda mais as criaturas da floresta, e que os atos de Cezar poderiam causar outra violência contra a comunidade. Um grupo de homens locais fizera um pedido formal para que ele erguesse um novo crucifixo nas colinas acima do moinho onde a menina fora morta, e Cezar concordara em arcar com os custos. Mas estava furioso, e nós precisávamos andar pé ante pé pelo castelo para não esbarrar com ele.

Faltavam sete dias para a Lua Cheia e para nossa festa quando tia Bogdana nos visitou para ver como andavam os preparativos do jantar. Enquanto ela estava discutindo o cardápio com Florica e suas ajudantes, eu fui com Tati para o cômodo da torre. Tranquei a porta e lhe contei minha teoria sobre o que vira no espelho de Draguta.

— E se eu estiver certa, preciso lhe pedir desculpas — eu disse ao terminar meu relato. — Parece que Triste não é um Ser da Noite. Ele nem é do Outro Reino. Ou não era. Mas está preso lá agora, ele e sua irmãzinha. Não gostei de vê-la ali, Tati. Parecia que eles estavam obrigando-a a testemunhar aquelas coisas terríveis, e o olhar dela mostrava que já presenciou tanto horror que nem compreende mais o que está vendo.

— Mas por que ele não me contou? — indagou minha irmã com os olhos arregalados de horror, deixando claro que acreditava na minha teoria. — Isso é horrível, Jena! Nós precisamos ajudá-los. Preciso ir ao Outro Reino na Lua Cheia e falar com Ileana.

— Não! — eu disse antes que ela ficasse ainda mais agitada. — Você não vai, pelo menos não desta vez. Vai ter a festa aqui em casa, lembra? Todas vamos ter de comparecer. Cezar vai ficar muito mais desconfiado se uma de nós sumir. Além do mais, não sei como poderíamos ajudar. Pelo que Triste disse quando estávamos indo embora, ele é obrigado a fazer o que os Seres da Noite mandam para que nada de pior aconteça com sua irmã. E os Seres da Noite são poderosos. Ileana nem estava presente na celebração deles. Você deve ter sentido o jeito que eles distorcem as coisas e interferem nos pensamentos da gente. Não podemos lutar com esse tipo de força. Contra ela, somos como duas peninhas flutuando num riacho, sendo carregados para aonde a correnteza quiser nos levar.

— Foi você mesma que disse que Triste devia pedir ajuda a Draguta. Dizem que ela detém o verdadeiro poder na floresta. Será que não poderia mudar a situação se explicássemos o quanto é importante?

— Falando assim, parece fácil. Nem sei onde Draguta mora. Acho que ninguém sabe. Além do mais, se ela for mesmo tão poderosa, porque deixou que os Seres da Noite mantivessem Triste e sua irmã prisioneiros por tanto tempo? Mesmo que eles não possam voltar para o mundo dos humanos, pelo menos no mundo de Ileana eles não seriam.. escravos, ou seja lá o que forem.

— Está dizendo que não acredita em Draguta? — perguntou Tati num sussurro. — Que acha que não existe um poder na floresta forte o suficiente para acabar com o mal?

Subitamente, eu me senti como se estivesse na beirada de um precipício.

*É claro que nós acreditamos. Todos os dias, quando acordo em seu travesseiro, vejo essa certeza em seus olhos, Jena.*

— É claro que acredito, Tati. Nós precisamos acreditar — respondi, lembrando-me da pequena coroa que deixara para trás sem saber explicar por quê. — E se for seguro atravessar o portal na próxima Lua Cheia, nós podemos perguntar a Ileana o que devemos fazer para encontrar Draguta.

O dia da festa chegou, e Piscul Dracului começou a ficar cheio de convidados. Cada cômodo minimamente habitável fora limpo para recebê-los, e as camas foram feitas usando lençóis emprestados e colchas antigas. Nossos estábulos foram preparados para receber muitos cavalos. Os preparativos haviam dado o que fazer a quase todos os habitantes da aldeia, e eu imaginava que Cezar devia ter gasto um belo dinheiro com tudo. As pessoas chegaram cedo, querendo estar a salvo antes que a noite caísse, e se retiraram para seus quartos para descansar até a festa começar.

Eu estava quase desmaiando de nervoso, e desejando não ter tido aquela idéia insana. Como poderia conversar educadamente com os jovens cavalheiros da região e com suas mães quando não conseguia parar de me preocupar com os Seres da Noite, com Triste e com o que Cezar faria se descobrisse a verdade? Eu sabia que ele vinha fazendo perguntas a Florica e Petru, pois os dois andavam tensos e cansados.

Na hora de me arrumar, saí correndo da cozinha, onde estava ajudando a assar as últimas guloseimas, e subi para o meu quarto. Lá, encontrei Tati sentada na cama ainda com seu vestido de trabalho e Iulia com um xale por cima do vestido cinza e uma expressão de repulsa. Paula havia colocado dois ferros para esquentar em nosso fogareiro e estava passando o vestido de Stela com eles.

— É melhor você começar a se arrumar — eu disse a Tati.

— Tia Bogdana quer que a ajudemos a receber os convidados formalmente conforme eles forem descendo.

Coloquei o vestido carmesim, lamentando que minha tia houvesse mandado a costureira apertar tanto o corpete e baixar tanto o decote. Mas eu realmente não parecia mais uma coisinha sem curvas quando estava com ele.

— Iulia, você se importa de fazer o meu cabelo? — pedi.

Quando chegou o momento de receber os convidados, precisei ir lá para baixo sozinha. Tati apenas murmurou que desceria mais tarde. Eu achava que ela ia se esforçar um pouco para participar da ocasião, para ao menos não chamar a atenção de Cezar, mas ficara claro que minha irmã pretendia se envolver o mínimo possível com a festa. Como Iulia se recusara a

descer mais cedo no vestido cinza que odiava e Paula estava ocupada ajudando Stela a se vestir, eu fui obrigada a ficar ao lado de Cezar e tia Bogdana, cumprimentando os primeiros que desciam. Senti que todos os olhares estavam sobre mim naquele vestido carmesim. Iulia prendera meu cabelo num coque, o que expunha meu pescoço e colo, e Cezar fixara seus olhos em mim assim que eu entrara no salão. Eu teria me sentido muito sozinha ali se Gogu não estivesse aninhado em meu bolso. Após o que acontecera na Lua Nova, não ousara sugerir que ele ficasse no quarto.

Fazia muito frio. Lá fora, os empregados de **Vârful** levavam os cavalos para se abrigar nos estábulos e escoravam as rodas dos veículos para que elas não deslizassem na neve. A cozinha estava cheia de mulheres da região dando os últimos toques no jantar sob a supervisão de Florica. No salão, o fogo aceso na imensa lareira estava fazendo mais fumaça do que o desejável, mas mesmo assim o ar estava gelado. A banda da aldeia esperava na pequena galeria, soprando as mãos para esquentá-las.

— Vai ficar mais quente quando todos descerem — sussurrou tia Bogdana nos meus ouvidos. — Seja bastante educada com aquela senhora de lilás, Jena. O filho dela vai herdar uma enorme propriedade perto de **Sibiu**, e o tio dele é um **voivoide**. Ah, Elsvieta, como é bom vê-la! Paul, como está você? E esse é seu filho? Vlad, não é? Permita que eu apresente minha sobrinha...

Uma por uma, minhas irmãs desceram de nosso quarto para se unir aos convidados, que eram cada vez mais numerosos. Paula estava constrangida em seu vestido rosa, e cumprimentou os amigos de tia Bogdana com um sorriso forçado. Stela, linda no vestido branco de renda, procurava desesperadamente por qualquer criança de sua idade. Aqui, não havia Ildephonsus ou outros amigos para fazer guirlandas de margaridas. Os filhos mais novos dessas pessoas, se é que elas os tinham, haviam ficado em casa com os criados. Mas Stela, ao menos, era nova o suficiente para dizer que estava cansada e ir dormir mais cedo.



Então, Iulia surgiu. Vários convidados soltaram murmúrios de desaprovação ao vê-la e um dos rapazes deu um assobio. Agora que ela estava sem o xale, eu vi que a gola de seu vestido cinza fora drasticamente alterada e que o novo decote deixava à mostra uma porção generosa de pele. O tipo de corte que nossa tia declarara ser aceitável para mim ficava de fato indecente em Iulia, que tinha o corpo bem mais curvilíneo. O vestido ficara completamente inadequado para uma menina de treze anos. Como se quisesse zombar de tia Bogdana, Iulia costurara um tecido fino ao longo da borda do decote que, em vez de esconder, só ajudava a acentuar o que estava à mostra. Ela estava evidentemente muito satisfeita consigo mesmo, e caminhou com a cabeça erguida de orgulho. Cezar tinha o olhar fixo nela, assim como todos os outros rapazes da festa. Tia Bogdana corou muito ao vê-la.

— Boa noite, tia. Boa noite, Cezar. — disse Iulia.

Ela abriu um enorme sorriso e seus olhos brilharam. Percebi que estava se sentindo uma mulher; uma linda mulher.

Os olhos de Cezar perscrutaram Iulia de cima a baixo, mas ele não sorriu.

— Vá pegar um xale lá em cima — disse ele. — Cubra-se diante de seus convidados.

Iulia ficou pálida de choque, como se Cezar houvesse lhe esbofeteado. Ela se voltou sem dizer uma palavra e correu para o quarto. Talvez Cezar tivesse achado que minha irmã fizera uma brincadeira de mau gosto, mas eu sabia que ela estava apenas tentando ser mais adulta, embora houvesse escolhido a maneira incorreta de fazê-lo. Paula pediu licença e subiu atrás

de Iulia.

— Jenica — disse tia Bogdana bem alto, fingindo que nada havia acontecido. — Esse é Raffaello, filho de Maria Cataneo e de seu marido Andrei.

Raffaello era alto e cheio de espinhas. Ele fez uma reverência para mim e apresentou-me seu amigo Anghel, que era baixinho e sem queixo. Gogu colocou a cabeça para fora do bolso para espiar, e eu o achatei de volta para dentro. A banda começou a tocar — uma melodia não muito animada, em respeito à perda recente da família. Lembrei-me de tio Nicolae e desejei que estivesse aqui esta noite, com seus olhos brilhantes e seu bom humor.

— Dizem que sua irmã é muito bonita — disse Raffaello, obviamente achando que essa era a maneira ideal de iniciar uma conversa com uma menina.

— Dizem mesmo — retruquei. — Ela vai descer daqui a pouco.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Anghel limpou a garganta.

— A senhorita gosta de caçar? — perguntou Raffaello, procurando por algo ou alguém entre os convidados.

— Não muito. E, desde a morte de meu tio, ainda menos.

— Hum — respondeu ele, mostrando que não estava escutando.

*Que idiota. Pode riscá-lo da lista.*

— Sinto muito pelo ocorrido — disse Anghel, o cara de fuinha, que estava prestando um pouco mais de atenção no que eu dizia. — Foi realmente uma tragédia.

Antes que eu pudesse responder, Cezar estava ao meu lado dizendo:

— Mamãe acha que seria melhor se nós dançássemos. Jena, você me daria a honra?

Havia algo no olhar dele que fez com que os outros dois se afastassem de imediato.

— Acho que é o mais apropriado a fazer, Cezar — respondi, sentindo que aquela seria a noite mais longa da minha vida. — Você deixou Iulia chateada.

— Sua irmã precisa de disciplina. Como seu pai está ausente e você e Tatiana obviamente não têm capacidade para educá-la, eu tenho de fazê-lo. Iulia precisa aprender a não se exhibir dessa maneira.

Pensei na expressão atônita da pobre Iulia e no fato de que mesmo naquele vestido indecente ela ficara bastante bonita.

— Disciplina — repeti com o coração cheio de ressentimento, principalmente porque sabia que Cezar tinha um pouco de razão. — Talvez. Mas a disciplina deve ser ministrada com gentileza, não acha? Meninas da idade de Iulia se magoam com facilidade.

— Não estou interessado em discutir suas irmãs esta noite, Jena — disse Cezar, apertando-me contra o corpo quando a música começou. — Vamos nos divertir. Mamãe me disse que vocês nunca dançaram. Conhece os passos desta?

Encarei meu primo e balancei a cabeça negativamente.

— Não importa. Sei conduzir muito bem.

*Precisamos mesmo aturar isso?*

— Você não trouxe aquele maldito sapo, trouxe?

— Eu sempre levo Gogu comigo, Cezar. Mas não se preocupe, ele vai ficar escondido no meu bolso.

*Mas consigo ouvir as conversas mesmo assim. Por que você está dançando com este imbecil?*

Continuei dançando, de mau humor, tentando ignorar Gogu. Enquanto Cezar e eu nos movíamos pelo salão e eu descobria o quão difícil era fingir que dançava mal quando os passos já eram tão naturais para mim, minhas irmãs voltaram para a festa: Iulia com os olhos vermelhos e um xale de seda sobre o decote, Paula ao lado dela. E Tati. Ao vê-la eu estremeci, o que me fez pisar no pé de Cezar. Tati não estava com o vestido azul e prata que tia Bogdana escolhera para ela, mas com o diáfano vestido de borboletas que costurara especialmente para Triste. A diferença em sua aparência era alarmante; ela perdera mais peso do que eu havia percebido. Mal havia pele em suas costas, seus braços estavam finíssimos e sua cintura, diminuta. O vestido pálido acentuava o estranho pingente em volta de seu pescoço, uma gota rubra sobre a pele branca. Tati lavara o cabelo para a festa, e ele cascadeava, negro e lustroso, sobre seus ombros. Não havia um traço de cor em seu rosto além do azul-violeta de seus olhos.

— Tati não parece nada bem — observou Cezar, levando-me a fazer uma complicada manobra que me obrigou a desviar os olhos de minha irmã.

— Hum — murmurei em resposta.

Estava pensando em fazer como tia Bogdana mandara e consultar um herborista. Sob a luz forte do salão de festas, Tati não parecia etérea, mas doentia. Aquilo me assustou.

— Uma cor mais vivida teria sido mais adequada — disse meu primo. — Ela está muito pálida com esse vestido. E é importante que esteja bonita hoje.

— É mesmo? — eu disse, decidida e me fazer idiota e obrigá-lo a dizer em voz alta o que tinha em mente.

— Bem — disse Cezar, colocando a mão em minha cintura para começar a me conduzir por entre a fileira de casais,

seguindo a coreografia —, não é para isso que estamos dando essa festa? Para procurarmos possíveis maridos?

— Mais ou menos. A idéia não me agrada muito, Cezar. Mas fico feliz por sua mãe ter se distraído com os preparativos. E creio que devo agradecer a você por ter pago tudo. Imagino que não foi muito de seu agrado.

Ele rugiu uma resposta qualquer e me apertou ainda mais contra si. Como estávamos no meio da fileira, eu não pude me afastar.

—Você espera que Tatiana atraia a atenção de algum desses jovens? Considera algum deles aceitável? — perguntou ele, passando os olhos pelos rapazes mais próximos com uma expressão de desdém.

— Foi tia Bogdana quem escolheu os convidados. Eles todos são aceitáveis. Se Tati não conseguir fisgar nenhum, talvez eu possa — respondi, tentando dar uma risadinha des preocupada e não sendo muito bem-sucedida.

— Você está muito mais bela do que sua irmã esta noite, Jena. Encarei meu primo, desconfiada. Ele estava muito sério, o que me alarmou.

— Além disso — continuou —, para você, não há necessidade de caçar maridos dessa maneira.

— É mesmo? — eu disse, lembrando-me da conversa que tivera com tia Bogdana. — Você está dizendo isso porque acha que meu destino é ficar em casa e cuidar de papai quando ele for velho?

— Não me provoque, Jena. Você sabe porque estou dizendo isso.

Gogu estava tremendo de indignação. *Odeio este homem!*

Uma terrível possibilidade me ocorreu. Lembrei-me da estranha conversa que tivera com meu primo no escritório de papai, quando ele parecera prestes a se declarar para mim. Pensei em outras coisas que dissera recentemente, outros gestos que fizera. Mas eu devia estar errada. Era a irmã responsável, não a irmã bonita. Além do mais, até mesmo Cezar perceberia que aquela era uma idéia ridícula. Nós dois só fazíamos discutir.

A música cessou. Vi Tati sentada do outro lado do salão com tia Bogdana e um grupo de mulheres mais velhas. Era chocante, mas ela parecia estar no lugar certo; parecia uma jovem viúva que acabara de perder o marido e não conseguia se interessar por festas.



— Você precisa dançar com todas as minhas irmãs — eu disse a Cezar.

Decidira tentar evitá-lo pelo resto da noite, pois Gogu estava vibrando de fúria em meu bolso e a conversa que acabáramos de ter havia me perturbado mais do que eu gostaria de admitir.

— E por favor seja gentil com Iulia — pedi. — Lembre-se, ela só tem treze anos.

Cezar sorriu para mim. Então, o espinhento Raffaello me convidou para dançar a próxima, e meu primo finalmente me soltou. Eu ainda podia sentir o peso de sua mão em minha cintura, como a marca que um fazendeiro põe em seu gado. Talvez fosse isso mesmo que ele quisera dizer: que nós dois poderíamos ser um casal. O olhar dele me inquietara. Fora um olhar de absoluta certeza.

Dancei com Raffaello, que Gogu já declarara ser um idiota. Dancei com Anghel.

*Não consigo ver nada daqui. Ponha-me no seu ombro.*

Anghel olhou para baixo. Gogu estava se remexendo, o que o deixava inteiramente

visível na saia apertada do vestido vermelho.

— É meu sapo de estimação — murmurei. — Ele insistiu em vir à festa.

*Sapo de estimação?!*

— Um sapo? — repetiu Anghel, mal conseguindo acreditar. — Foi isso mesmo que você disse?

— Foi... é como um cachorro, sabe, aqueles cachorrinhos que algumas senhoras levam para todo lado... — balbuciei, odiando-me por estar descrevendo Gogu daquela maneira.

— Sei, minha mãe tem um deles — disse Anghel, segurando-me o mais distante de si que conseguia para não correr o risco de tocar num sapo, mesmo que sobre o tecido de um vestido. — Um bichinho horroroso. Solta pêlo em tudo. Nem posso usar roupas pretas.

— Deve ser muito difícil para você — murmurei, calculando quanto tempo mais teria de ficar ali conversando com ele antes de poder fugir sem parecer mal-educada.

Gogu colocou a cabeça para fora do bolso.

*Ele tem cara de toupeira. E parece ainda mais idiota do que o primeiro. Você consegue coisa melhor.*

Dancei com Vlad, cujo tio era um **voivode**. Ele era mais bonito do que os outros: era alto, tinha os ombros largos e fartos cabelos negros e era muito cortês. Nós conversamos sobre o tempo, sobre as músicas que estavam tocando, sobre a casa dele perto de **Brasov**, sobre seus cavalos e seus cães de caça. Vlad elogiou meu cabelo, a festa, que tia Bogdana lhe dissera ter sido organizada inteiramente por mim, e meu vestido. Chamou-me para dançar uma segunda vez e eu aceitei. Depois, ele pegou um pratinho de doces para dividir comigo. Gogu se escondera lá no fundo do bolso. Não fazia sentido, mas tudo o que ouvia dele agora era a palavra não, não, não, repetida sem parar.

— Preciso perguntar à senhorita se é mesmo verdade que tem um sapo de estimação. Alguém me disse que o leva para todo lado — disse Vlad, sorrindo e mostrando dentes brancos e perfeitos.

— Bem, é verdade — respondi, cautelosa. — O nome dele é Gogu. Eu o encontrei na floresta há alguns anos.

Esperei que Vlad se afastasse de mim, fizesse um comentário constrangido ou ficasse em silêncio. Mas ele se inclinou em minha direção.

— Posso vê-lo?

Fiquei encantada. Tirei Gogu do bolso e coloquei-o na palma da mão. Ele se encolheu de horror, fazendo-me morrer de vergonha.

— Em geral, ele é bem simpático — expliquei. — Não sei o que deu nele.

Vlad esticou o braço para tocar Gogu, mas meu sapo parecia estar sentindo tanta repulsa que eu tirei a mão.

— Ah, eu acho os sapos fascinantes — disse Vlad, entusiasmado.— Tenho uma enorme coleção. Adoro estudá-los.

— É mesmo?

Comecei a me perguntar se seria mesmo possível haver um homem ali que não apenas era aceitável, mas também genuinamente interessante; alguém de quem eu talvez pudesse vir a

gostar. Percebi que Cezar estava observando nós dois com uma expressão fechadíssima.

— E, tenho um de cada espécie existente nos Cárpatos, e diversos outros mais exóticos. Mas nada parecido com seu amiguinho aqui. Não consigo definir bem de que tipo ele é. Você deve saber que é muito incomum um sapo estar ativo no inverno. É uma grande curiosidade científica.

— Bem, creio que não existe outro sapo como Gogu. — Vejo que temos muito em comum, Jenica. Vou pedir que mamãe lhe chame para nos visitar na primavera. Posso lhe mostrar meu laboratório. Inventei uma maneira maravilhosa de preservar meus espécimes. É eficaz por bastante tempo. A primeira coisa que faço é colocar algumas gotas de éter num pedaço de pano, e então...

— Com licença — eu disse, quase passando mal e segurando Gogu, que tremia como vara verde, com toda a força. — Acho que ouvi tia Bogdana me chamando.

Corri para perto de minha tia e suas amigas, onde sabia que estaria a salvo. Tati não estava mais ali. Passei os olhos por todo o salão, perguntando-me se ela já voltara lá para o quarto.

— Tatiana dança muito bem — observou Elsvieta, a amiga de tia Bogdana. — E esse vestido é lindo.

— Se for possível comprar algo parecido de vocês, acredito que as ofertas choverão sobre seu filho após esta noite, Bogdana — disse outra mulher.

— Você também é uma bela dançarina, Jenica — continuou Elsvieta, sorrindo para mim. — Vi que meu filho estava se divertindo bastante. Vlad gosta muito de ficar sozinho fazendo suas experiências científicas. Espero que possa vir nos visitar na primavera. Assim vocês poderão passear a cavalo juntos, e ouvir um pouco de música. Creio que será bom para ele.

— Tenho certeza de que Jena adoraria — afirmou tia Bogdana, deixando-me alarmada. — Se o pai dela aprovar, é claro. Esperamos que Teodor volte para casa na primavera. Jena, quem é aquele jovem dançando com sua irmã?

Olhei na direção em que minha tia estava apontando e fiquei paralisada de terror. Ele não estava de casaco preto naquela noite, mas eu o reconheci instantaneamente. Tati parecia em transe, levada por ele como um pássaro gracioso. Triste estava usando uma máscara — preta, é claro — que não ajudava muito a esconder sua pele muito pálida e seus olhos negros e profundos. Ele fizera algumas concessões para poder comparecer a uma festa humana: seu cabelo estava preso e ele vestia uma camisa branca com um colete tradicional, preto com flores bordadas, além de calças e botas também pretas. Ao redor do pescoço, usava a corrente de prata de nossa mãe. Segurava Tati com reverência, como se ela fosse a única coisa que amava no mundo. Os dois não desviaram o olhar um do outro nem por um segundo ao longo da dança. Era como se não houvesse mais ninguém no salão.

— Ele dança bem — comentou Elsvieta. — Mas parece um pouco... intenso. Quem é ele, Jenica?

Tentei freneticamente inventar uma resposta.

— Hum... acho que ele veio com o filho do juiz Rinaldo, Lucian — balbuciei. — Não sei o nome dele.

— Está muito afetado com esta máscara — disse outra mulher. — Mas é bastante bonito, não é, com cabelos tão negros e uma pele tão branca? Sua irmã certamente parece impressionada.

Procurei Cezar e vi-o perto do corredor que dava na cozinha, conversando com Iulia. Ele parecia distante e ela, muito infeliz. Dei uma desculpa qualquer para minha tia e suas amigas e desapareci entre os convidados. O que Triste estava pensando? Será que ele queria morrer? E como Tati podia tê-lo encorajado a fazer isso? Eles haviam planejado tudo, e a prova era o vestido de borboletas. Precisava tirá-lo dali naquele minuto. Se Cezar se desse conta da origem de Triste, nossa festa discreta se transformaria num banho de sangue.

Eles dois haviam deixado o salão antes que eu pudesse alcançá-los. Vi que o lugar onde estavam dançando até momentos antes era perto da escadaria que dava no terraço onde havia o portal para o Outro Reino na Lua Nova. A porta estava um pouco aberta, deixando o ar gelado da noite entrar no cômodo cheio de gente. Subi a escada aos pulos e, ao chegar à metade, chamei:

— Tati?

Olhei por cima do ombro. A música continuava a soar no salão. Ninguém me seguira. Fui em frente.

— Tati, você está aí?

Numa das extremidades do parapeito estava um casaco preto dobrado. Na outra, minha irmã e o namorado. Os braços de Tati estavam em volta do pescoço de Triste e seu corpo apertado contra o dele, como se os dois quisessem se misturar e virar um só. As mãos de Triste estavam entrelaçadas nos cabelos de minha irmã, como marfim e ébano. Seus olhos estavam fechados, e seus lábios unidos; eles estavam imersos um no outro. Era uma cena linda e poderosa. Mas não podia estar acontecendo. Limpei minha garganta e eles abriram os olhos e me encararam.

— Se Cezar vir você, ele vai matá-lo — eu disse, entregando o casaco preto a Triste. — Precisa ir embora agora mesmo. Como pôde se arriscar dessa maneira? Tati, venha para dentro.

Triste pegou o casaco, mas não o vestiu.



— Jena, só mais um minuto — implorou minha irmã.

— Não! Quer que enfiem um forçado nele? Triste, vá, por favor! Vá logo!

Foi então que ouvi o barulho de alguém abrindo a porta e dizendo do pé da escada:

— Jena?

Era Cezar.

Triste colocou o casaco sobre os ombros. Ele estendeu o braço e Tati enlaçou-o, enterrando o rosto em seu peito. Triste acariciou seus cabelos, murmurando algo.

— Jena, você está aí em cima? — perguntou Cezar, parecendo mais ansioso do que desconfiado.

— Estou descendo! — gritei, esforçando-me para parecer casual.

Virei-me para o outro lado do terraço a tempo de ver Triste se separando de Tati mais uma vez. Anastasia usara uma espécie de portal para chegar ao Outro Reino, e eu esperava que ele pudesse fazer o mesmo.

— Vá! — eu disse baixinho. — Agora!

— Está muito frio aí fora, Jena, e você não está nem com seu xale! Vai pegar um resfriado horrível! — disse meu primo, subindo a escada.

Tati estava como que congelada, com os olhos fixos em Triste, que subiu no parapeito.

— Adeus — sussurrou ela.

— Adeus — disse Triste e, vestindo o casaco preto, ele pulou do parapeito.

Prendi a respiração de susto, e então a soltei ao ver Cezar surgir no topo da escada.

— Vamos entrar, meninas. Podemos nos esquentar perto do fogo. Jena? Está tudo bem?

Tati passou por Cezar como se não o visse e desapareceu na escada. Eu queria olhar lá para baixo e ver se Triste estava estirado no chão como um boneco quebrado.

— Sinto muito por tê-lo preocupado, Cezar — eu disse com a voz trêmula. — Precisava de um pouco de ar fresco.

— Talvez nós possamos encontrar um cantinho sossegado para ficarmos sozinhos, que tal?

Cezar me abraçou e, diante das circunstâncias, eu não me importei. Qualquer coisa serviria para o distrair da estranheza daquela situação.

— Vamos, querida. Vamos entrar — disse ele.

Conforme descíamos a escada, eu me dei conta de que uma queda como aquela talvez não fosse um problema para Triste. Ele estava no Outro Reino há muito tempo. Talvez houvesse mudado mesmo, e deixado de ser humano. Talvez tivesse passado por um portal; quando eu e Tati atravessamos com Anastasia, a sensação fora de que estávamos caindo. Ou talvez pudesse abrir aquele casaco preto e voar como um morcego. Senti um calafrio. Fora por pouco.

— Está tudo bem, Jena — disse Cezar. — Eu estou aqui.

# Capítulo 10

Meu coração, que estava batendo forte de medo por Triste, acalmou-se quando Cezar se afastou para ir encontrar o canto sossegado que mencionara. Mantive-me ocupada, primeiro conversando com tia Bogdana, depois dançando com Razvan, Daniel e outros rapazes, cujos nomes eu esquecia um segundo após ser apresentada a eles. Os comentários de Gogu eram previsíveis:

*Alto demais, você ia ficar com o pescoço doendo só de olhar para ele.*

*Esse daí cheira mal.*

*Esse está usando uma camisa de seda lilás. Preciso falar mais alguma coisa?*

Imaginei que os jovens com quem estava dançando tinham um rosto diferente: cabelos negros, uma boca engraçada, olhos verdes e vivazes. Perto do homem do espelho de Draguta, os que havia na festa eram completamente insípidos. Então lembrei-me de ver minhas irmãs gritando quando o rapaz se transformara num monstro, e me dei conta de que era uma tola por ainda estar pensando nele. Na Lua Nova, eu abrira para mim mesma um reino de perigo e, se sonhasse demais com aquele homem, talvez esquecesse o que era certo e o que era errado. Este é seu mundo, pensei, repreendendo-me. Com esses rapazes e essa vida. Se quer proteger sua família e Piscul Dracului, este é o caminho.

Observei minhas irmãs, algo que estava acostumada a fazer em nossas visitas à Clareira das Danças. Vi Tati e Stela escapulindo juntas lá para cima. Stela estava tentando esconder um enorme bocejo, e Tati parecia perdida em seus pensamentos. Iulia conversava com Razvan. Não pude ouvir o que ele estava dizendo, mas tinha conseguido fazê-la sorrir.

As guloseimas começaram a escassear e os convidados ainda estavam com fome. Fui até a cozinha conversar com Florica. Quando entrei no corredor, Cezar surgiu das sombras e agarrou meu braço, fazendo-me soltar uma exclamação de susto. Não havia mais ninguém ali conosco.

— Não faça isso!

— Está querendo me evitar, Jena? — perguntou Cezar sem soltar meu braço. — Preciso conversar com você a sós. Disse isso quando entramos, mas você está sempre fugindo de mim. Venha beber uma **tuica** e descansar um pouco.

Quando abri a boca para dizer que tia Bogdana me mandara voltar imediatamente, ele acrescentou:

— Tenho algo a lhe pedir. Você já deve saber o que é. Jena, preciso fazer isso em particular.

Olhei desesperadamente em torno, procurando qualquer pessoa. Do salão, vinha o som de risos e música. Do outro lado do corredor, na cozinha, alguém estava esfregando alguma coisa; era Florica e suas ajudantes que já haviam começado a limpar tudo. Cezar e eu ficamos ali parados, imersos em constrangimento.

— Se tem algo a dizer, é melhor fazê-lo logo.

Cezar ainda estava segurando meu braço, e agora pegou o outro também. Eu estava prensada contra a parede, e o rosto dele estava próximo demais do meu, o que me deixava desconfortável. Seu hálito fedia a **tuica**. Cerrei meus dentes.

*Ande logo, seu desgraçado.*

— Você sabe o que é. Sabe o quanto eu a quero, Jena. Está linda com este vestido vermelho. Não consigo tirar os olhos de você. Jena, quer se casar comigo?

Meu primo disse tudo isso de um fôlego só. Antes que eu pudesse respirar ou responder que não me casaria com ele nem que fosse o último homem da Transilvânia, Cezar se inclinou e me beijou.

Eu sempre sonhara com meu primeiro beijo. Não definira o rapaz que me beijaria, mas sabia exatamente como o beijo seria: terno e doce, mas também muito excitante. Deixaria minhas pernas bambas e também me faria sentir segura, amada e linda.

O toque dos lábios de Cezar destruiu esse sonho. O beijo dele não demonstrava amor ou ternura. Era um beijo de posse, que machucou minha boca e meu coração. Quando terminou, eu arranquei meus braços das mãos dele e fiquei parada, tremendo, usando toda a minha força de vontade para não esbofeteá-lo.

*Responda a pergunta, Jena.*

Respirei fundo. Queria expressar toda a minha fúria para Cezar, queria magoá-lo. Mas, embora estivesse tremendo de humilhação, decidi me controlar. Meu primo tinha poder naquela casa. Se papai morresse, aquele poder se tornaria absoluto. Cezar ficaria ofendido



com minha resposta — para isso, não havia remédio. De qualquer forma, eu precisava dá-la com o máximo de tato possível. Ou ele poderia se vingar em todas as pessoas que eu amava.

— Obrigada por seu pedido. Mas jamais daria certo, Cezar. Somos diferentes demais. Temos opiniões opostas. Não gostamos das mesmas coisas. Passaríamos o tempo todo discutindo, e seríamos horrivelmente infelizes.

— Jena, Jena, Jena — disse meu primo, pressionando seu corpo contra o meu e aproximando seus lábios do meu ouvido. — Você não pode estar falando sério. Somos amigos desde que éramos crianças. Todos os namorados brigam um pouco, é assim mesmo. Além do mais, isso resolve o problema da propriedade. Eu já sou da família. Tenho certeza de que tio Teodor aprovaria. Vamos lá, Jena. Você só está me provocando.

A mão dele buscou o decote de meu vestido carmesim e, dessa vez, eu não pude controlar a minha raiva. Gogu tremia de indignação em meu bolso, espremido entre mim e Cezar.

— Pare com isso! — gritei, dando um tapa forte no rosto dele. — Não ouse me tocar dessa maneira! Pensa que eu deixo qualquer bêbado me agarrar num canto escuro? Não vai se casar comigo, Cezar. E, se eu puder evitar, também não vai se casar com nenhuma das minhas irmãs. Jamais ponha suas mãos em mim de novo. Estou guardando esse privilégio para meu futuro marido. E pode ter certeza: ele nunca vai ser você!

Virei-me e fui andando com passos firmes até a cozinha, sem olhar para trás.

Depois que os convidados foram dormir, eu fui para o nosso quarto, exausta e angustiada. Minha mente estava embaralhada, tentando lidar com o choque da aparição temerária de Triste e com o comportamento grosseiro de Cezar.

Tirei o vestido vermelho, sabendo que jamais ia usá-lo de novo, e pus minha camisola. Coloquei Gogu na mesinha de cabeceira. Stela já estava dormindo. Tati estava deitada na nossa cama com os olhos abertos. Paula e Iulia conversavam aos sussurros. Nenhuma de minhas irmãs parecia satisfeita. Nossa festa fora um sucesso sob certos aspectos, mas a possibilidade de encontrar pretendentes de quem realmente gostássemos estava mais distante do que nunca. Lembrei-me de que certa vez Tati dissera que nossas visitas ao Outro Reino iriam fazer com que nosso mundo parecesse enfadonho, pois ele jamais poderia ser tão fascinante. Hoje, eu começara a concordar.

— Jena, você está com uma cara horrível — disse Paula. — A festa não foi tão ruim assim, foi?

— Cezar me pediu era casamento — revelei. — E eu disse não.

Não havia planejado contar aquilo ainda, pois a mágoa que sentia estava muito viva. Mas as palavras saltaram de minha boca sem que eu pudesse controlá-las. Minhas irmãs ficaram em silêncio, atônitas. Até Tati se apoiou nos cotovelos para me observar melhor.

— É sério. Ele me deu um beijo e tentou me apalpar. Foi nojento. Tentei ser gentil, mas acabei perdendo a cabeça. Ele agora está com mais raiva do que antes.

Coloquei água na tigelinha de Gogu, sentindo-me acalentada ao seguir minha rotina diária.

— Aposto que ele encara *você* como um desafio — disse Paula.

— Mais ou menos como o javali que ele gosta de caçar — concordei. — Se eu me casasse com Cezar, ele só ficaria satisfeito quando destruísse toda a minha vontade própria. Não consigo entender como ele pôde acreditar que eu diria sim.

Mas, pensei eu, talvez por trás do homem que tinha tanta sede de poder e que temia o Outro Reino a ponto de querer acabar com ele, ainda existisse aquele menino sério que idolatrava o irmão mais velho e que se sentira responsável pela prima desde o dia que uma tragédia atingira eles três. Talvez ele sempre houvesse acreditado que um dia nós dois ficaríamos juntos. Aquilo me entristeceu. Só que eu jamais poderia me casar com Cezar. Seu toque me enojava, e seu ódio me assustava.

Apaguei a última vela acesa e me deitei ao lado de Tati. Não consegui dirigir uma palavra a ela. Era estranho, mas quando a imagem de minha irmã e seu namorado enlaçados me vinha à mente, o que eu sentia com mais força era inveja. Devia ser maravilhoso amar daquela maneira, ficar tão envolvida por alguém que todo o resto do mundo desaparecia.

Devia ser algo que nos preenchia e nos inundava de alegria. Desejei que o menino de olhos verdes que eu vira no espelho pudesse ser o que ele parecera ser a princípio. Queria que fosse real, que me amasse, que não fosse um monstro do Outro Reino. Por que tudo precisava ficar cada vez mais difícil quando só o que eu estava tentando fazer era cuidar da minha família e viver minha vida da maneira que papai gostaria? As lágrimas começaram a escorrer pela minha face. Algum tempo depois, Gogu saltou para o travesseiro e deitou-se ao meu lado.

— Jena?

Tomei um susto, pois não esperara que Tati fosse dizer nada.

— O que foi?

— Obrigada.

— Pelo quê?

— Você salvou o Triste. Se não tivesse nos avisado, Cezar o teria visto. Jamais achei que fosse agir dessa maneira.

— Você achou mesmo que eu deixaria Cezar matá-lo com o primeiro objeto pontiagudo que encontrasse?

— Não, é claro que não — disse Tati bem baixinho. — Mas você quer que o problema desapareça, não quer? Ainda torce para que Ileana os mande embora e para que nós dois não possamos mais nos ver. Ficou zangada conosco.

— É claro que fiquei zangada. Ele não pode voltar aqui nunca, Tati. Vocês planejaram isso? Como?

— Nós nos encontramos na floresta de vez em quando. Eu contei a ele que íamos fazer a festa. Mas não achei que fosse vir. Juro, Jena.

— E não devia ter vindo. Não é apenas a Cezar que ele deve temer, ou aos outros homens do vale. Vindo aqui ver você, Triste pode arrumar problemas com Tadeusz também.

Pensei nas coisas terríveis que vira na Lua Nova, nas maneiras originais que os Seres da Noite haviam inventado para torturar os infelizes humanos que se tornavam seus escravos. Lembrei-me de Anastasia me dizendo que Tadeusz quisera que Triste o visse com Tati. Teria sido particularmente cruel.

— Triste deve realmente amá-la muito para querer se arriscar dessa maneira por você. Por favor, não faça isso de novo, e por favor não vá tentar encontrá-lo na floresta. Prometa.

— Tudo bem. Mas quero ir ao Outro Reino na próxima Lua Cheia.

— Acho que isso vai depender de Cezar — eu disse sombriamente. — Boa noite, Tati. Durma bem, Gogu.

Não comentei com minha irmã o quanto eu ficara perturbada com o pulo que Triste dera, e como me parecera que, se ele podia fazer isso, então não devia ser muito diferente das criaturas que o haviam capturado quando era criança. Perguntei-me o que ele e sua pobre irmã comiam no reino dos Seres da Noite. Adormeci em meio a visões sombrias. Meus sonhos foram uma mistura caótica de cenas violentas.

Cezar não disse uma palavra sobre o que ocorrera entre nós. Na verdade, estava se comportando de maneira exemplar com todas nós. Mas eu estava desconfiada. Não era do feitio dele perdoar uma ofensa como aquela.

Toda a responsabilidade pelos negócios de papai havia sido retirada das minhas mãos. Cezar tomara conta da escrivanhinha dele, anunciando educadamente que os empregados dele em **Vârful** iam lidar com tudo até o fim do inverno e que eu não precisaria mais registrar os

números nos livros-caixa. Em resumo, não havia mais nada para eu fazer, e nenhum motivo para que continuasse a freqüentar o escritório de papai. Cezar não disse essa última frase em voz alta, talvez porque soubesse que ela me faria perder as estribeiras, mas deixou claro que esse era o significado de seus atos.

Eu protestei, mas não muito. A verdade era que, após a noite da festa, mal conseguia olhar para meu primo. E também estava tendo dificuldades para dormir. Quando adormecia, tinha sonhos confusos e inquietantes. Neles, dançava com um jovem; não Cezar, aquele detestável Vlad que fazia experimentos com sapos ou as criaturas da clareira de Ileana, mas um homem de olhos verdes e cabelos desgrehados que me abraçava com firmeza e ternura e me dava um sorrisinho engraçado. Sentia-me radiante de felicidade, repleta de uma satisfação que jamais conhecera, nem mesmo nas noites mais fascinantes de Lua Cheia. Então o homem inclinava a cabeça para dizer algo que soava como “Confie em mim, Jena”, e seu rosto se transformava na máscara grotesca que eu vira no espelho de Draguta. O aposento iluminado onde estávamos desaparecia. A luz se tornava pálida e passava a ter tons esverdeados e arroxeados, e eu ouvia gritos. O sorriso gentil do rapaz se transformava numa careta, e em seu rosto surgiam dentes longos e afiados e uma língua de lagarto. Eu acordava banhada em suor e com o coração aos pulos. As vezes, gritava e acordava minhas irmãs. E às vezes tinha um sonho diferente: um no qual Tati estava sendo levada por alguém e eu os perseguia pela floresta. Não conseguia nunca ver se quem estava com ela era Triste ou Tadeusz. Corria sem parar, mas quanto mais me apressava, mais eles se afastavam de mim, até que chegavam na beirada de um penhasco que dava para uma ravina coberta de névoa. O homem mandava Tati pular e, antes que eu a alcançasse, ela obedecia.

Não contei esses sonhos a ninguém, mas não conseguia me esquecer deles nem por um segundo quando estava acordada. Comecei a fazer planos para ver se isso espantava os pesadelos. Precisava mandar uma carta para papai sem que Cezar soubesse. Uma carta contando toda a verdade sobre os problemas que vínhamos tendo e explicando que precisávamos muito de ajuda. Mas quem poderia levá-la? A neve ainda recobria tudo, pois o inverno sempre durava muito nos Cárpatos. Pensei numa solução, mas mesmo assim não escrevi a carta. Cezar tinha o hábito de ler tudo que lhe caísse nas mãos.

Os dias se passaram. Os rapazes ajudavam Petru com os trabalhos da fazenda, o que era bom. Eles também acompanhavam a mim e a minhas irmãs sempre que saíamos do castelo, o que era menos satisfatório. Cezar aumentara sua vigilância, e tornou-se quase impossível para qualquer uma de nós dar uma caminhada sozinha. Comecei a passar muito tempo no quartinho da torre, que se tornou um dos lugares preferidos para mim e Gogu. Piscul Dracului era cheio de recantos. Eu gostava de pensar que, por mais tempo que vivêssemos lá, sempre teríamos surpresas. Essa torre tinha sete janelas em arco de onde se via a floresta coberta de neve. O teto dela era pintado de azul com estrelinhas.

Há muito tempo, eu levava um tapete de pele e algumas almofadas lá para cima.

Estava deitada de costas no tapete, olhando para as estrelas pintadas e fazendo de tudo para não pensar nos problemas. Gogu estava empoleirado em minha barriga, imóvel como uma estátua.

— Não vamos falar de nada que seja ruim hoje, Gogu — eu disse. —Vamos conversar só sobre aquilo que gostamos. Você começa.

*A idéia foi sua. Você começa.*

— Nadar no córrego na primavera. Fazer panquecas. Sentir o cheiro da madeira sendo queimada na lareira. Ouvir o som de uma cachoeira.



Gogu não disse nada.

— Vamos lá! — exclamei, um pouco desanimada. — Não é possível que você não consiga pensar em nada de bom.

*Dormir no seu travesseiro, bem do seu lado.*

— Hum — eu disse, surpresa com a escolha dele. — Quando penso no passado, lembro de muitas coisas boas. Nós passávamos o dia todo nos aventurando. Patinávamos no gelo durante o inverno, embora não no Água Morta, lógico. E nadávamos no verão, embora fôssemos proibidas de fazer isso quando brincávamos com Costi e Cezar. Tia Bogdana dizia que não era decente meninos e meninas tirarem a roupa juntos, mesmo que fossem crianças.

*Ela tinha medo que vocês pegassem um resfriado.*

— Como você poderia saber disso? Aposto que nem tinha nascido nessa época.

Nenhuma resposta.

— Mas acho que está certo. Tia Bogdana adorava Costi. Que bom que pelo menos ele podia brincar lá fora conosco.

*Verde.*

— O quê?

*Estou falando de coisas boas. O verde é bom. Seu vestido verde com aquele bolso bem fundo.*

Eu sorri e acariciei as costas do meu sapo.

— Gogu, você acha que fui injusta com Cezar? Ele não era mau quando menino. Mas ficou tão insuportável, tão arrogante e... eu tenho até medo dele. Cezar é tão maior e mais forte do que nós. E as pessoas não o desafiam, embora deveriam fazê-lo.

Gogu ficou em silêncio por alguns segundos e então disse: *Achei que estávamos falando*

*só daquilo que gostamos. Seu cabelo castanho, tão macio e tão bom para se esconder.*

Fiquei surpresa de novo. Não sabia se gostava muito daquela descrição, que parecia mais apropriada para um arbusto do que para o meu cabelo.

— Papai voltando para casa. Essa vai ser a melhor coisa do mundo. Papai bem de saúde. E de volta o mais rápido possível.

*Amor verdadeiro.*

Levantei a cabeça da almofada bolorenta e encarei Gogu.

— Não sei se você está falando do meu futuro, mas está ficando cada vez mais improvável que eu encontre um amor verdadeiro. Ou está se referindo a Tati e Triste? Isso não é uma coisa boa, é um desastre. E não estamos falando de desastres.

*Amor verdadeiro é a melhor coisa do mundo. É o que faz todos os problemas desaparecerem.*

— Até para os sapos?

Gogu me encarou com ódio e ficou em silêncio.

— Gogu, eu estava brincando — disse, sentando-me num pulo e obrigando-o a se deslocar para o tapete. — Sei que você não é um sapo como os outros. Mas é que...

Gogu pulou para fora do tapete e se camuflou no chão de mosaicos com dragões pintados. Em meio aos tons de verde, azul e cinza dos azulejos, era impossível vê-lo.

— Gogu, apareça, por favor. Já tenho problemas demais para ainda por cima brigar com você. Sinto muito se o chateeí.

Nada.

— Gogu — eu disse, ficando de joelhos no chão e esperando que ele se movesse para pegá-lo —, se você me contasse o que é de verdade e da onde vem, talvez tudo ficasse mais fácil. Mas nunca me disse, nunca nem me deu uma dica. Nós suposta mente confiamos um no outro mais do que em qualquer outra pessoa do mundo, não é? Não custava nada você me

dizer. Eu sempre conto tudo para você, sabia?

Ao falar isso, me dei conta de que não era mais verdade. Não contara a Gogu quase nada sobre minha visita ao reino dos Seres da Noite. Não falara nada sobre o rapaz do espelho ou sobre o que Anastasia me dissera. Ele ficara tão zangado por ter sido deixado para trás que não quisera escutar. Quanto ao que Gogu era, há muito tempo eu desistira de adivinhar. Para mim ele era simplesmente Gogu, e não precisava mudar em nada. Mas meu sapo parecia estar cada vez mais chateado com essa situação.

— Se não gosta que eu trate você como um sapo, talvez devesse ser honesto comigo e me explicar o que é de verdade.

Gogu continuou desaparecido, sem permitir que eu escutasse seus pensamentos. Era um especialista em camuflagem. Mas então alguém bateu na porta e ele se assustou e se mexeu. Eu o apanhei e fui abri-la, com o coração batendo forte. Era Paula, e ela parecia nervosa.

— Desculpe incomodar. Sei que veio para cá porque queria ficar sozinha. Mas Florica está chorando. Cezar vem fazendo muitas perguntas a ela. Ela está muito chateada, Jena. Ouvi-a dizer algo sobre deixar Piscul Dracului. Acho melhor você vir.

Florica estava fazendo bolinhos na mesa da cozinha enquanto Stela criava cachorros, gnomos e árvores com a massa que sobrava. Minha governanta estava obviamente aborrecida. Seus olhos estavam vermelhos e inchados e ela se recusou a me encarar, mesmo após chamá-la pelo nome. Quando Florica colocou os bolinhos na assadeira, percebi que suas mãos

tremiam. Iulia, que estava colocando madeira dentro do fogão, lançou-me um olhar significativo. Todas esperavam que eu desse um jeito na situação. Era assustador ver que minha família ainda confiava na minha habilidade de resolver problemas pois, até ali, eu fora um perfeito fracasso.

— O que aconteceu, Florica? — perguntei, sentando-me na mesa.

— Nada, senhorita Jenica.

Florica nunca falava tão formalmente comigo, e aquilo me mostrou que algo estava muito errado.

— Por favor, Florica, diga o que houve. Você andou chorando — insisti.

Florica murmurou que não queria nos causar problemas ou piorar a situação. Um segundo depois ela se sentou abruptamente e desatou a chorar.

— Ele disse...

— O que foi, Florica?

— O senhor Cezar vem fazendo perguntas no vale, tentando descobrir alguma coisa que o ajude a seguir adiante com esses planos que ele tem. Alguém contou a ele sobre a Lua Cheia, Jena. Contou que é uma noite em que as barreiras se abrem. Ele enfiou na cabeça que você e Tati estão escondendo algo dele.

— E por que você está tão chateada com isso, Florica?

Agora era eu quem estava fazendo bolinhos com a massa enquanto Iulia fervia água para o chá. Stela colocou seus bracinhos em volta de Florica para consolá-la.

— Ele disse que se não contássemos tudo que sabíamos, íamos ser mandados embora. Disse que éramos velhos demais para trabalhar. Eu moro em Piscul Dracului desde que tinha quinze anos, Jena. Petru vive no vale há mais tempo ainda. Trabalhamos bem nossa vida toda. Este lugar é nossa casa. Ivan já precisa sustentar os filhos dele. Não podemos ir para lá. O senhor Cezar não nos mandaria embora, mandaria?

— Papai ainda é o dono desta casa — eu disse com firmeza. — E ele jamais mandaria você e Petru embora. Seu lugar é aqui. Florica, se você contou alguma coisa a Cezar, eu gostaria de saber o que foi.

— Ele perguntou sobre a Lua Cheia. Quis saber se vocês saíam e se havia criaturas estranhas na floresta nessa noite. Eu disse que não, que na Lua Cheia vocês ficavam bem quietinhas no quarto, mas que sempre pareciam muito cansadas de manhã. Não devia ter dito isso. Vi a cara que ele fez. Ele vai usar isso contra vocês e contra nós. Esse tipo de gente não entende como o povo antigo fazia as coisas.

— Florica? — disse Paula num sussurro. — Você sabe, não sabe?

— Fique quieta! — eu disse ao ver a expressão de puro horror no rosto de nossa governanta. — Esqueça isso, Florica. O que está feito, está feito. Não se sinta culpada. É Cezar quem deveria se sentir mal por intimidar você desse jeito. Diga a Petru que vocês só sairão daqui por cima do meu cadáver.

— Você é muito jovem, Jena. Que jeito vai poder dar? Se seu pai não voltar...

— Ele vai voltar. É só por causa do inverno que as cartas dele não estão chegando. Na primavera tudo vai voltar ao normal. E eu não vou permitir que Cezar cumpra suas ameaças. Ele não pode mandar vocês embora. Não está certo.

Fui logo falar com Cezar, sabendo que quanto mais esperasse para confrontá-lo, mais difícil seria fazê-lo. Ele estava no escritório de papai, mas não parecia estar fazendo nada em



particular. Estava sentado na escrivaninha, pensando. Quando olhei para ele, lembrei daquele beijo. E fiquei com medo antes mesmo de começar a falar.

— Jena — disse Cezar friamente. — A que devo esse prazer?

*Prazer? Não para nós.*

Gogu estava no meu ombro. Não quis chamar a atenção de Cezar para ele, e por isso deixei-o ali.

— Preciso lhe perguntar algo, Cezar.

— Sente-se, Jena. O que foi?

Ele estava com um sorrisinho no canto da boca, como se possuísse um segredo.

— Acabei de falar com Florica. Ela me disse que você ameaçou expulsar a ela e a Petru

de Piscul Dracului se não respondessem a perguntas sobre mim e minhas irmãs. É verdade?

Cezar se recostou na cadeira e cruzou os braços, sem deixar de me encarar.

— Você precisa de empregados mais jovens. Não é à toa que teve tantas dificuldades neste inverno. Sei que meninas têm o coração mole, mas precisa se dar conta de que aqueles dois não têm mais nenhuma utilidade. Deviam se aposentar, como os cavalos velhos. Não faça essa cara. É uma sugestão perfeitamente sensata. Eles têm um neto que mora aqui perto, não têm? Deixe que a família deles os alimente.

— Se for apenas uma sugestão, e não uma ordem, então tudo bem. Florica e Petru fazem parte da família. Não vão sair daqui de jeito nenhum. Pelo menos, não enquanto eu estiver dando as ordens.

Cezar me olhou como se esperasse que eu percebesse que estava falando uma imensa bobagem.

— Preciso lhe dizer mais uma vez que meu pai não morreu e que ele pediu que eu e Tati cuidássemos de tudo em Piscul Dracului até sua volta? — eu disse, tentando manter a calma. — Não parece ter compreendido isso ainda, Cezar. Ninguém lhe pediu para cuidar do dinheiro. Ninguém lhe pediu para se mudar para cá. Ninguém lhe pediu para me excluir de todas as transações comerciais. E ninguém lhe pediu para intimidar Florica e Petru. Se tem perguntas a fazer sobre a Lua Cheia, então fale comigo e deixe os outros em paz.

— Jena, por que você acha que seu pai não lhe mandou uma única carta durante todo esse tempo?

Senti um calafrio.

— Sei muito bem que ele não está bem de saúde — respondi. — Gabriel nos contou que ele piorou um pouco. Mas isso não significa que não vai ficar bom, Cezar. Tenho certeza de que mandará uma carta assim que o tempo melhorar.

— Seria mais sábio que você e suas irmãs se preparassem para o pior. E isso inclui melhorar seu comportamento, Jena. Não estou falando só dessa mania que você tem de retrucar sempre, do fato de que deseja controlar tudo ou de ter escolhido essa criatura estranha como companheiro constante. É muito mais do que isso. Fiquei muito chocado ao encontrar você e Tatiana no pátio naquela noite, parecendo ter acabado de voltar da floresta. Fiquei ainda mais alarmado quando as investigações que fiz aqui no castelo e em todo o vale fizeram surgir a informação de que é possível ir para o reino das fadas e depois voltar para o nosso mundo na Lua Cheia. Florica me contou que você e as meninas sempre passam essa noite sozinhas no quarto, com a porta trancada. E ficam tão quietas que nem parecem estar lá dentro.

Eu não disse nada. Estava apertando uma mão na outra com toda força atrás das costas, e feliz por Cezar não poder escutar o quão rápido meu coração batia.

— Você deve se lembrar que nossa festa foi na Lua Cheia, e que todas nós estávamos em casa.

— Ah, aquela festa — disse Cezar, subitamente muito sério. — Esse foi o ponto mais baixo de nossa amizade, Jena. Ainda torço para que você mude de idéia.

— Eu não posso...

Ele levantou a mão para indicar que eu deveria me calar.

— Mas a vida de todos nós seria bem mais fácil se você dissesse sim. É o destino, Jena. Você e eu somos feitos um para o outro, eu tenho certeza. Mas isso pode esperar. Estou interessado nesse Outro Reino sobre o qual o povo fala, e nessa conversa de portais. Se é verdade que eles existem, isso simplificaria muito o processo de destruir os Seres da Noite e todos que os ajudam. Seria possível que eu preparasse um ataque, o que reduziria bastante os riscos. Ouvei muitos boatos sobre entradas para o reino das fadas existentes em Piscul Dracului. Parece que assim que um dos velhotes da aldeia começa a falar, dúzias de outros lembram de histórias também. Eu me dei conta de que, se vocês sempre passam a noite de Lua Cheia trancafiadas no quarto e aparecem exaustas na manhã seguinte, então o portal deve ficar dentro daquele aposento.

*Ai, não.*

Fiquei paralisada. Não esperara que Cezar fosse chegar a essa conclusão. Afinal, era preciso muita imaginação para deduzir aquilo, e eu achei que homens como ele não a possuíssem.

— O que você está insinuando? Que eu e minhas irmãs vamos para um outro mundo e voltamos de lá todo mês na Lua Cheia? É ridículo.

— Eu já concordei com você, Jena. Já achei que vocês seriam incapazes de tal loucura. Especialmente você, que viu o que essas criaturas podem fazer no dia em que perdemos Costi no Água Morta. E mamãe mencionou que havia um rapaz estranho aqui na festa, um jovem que não estava na lista dos convidados. Parece que você disse a ela que ele era um amigo de Lucian, mas o próprio Lucian nega. Esse estranho dançou com Tatiana. Quem é ele, Jena?

*Pense rápido.*

— Está falando do homem de colete preto? Não tenho idéia. Achei mesmo que o tinha visto chegar com Lucian e o juiz Rinaldo. Mas acho que estava errada.

— É mesmo? Então é melhor que eu pergunte a Tatiana. Talvez ela saiba mais detalhes.

Não gostei nem um pouco da idéia. Tati não andava forte o suficiente para suportar as ameaças de Cezar.

— Ela não tem estado bem. Se quiser, posso perguntar por você.

— Tenho um plano muito melhor, Jena. Você deve gostar, pois ele acabará com a necessidade de interrogar quaisquer outros membros da família. Minhas caçadas estão se tornando uma perda de tempo. Aparentemente, é muito fácil para os Seres da Noite e essas outras criaturas escaparem para seus próprios reinos, usando esses portais de que o povo fala. Não quero acreditar no que dizem de você e de suas irmãs, Jena. Se os habitantes do vale soubessem que conhecem um portal assim mas o esconderam mesmo após o assassinato cometido por aqueles que vivem do outro lado, a reputação de sua família ficaria destruída para sempre. Mas se for verdade, nós podemos usá-lo sem deixar que a comunidade descubra.

— Não existe nenhum portal — eu disse, tentando ficar parada para que Cezar não visse que estava tremendo. — Tudo o que fazemos na Lua Cheia é ter uma festa particular. Colocamos roupas bonitas e contamos segredos umas para as outras. Devia ficar contente com o fato de que nós nos trancamos no quarto, já que acredita que essa é a noite mais perigosa do mês.

Cezar me lançou um olhar penetrante.

— Talvez isso seja verdade. Também ouvi uma outra história sobre a Lua Nova. Ah, estou vendo que isso significa algo para você, Jena. Essa também é uma noite na qual portais misteriosos podem ser abertos e criaturas nefastas vir ao nosso mundo para aterrorizar e atacar os humanos. Não era Lua Nova quando eu encontrei você e sua irmã no pátio?

— Não sei. E já expliquei o que houve naquela noite, Cezar. Você não pode ficar tomando conta de nós como um guardião. É só dois anos mais velho do que Tati. Isso é ridículo. Nós não fizemos nada de errado.

Ele permaneceu em silêncio.

*Pergunte qual é o plano dele. Não parece boa coisa.*

— Vai me dizer o que é que pretende fazer? Já que estou na minha casa, consideraria uma cortesia se me contasse esse tal plano.

— Ah, Jena — disse Cezar, parecendo genuinamente pesaroso, o que me fez lembrar dele quando era criança. — Preferia que nós fôssemos amigos. Mais do que amigos. Não me arrependi de nada do que disse na noite da festa.

— Nem eu, Cezar.

— Você já me disse muitas vezes que eu tenho muito ódio dentro de mim, e que não aprendi a deixar o passado para trás. Pois é, eu escuto o que você fala. Não fique tão surpresa. Mas não consigo fazer isso. Não antes de perseguir aqueles que arruinaram minha vida naquele dia. As promessas deles são falsas e as palavras que dizem são mentiras imundas. Quando todos desaparecerem, então não terei mais motivos para sentir ódio.

Ele ficara inexplicavelmente nervoso, torcendo as mãos sobre a mesa e evitando me encarar.

— Jena, eu preciso de sua amizade. Preciso de seu amor. Se você me ajudar, vou conseguir fazer isso. Minha vida vai voltar a fazer sentido. Será que não vê que preciso vingar Costi e me vingar pelo que foi feito comigo naquele dia? Você pode me ajudar a fazer isso. E quando tudo terminar, pode ficar ao meu lado e me acalantar, como fez naquele dia no Água Morta...

Gogu ficara muito tenso ao longo desse discurso de Cezar. Coloquei uma de minhas mãos sobre ele para impedi-lo de fazer algo idiota. Estava procurando as palavras certas, pois não sabia como responder.

— Na noite da festa, você não falou nada sobre amor — eu disse finalmente.



Cezar levantou a cabeça e me encarou.

— Não achei que precisasse — disse ele bem baixinho. Isso era horrível, porque tornava ainda mais difícil dizer o que eu precisava.

— Não entendo quando você fala que sua vida vai voltar a fazer sentido. Será que ela já não faz? Você tem sua mãe, tem **Vârful**. Com o tempo, poderá se tornar um homem como seu pai: um líder da comunidade, um exemplo. É um mercador, e pode tornar seu negócio ainda mais bem-sucedido. É homem. Pode viajar, ver o mundo, deixar nele uma marca. Sei que sofreu perdas terríveis. Mas não devia precisar destruir os habitantes da floresta ou controlar Piscul Dracului e nossa família para compensar isso. Você tem uma boa vida. Ou poderia ter, se resolvesse vivê-la. Ele estava esperando por mais.

— Não posso amá-lo, Cezar. Não dessa maneira. E não acredito que você me ame. Se amasse, teria se preocupado em aprender o que é importante para mim. Eu jamais poderia amar um homem que tentasse conseguir o que quer amedrontando as pessoas.

Nós ficamos em silêncio. Nem mesmo Gogu sabia o que dizer. Então Cezar se levantou e abriu a porta.

— É melhor que você saia, Jena. Já deixou bem claro o que sente — disse ele, com um tom que me fez estremecer.

*O plano.*

— Você mencionou um plano, Cezar. Posso saber do que se trata?

— Vamos apenas dizer que, se vocês usarem algum portal ou passagem secreta na próxima Lua Cheia, não farão isso sozinhas. Até lá, colocarei mais guardas em Piscul Dracului. Sei que têm quebrado as regras que eu criei para sua própria segurança, Jena. Tati, em particular, tem demonstrado uma tendência alarmante a ir passear sozinha. Ouvi um boato na aldeia há pouco tempo, algo que estava sendo dito pelas minhas costas. O povo percebeu o quanto a aparência de sua irmã mudou. Eles se lembram do que aconteceu com a filha do moleiro, e alguns chegaram a uma conclusão que me perturbou muito. Não sei o quanto você sabe sobre os Seres da Noite. Agora eu fiquei realmente assustada.

— Não muito — eu disse num sussurro.

— Eles matam quando se alimentam. Ivona foi uma vítima. Mas às vezes eles se alimentam de uma pessoa que permanece viva, porém fica diferente. Vejo que isso lhe perturba, Jena, mas é algo que precisa saber, já que insiste em se arriscar tolamente com suas irmãs. Ouvi alguém sugerir que Tatiana talvez tenha sido escolhida por eles. O homem que falava afirmou que isso explicaria o fato de nenhum animal ter sido morto em Piscul Dracului, e também a mudança drástica na aparência de sua irmã. As pessoas a viram na festa e não

puderam deixar de comentar. O povo está dizendo que ela vai receber outra visita em breve, e você sabe o que isso significa.

Eu mal conseguia falar.

— Não sei, Cezar. Explique para mim.

— Após algumas mordidas, a vítima se torna um Ser da Noite, Jena. Uma vez que tal processo tem início, o povo não vê mais a pessoa como vítima, mas como uma ameaça à comunidade. Não há como revertê-lo. Tatiana se tornaria uma pária, seria perseguida, seria obrigada a matar para se alimentar. Imagino que isso seja só um boato.

Ele me encarou muito sério.

— É claro que é! — exclamei.

Mas estava gelada de terror. Lá no fundo, suspeitava que talvez o que Cezar estava dizendo pudesse ser verdade. Não queria acreditar, mas parte de mim não podia evitar. Triste já estava no reino de Tadeusz há anos e anos. Antes de conhecê-lo, Tati era saudável e feliz. As pessoas não morriam de amor na vida real, morriam? Então, talvez, fosse outro o motivo de ela estar daquele jeito. Era horrível saber que alguém na aldeia pensara naquela

possibilidade. Imaginei homens com expressões furiosas e armas na mão perseguindo Tati pela floresta. Eu ainda não vira direito como eram os dentes de Triste.

— Precisamos acabar com essas fofocas — disse Cezar. — Tati foi muito tola ao permitir que elas se iniciassem. E olhe que ela é a mais velha de vocês. Não é à toa que as mais novas estejam tão selvagens. Colocarei guardas nesta casa a partir de amanhã. E espero que vocês andem apenas aqui dentro e no pátio.

Olhei Cezar, atônita, sentindo-me como que pregada no chão. Não conseguia acreditar que ele ia chegar a esse ponto.

— Você não pode fazer isso. Não está colocando guardas aqui para nos proteger, mas para cercar nossa liberdade.

— Você poderia cooperar, Jena — disse ele com aquela voz suave, a que mais me assustava. — Conte-me a verdade, e as coisas podem ser diferentes. Mas você precisa ceder um pouco. Não quero que nos tornemos inimigos.

*Pergunte sobre a Lua Cheia.*

— Você disse que não vai nos deixar sozinhas na Lua Cheia. Eu já falei que só fazemos

uma festinha entre irmãs, nada de estranho. O que você vai fazer, colocar uma mulher para nos espionar em nosso próprio quarto?

— Não uma mulher. Afinal de contas, há a possibilidade de uma viagem até o Outro Reino, o que envolve muitos perigos.

*Diga logo o que vai fazer, seu desgraçado.*

Gogu estava inteiramente tenso, e eu estava igual.

— Acho que você vai ter de me explicar melhor, Cezar. Não é possível que esteja pensando em passar a noite em nosso quarto, a não ser que não se importe em nada com a reputação da família. Se algo assim caísse na boca do povo, seu nome ficaria manchado, assim como o nosso.

— É claro que eu jamais imaginei fazer algo do tipo.

Vi o horror nos olhos de Cezar quando ele imaginou a possibilidade de se expor ao Outro Reino. Aquilo fez com que eu me perguntasse como era possível que fizesse aquelas caçadas noturnas, e também se algum dia havia acreditado que elas realmente dariam frutos.

—Vou encontrar um homem que esteja precisando muito de dinheiro. Alguém desesperado, preparado para se arriscar. Ele vai ficar trancado com vocês a noite inteira, e jurar atravessar esse portal e descobrir onde ele vai dar. Quando eu souber toda a verdade, poderei preparar um ataque. Não faça essa cara, Jena. Você não me jurou que não há portal algum? Se tiver sido honesta, então não tem com o que se preocupar, minha querida.

*Minha querida?! Como ele ousa? Canalha! Covarde!*

— Você vai colocar um homem em nosso quarto?! A noite toda? Obviamente só está preocupado com sua própria reputação, e não com a de suas primas. Cezar, isso é um absurdo. Vou falar com tia Bogdana amanhã de manhã. Ela jamais permitirá que isso aconteça.

— Minha mãe não está em casa. Foi visitar uma amiga em **Brasov**.

Fiquei imediatamente desconfiada.

— Ela não me contou que ia fazer uma visita.

— Foi uma decisão súbita. Mas não se preocupe, Jena. Uma de minhas empregadas vai estar no quarto também, uma mulher discreta. Vamos nos certificar de que ninguém fique sabendo.

— Então eu vou até a aldeia falar com juiz Rinaldo. Você já abusou demais de sua autoridade, Cezar. Colocar guardas aqui... é ridículo.

— Então você vai explicar ao juiz que passeia à noite pela floresta com suas irmãs? Que havia um homem estranho em sua festa? Ele já sabe de suas dificuldades em cuidar do negócio de seu pai e em tocar a fazenda tendo apenas Petru para ajudar. Ele sabe que essa casa foi a única poupada no massacre dos bichos feito pelos Seres da Noite. E é muito provável que já tenha ouvido a teoria sobre a causa da doença de Tati. Acho difícil que consiga convencê-lo de que eu estou errado em colocar homens aqui para proteger vocês.

— Vou tentar mesmo assim. Não vou permitir que faça isso.

Meu estômago estava embrulhado e eu ficava apavorada ao pensar na possibilidade de Cezar levar seu plano a cabo.

— Você não me ouviu, Jena. Eu já disse que vocês estão proibidas de sair da casa e do pátio. E especialmente de andar até a aldeia. Não até que essa situação seja resolvida.

*Prisioneiros em nossa própria casa. Há poucos minutos esse idiota estava falando de amor.*

— E se esse seu espião não descobrir nada?

— Então encontrarei outro homem para a próxima Lua Cheia. E mais outro, e mais outro, até que a verdade surja. Seria muito melhor que me revelasse tudo agora, Jena. Não me obrigue a constranger você e suas irmãs. Eu poderia limpar a floresta dessas criaturas antes mesmo da chegada da primavera. Sei que estou muito perto de alcançar meu objetivo.

Cezar me olhava, mas não me via mais; seus olhos estavam repletos de sangue e vingança.

— Não acredito que você achou que eu poderia mudar de idéia — eu disse, indo na direção da porta. — Não acredito que imaginou que poderia amar você. Os verdadeiros monstros não estão no Outro Reino, Cezar. Eles são homens como você: homens que não param de buscar o poder até que tenham destruído tudo à sua volta. Você acha que vai acabar com o povo da floresta. Mas, se não se controlar, é sua própria vida que vai destruir.

Cezar me encarou com seus olhos sombrios.



— Não, Jena. Minha vida já foi destruída.

# Capítulo 11

A situação ficaria ainda pior naquele mesmo dia. Cezar decidiu fazer uma busca em nosso quarto sem avisar antes, para nos impedir de ter tempo de esconder qualquer coisa suspeita. Ele obrigou Florica a subir a escadaria que dava no cômodo e a ficar esperando na porta para que eu não pudesse acusá-lo de desrespeito. Tal preocupação era ridícula, considerando-se o que ele havia planejado para a noite da Lua Cheia.

Antes de podermos ir dormir, fomos obrigadas a observar Cezar revistando todos os nossos pertences — sapatos, roupas de baixo, xales de seda, bijuterias, lembrancinhas, prendedores de cabelo, vidrinhos de perfume. Fiquei furiosa, mas não disse nada enquanto ele inspecionava nossas sapatilhas de dançar já um pouco gastas e os vestidos elegantes que jamais nos vira usar. Só pude explicar superficialmente para minhas irmãs o que ele pretendia fazer na Lua Cheia. Tati estava de costas para nós, e eu sabia que estava tentando não chorar; ela vinha aguardando nossa visita ao Outro Reino com enorme ansiedade.

— Nós gostamos de costurar — disse Paula a Cezar, que estava examinando o vestido azul de Iulia e reparando na qualidade do tecido com seus olhos de mercador. — Tia Bogdana

considera esse um passatempo apropriado para moças de família.

Cezar lançou um olhar furioso a Paula, deixando claro que sabia estar sendo feito de bobo.

— Todas as meninas gostam de sonhar, Cezar — continuou Paula. — E de vestir roupas bonitas, mesmo que não tenham para onde ir.

Cezar abriu a caixa de madeira com trinco na qual Paula guardava seus papéis, mas aparentemente ela já os colocara num lugar mais seguro, pois tudo o que encontrou foi um tinteiro e algumas penas quebradas. Ele verificou todas as janelas, recantos e buracos entre os tacos do chão do quarto, procurando nossos segredos. Nós cinco fizemos de tudo para não olhar para o local onde ficava o portal. Cezar apanhou a tigelinha de Gogu e observou a jarra de água. Ele examinou meu travesseiro, que ainda estava molhado da noite anterior.

— Que coisa, Jena.

*Você que é uma coisa, seu monstro.*

— Você deveria se perguntar se essa criatura não é a causa de todos os seus problemas — disse Cezar. — Suspeito muito dele. É óbvio que não é um sapo como outro qualquer. Já

parou para pensar que pode na verdade ser de uma outra espécie? E que pode estar... influenciando você?

— Quem, um sapo? — eu disse, aparentando desdém. — Tenha mais respeito por mim, Cezar. Sabe muito bem que não sou influenciável.

Decidi que me desculparia com Gogu mais tarde. Cezar revistou nosso quarto até que Stela estivesse caindo de sono. Finalmente, pareceu haver terminado, embora sua expressão cruel me mostrasse que não estava satisfeito.

— Acabou? — perguntei a ele.

Cezar estava parado no centro do cômodo com as mãos na cintura. Tudo ao redor estava uma bagunça: havia roupas por todos os lados e o chão estava coberto de sapatos e outras quinquilharias. Os móveis haviam sido tirados do lugar e até os lençóis das camas tinham sido revirados.

— Por enquanto — respondeu ele. — Mas não acredito nessa história de costurar vestidos bonitos e colocá-los só por brincadeira. O que tio Teodor pensaria desse desperdício de tecidos?

— Nós nunca pegamos nada sem perguntar a papai se pode — explicou Iulia. — Ele não se importa. É importante que as moças aprendam a costurar antes de se casarem.

Iulia estava claramente furiosa com Cezar; a reprimenda que ele lhe fizera na festa ainda demoraria a ser esquecida.

— Só um homem insano se casaria com qualquer uma de vocês — disse Cezar friamente. — Uma magricela esquelética; uma megera dominadora; uma oferecida; uma sabichona; e uma fedelha impressionável. Todos os homens deveriam querer distância de vocês.

— Adoraríamos que esse fosse o seu caso, Cezar — eu disse, contida, tentando desesperadamente manter a dignidade e não gritar como a megera que ele havia afirmado que eu era. — Gostaríamos muito que voltasse para **Vârful** e nos deixasse em paz até que papai voltasse para casa.

— Já chega, Jena.

Algo no tom de voz de Cezar fez com que me calasse. Naquele momento, passei a ter certeza de que ele realmente colocaria seu plano em prática. A não ser que existisse alguém poderoso o suficiente para impedi-lo.

— Então, boa noite — eu disse educadamente.

Minhas irmãs se sentaram em suas camas, observando tudo em completo silêncio. Cezar saiu do quarto sem dizer mais nada.

Minhas irmãs adormeceram uma por uma. Lá fora, a neve caía sobre o telhado de Piscul Dracului. Eu não podia vê-la, mas podia senti-la pelo silêncio que fazia ao meu redor. As quatro janelas coloridas estavam escuras naquela noite sombria de inverno. Na mesinha de cabeceira, uma vela ainda estava acesa. Ninguém se movia dentro do castelo, e só se ouviam os rangidos e murmúrios que as velhas casas fazem quando o frio enregela seus ossos.

— Gogu? — sussurrei.

*Estou aqui, Jena.*

— Precisamos tomar uma providência para impedir Cezar de levar o plano dele adiante.

Mas eu não sabia o que fazer. Não podíamos usar nosso portal até a noite da Lua Cheia. Não queria voltar a usar o portal da Lua Nova e ir parar naquele reino de sombras, e Tati prometera a Triste que não o faria. Isso significava que não podíamos procurar ajuda ou avisar ninguém do Outro Reino até a noite em que Cezar colocaria um capanga em nosso

quarto; ou seja, tarde demais.

— O mais simples a fazer seria não ir. Não usar o portal. Dessa forma, Cezar não o encontraria. Mas ele vai acabar descobrindo onde é, tenho certeza. Ele está sentindo tanta raiva que se esqueceu do que é certo e do que é errado.

Estremeci ao tentar imaginar até onde o ódio de Cezar o levaria. Se ele ameaçasse uma de minhas irmãs fisicamente, eu seria obrigada a revelar nosso segredo. Será que nosso primo seria tão baixo assim? E aquilo que ele dissera sobre o povo da aldeia achar que Tati estava se tornando um Ser da Noite era o mais aterrorizante. Aquele boato poderia ser uma arma poderosa para nos controlar.

*Draguta.*

— O quê? Ah. Você está dizendo isso porque o povo diz que ela é que tem o poder verdadeiro na floresta? Mas será que tem mesmo? Ela nunca nem apareceu, Gogu. E estou começando a duvidar que o espelho seja dela. Por que ele estaria lá na Lua Nova se ela não está?

*Espelho? Que espelho?*

Lembrei-me de que não havia contado a Gogu tudo o que acontecera naquela noite. Provavelmente era melhor assim.

— Você acha que Draguta concordaria em nos ajudar? Grigori me disse que eu seria capaz de encontrá-la se realmente precisasse dela. Então talvez seja possível entrar em contato com a bruxa mesmo que não seja Lua Cheia. Já ouvi histórias que dizem que ela sempre passeia pela floresta, como os duendes, mas às vezes assume formas diferentes — eu disse, subitamente lembrando da coruja branca. — Gogu, você acha mesmo que deveríamos tentar?

Silêncio. Gogu estava tremendo muito, como quando cruzávamos o lago. Eu também estava gelada de medo. Teríamos de passar pelos guardas, enfrentar a fúria de Cezar se fôssemos descobertos, andar até o Água Morta e então... Encontrar Draguta, sem saber onde procurar, talvez fosse mais difícil do que Grigori dissera. Podíamos ficar zanzando pela neve até morrer de frio, sem conseguir nada.

— Precisamos tentar, Gogu — sussurrei. — Nós dois. Não vou colocar nenhuma de minhas irmãs em risco. As coisas já estão ruins o suficiente.

*D-de madrugada. B-bem cedinho, antes que os g-guardas cheguem.*

Olhei para ele. Na penumbra, tudo o que podia distinguir era uma mancha verde em meu travesseiro.



— Pode ficar em casa se não quiser ir, Gogu. Posso ir sozinha. Na Lua Nova, eu o deixara para trás. A possibilidade de fazer isso de novo e de encarar a bruxa da floresta sem meu melhor amigo me deixava apavorada. Mas não achava justo obrigá-lo a ir se ele estava com tanto medo.

*V-você não quer que eu v-vá? V-vai me d-deixar para t-trás de novo?*

Ele foi tomado de desânimo, e seu corpinho pareceu murchar de repente.

— É claro que quero, seu bobo! Não quero ir sozinha de jeito nenhum! Só estou tentando poupar você.

*Então v-vamos juntos, Jena.*

— Você está sabendo que eu não tenho idéia de onde encontrá-la?

*Nós vamos conseguir.*

— Eu espero — disse, sentando-me para apagar a vela. — E espero que ela queira nos ajudar. Boa noite, Gogu. Bons sonhos. Vamos acordar de madrugada, lembre-se.

*Este travesseiro é meu lugar preferido no mundo, Jena.*

— *O quê?*

Tentei focar a vista para discerni-lo melhor na escuridão, mas os olhos de Gogu já estavam fechados.

Enrolei Gogu em minha luva de pele de carneiro e desci as escadas pé ante pé ao raiar do dia. Florica já havia acendido o fogo e estava amassando a massa na mesa. Pe-tru estava sentado ao lado do fogão segurando uma tigela cheia da sopa que havíamos tomado no jantar da noite anterior. Os dois me olharam quando surgi na porta vestindo minha capa e minhas botas de inverno.

Entrei na cozinha. Esse seria o primeiro teste do dia.

— Florica, Petru, eu preciso de um favor. Preciso sair sozinha, sem que Cezar veja. Vocês podem me ajudar?

Os dois me encararam com seus olhos escuros e envelhecidos, como se soubessem exatamente o que eu estava aprontando.

— Você precisa se apressar — disse Florica. — Daniel e Razvan vão descer bem cedo hoje. Eles estão indo embora.

— É mesmo? Não é um pouco repentino?

— Eles discutiram feio com seu primo ontem à noite, quando vocês já estavam na cama. — contou Petru. — Não concordam com o plano do senhor Cezar. Os dois se recusaram a fazer parte dele e arrumaram as malas.

— Hum — eu disse.

Houve uma época em que eu teria ficado feliz com a partida daquele dois, mas ela agora me parecia ser uma má notícia. Eles haviam ajudado muito com os trabalhos da fazenda, e eu

achava que a presença deles fazia Cezar moderar seu comportamento.

— O que está pretendendo, Jena? — perguntou Florica. — Não é seguro lá fora, você sabe muito bem. Principalmente para uma menina sozinha.

— Mas eu preciso mesmo ir, Florica. E muito importante. Prometo que vou tomar cuidado. Os habitantes da floresta não fazem mal a quem lhes demonstra respeito. Você mesma já disse isso. E não vou sozinha, vou com Gogu. Além do mais, deve estar mais seguro na floresta do que aqui no castelo enquanto Cezar estiver com esse mau humor. Vocês só não podem falar nada para ninguém. Por favor.

— Então, vá — disse Petru. — Vamos fingir que não vimos você. E nem o sapo. Leve isso aqui.

Ele colocou nas minhas mãos o pequeno canivete que usava para milhares de pequenos trabalhos. Estivera na mesa à sua frente, pronto para fatiar o pão que Florica ia lhe dar.

— Ele é bem afiado. Deixe-o na bainha enquanto não precisar dele. E traga-o de volta.

Florica fungou, limpando as mãos sujas de farinha no avental.

— Que todos os santos protejam você, Jena. Leve isso também.

Ela colocou a mão dentro de um dos muitos bolsos de seu avental, tirou um bonequinho feito de dentes de alho e me deu.

— Vá logo — disse Florica. — Os rapazes vão descer daqui a pouco. Estou preparando uma coisinha para eles levarem. Jena, você não comeu nada. Tome aqui...

Ela já estava remexendo as prateleiras e me dando um pedaço de pão dormido, um pouco de queijo e uma maçã embrulhados numa trouxa.

— Petru vai trabalhar no celeiro. Vá até lá quando voltar e ele a ajudará a entrar em casa sem ser vista.

— Obrigada — eu disse, abraçando os dois. — Não sei o que iríamos fazer sem vocês. Vou voltar antes do anoitecer. Se alguém perguntar, vocês não sabem onde fui.

No início, eu nem tentei descobrir onde ficava a morada de Draguta ou como chegar lá. Meu principal objetivo era desaparecer na floresta, de modo a não poder ser perseguida por Cezar. Mas não era fácil, pois tudo estava coberto de neve e eu deixava pegadas impressas a cada passo que dava. Além disso, Cezar poderia mandar os cachorros da fazenda me rastream pelo cheiro. Por isso, fiz tudo que pude para impedi-los de ir atrás de mim. Caminhei por cima das superfícies congeladas dos córregos, o que resultou em inúmeros machucados para mim e Gogu. Subi numa pedra bem alta e quase sofri uma queda que me levaria a quebrar um braço, uma perna ou até a cabeça se eu não tivesse segurado num galho espinhoso bem a tempo. Infelizmente, tirara minhas luvas para escalar melhor, e minha palma ficara cheia de espinhos. Lá em cima, sentei-me para remover os maiores com os dedos da outra mão, que estavam quase congelados. Gogu lambeu as feridas para ajudá-las a cicatrizar. *Pobre Jena. Parou de doer?*

— Parou — eu disse, embora não fosse verdade, colocando a mão machucada sob a capa. — Precisamos seguir em frente. Acho que eles não vão conseguir nos encontrar. E agora? Para qual lado?

*Para o Água M-Morta.*

— Quer voltar para dentro do bolso? Está muito frio aqui fora. Lá dentro, pensei eu, Gogu poderia fechar os olhos e fingir que estava em outro lugar.

*Não. Quero ir no seu ombro.*

— Tem certeza? Você está estranho. Está triste. Não precisava ter vindo.

*Eu sei, Jena.*

Então fomos para o Água Morta. Não apenas até o riozinho onde fazíamos panquecas de espiga d'água, mas até a margem do lago. A superfície era gelo puro, e a névoa estava espessa, como uma mortalha cinza e esvoaçante. Tudo estava estranhamento silencioso. Não havia um pássaro sequer nos salgueiros desfolhados ou nos arbustos de azevinho, e nem um inseto caminhando pela relva. Acima de nós, o céu da manhã estava cinza. Logo ia voltar a nevar.

*E agora?*

— Sei lá — sussurrei com o coração aos pulos. — Não me parece certo gritar o nome dela. Rezar seria uma blasfêmia. E procurá-la poderia levar o dia inteiro e não adiantar nada.

Gostaria de saber o que Grigori quis dizer quando falou que eu seria capaz de encontrá-la se realmente precisasse dela... Enrolei-me melhor em minha capa, quase morrendo de frio.

— Gogu — eu disse, bem baixinho — acho que precisamos ter... fé cega. Você confia em mim?

*Eu confiaria minha vida a você.*

— Então, muito bem.

Segurei meu sapo entre as mãos, dei um suspiro fundo, fechei os olhos e subi na superfície congelada do lago. Comecei a andar. O gelo rangia sob as minhas botas; ele estivera mais firme na Lua Nova, mas agora as águas de **Taul Ielelor** já haviam pressentido a primavera. Mantive meus olhos bem fechados e, a cada passo que dava, pensava em todos os motivos pelos quais precisava que Draguta me ajudasse. Papai; Cezar; Tati e Triste...; Piscul Dracului; o futuro de minhas irmãs; o futuro dos habitantes da floresta.

— Draguta — sussurrei, estacando e ainda segurando Gogu entre as mãos. — Draguta, você está me ouvindo?

*Jogue fora o boneco.*

— O quê? — perguntei, irritada com Gogu, pois ele quebrara minha concentração.



*Jogue fora o boneco de alho.*

Enfiei a mão no bolso, encontrei o bonequinho que Florica me dera e atirei-o o mais longe que pude. Talvez o medo que os habitantes do Outro Reino tinham de alho fosse um mito, como Tadeusz afirmara, mas talvez não. Não custava nada jogar o amuleto fora. Fechei os olhos de novo.

— Draguta, eu amo a floresta. Amo o Outro Reino. Amo minha família, e amo Piscul Dracului. Por favor, ajude-me a salvá-los.

Meu coração estava batendo forte, e o de Gogu também. Achei que estava exatamente sobre no local onde Costi se afogara. Tentei não pensar na possibilidade de o gelo quebrar e eu cair na água, pois então congelaria tão rápido que não teria nem tempo de me afogar.

Nós esperamos. Senti o ar gelado penetrar o tecido da minha capa, do meu vestido, das minhas meias de lã e me congelar até os ossos. Meu nariz estava dormente e minhas orelhas, doendo. Achei que o gelo estava se formando em meus cílios. Gogu tremia convulsivamente. Recusei-me a acreditar que ela não apareceria. Se permitisse que esse pensamento surgisse, era provável que se tornasse verdade. Era preciso ter fé. E eu teria fé pelo tempo que fosse necessário.

É difícil ficar parado em pé com os olhos fechados por um período muito longo. Após alguns minutos, a gente começa a perder o equilíbrio e a ficar tonto. Mas eu consegui por um

bom tempo, ouvindo o silêncio da floresta e desejando que Draguta aparecesse antes que eu virasse uma estátua de gelo. Mas não foi a bruxa da floresta quem finalmente me fez abrir os olhos, foi Gogu. Ele tomou um susto e se moveu de forma tão abrupta que o larguei no gelo. Ao me abaixar para apanhá-lo, vi-me cara a cara com uma mulher muito baixinha que estava bem na minha frente, em completo silêncio.

*É ela.*

— O quê?

*É ela.*

Gogu escondeu o rosto na palma da minha mão, tremendo muito. Eu olhei de novo. Um xale branco com mais buracos do que tecido. Cabelos brancos, longos e desganhados. Olhos verdes como esmeraldas. Pele fina e bastante enrugada e um nariz encurvado. Numa das mãos, um pequeno cajado feito de madeira de salgueiro, com uma pedra polida do tamanho de um ovo de tordo no topo. Pequenas botas prateadas de bico alto, brilhando contra o gelo sobre o qual estavam pousadas. Na outra mão, uma delicada corrente de prata, onde estava presa uma raposa branca com uma coleira incrustada de jóias. A mulher mal passava da altura dos meus joelhos.

— Você fede a alho! — disse ela com os olhos astutos fixos nos meus. — Detesto alho. Por que está aqui?

— V-você é Draguta?

Eu não podia acreditar que aquela criaturinha frágil fosse a famosa e temida bruxa da floresta.

— O que você acha?

Eu não podia desperdiçar nem uma pergunta. Se ela fosse mesmo Draguta, poderia decidir desaparecer a qualquer momento. Precisava aproveitar minha oportunidade.

— Acho que é, e gostaria de cumprimentá-la.

Fiz uma cortesia. Ela fungou com desdém, mas continuou ali. A raposa estava mexendo no gelo com a patinha, querendo cavar um buraco.

— Tenho pão e um queijo muito bom — eu disse, muito arrependida de não ter lembrado de trazer um presente. — E uma maçã vermelha e deliciosa. Pode comê-los, se quiser.

Coloquei Gogu no ombro, desfiz o nó da trouxa que Florica me entregara e ajoelhei-me para oferecê-la.

— Hum— disse a velhinha, remexendo o conteúdo da trouxa com o cajado. — Não tem mais nada?

Pensei freneticamente no que mais poderia oferecer.

— Quer meu brinco de ouro? Ou um lenço de seda?

— Está com medo de mim, Jenica? — perguntou a bruxa.

E subitamente eu fiquei com medo mesmo, pois ela abriu um sorriso, mostrando duas fileiras de dentes pequenos e pontiagudos. Estava olhando diretamente para Gogu, que tentava se esconder em meu cabelo. Draguta lambeu os lábios com uma língua pálida e longa.

— Ah, mas você tem algo que eu quero. Uma coisa suculenta. Deliciosa. Verde como a

relva.

— Não, não posso lhe dar Gogu! — exclamei, horrorizada. — Tudo, menos ele!

— Ah, Jena, você está me decepcionando. Andou toda essa distância nesse frio, fez um pedido tão sentido, e agora vai desistir de tudo por causa desse batráquio? Acho que não está entendendo. Dê o sapo para mim e eu lhe direi tudo o que quer saber. Darei a solução de todos os seus problemas. É muito fácil. É só entregá-lo aqui na minha mão. Assim, não precisarei decidir o que vou comer no jantar.

Gogu ficou imóvel, e eu achei que seu coração parara de bater de pânico.

— Gogu! Não desista agora, eu preciso de você!

Ele se moveu só um pouquinho, e eu suspirei aliviada.

— Não vou entregá-lo — eu disse, olhando bem nos olhos da bruxa. — Não posso entregar meu melhor amigo. Nós somos uma dupla. Fazemos tudo juntos. Pode ficar com o pão e o queijo, são o que há de melhor na despensa de Florica. E a maçã é de nosso pomar em Piscul Dracului. São muito mais gostosos do que um sapo. Pode acreditar.

Draguta me encarou por alguns segundos, e então jogou a cabeça para trás e começou a gargalhar. Ria tão alto que fez todas as árvores em torno do Água Morta tremerem. A raposa branca mexeu as orelhas.

— Florica, é? Ela deve estar velha agora, como eu. Lembro-me de quando era uma menininha, e todos os rapazes a perseguiam. Assim é a vida. Eu já era velha nessa época. Draguta sempre foi velha.

Ela apanhou minha trouxa e colocou-a dentro de uma das bolsas prateadas que a raposa carregava, penduradas numa sela em miniatura.

— Então me diga o que quer, e bem rápido.

Contei tudo, começando com a doença de papai e relatando também as coisas que Cezar fizera, a história de Tati e Triste e a perspectiva de ficarmos trancadas em nosso quarto todas as Luas Cheias até que revelássemos nosso segredo.

— E eu tentei manter o controle da situação, mas ela está ficando cada vez pior. E agora acho que Tati está em perigo, pois o povo está começando a acreditar que ela... está se transformando.

Foi difícil terminar essa frase, pois dizer em voz alta essa terrível possibilidade parecia torná-la real.

— Ela está tão pálida e distante, e tão magra. Será que Triste está mesmo... será que ele está...

Não consegui admitir que temia que ele houvesse mordido minha irmã, e que estivesse levando-a para a escuridão.

— Espero que possa me dizer o que fazer.

A bruxa riu.

— Fácil assim, hein? Você quer instruções. Ou um feitiço que faça voltar o tempo. Duvido que sua Tati fosse gostar disso. Você me surpreendeu, Jena. Meu sobrinho-neto, Grigori, havia me dito que era uma menina inteligente.

— Acho que não sou. Ultimamente, tenho feito tudo errado.

Draguta fez um carinho no focinho da raposa. Então, com uma agilidade espantosa para alguém que parecia ser tão velho, ela pulou para as costas do animal e pegou a corrente de prata, que usava como rédea.

— Não, por favor! Por favor, espere! Preciso da sua ajuda!

A bruxa pegou uma bolsinha que estava presa ao seu cinto, debaixo de seu enorme xale.

— Onde está o diabo do... Ah, aqui!

Ela atirou algo para mim e, instintivamente, eu me abaixei. O objeto quicou no gelo e saiu dando piruetas. Deslizei pela superfície do Água Morta para pegá-lo, mantendo Gogu a salvo com uma das mãos. Era uma garrafinha cheia de um líquido verde, bem fechada com uma rolha.

— Isso faz as pessoas dormirem — disse Draguta. — Duas gotas bastam. Quase não dá para sentir o gosto se misturar no vinho, e ele desaparece inteiramente na **tuica**. Vai cuidar de seus visitantes noturnos.



— Obrigada — consegui dizer, desesperada para mantê-la por perto até que todas as minhas perguntas fossem respondidas. — S-senhora Draguta... seria possível ajudar Triste e aquela menininha, a irmã dele? É tão horrível eles precisarem ficar presos naquele lugar sombrio, talvez condenados a se tornar Seres da Noite. Gostaria de fazer algo por eles. Mas é impossível que Tati e Triste continuem juntos...

Draguta me encarou, muito séria.

— Sua irmã já é uma mulher, Jena. Deixe que ela decida o que fazer da própria vida.

— Mas...

—Você ousa me desafiar?

Algo na voz dela me impediu de continuar falando. Draguta podia ser pequenina, mas ela me apavorava.

— N-não... só não quero perder minha irmã.

— O que tem de ser, será. Mas tenho um conselho para você, Jena. Ouça bem, pois é o único que vai receber.

— Estou ouvindo.

— Confie em seus instintos. E lembre-se, tudo tem um preço.

Ela bateu com as botas nas laterais da raposa, e o animal saiu correndo. Em cinco segundos, as duas haviam desaparecido na névoa.

— Espere!

Fiquei arrasada. Ela se fora, e tudo que eu conseguira era uma garrafinha cheia de uma poção duvidosa e um conselho que eu já sabia.

— Que droga! — exclamei, batendo os pés de frustração e fazendo com que o gelo estalasse assustadoramente.

*P-podemos v-voltar para a m-margem agora?*

Aparentemente, Draguta decidira não nos afogar. Chegamos são e salvos à margem de **Taul Ielelor**, embora sem nossas provisões. Estava na hora de começar a longa jornada de volta para casa. Eu estava horrivelmente cansada e desesperançada. Sentei-me num toco de árvore e percebi que estava sem forças para me levantar.

— Ela tentou ajudar, Gogu. Mas estou tão desapontada que poderia chorar. E quanto a Tati e Triste? E quanto ao plano de Cezar? Agora temos uma poção sonífera, mas quando ele descobrir, vai encontrar outra maneira de me obrigar a fazer o que ele quer. E para que dizer que tudo tem um preço? Eu seria uma imbecil se não tivesse aprendido isso ainda. Todo mundo diz a mesma coisa.

*N-não fique chateada. Eu estou aqui.*

— Que bom — eu disse, pegando Gogu e encostando-o em minha bochecha. — Como ela ousa ameaçar comer você? E meu amigo mais querido.

E então eu dei um beijo no nariz úmido e verde do meu sapo.

Tudo ficou branco. Fui atirada longe e ouvi o som ensurdecido de uma explosão. Caí de costas num pé de junípero. Gogu havia sido arrancado de minhas mãos com o estouro, e agora não estava em lugar algum. Eu me sentei, vendo a claridade se dissipar e a superfície do lago reaparecer diante de mim.

— Gogu?

Minha voz saiu fraca e trêmula. Meu coração estava acelerado, e meus ouvidos zumbiam. Tive a impressão de ouvir, bem ao longe, o som da gargalhada desdenhosa de uma velha.

— Gogu, onde você está?

Nada. Comecei a entrar em pânico. Fora Draguta quem fizera isso. Ela jamais tivera a intenção de me ajudar sem um preço. A bruxa me dera a poção e sorriu, mas o pagamento que queria fora aquele que pedira: meu mais precioso companheiro.

— Gogu! — gritei. — Gogu, se estiver me ouvindo, apareça agora!

Comecei a rastejar pela grama, procurando desesperada mente nos arbustos e samambaias.

— Oh, Gogu, apareça... por favor... por favor...

Eu ainda estava procurando quando vi um homem alto, esparramado na margem do lago como se houvesse sido atirado ali. Ele tinha a pele bem branca, os braços e as pernas longos e cabelos negros e compridos que lhe caíam sobre os olhos. Vestia farrapos que não o cobriam muito bem; uma parte considerável de seu corpo estava à mostra. Parecia estar desmaiado. Ou talvez morto. Um mendigo. Provavelmente bêbado, e talvez louco. Eu estava sozinha na floresta. Precisa ir correndo para casa sem nem olhar para trás. Mas por outro lado, talvez o homem estivesse machucado, e estava fazendo muito frio. Papai nos ensinara a ter compaixão pelos outros. Eu não podia deixá-lo ali.

Cheguei mais perto de mansinho, segurando firme o cabo da faca que Petru me dera. O rapaz estava em completo silêncio. Aproximei-me mais, inclinando-me para ver melhor. Ele não estava morto, pois respirava. Tinha as feições bonitas; um rosto familiar, com lábios finos e um queixo quadrado. Não, eu pensei. Por favor, não.

Ele abriu os olhos. Por entre os cabelos negros, pude ver que eram verdes como a grama. Fiquei apavorada. Aquilo era uma brincadeira cruel de Draguta. Era o lindo rapaz que me perseguira em sonhos desde a Lua Nova. Por detrás daquele rosto adorável, estava a criatura monstruosa que eu vira no espelho mágico, perseguindo minhas irmãs. E...

Meus pêlos todos se eriçaram e eu fiquei gelada de horror. Acho que sempre soube quem era o rapaz, embora me recusasse a acreditar. Quem mais estaria ali às margens de **Taul Ielelor** no meio do inverno? Não havia mais ninguém ali. Só eu e meu sapo.

— Gogu? — sussurrei, afastando-me dele e ainda segurando a faca. — É você mesmo?

Eu sentia que meu coração estava se partindo. O rapaz me encarou, mas não disse nada. Isso era o pior de tudo: se ele houvesse falado apenas uma palavra ou duas, se houvesse pedido desculpas, talvez isso apaziguasse um pouco a minha dor. Ele ficou sentado e abraçou seus joelhos ossudos com os braços. Subitamente, começou a tremer muito.

— Tome — eu disse, tirando minha capa e colocando-a em volta dos ombros dele. — É você mesmo, não é? Consegue se levantar? Consegue andar?

Eu sabia que deveria correr o mais rápido que pudesse, para longe do Água Morta, para longe da floresta. Fugir para minha casa, onde estavam minhas irmãs. Ele era um monstro. Eu vira com meus próprios olhos. Mas lá no fundo do meu ser, algo me impelia a ajudá-lo. Seu olhar era tão suplicante. Era como se alguém estivesse me esquartejando. Naquele momento, odiei Draguta como jamais odiara alguém antes. Aquele preço era alto demais por algumas gotas de sonífero.

— Gogu? — eu chamei de novo, com a voz trêmula.

Queria que ele dissesse alguma coisa, qualquer coisa, enquanto ainda estava com essa forma. Quanto tempo demoraria até que aquele rosto doce e gentil se transformasse numa máscara horrenda? Quanto tempo até que esse ser, que tinha a aparência de um rapaz humano, se tornasse a criatura do mal que pertencia ao mundo da Lua Nova? Quanto tempo até que me perseguisse pela floresta com suas garras afiadas e seus dentes terríveis? Eu estava muito longe de Piscul Dracului. Mas como podia dar as costas para ele? Estava frio, e nós estávamos no meio da floresta. E aquele era Gogu, que eu prometera jamais deixar para trás.

— Você tem algum lugar para ir? — perguntei, odiando a maneira como aqueles olhos verdes me encaravam, cheios de amor e ressentimento. — Consegue se levantar e andar?

Ignorando meu bom senso, estendi o braço para ajudá-lo a ficar de pé. Após alguns segundos, as pernas dele se curvaram e ele caiu de novo, tremendo muito.

— Quem você era antes? — perguntei.

O medo me fazia querer fugir, mas a tristeza e a piedade me mantinham ali. Ele não era mais Gogu. Decerto poderia responder agora à pergunta que eu sempre fizera.

— Antes de virar um sapo, você era um ser humano ou era outra coisa? Diga. Quem você era?

Os olhos de jovem continuaram fixos em mim, mas ele não disse uma palavra. Tinha a expressão tão triste que eu queria abraçá-lo e dizer que tudo ficaria bem. Mas eu ainda me lembrava das palavras que ouvira ao ver a visão no espelho de Draguta: “Confie nele e seu coração será destroçado.” E eu já estava me sentindo assim.

— Se você não me contar, como eu posso compreender? Não quero abandoná-lo aqui, mas não posso ficar — eu disse, sem conseguir olhar para ele. — Vou levar muito tempo para andar até em casa. Não acho que possa conseguir nenhuma ajuda para você. Só poderia pedir a Cezar e...

Imaginei a possibilidade de tentar explicar aquela situação para meu primo, e soube que o resultado seria terrível. Aquele rapaz seria perseguido e massacrado por uma multidão brandido foices, ou, o que era pior ainda, assumiria sua forma verdadeira e mataria inúmeros homens do vale antes de ser capturado e morto.

— Gostaria que você dissesse alguma coisa. Parece tão cruel deixá-lo aqui. Por favor, explique quem é.

Nada. Nem uma palavra.



— Então eu vou embora — eu disse, tentando não me esquecer que aquele era o monstro que vira no espelho de Draguta. — Não tenho escolha.

Virei-me e dei um passo, mas algo me prendeu ali. Olhei para baixo e vi que o rapaz estava segurando meu vestido com seus dedos longos, desesperadamente tentando adiar o momento da minha partida. Meus olhos encontraram os dele, e se encheram de lágrimas. Ele parecia tão desamparado e solitário. Sua expressão era exatamente como a de Gogu quando eu o ofendia e ele se escondia em algum arbusto. Ele é do Outro Reino, pensei. Você já viu o monstro que ele vira. Não deixe que ele encante você. Não pode deixá-lo chegar perto de Iulia, Paula e Stela.

Peguei na mão dele abri seus dedos, obrigando-o a me soltar como se faz com uma criança que segura algo que não devia pegar. Nossas mãos se tocaram e eu senti as reverberações daquela carícia por todo o meu corpo, inundando-me com ternura e desejo. Lembrei-me dos dedos gelados de Tadeusz sobre a minha pele, de sua voz suave e de suas palavras tentadoras, e das sensações que me haviam causado. Soube que não haviam sido nada comparadas com as que sentia agora. Aquilo era forte e profundo, e eu precisava de todas as minhas forças para me desgarrar. Era errado. Era proibido. No entanto, miseravelmente, para mim parecia ser a coisa mais certa do mundo.

— Adeus, Gogu — eu sussurrei, e então comecei a correr.

# Capítulo 12

Cheguei em casa congelada, exausta e arrasada. Petru me ajudou a entrar escondida. Por todo o castelo, havia homens com porretes, arcos ou facas, alguns que eu sabia serem empregados de **Vârful** e outros que jamais vira antes. Vi Cezar dando instruções a eles, mas só conseguia pensar na coisa horrível que Draguta fizera comigo, uma brincadeira cruel que virara meu mundo de cabeça para baixo.

Minhas irmãs me vestiram com roupas quentes. Stela trouxe uma bolsa de água fervendo para colocar sobre os meus pés. Iulia pegou um bule de chá na cozinha, com um pouco de pão e ovos em conserva, mas eu não consegui comer nada.

— Conte mais uma vez, Jena — disse Paula cuidadosamente, como alguém que tenta acalmar uma criança histérica.

Eu já relatara minha história mal e porcamente, falando inclusive do jovem que vira no espelho de Draguta e do que ele havia se tornado. Não dera a elas detalhes da cena em que vira a figura monstruosa perseguindo-as e machucando-as; não havia necessidade de minhas irmãs terem o mesmo pesadelo que eu. Mostrei-lhes o sonífero que ganhara da bruxa. Mas sabia que não podiam compreender o que eu estava sentindo. Se alguém falasse “Ah, ele era só um sapo,” eu ia dar grito.

— Você deu um beijo em Gogu? E foi isso que o fez se transformar?

— Não quero falar nisso.

— Talvez Gogu tenha sido um menino como os outros antes de virar sapo — disse Stela, muito séria. — Mas aí Draguta pôs um feitiço nele.

— Ele não é nada como os outros. O mundo dele é o mundo dos Seres da Noite. Ele tem a aparência boa, mas é ruim por dentro. Eu vi.

— E você acredita no que viu — disse Paula, cética.

— Ouvi a bruxa rindo. Paula, não faz sentido discutir essa história. Ele se foi. Eu me enganei durante todos esses anos. Em vez de um amigo e companheiro, ele era um... —

hesitei, estremeando — uma coisa qualquer que deve ficar no escuro, longe das vistas de todos. Como pude cometer um erro tão grande?

— Talvez ela tenha trocado Gogu por outro. — sugeriu Iulia. — É difícil acreditar que Gogu seja do mal, Jena. Talvez ela tenha pego seu sapo e deixado outro no lugar. Para lhe ensinar uma lição.

— Então era verdade que você conseguia ouvir os pensamentos de Gogu — disse Paula, pensativa. — Quando Draguta o transformou num sapo, ela provavelmente lhe deu essa voz para compensar o fato de que ele não podia falar. Ou ele teria ficado maluco.

Tati não dissera nada até ali. Mas então lançou um olhar peculiar às outras três, que imediatamente se afastaram e foram sentar na cama de Paula.

— Jena? — disse minha irmã mais velha. — Jena, olhe para mim.

Fazia muito tempo que Tati não ficava tão calma e controlada. Encarei-a, e ela enxugou as lágrimas do meu rosto. Sua mão era só pele e ossos.

— Não pode ter sido a primeira vez que você beijou Gogu na vida — disse ela.

— Não foi. Não acho que foi isso que causou a metamorfose. Draguta só queria que acontecesse num momento dramático, e escolheu esse. Acho que mereço mesmo uma lição, Tati. Estraguei tudo. E agora não tenho mais Gogu, e Cezar está lá embaixo colocando guardas armados por todo o castelo. D-desculpem — pedi, chorando mais e soluçando. — Não posso acreditar que perdi Gogu. E o pior é que...

Não, eu não contaria a ela que vinha sonhando todas as noites com o rapaz de olhos verdes, que o considerara muito mais interessante do que todos os outros que conhecera na festa, que imaginara estar dançando com ele e desejara que não existisse só na minha fantasia. Não significava nada; o sonho sempre acabava com ele virando um monstro.

— Jena, nós podemos ir até o Outro Reino na Lua Cheia — disse Tati suavemente. — A poção de Draguta vai fazer com que o guarda de Cezar caia no sono. Você poderá perguntar a Ileana o que isso significa, e eu posso perguntar sobre Triste. Talvez tudo tenha um jeito. Vou perguntar se Triste e sua irmã podem viver no reino dela, longe dos Seres da Noite. Você foi muito corajosa quando pegou a poção para nós. Por favor, não chore.

— Você acha que Gogu vai se lembrar do caminho de casa? — perguntou Stela, que não conseguia entender bem por que eu deixara meu amigo sozinho na floresta. Eu estava feliz por ela não ter compreendido exatamente o que Gogu era na verdade. — Espero que ele não congele como os passarinhos que caem das árvores no inverno.

— Fique quieta, Stela! — ordenou Tati. — Você está chateando a Jena. Ela deu sua capa para ele.

— Se isso fosse um conto de fadas — disse Iulia —, Gogu apareceria aqui na nossa casa, e Jena teria de implorar pelo perdão dele.

— Iulia! — exclamou Tati, apertando com mais força os meus ombros para me consolar. — Não piore ainda mais as coisas! Você só vai entender o que Jena está sentindo se algum dia perder alguém que ama.

— Sabe, seria mais sensato não ir ao Outro Reino nesta Lua Cheia, apesar de vocês terem perguntas a fazer — disse Paula. — Se nunca mais abríssemos o portal, seria impossível para Cezar encontrá-lo.

Tati e eu olhamos para ela.

— Mas nós temos de ir! — exclamou Stela, com os olhos arregalados e fazendo beicinho.

— Está dizendo que devíamos nunca mais voltar ao Outro Reino? — perguntou Iulia, que compreendera o significado das palavras de Paula. — Nunca mais?!

— Seria a solução mais prática — disse Paula. — Eu também detesto a idéia. Onde mais vou poder conversar sobre aquilo que mais amo: filosofia, história... agora que padre Sandu foi impedido de voltar aqui? Mas acho que é a coisa certa a fazer.

Ficamos todas em silêncio. Imaginei os sons que poderiam ter preenchido aquele vácuo: os comentários irônicos de Gogu, que só eu conseguia ouvir; o barulhinho dele nadando em sua tigela; e o baque que fazia quando pulava em meu travesseiro para dormir comigo.

— Precisamos ir pelo menos mais uma vez — eu disse, enquanto as lágrimas voltavam a rolar pelo meu rosto. — Acho que temos de dar um jeito de contar a papai tudo que está acontecendo em Piscul Dracului. E a única maneira de mandar uma carta para ele sem que Cezar saiba é pedindo ajuda no Outro Reino.

Eu decidira aceitar a oferta de Grigori. Concluí que ele parecia forte o suficiente para conseguir se cuidar ao longo da viagem de ida e volta até **Constanta**.

— Mas não sei o que vai acontecer depois — continuei. — Talvez Paula esteja certa. Talvez isso seja o fim.

Mais tarde, quando nos deitamos para ir dormir, Tati pegou minha mão por debaixo da coberta. A dela estava fria como gelo.

— Jena, lamento muito que você esteja tão chateada.

Eu estava com o rosto encostado no travesseiro, bem no local onde Gogu sempre dormia. A fronha estivera seca quando eu me deitara, mas agora eu estava molhando-a de novo com minhas lágrimas. Não disse nada para minha irmã. Ficara muito preocupada pelo fato de que ela não protestara quando havíamos falado em parar de freqüentar o Outro Reino. Perguntei-me como Tati achava que seria seu futuro. Podia ver o cabelo dela espalhado pelo travesseiro como um xale negro, e a pele muito branca de seu pescoço nu. Fechei os olhos. Não estava preparada para ver se havia a marca de uma mordida nele. Naquele momento, não tinha coragem para aceitar o que aquilo poderia significar. A verdade é que, na Lua Nova, Triste parecera ser uma boa pessoa, gentil e atencioso como Tati sempre dissera que ele era. Não queria descobrir que era um deles.

— Jena?

— O que foi?

—Se Ileana não fizer nada para ajudar Triste, não sei o que vou fazer. Mas não consigo mais ficar longe dele.



Custou-me muito responder. Tudo o que eu queria era me encolher e ficar sozinha com minha dor. Estava com ódio de Cezar. Com ódio do destino, que fizera papai adoecer e não mandara ninguém para nos ajudar. Com muito ódio de Draguta, que fizera com que meu melhor amigo se transformasse em algo que eu precisava temer. E com ódio de mim mesma, por ainda sentir amor por ele.

— Talvez você precise conseguir, Tati. Talvez não haja escolha.

Imaginei um futuro no qual Cezar era o dono não apenas de **Vârful**, mas também de Piscul Dracului. Parecia um futuro quase certo. Sem Gogu para me ajudar, eu não tinha certeza se teria forças para proteger minhas irmãs e agir da maneira que papai gostaria.

— Sempre há uma escolha, Jena — disse Tati, fechando os olhos.— Até desistir é uma espécie de escolha.

Conforme a Lua Cheia foi se aproximando, o humor de Cezar foi ficando cada vez pior. Ele gritava sem parar com os guardas, que pareciam ter sido escolhidos por serem grandes como armários e por nunca quererem conversa com ninguém. Eu não sabia por que Cezar brigava tanto com eles, pois aparentemente lhe obedeciam sem pestanejar. Eles dormiam no celeiro.

Petru, insatisfeito com a situação, estava ainda mais taciturno do que de costume. Já Florica vivia apavorada. Nós cinco passávamos nossos dias ajudando-a na cozinha e tentando não esbarrar com Cezar. Ele estava furioso, e Petru me confidenciara que achava que sabia o

motivo:

— Não consegue encontrar um homem que concorde em fazer o trabalho — murmurou ele ao passar por mim no corredor. — Ninguém quer ir para o Outro Reino. Não adianta ganhar dinheiro se a gente morre antes de aproveitar.

Iulia andava estranhamente silenciosa, e sempre aparecia com os olhos vermelhos de chorar. Nenhuma de nós gostava da presença de guardas em nossa casa, mas ela parecia estar triste com outra coisa.

— É por causa de Razvan — disse Paula para mim quando Iulia começara a chorar sem motivo pela décima vez naquela semana. — Ela está chateada porque ele foi embora sem avisar.

— Razvan?! — repeti, atônita. — Ela gostava tanto assim dele?

Eu percebera que Razvan e Daniel olhavam Iulia com admiração, mas não considerara aquele comportamento correto. Minha irmã podia parecer uma mulher, mas só tinha treze anos — certamente era jovem demais para receber atenções daquele tipo. Eu vira que os dois eram muito gentis com todas as minhas irmãs mais novas, mas de qualquer forma estava surpresa com aquela notícia.

— Razvan tem uma irmã da idade de Iulia, e seu pai tem muitos cavalos na fazenda — Paula me informou. — Ele deu a entender que gostaria de convidá-la para visitá-los no verão, e ela ficou muito animada. Mas agora, tudo mudou. Os meninos foram embora sem se despedir e Cezar não está nos deixando nem sair do castelo, quanto mais visitar a propriedade do pai de Razvan. Ela fica depois de **Brasov**.

— Por que Iulia não falou nada para mim?

Paula me encarou.

— Você tem estado preocupada com seus próprios problemas, Jena. Tati só faz contar os minutos até a Lua Cheia, e você só pensa em Gogu. Com isso, Iulia não tem mais ninguém para conversar, e Stela não tem mais ninguém para cuidar dela. Ela está assustada. Não entende por que todos esses homens estão aqui no castelo. Seria bom se vocês duas se lembrassem da nossa existência.

As palavras de Paula me magoaram. Será que era mesmo verdade? Será que eu estivera me preocupando tanto com Gogu, com Piscul Dracului e com o Outro Reino que me esquecera que minhas irmãs também estavam infelizes?

— Sinto muito — eu disse, com lágrimas nos olhos. — Mas é que ele me faz tanta falta.

— Mesmo assim, você podia se esforçar um pouco.

— O que você quer que eu faça?

— Converse com Iulia, e passe algum tempo com Stela. Tati não conta mais histórias nem brinca com ela como antigamente; e Stela, por algum motivo, acha que a culpa é dela. Gostaria que Tati voltasse ao normal. Ela não está só magra. Parece estar doente de verdade. Gostaria que a Lua Cheia chegasse logo.

Quando encontrei Iulia, disse a ela que, no ano que vem, eu achava que papai a consideraria madura o suficiente para fazer uma visita sozinha, uma vez que tia Bogdana aprovasse todos os particulares. A expressão em seu rosto foi uma recompensa: os olhos dela se iluminaram imediatamente. Minhas irmãs estavam crescendo mais depressa do que eu esperara. Parecia que a perspectiva de passar um verão andando a cavalo na companhia de um admirador era mais atraente para Iulia do que a magia das danças da Lua Cheia. Seria possível ficar velha demais para o Outro Reino?

Passei a ensinar Stela a ler, uma tarefa que Tati havia abandonado quando se tornara impossível para ela pensar em outras coisas além de Triste, e a contar histórias para ela na hora de dormir. Os sorrisos de minha irmã caçula me acalentavam. Mas quanto à própria Tati, não havia muito que eu pudesse fazer. Não podia forçá-la a comer, e estava relutante em mandar chamar um médico por causa dos rumores que vinham circulando pelo vale sobre ela. Ela desaparecia um pouco a cada dia. Eu apenas rezava para que a Lua Cheia trouxesse uma solução.

Em nosso quarto, a tigelinha de Gogu e a jarra de água ainda ficavam em minha mesa de cabeceira, embora estivessem vazias. Eu sabia que precisaria ter coragem de tirá-las dali, mas ainda não conseguira. Afinal, quando fizesse isso, seria como aceitar que ele se fora para sempre. Embora eu soubesse que o homem de olhos verdes era terrível no fundo, parte de mim ainda queria ir até a floresta procurá-lo, ver se ele estava bem e perguntar-lhe... o que exatamente? Por que Draguta o transformara num sapo e o colocara em meu caminho para que eu o salvasse, virasse sua amiga e o amasse, para no fim arrancá-lo de mim e me mostrar que ele era um monstro? O que ela fizera parecia não apenas sem sentido como inacreditavelmente cruel. Eu não conseguia compreender.

Na véspera da Lua Cheia, levei um tinteiro, uma pena e um pergaminho para a torrezinha com as estrelas pintadas no teto e sentei-me no tapete para escrever uma carta. Aquele era um lugar que os guardas de Cezar ainda não haviam descoberto. Lembrei-me da última vez em que estivera ali, quando Gogu, sentado em minha barriga, deixara-me surpresa ao falar de amor verdadeiro, dizendo que gostava dos meus cabelos e do meu vestido verde, e que amava dormir em meu travesseiro.

— Eu também amo você, Gogu — sussurrei para o silêncio da torre, onde os raios do Sol que se punha penetravam pelas sete janelas, dando um brilho rosado às estrelas pintadas. — Bem, amava você quando era um sapo, antes de saber a verdade. Mas...

Era inacreditável que eu ainda sentisse tanta ternura por ele, que ainda tivesse tantas lembranças boas, como se elas não houvessem sido manchadas pelo terror de sua real natureza. Gogu me vira tirando a roupa, andara para cima e para baixo em meu bolso, aquecido pelo calor do meu corpo. Ele se aninhara em meu colo e em meu pescoço, sob os meus cachos castanhos. Eu o amara mais do que a qualquer outro ser vivo no mundo.

— Eu não me importaria que tivesse se transformado num homem. Ia acabar me acostumando com a idéia — murmurei. — Acho que teria gostado daquele rapaz. Ele parecia gentil e engraçado. Por que ele não pode ser o verdadeiro Gogu?

Imaginei meu amigo pulando pelos azulejos do chão para se esconder nos desenhos verde-azulados. Lembrei-me dele me dizendo “V-você me deixou para t-trás.”

Pare de chorar, pensei. Há dias eu não fazia outra coisa. Precisava escrever aquela carta, e precisava fazê-lo muito bem. Sem Gogu para me aconselhar, eu teria de imaginar quais seriam as sugestões dele e fazer o resto sozinha.

Querido Gabriel, coloquei seu nome nesta carta porque espero que você a leia primeiro e só então a compartilhe com papai. Já mandei diversas antes, mas só recebemos uma resposta sua, contando-nos que papai estava doente demais para receber a notícia da morte de meu tio. Agora envio mais uma por um mensageiro diferente. Gabriel, preciso saber se papai estiver morrendo. Eu e minhas irmãs gostaríamos muito de vê-lo e nos despedir se esse for o caso. Mas, se estiver melhorando, então quero que saiba que estamos tendo algumas dificuldades em Piscul Dracului.

Eu fui breve, e não relatei nada sobre Triste ou sobre nossas atividades da Lua Cheia. Mas contei tudo que Cezar vinha fazendo: disse que ele tomara conta de nosso dinheiro e que colocara guardas no castelo para nos impedir de ir e vir. Tocar nesse último assunto sem revelar nada sobre o portal foi difícil, mas eu consegui. Disse também que Cezar pretendia começar a derrubar a floresta com a chegada da primavera, e que eu acreditava que ele havia mandado tia Bogdana para longe para que ela não tentasse impedi-lo. E contei que havia

boatos perigosos circulando na vale sobre Piscul Dracului e sobre nós.

Se papai não puder voltar para casa, Gabriel, gostaria que enviasse outra pessoa para nos ajudar. Tenho medo da interferência de Cezar, e quero que ele fique longe de Piscul Dracului. Não sei mais a quem pedir auxílio. Por favor, converse sobre isso com papai. Não envie uma resposta pelos empregados que Cezar usa normalmente, pois eu acredito que minhas outras cartas foram interceptadas por eles. O mensageiro que enviei está disposto a esperar para retornar com uma resposta. É preciso que você acate o desejo dele de permanecer incógnito. Pode confiar nele. Eu e minhas irmãs enviamos a você nossos cumprimentos e agradecemos muito por sua lealdade para com o nosso pai. Por favor, mande a ele nossos beijos e lhe diga que rezamos para que se recupere e volte logo para casa. Jena.

Dobrei o pergaminho e coloquei-o dentro do bolso. Então fiquei deitada no tapete observando o teto conforme a luz do Sol se movia sobre os tons de dourado, rosa, roxo e cinza da pintura e os pássaros conversavam lá embaixo na floresta, a caminho de seus ninhos. Obriguei-me a respirar fundo e a manter a calma; mas não foi fácil. Até onde nós sabíamos, Cezar não encontrara ninguém disposto a passar a noite em nosso quarto. Mas eu tinha certeza que ele ia dar um jeito de levar seu plano adiante, mesmo que tivesse de fazê-lo pessoalmente. Uma velha empregada de **Vârful** chamada Marta viera para o castelo no início do dia, e seria ela quem serviria de acompanhante para nós. Havíamos montado uma cama provisória para ela em nosso quarto, mal acreditando no que estávamos fazendo.

Torci para que minha carta chegasse às mãos de papai antes que Cezar pudesse fazer coisas ainda piores. Hoje, na Clareira das Danças, eu pediria a Grigori que a levasse até **Constanta** para mim, e tanto eu quanto Tati pediríamos que Ileana nos concedesse uma audiência. Se a rainha não nos desse nenhuma solução, eu acreditava que essa seria a última vez que visitaríamos o Outro Reino. Não podíamos nos arriscar a expor o lugar para Cezar sem um bom motivo, pois isso seria desprezar a maravilhosa oportunidade que havíamos tido de visitá-lo todos os meses ao longo de tantos anos. Hoje à noite, talvez precisássemos nos despedir de Grigori, Sten, Ildephonsus, Ileana, Marin e todos os nossos amigos. Eu sabia que teria de me furtar de luzes coloridas, música extraordinária, trajes elegantes e cheiros deliciosos, e guardá-los bem em minha memória. Talvez ainda vivesse muito tempo e, quando

fosse bem velhinha, queria poder me lembrar de todas as jóias brilhantes, das asas de todas as criaturas aladas, de cada precioso segundo.

Nesse momento, alguém bateu à porta.

— Jena?

— O que foi?

— Vamos lá para baixo! Agora!

Fiquei arrasada. O que foi desta vez?, pensei. Levantei-me e abri a porta.

Nada menos do que as três irmãs estavam do lado de fora, e havia ansiedade e medo estampados em seus rostos.

— Tem um homem aqui que concorda em cumprir a missão! — exclamou Iulia. — Cezar



está felicíssimo! Acho que ele pensou que teria de fazê-lo pessoalmente...

— Então você precisa preparar logo a poção — completou Paula.

— Rápido, rápido! — disse Stela, agarrando meu braço e puxando-me escada abaixo.

Chegamos ao nosso quarto. Marta estava na cozinha com Florica, esperando para saber se seus serviços seriam necessários.

— Escondam bem seus vestidos de festa — eu disse às minhas irmãs. — Precisamos esperar que Marta e esse homem durmam antes de começarmos a nos arrumar. Onde está aquela **tuica**?

Já havíamos colocado ali uma bandeja de prata e uma linda garrafa veneziana com copos do mesmo padrão, embora nenhuma de nós bebesse **tuica**. Naquela noite, eu e Tati fingiríamos tomar um pouco, para que nossas vítimas não suspeitassem de nada.

— Coloque os copos marcados desse lado — eu disse. — Muito bem. E agora, a poção.

Peguei a garrafinha que Draguta me dera num esconderijo embaixo do meu colchão, abri-a e coloquei duas gotas da poção nos dois copos que havíamos marcado com um minúsculo pontinho de tinta na base.

— Pronto. É só colocar a **tuica** por cima e, se a bruxa tiver falado a verdade, nem esse homem nem Marta vão sentir gosto de nada. E aí, nós esperamos. Tomara que não demore para funcionar. Meu Deus, não consigo acreditar que Cezar vai permitir que um homem estranho durma em nosso quarto.

Nós jantamos todos juntos. Havia tantos guardas em Piscul Dracului agora que Florica não conseguia alimentá-los todos na cozinha, e precisava enviar comida para o celeiro. Cezar foi incapaz de disfarçar sua alegria. Sua expressão me deixou enojada.

Ninguém falou nada durante toda a refeição. Florica trouxe as travessas de comida e levou-as embora vazias; Cezar ficou o tempo todo com um sorrisinho superior nos lábios; eu servi a **mamaliga**, o carneiro cozido e o repolho em conserva; e minhas irmãs comeram tudo sem emitir um som. Com exceção de Tati, que apenas cortou a carne em pedacinhos bem pequenos e ficou brincando com a comida, sem jamais levá-la à boca. Não a vi comer sequer uma migalha.

Depois disso, as coisas foram ficando cada vez mais inacreditáveis. Um homem estava esperando do outro lado do corredor, segurando seu chapéu com um ar claramente constrangido. Ele era muito pálido. Nosso primo nos apresentou como se aquela fosse uma ocasião social.

— Bem, Ioan — disse Cezar alegremente — você entendeu bem o que precisa fazer hoje.

— Sim, meu senhor. Encontrar o portal, entrar, voltar para cá e fazer tudo sem ser notado. Trazer informações. Tenho certeza de que essas senhoritas vão me ajudar.

Cezar levantou as sobrancelhas ao ouvir a última frase.

— Bem, boa sorte de qualquer maneira. Vou estar esperando ao amanhecer para destrancar a porta do quarto.

— Como assim, destrancar a porta do quarto? — perguntei, alarmada. — Nós é que vamos fazer isso. A tranca fica do lado de dentro.

— Tomei providências quanto a isso — disse Cezar. — Não quero nenhum truque, entenderam bem?

— O que eu entendi é que você fica feliz quando humilha suas próprias primas na frente de estranhos — respondi, furiosa.

— A culpa é de vocês mesmas — disse Cezar, despreocupado. — Subam, então. Levem Ioan até o quarto de vocês e sigam em frente. E onde está aquele sapo? Faz tempo que não o vejo. Devo dizer que gosto bem mais de jantar sem aquela criatura nojenta molhando tudo e bebendo sopa aos borbotões.

— Eu o soltei na floresta — respondi. — Por aqui, Ioan.

Havia mesmo uma nova tranca do lado de fora da nossa porta. Os homens de Cezar deviam tê-la instalado enquanto jantávamos. Quando já estávamos todos no quarto, incluindo Marta e Ioan, Cezar fechou a porta e trancou-a. A tranca interna não havia sido removida, e eu a fechei também. Então ficamos todos ali morrendo de vergonha: nós cinco, nossa acompanhante e aquele infeliz.

— Gostariam de beber algo? — perguntou Tati educadamente.

Ioan murmurou qualquer coisa e apanhou o copo que ela lhe ofereceu.

— Marta? — disse Iulia com seu sorriso mais lindo. — Não gostaria de um pouquinho de **tuica**?

— Obrigada, senhorita Iulia.

Ela aceitou o copo e foi se sentar em sua cama com um ar desconfortável. Nós cinco tentamos não olhar uma para a outra. A verdade era que não tínhamos idéia do que havia naquela poção. Tati serviu um pouco de **tuica** para mim e para ela e nós começamos a dar pequenos goles.

— Está frio, não está? — observou Paula, tentando parecer casual.

— Um comentário brilhante, considerando-se que é inverno — disse Iulia, que estava com os nervos à flor da pele.

— Não seja grossa, Iulia — disse Stela.

Lá de seu cantinho, Marta deu um suspiro. Quando nos viramos para olhar, ela estava caindo por cima de seu travesseiro, com os olhos já fechados. Iulia pegou o copo antes que ela o soltasse no chão, e Paula a cobriu com uma colcha. Ioan vacilou e então caiu deitado no chão, roncando levemente. Após alguns segundos, eu apanhei meu travesseiro e coloquei-o sob a cabeça dele. Não era sua culpa se estava tão desesperado para ganhar algumas moedas que concordara em arriscar a reputação de cinco meninas de família.

— Até agora, tudo bem — eu disse com a voz trêmula. — Só precisamos torcer para que o efeito dure até voltarmos. Não se pode confiar em Draguta. Vamos, troquem de roupa depressa.

Tati colocou seu vestido de borboletas; a seda branca sobre sua pele pálida a fazia parecer a vítima de um sacrifício. A única cor que havia nela era a gota vermelha que usava em torno do pescoço, presa a um cordão negro. Ela parecia ser feita apenas de pele e ossos, e era uma sombra de si mesma. Ao vê-la, eu senti um calafrio.

— Jena! — disse Iulia, fazendo com que eu despertasse de minhas reflexões. — Você vai se vestir ou quer ir de avental e botas?

Coloquei rapidamente meu vestido verde, prendendo meu cabelo com um laço de fita.

— Andem logo! — exclamou Tati, que já estava agachada ao lado do portal. — Vamos!

Era muito estranho mesmo. Eu mal podia acreditar que aquela poderia ser a última vez que iríamos nos reunir naquele cantinho: um semicírculo de rostos pálidos à luz de velas e sombras na parede evocando o dia, há tantos anos, em que havíamos descoberto nosso fabuloso segredo.

Tati e eu nos encaramos; os olhos dela estavam cheios de ansiedade, mas brilhavam mesmo assim, de amor e de esperança. Ela ainda não perdera isso, pois Triste estaria ao alcance de suas mãos uma vez que completássemos nossa jornada até o Outro Reino. Eu estremei ao me dar conta disso, pois me parecia que não havia nada no futuro dos dois além de dor e separação.

O portal se abriu.

— É a última vez — disse Stela com o queixo tremendo, prestes a cair em prantos. — A última vez mesmo.

— Talvez não — disse Paula. — Tudo é possível, Stela. Vamos, pegue minha mão.

As duas começaram a descer a escada em espiral, e nós fomos atrás. Eu fui a última a sair; olhei por cima do ombro e vi que tanto Marta quanto Ioan ainda estavam no mesmo lugar, imóveis.

Chegamos ao pé da escadaria e atravessamos a Galeria das Feras. As gárgulas estavam nos lugares de sempre, observando-nos com seus olhos enormes e sem expressão. Nenhuma tentou se juntar a nós. Tati já disparara na frente, mas eu não a ouvi chamando os barcos. Quando nos aproximamos da margem do lago onde minha irmã estava, ela falou, muito

assustada:

— Jena!

Alguém chegara lá antes de nós. Um rapaz estava parado perto da água, e meu coração quase parou quando eu o vi. Pele branca, cabelos negros e desganhados e olhos verdes e penetrantes. Não consegui me mover mais; meus pés se recusaram a se mexer. O que ele estava fazendo ali? Era Lua Cheia, a noite de Ileana, de luzes e música, amizade e coisas boas. Era nossa chance de consertar tudo, se a rainha da floresta concordasse em nos ajudar. Era ele quem estava no lugar errado, aquela criatura com um rosto belo que escondia uma terrível realidade. Mesmo sabendo de tudo isso, desejei muito me aproximar dele, tocá-lo e perguntar-lhe se estava bem.

— Jena? — sussurrou Paula. — Quem é ele? O que devemos fazer?

— É o Gogu — respondi com amargor.

Segui em frente, ignorando as exclamações de espanto e os murmúrios de curiosidade de minhas irmãs.

— Vocês não podem se aproximar dele — eu disse. — É perigoso. Não falem com ele.



E não deixem que entre em seu barco se quiser uma carona.

Nós avançamos na direção da margem.

— Ooo-oo! — chamou Tati, olhando nervosamente para o jovem de olhos verdes. — Ooo-oo!

Há pouco tempo, eu desejara que Ileana banisse os Seres da Noite para sempre, e que eles levassem Triste consigo. Torcera para que minha irmã jamais voltasse a encontrar seu namorado de casaco preto, pois me parecera que, mesmo que ele a amasse de verdade, só poderia trazer pesar para a vida dela. Mas agora, vendo os barquinhos surgirem um a um, quebrando o gelo da superfície do lago, desejei que Triste estivesse era um deles, para que a chama que brilhava nos olhos de Tati não se apagasse. Três barcos apareceram. O primeiro estava sendo impelido por um duende; não era Anatolie, mas um dos membros de sua numerosa família. Ao vê-lo, senti uma imensa tristeza. Paula, Iulia e Stela iniciaram sua travessia do lago. Os barqueiros olharam para Gogu quando chegaram à margem, mas seus rostos não demonstraram nada além de curiosidade.

— Ele tem de estar aqui — murmurou Tati. — Tem de estar, tem de estar...

Ela estava com os braços cruzados, tentando se aquecer. O inverno estava acabando e o gelo já começava a derreter, mas mesmo assim aquele não era o lugar ideal para se usar um vestido de seda fina. Minha irmã olhou Gogu mais uma vez.

— Você não vai falar nada para ele? — perguntou ela num sussurro.

— Falar o quê? Ele é monstro, um ser da escuridão.

Observei a superfície do lago, tentando ver uma luz por entre a cortina de névoa. Fiz de tudo para não olhar para ele, embora sentisse seu olhar em mim. Gogu não tentara pegar carona em nenhum dos barcos, embora a aparência dos barqueiros fosse amistosa. Se tivéssemos sorte, talvez ele ficasse para trás.

— Aí vêm eles! — exclamou Tati.

Um segundo depois, ela curvou as costas de desânimo, pois os dois barcos que surgiram estavam sendo guiados por Sten e Grigori. Triste não estava ali.

Tati embarcou com Sten, e começou a lhe fazer inúmeras perguntas quase que imediatamente. Eu fui com Grigori. Quando nosso barco estava partindo, sem querer eu olhei Gogu nos olhos. O rosto dele estava muito branco, e em sua boca havia um sorriso irônico, como se zombasse de si mesmo. Não pense nele, ordenei a mim mesma. Você tem uma missão para realizar esta noite. Mas ao longo de toda a travessia do Elo Brilhante, eu não consegui tirá-lo da cabeça.

Perguntei a Grigori se ele poderia levar minha carta.

— Estou desesperada. Não tenho mais ninguém a quem pedir.

— Eu a levarei, Jena. Mas esse Gabriel... você confia mesmo nele?

— Ele provavelmente vai ficar espantado ao vê-lo, mas sei que deseja o melhor para papai. E não é o tipo de homem que faz tempestades em copos d'água. Mas, de qualquer forma, tome cuidado. Já cometi muitos erros neste inverno, e magoei muita gente. Não quero que se arrisque, Grigori.

Ele abriu um largo sorriso.

— Então minha tia-avó finalmente fez o sapo voltar a sua forma antiga — disse ele.

Fiquei atônita.

— Você sabe dessa história? Todo mundo sabe?

Grigori assentiu.

— Draguta não escondeu de ninguém o que fez. Todos soubemos quando o feitiço foi lançado e quando ele foi desfeito.

— Vocês sabiam o que Gogu realmente era? Por que ninguém nos disse nada? E o que quer dizer quando se refere à sua forma antiga? O que ele era antes de virar sapo, um homem ou um monstro?

— Há um momento certo de conhecer essas respostas, Jena, e não sou eu que determino qual. Todos seguimos as regras de Draguta. Ela nos proibiu de contar.

— Não há momento certo para fazer o que ela fez comigo e com Gogu. Foi imperdoável.

— Minha tia-avó gosta de testar as pessoas e fazer seus truques. Mas todos têm um motivo. É importante ouvir cuidadosamente o que ela diz.

— Conte-me o que aconteceu com Anatolie — eu me obriguei a dizer, querendo saber toda a verdade antes de chegarmos à Clareira das Danças.

Grigori abaixou a cabeça.

— Nós o perdemos — disse ele simplesmente. — Algumas crueldades são capazes de alquebrar até o espírito mais forte.

Nós jamais esqueceremos o riso dele, sua enorme força e sua agilidade ao dançar. Não é preciso dizer nada, Jena. Sei que o ocorrido a entristece tanto quanto a qualquer habitante deste reino. Aqui estamos.

O barco chegou à margem. Grigori colocou o remo dentro da embarcação e saltou para fora, estendendo uma das mãos para me ajudar a desembarcar.

— Há um momento certo sim, Jena. Só é preciso se abrir para ele. Anatolie não gostaria de vê-la tão triste.

# Capítulo 13

Eu sabia que não ia conseguir dançar, embora aquela fosse nossa última visita ao Outro Reino. A confirmação da morte de Anatolie me deixara arrasada. Não parava de pensar que poderia ter impedido Cezar de fazer aquilo se tivesse sido um pouco mais forte, um pouco mais corajosa. Estava muito nervosa, esperando que Ileana começasse a conceder audiências para que eu pudesse lhe dizer logo o que queria. Tati estava ainda pior do que eu. Não havia sinal de Triste ou dos Seres da Noite em nenhum lugar. Minha irmã estava andando pela clareira, perguntando por ele a todos que via. Quando ela passou por mim, vi que todos lhe davam a mesma resposta: “Pergunte a Ileana.”

Gogu conseguira cruzar o Água Morta de alguma maneira. Ele também não estava dançando. Recusei diversos convites para dançar enquanto o observava de longe e me perguntava o que viera fazer ali. Se Tadeusz, Anastasia e todos os outros haviam desaparecido, por que só essa criatura da Lua Nova estava entre nós? E por que ninguém na clareira parecia temê-lo? Quando eu tentava alertar os outros para o perigo, eles riam de mim.

Minhas irmãs mais novas não tinham conseguido resistir à tentação de dançar, e até

Paula estava participando dos festejos. Meus pés estavam quase me carregando para o meio da clareira também. O som alegre da flauta, a batida do tambor e a melodia da harpa me excitavam. Minha mente foi cruel comigo e me fez lembrar do sonho em que dançava nos braços do homem de olhos verdes e sentia uma felicidade desconhecida para mim. Mas eu não podia dançar. Estava repleta de tristeza, culpa e medo.

Sten se aproximou de mim, imenso e desganhado como sempre.

— Só uma dança — pediu. — Por favor.

— Não posso, estou esperando por Ileana.

— A rainha só dará audiências mais tarde.

— Estou preocupada com Tati. Preciso ficar de olho nela.

— Por favor, Jena. Quero ver você alegre.

— Mas eu não devo...

— Deve, sim. Vamos lá! Iulia e Grigori estão nos chamando. -Eu...

Mas o ogro agarrou meu braço e me empurrou amistosamente para a clareira. Num segundo estávamos lá no meio, bem diante de Grigori e Iulia. A banda começou a tocar e eu não tive mais escolha. Nessa dança, dois círculos de dançarinos, um dentro do outro, moviam-se em direções opostas, fazendo com que todos mudassem de parceiro após dezesseis movimentos. No Outro Reino essa era uma experiência interessante, já que alguns dançarinos só chegavam à altura de nossos joelhos, outros tinham uma tendência a usar suas asas na coreografia, e outros eram tão enormes que uma menina do meu tamanho precisava esticar muito o pescoço para conseguir manter uma conversa com eles. Durante algum tempo, eu esqueci meus problemas por causa do constante esforço que a dança exigia. O andamento era frenético.

Dancei com Grigori, com o duende que guiara um dos barcos, com Ildephonsus e com um gnomo das montanhas que elogiou minha destreza. Então todos se moveram mais uma vez, e eu me vi diante de meu novo parceiro: Gogu.

Senti um calafrio. Fiz menção de me afastar, mas não havia como sair do círculo, pois todos estavam seguindo uma coreografia complicada a um ritmo acelerado. Com um sorrisinho no canto da boca, o homem de olhos verdes pegou minha mão e nós começamos a dançar juntos. Seu toque me alarmou, pois eu ainda sentia a mesma ternura que experimentara no dia em que ele havia se transformado e eu o largara na floresta. Gogu não tentou conversar comigo e ficou apenas me olhando. Em seus olhos eu vi perplexidade, censura e uma tristeza profunda que me fez sentir vontade de sair com ele dali, sentar ao seu lado e tentar entender a situação de uma vez por todas. Mas não consegui dizer nada. O círculo se moveu mais uma vez, e ele desapareceu.



Um homem da floresta vestido com pele de salamandra me deu a mão e me conduziu pelos próximos passos. Vi Gogu de novo, saindo da clareira para ficar sozinho embaixo de uma das árvores. Em algum lugar do círculo, havia alguém sem parceiro.

Quando a dança terminou, a banda tocou uma fanfarra, e a multidão se separou para que Ileana fizesse sua entrada triunfal. Ela estava usando uma capa de penas de pavão e um vestido prateado cintilante. Desejei que fosse logo para o trono, pronta para receber quem tivesse um pedido, um elogio ou uma reclamação. Mas ela dançou sem parar — eu via sua coroa pairando acima das cabeças. Sentei-me ali por perto para esperar, observando Gogu com uma mistura de sentimentos conflitantes no coração. Minha vontade de levantar e ir chamá-lo para dançar era tanta que meus olhos se encheram de lágrimas.

— Está tentando encher o lago com essas lágrimas? — disse uma vizinha do meu lado, fazendo-me tomar um susto.

Olhei para baixo. Lá estava Draguta com uma capa verde comprida e um chapéu feito de folhas, sob o qual seu cabelo brilhava como o Luar. Em volta do pescoço ela usava um enfeite de ossos pequeninos.

— Fiz tudo errado, não fiz? — perguntei, assoando o nariz.

A bruxa sorriu. Na relva, não muito longe de nós, uma cobra muito branca levantou a cabeça para me olhar, e eu não tive dúvidas de que era o animal que sempre andava com ela, mas em outra forma, pois seus olhos continuavam os mesmos.

— Quem erra, conserta — disse Draguta. — Quem perde, acha. E quem muda, acaba mudando de volta. A solução estava debaixo do seu nariz, mas você não viu, Jena. E agora ela está indo cada vez mais para longe. É melhor acordar logo, ou não vai conseguir mais alcançá-la.

— Que solução? O que quer dizer?

— Às vezes é preciso libertar, mas às vezes é preciso prender com toda a força. Você tem muita força, Jena. Às vezes, tem força demais para o seu próprio bem.

Ela estalou os dedos e a cobra veio em sua direção, colocando a língua para fora, e então se enroscou em seus ombros como uma estola exótica. Draguta entrou na floresta sem dizer mais uma palavra, e foi envolvida pelas sombras das árvores.

Nesse momento, alguém tocou uma corneta perto do pavilhão onde ficava o trono de Ileana. Finalmente, chegara o momento das audiências. Comecei a atravessar a clareira e descobri que havia uma pessoa ao meu lado: o homem de olhos verdes estava a uma certa distância de mim, sem dizer nada.

— O que você quer? — perguntei, irritada, tendo de me controlar para não me aproximar dele.

Ele continuou em silêncio, e me olhou como se estivesse me avaliando. Nós avançamos, lado a lado. Embora tenha permanecido a uma distância adequada o tempo todo, meu corpo inteiro sentiu sua presença como se estivéssemos nos tocando, andando de braços dados como um casal de namorados. Enrubesci. Fiz um esforço para olhar apenas para frente, e não para ele. Precisava cuidar das minhas irmãs. Não podia fraquejar.

Ileana estava sentada no trono com a cauda do vestido debruando seus pés. Marin estava ali ao lado, com o cabelo dourado brilhando à luz da clareira. Ele não precisava de coroa para mostrar que era da realeza. Ficando na ponta dos pés e esticando o pescoço, percebi Tati com os braços estendidos numa súplica diante da rainha.

— ...e ninguém me diz onde ele está! — ela estava dizendo. — Preciso saber! Preciso encontrá-lo!

— Ah, o amor — disse Ileana com um sorriso, fazendo rir a multidão à sua volta.

Tentei chegar perto de Tati, mas havia gente demais entre nós duas e eu acabei tropeçando. Antes que pudesse vir ao chão, a mão de Gogu me apanhou pelo cotovelo. Um

segundo mais tarde, ele abriu caminho por entre os espectadores e me levou lá para frente. As pessoas permitiam que passássemos assim que viam quem ele era.

— Obrigada — eu disse, muito constrangida, quando chegamos perto do trono.

— Por favor, ajude-nos, Majestade — disse Tati com a voz trêmula. — Diga-me onde Triste está para que eu possa procurá-lo. Ele está sozinho e precisa de mim.

— Você reconhece a gravidade do que deseja fazer, criança? — perguntou Ileana. — Sabe o que uma humana precisa sacrificar para se unir a um dos nossos? Você é jovem, e terá muitos pretendentes em seu mundo. Desista de Triste. Ele se foi. Se ele descumpriu a promessa que fez a você, por que deveria se manter fiel?

Tati cerrou os punhos.

— Está mentindo! — disse ela para a rainha, fazendo todos soltarem exclamações de espanto. — Sei que Triste jamais me abandonaria. Sei que há uma explicação para seu desaparecimento. Além disso, nós achamos que ele não é um dos seus. Jena teve uma visão, e foi revelado para ela que Triste e sua irmã eram crianças humanas capturadas pelos Seres da Noite. Isso significa que ele é como eu. Não pode nos proibir de ficar juntos.

— Posso dizer algo? — pedi.

Eu vira a expressão no rosto de Ileana, e queria impedir que Tati deixasse a rainha enraivecida. Jamais presenciara uma de suas fúrias, mas o povo do Outro Reino falava nelas com admiração. Os gritos dela, diziam, fazia o gelo rachar e os pássaros caírem das árvores.

— Majestade, creio que sabe que minha irmã e eu atravessamos um portal na Lua Nova no mês passado. Não foi uma coisa muito sábia de se fazer, mas Tatiana estava preocupada com a segurança de Triste.

— E você também tinha os seus motivos, sem dúvida — disse Ileana, penetrando-me com o olhar.

— Queria informações — eu disse com cautela. — Convidaram-me para tentar encontrá-las no espelho mágico de Draguta.

A multidão à minha volta reagiu forte; ficou claro que eles já tinham ouvido falar do espelho.

— Eu achei que, se pudesse ver o futuro, seria capaz de mudá-lo, Majestade. Foi uma tolice.

— E o que foi que viu nesse espelho? Conte-nos, Jenica — ordenou Ileana com a voz gelada.

— Aquilo que Tatiana lhe contou. Vi Triste quando criança, com um bebê no colo, e vi o líder dos Seres da Noite oferecendo abrigo a eles quando se perderam. Encontrei a mesma menina na festa da Lua Nova. Fiquei assustada ao ver que alguém tão jovem estava sendo exposto a coisas tão cruéis como as que testemunhei na ocasião. É difícil acreditar que aquele mundo exista paralelamente ao seu, Majestade. Não fazíamos idéia até depararmos com ele.

— E o que mais esse espelho mágico lhe mostrou?

— Eu...

— Ande. Você foi até lá, deixou-se dominar pela tentação. Conte a verdade!

Ao dizer isso a rainha ficou de pé: ela era altíssima e muito assustadora. Toda a clareira pareceu escurecer.

— Vi esse rapaz que está aqui ao meu lado transformando-se num ser terrível, um ser que pertence ao mundo de Tadeusz. Ele... eu o vi cometendo atos horrendos, Majestade. Coisas que gelaram meu sangue — revelei, sem conseguir olhar para Gogu.

— Está nos dizendo que a criatura que carregou em seu ombro por todos esses anos, o sapinho que participava de nossas celebrações e passeava tranqüilamente entre nós, é um monstro?

Fiquei tão abalada por essas palavras que só consegui responder com um sussurro. Podia sentir Gogu paralisado como uma estátua ao meu lado, mesmo sem olhar para ele. Não era à toa que tínhamos sido íntimos durante tanto tempo.

— É o que parece. Quando Draguta o transformou em humano de novo, ele virou o homem que eu vi no espelho. Acho que foi tudo uma piada de mau gosto. Mas não estou aqui para falar sobre isso, Majestade. Eu e Tati estamos muito preocupadas com Triste e sua irmã. Sei que, mesmo que sejam mesmo humanos como nós, estão no Outro Reino há tempo demais para voltar ao nosso mundo. Vi Triste pulando de um parapeito muito alto em Piscul Dracului. Nenhum ser humano poderia sobreviver a uma queda como aquela. Entendo que eles talvez tenham se tornado parecidos com os Seres da Noite depois de todos esses anos. Mas, se pudesse permitir que eles vivessem aqui em seu reino, a salvo daqueles que os mantêm presos, já seria uma grande ajuda. Aquela menina já é quase uma mulher, e eu temo ao pensar no que pode ser feito dela...

— Ah — disse Ileana. — Você é capaz de ver mais longe do que eu acreditava, Jenica. Que bom. Você sabe, então, que tudo tem um preço.

— É o que me dizem.

— Talvez precise entregar algo que lhe é muito precioso para obter isso, Jenica.

Tive a sensação de ter cinco anos de idade novamente. “Quero ser a Rainha das Fadas.”

— Mas é possível, Majestade? — perguntou Tati num sussurro. — É possível trazê-los para cá?

— Triste se foi — disse Ileana, sem qualquer compaixão. — Você não estava prestando atenção, Tatiana.

— E nem você! — exclamou minha irmã. — Eu já disse que ele me ama! Vai voltar para me buscar, tenho certeza!

— Amor, esperança, confiança — disse Marin alegremente. — Você tem esses sentimentos para dar e vender, Tatiana. Parece um pouco tola ao demonstrá-los com tamanha



certeza. Será que eles são tão importantes assim?

Tati levantou a cabeça antes de responder.

— Eles são tudo — disse ela, e sua voz ressoou por toda clareira como o badalar de um sino. — É disso que a vida é feita: de amor, lealdade, verdade e confiança. E eu não vou deixar de acreditar nisso. E não vou deixar de acreditar em Triste. Digam-me onde ele está. Digam-me o que preciso fazer para encontrá-lo.

Atrás de mim, Gogu se moveu e eu me virei para encará-lo. Ele estava com um olhar peculiar, e tinha os dedos próximos de meu ombro, quase tocando o lugar onde costumava ficar quando era sapo. Afastei-me dele, assustada com o imenso desejo que tive de sentir seu toque. Ele deixou que sua mão tombasse e assumiu uma expressão neutra.

— Muito bem dito, Tatiana — disse Ileana com um sorriso. — Você passou a primeira parte do teste. A segunda exigirá que tenha confiança por mais tempo, pois Triste de fato se foi para bem longe. Nós fizemos um acordo com os Seres da Noite. Não gostamos nem um pouco de saber que eles derramaram sangue neste vale. Há muito tempo que cuidamos da comunidade onde vocês vivem, e não apreciamos atos gratuitos de violência. Eles nos enjoam, sejam vindos dos humanos ou das criaturas mágicas. No mundo de Tadeusz, é diferente. Ele existe paralelamente ao meu, pois há muitos mundos dentro do Outro Reino. Na Lua Cheia, você e suas irmãs vêm apenas uma pequena parte do nosso. Vocês eram jovens e vulneráveis quando começaram a freqüentar nossos festejos. Mostramos a vocês o que era apropriado. Quando escolheram visitar o mundo de Tadeusz, entraram num lugar muito distinto deste aqui. No nosso mundo, assim como no de vocês, a escuridão só existe ao lado da luz.

A rainha se virou e chamou uma de suas aias, uma mulher alta vestida de folhas secas com uma samambaia enrolada no cabelo, que se aproximou trazendo uma menina muito branca de vestido negro. Ela tinha no olhar a mesma expressão ausente que da última vez em que eu a vira, mas suas bochechas estavam mais coradas, como se o longo inverno de sua vida estivesse começando a virar primavera.

— Nós pedimos que Quieta viesse para cá. Eu também me preocupo com ela, Jenica. Quieta vai ficar conosco até que seu irmão cumpra a missão que nós lhe demos. Muita coisa depende dela. Triste ganhará três prêmios se a cumprir dentro do tempo determinado.

Tati ficou em silêncio, esperando por maiores explicações. Ela estava tremendo.

— Ele tem até a meia-noite da próxima Lua Cheia para cumprir a missão e retornar. Se falhar, precisará deixar a floresta para sempre. Se conseguir, ele e Quieta serão libertados e viverão em meu reino. Os Seres da Noite irão embora do vale. E nós daremos a Triste a permissão de trazê-la para cá, Tatiana, para que vocês possam viver entre nós como marido e mulher.

— Oh... oh, muito obrigada... — disse Tati, unindo as mãos. — Obrigada.

Meu coração estava aos pulos. Eu queria que Tati obtivesse respostas, mas não queria isso. Isso seria impossível.

— Majestade... não está certo. Não compreende o que iria acontecer se minha irmã se casasse com Triste? Ela teria de abandonar nosso mundo para sempre. Nosso pai está muito doente, e talvez esteja morrendo. Esse poderia ser o golpe final para ele.

Os olhos de Tati se encheram de lágrimas. A expressão de Ileana se tornou gelada, mas eu não consegui parar de falar.

— Não pode permitir isso! — exclamei. — Não é possível que não haja outra solução!

— Bem, Triste pode não conseguir cumprir a missão — disse a rainha, lançando-me um olhar que fez com que eu me encolhesse. — Ela é muito difícil, pois a recompensa é muito grande. Se ele não voltar, ou voltar sem ter realizado o que pedimos, você continuará com sua irmã. Tem razão: Triste e Quieta estão aqui há tempo demais e não podem mais retornar ao seu mundo. Os dois já desenvolveram qualidades especiais que lhe trariam problemas entre os humanos. Eles não durariam muito.

O que eu podia dizer? Que preferia que minha irmã não se casasse com o homem que amava, mesmo que fosse ser infeliz pelo resto da vida? Quando eu encarava a questão por esse ângulo, não importava o que Triste era ou o que havia se tornado. Como eu poderia desejar que falhasse em sua missão se isso significaria que ele e sua irmã, que parecia tão frágil, teriam de voltar para o mundo negro dos Seres da Noite? Mas se conseguisse, Tati abandonaria sua casa e sua família para sempre. Talvez nunca mais voltássemos a vê-la. Não sabia o que escolher, e por isso permaneci em silêncio.

— No que consiste a missão, Majestade? — perguntou Tati com a voz trêmula.

Foi Marin quem respondeu.

— A jornada dele passa pelo seu mundo e pelo nosso. Cinco itens deverão ser trazidos a nós. Uma jóia da coroa cerimonial do Califa da Tunísia; uma pena do rabo da fênix sagrada de Murom-Riazam; um copo de água curativa do poço de Ain Jalut, cheio até o topo, mas sem uma gota derramada.

— Um dente do terrível javali-monstro de Zaradok — completou Ileana. — E uma mecha de cabelo de um homem verdadeiro.

— Em um mês? — perguntou Paula, que sabia bem geografia, em tom de incredulidade. — Não podem estar falando sério! Uma pessoa não poderia viajar tanto em tão pouco tempo.

— Vocês querem que Triste falhe — disse Tati. — Querem que ele...

— Chega! — disse Ileana. — Talvez vocês não compreendam o quão rara é essa oportunidade, e como vocês dois são afortunados de terem obtido nossa aprovação para a união. Se Triste tiver força de vontade suficiente para conseguir, ele cumprirá a missão. Se não, então não merece nossa clemência. Afaste-se, Tatiana. Sua audiência terminou. Jenica, você falou antes que sua vez chegasse. Deixe-nos agora.

— Tenho mais uma coisa a dizer — eu disse, tremendo de nervoso.

— Seja breve — disse a rainha, levantando-se mais uma vez e lançando-me um olhar raivoso. — Você me ofendeu.

— Creio... creio que eu e minhas irmãs não voltaremos mais aqui após esta noite. Nosso primo tem um plano para descobrir o segredo do portal. Quer atravessá-lo para atacar vocês. Precisamos protegê-los. Devemos isso, e muito mais, a vocês. Acho que essa é nossa última visita. Mesmo assim, não sei se conseguiremos impedi-lo... mas tentaremos de tudo.

Todos os seres que estavam na Clareira das Danças fizeram um completo silêncio.

— Por isso... eu só queria agradecer. Nós fomos tão felizes aqui, tão honradas. Sei que poucos seres humanos recebem o privilégio de comparecer a estes festejos, e a alegria de conhecer tantos amigos maravilhosos...

Ildephonsus começou a soluçar e abraçou Stela. Sten estava limpando as lágrimas num trapo cinza amassado.

— Não temos como retribuir — concluí, tentando não chorar.

— Mas existe uma maneira de retribuir, sim — afirmou Ileana. — Se Triste cumprir a missão, você pode concordar em deixar que sua irmã se torne uma de nós. Isso equilibraria nossas contas. Ou você não dá valor a sua adorável Tatiana?

— Sabe que sim — respondi com lágrimas nos olhos. — Entendi quando disse que tudo tem um preço. Mas isso é pedir demais. Tati é minha irmã, e eu a amo. Seria uma decisão sem volta.

— A morte não tem volta — disse a rainha da floresta. — Quando alguém derruba uma árvore, ela jamais renascerá. O que nós pedimos é que você reconheça que as coisas mudam, Jena. Seu mundo está em eterna metamorfose, e você precisa aprender a mudar também. Passa tempo demais se preocupando com os outros, tentando consertar a vida deles, tentando moldar seu mundo como acredita que ele deva ser. Precisa aprender a confiar em seus instintos, ou estará condenada a passar a vida cega por seus deveres, enquanto ao seu lado uma bela árvore brota, cresce e floresce. Seu coração não se confortará com ela, pois você se recusará a levantar os olhos para vê-la.

Gogu fez um movimento súbito, como se houvesse sido tomado pela raiva. Ileana

encarou-o gravemente.

— Você tem algo a dizer, meu jovem?

Ele se aproximou, fez uma mesura e indicou a boca e a garganta com a mão. Então abriu os braços com as mãos voltadas para cima, como quem faz uma pergunta.

— Você perdeu algo? — perguntou Ileana, com mais doçura na voz do que antes.

O rapaz assentiu, apontando a garganta mais uma vez.

— Ah — disse a rainha. — Draguta está fazendo das suas de novo. Não contente em atormentar a jovem, ela decidiu fazer uma brincadeira com você também, homem-sapo. Quer sua voz de volta?

Então era isso. Não era que ele não queria falar, mas que não podia. Um feitiço de silêncio. Não era justo. Ileana suspirou.

— A bruxa da floresta gosta demais de feitiços como este — disse ela, estalando os dedos.

Um dos serviçais de Ileana lhe trouxe uma varinha feita de salgueiro, com uma pequena estrela na ponta. Se eu fosse criança, teria ficado fascinada por ela.

— Você teve grande autocontrole ao longo de todos esses anos, meu jovem. Tanto que nem sua melhor amiga conseguiu ver quem é de verdade. Ajoelhe-se!

Gogu obedeceu, e minha capa, que ele estava usando, arrastou-se no chão defronte ao trono de Ileana. A multidão ficou quieta de novo, querendo ver a mágica que estava prestes a acontecer. A rainha da floresta esticou o braço e sua vestimenta de penas de pavão cintilou à luz da Clareira das Danças.

— Fale, rapaz — disse ela, baixinho. — Você está silente há muito tempo.

E ela tocou gentilmente a cabeça de Gogu com a ponta da varinha. Não houve qualquer explosão e ninguém voou pelos ares.

— Obrigado — disse o jovem.



Então ele ficou de pé e voltou-se para mim com os olhos faiscando:

— Jena, você não me reconhece?

Eu o encarei e lembrei-me do monstro que havia por trás de seu belo rosto. Não confie nele, não confie nele, disse uma voz em minha cabeça. Não coloque suas irmãs em risco.

— Jena, eu sou o Costi. Seu primo Costi. Você tem de me reconhecer.

— O quê?! — exclamou Paula.

— Mas Costi morreu — disse Stela.

— Eu me recuso a ouvir isso — eu disse com a voz trêmula. Que desfaçatez! Como ele ousava inventar uma mentira tão maluca e ofensiva?

— Você não pode ser o Costi — afirmei. — Costi se afogou. Cezar viu tudo com os próprios olhos. Só está dizendo isso para... para...

Mas eu não podia mais olhar para ele. Não podia suportar a expressão de espanto e dor estampada em seu rosto.

— Eu não estou morto! Estou aqui! Sou o Costi! Você não vê? Estive com você esse tempo todo, desde o dia em que me encontrou na floresta. Esperando, esperando, até que ela desfizesse o encanto e que eu pudesse voltar à minha forma verdadeira e lhe contar tudo.

— Um feitiço de silêncio — sussurrou Iulia. — Como o Triste. Uma proibição de explicar quem é e o que aconteceu com ele. Mas Jena tem razão. Cezar viu o que aconteceu. E ela também. Eles viram Costi sendo arrastado para debaixo d'água. Ele não pode ter sobrevivido.

Apesar das palavras dela, havia um tom em sua voz que indicava que poderia facilmente ser convencida do contrário.

— A audiência está concluída — disse Ileana. — Eu lhe desejo tudo de bom, meu jovem. Toquem uma música! A rainha deseja dançar!

Mas nós não íamos dançar mais. Quando a rainha e os membros de sua comitiva tomaram a clareira, Tati caiu de joelhos no chão.

— Jena... minha cabeça está doendo... Não me sinto muito bem.

E então ela desmaiou.

— Ela não comeu quase nada desde a última vez em que viu Triste — disse Paula, ajoelhando-se ao lado de Tati para tomar seu pulso. — E está esgotada. Precisamos ir para casa, Jena.

— O que ela tem? — perguntou Stela, chorando de preocupação por Tati, tristeza e exaustão e sendo abraçada por Ildephonsus, cujas asas translúcidas a envolviam como uma capa.

— Ela só desmaiou — eu disse, sem querer complicar ainda mais a situação. — Paula tem razão. Precisamos ir embora.

— Preciso me despedir — disse Stela, soluçando. — Vai ser rápido, prometo.

— Nós encontramos vocês lá perto dos barcos — disse Iulia.

— Esperem — eu disse, mas minhas duas irmãs mais novas já haviam desaparecido.

— Jena, precisamos levar Tati até o lago — disse Paula para mim.

— Eu posso levá-la — disse o rapaz de olhos verdes. — Ela está gelada. Vocês têm uma capa extra?

— Não! — exclamei, pois não queria que ele chegasse perto de minhas irmãs.

Mas Gogu me ignorou e levantou Tati do chão com imensa facilidade, como se ela fosse uma boneca. Paula e eu o seguimos, contornando a Clareira das Danças e descendo pelo caminho que ia dar no Água Morta. Ninguém disse nada. Eu estava me sentindo confusa e traída. Como Draguta ousava interferir daquela maneira? Como esse monstro com cara de homem ousava brincar com meu coração e perturbar meus pensamentos? É claro que ele não era Costi. Eu o teria reconhecido, mesmo quando ainda era um sapo! Ou será que não?

Quando chegamos aos barcos, percebi que estávamos sendo seguidos por inúmeras criaturas, Stela, com os olhos vermelhos, e Iulia, que parecia muito triste, e todos os nossos amigos do Outro Reino. Ninguém estava sorrindo.

Grigori pegou Tati das mãos de Gogu e colocou-a dentro de um dos barcos. Ela estava começando a acordar, levando a mão à testa e murmurando algo. Então o sobrinho-neto de Draguta estendeu a mão para mim.

— Entre também — disse ele.

Sten levou Iulia e o duende levou Stela. Ildephonsus, recusando-se a aceitar a partida dela até o último segundo, sentou-se soluçando ao seu lado na embarcação. Um sábio encapuzado levou Paula, que agora carregava um fardo misterioso. Na margem, às nossas costas, o rapaz de olhos verdes ficou parado, observando-nos. Ele não pediu uma carona, e ninguém lhe ofereceu uma.

— Adeus! — gritaram minhas irmãs. — Adeus! Obrigada!

Mas eu não estava com cabeça para despedidas; tudo o que sentia era espanto. O povo do Outro Reino nos disse palavra de adeus, acenou e cantou para nós. Algumas criaturas nos sobrevoaram mandando beijos e quase fazendo com que o duende perdesse o remo na água.

Então a névoa começou a nos envolver. O Outro Reino foi ficando cada vez mais distante... até que desapareceu.

— Tudo vai ficar bem, Jena — disse Grigori.

Mas eu não acreditei. Sentia que tudo no mundo estava errado, e que eu jogara fora meu tesouro mais precioso e jamais seria capaz de recuperá-lo. Peguei a mão de Tati. Ela parecia tão frágil quanto uma margarida do campo — destinada a florescer por apenas uma noite, antes de perecer e cair ao chão. Faltava um mês inteiro até a próxima Lua Cheia, um tempo longo para Tati esperar. Mas, para mim, era curto demais. Só mais um mês e talvez minha irmã se fosse para sempre. Como eu podia deixar aquilo acontecer?

Quando atracamos, Ildephonsus não quis se separar de Stela. Os dois estavam aos prantos. Paula desembarcou carregando o fardo e deu adeus ao seu barqueiro. Ela se aproximou de Stela e disse com extraordinária calma:

— Olhe, Stela. Eu ganhei alguns livros, mapas e outras coisas, está vendo? Mesmo se não pudermos mais usar nosso portal, deve haver outra maneira de chegar ao Outro Reino. Poderemos descobri-la usando o que tenho aqui. Só precisamos decifrar as pistas. Você pode me ajudar. Não acredito que isso seja realmente uma despedida.

Ao ouvir isso, Stela limpou as lágrimas do rosto, deu um profundo suspiro e se afastou de seu amigo.

— Adeus, Ildephonsus — disse ela aos soluços, e sua expressão me mostrou que acabara de amadurecer bastante. — Algum dia nós vamos voltar. A Paula é muito sabida.

Ela deu um beijo no focinho cor-de-rosa dele. Ildephonsus torceu as patinhas e soltou um lamento agudo e lúgubre. O duende o levou de volta para dentro do barco e, gritando um adeus para nós, foi embora.

Sten levantou Iulia do barco e pousou-a sobre a margem.

— É claro que nós podemos vir visitar seu mundo se tomarmos cuidado, então de fato isso não é uma despedida. Mas vocês vão fazer muita falta na Lua Cheia. São maravilhosas parceiras de dança — disse o ogro, dando um beijo estalado na bochecha de minha irmã. — Não casem com nenhum perna-de-pau, ouviram?

— Eu a verei em breve, Jena — disse Grigori, ajudando Tati, que já estava consciente, a sair do barco. — Voltarei com a resposta de seu pai o mais rápido que puder.

— Tenha cuidado. Cezar ainda faz caçadas de tempos em tempos.

— Eu terei. Adeus.

— Adeus, Grigori. Obrigada por tudo.

— Aconselho você a procurar minha tia-avó antes de ir para casa — disse ele, sorrindo.  
— Acho que ainda não fez a ela todas as perguntas que poderia fazer.

Ele entrou novamente no barco e começou a remar. Em poucos segundos, desapareceu na névoa, deixando-nos sozinhas. Ou não exatamente, pois lá longe uma outra embarcação se aproximava, um objeto chato e pequeno que deslizava na superfície do lago quebrando o gelo fino à sua volta. Nela, estava uma figura familiar: braços finos, olhos verdes fixos na margem à sua frente, cabelos desgrenhados lhe caindo sobre os olhos. Seus dentes estavam trincados; ele parecia tão zangado quanto Cezar em seus piores humores.

Ele atracou, e foi então que percebi que sua embarcação era uma jangada feita de pedaços de madeira bem antiga, amarrados com uma corda em frangalhos.

— Desculpe — disse Iulia. — Devíamos ter oferecido uma carona em nossos barcos.



— Como pode ver, eu tenho o meu próprio.

— Você... — eu disse com alguma dificuldade. — Você...

Mas minha língua se recusou a formar as palavras. Eu já fora tola uma vez, e deixara que Tadeusz me seduzisse. Fora tão estúpida que o deixara levar Tati embora enquanto me preocupava com meus problemas. Mas jamais cometeria o mesmo erro de novo.

— Você pode muito bem ter encontrado essa jangada no lago — eu disse. — Está mentindo. Você não é o Costi. Não pode ser.

O jovem olhou-me como se eu houvesse acabado de lhe dar uma bofetada. Havia fúria em seus olhos verdes, e seus lábios finos não estavam mais engraçados, mas comprimidos numa linha bem fina.

— Se você não tem confiança em mim, paciência. Adeus. Eu vou para casa.

Sem dizer mais uma palavra, ele girou sobre os calcanhares e foi embora. Nós cinco ficamos ali paradas, observando-o até que ele desapareceu na floresta. Ainda estava com minha capa.

— Precisamos levar Tati para casa, Jena — disse Paula. — Está muito frio aqui fora.

— Mas você não pode deixá-lo ir embora desse jeito — protestou Iulia. — Ele está chateado. Está muito triste. Jena, ele se parece muito com Cezar, e mais ainda com um retrato antigo de tio Nicolae, aquele que está pendurado no corredor de tia Bogdana. Tem certeza de que...

— Corra atrás dele, Jena — disse Stela, tremendo de frio.

— Correr atrás dele? Na floresta, à noite? Você está maluca.

Mas meus pés estavam quase seguindo a sugestão de Stela. Como eu poderia deixá-lo ir embora com aquela expressão no rosto?

— Vá, Jena — disse Tati num fio de voz. — Nós esperaremos por você no topo da escadaria. Ele não deve estar longe.

Eu corri. Não me permiti pensar em Seres da Noite, em lobos ou nos perigos que podiam estar à espreita na escuridão. Contornei parte de **Taul Ielelor** correndo e, no meio do caminho, vi algo brilhando na grama: a pequena coroa de arame e continhas coloridas que fizera quando era criança. Seguindo meus instintos, apanhei-a e levei-a comigo. — Gogu! — gritei. — Espere por mim!

Mas a única resposta foi o piado de uma coruja e o ruído de um animal qualquer se escondendo num arbusto. No ponto em que a trilha se afastava do lago e adentrava a floresta eu parei, ofegante. Não podia tentar atravessá-la sozinha. Minhas irmãs estavam me esperando e, sem mim, não conseguiriam abrir o portal. Como Gogu fizera para sumir tão depressa? Talvez ele houvesse ido parar no mundo de Tadeusz; talvez, se eu tivesse corrido mais rápido, acabaria lá também.

— Gogu? — eu disse com uma vozinha amedrontada que ecoou na imensidão da floresta.

— Ele se foi — disse alguém na altura dos meus joelhos. — Para sempre. Menina boba. Por que não prestou atenção no que eu disse?

Olhei para baixo. Lá estava ela, com a capa verde enrolada no corpo pequenino e o chapéu escondendo em parte os olhos de esmeralda e o rosto enrugado. Não muito longe de onde estávamos, a cobra branca se enroscava num arbusto, colocando a língua bifurcada para fora.

— Foi para onde? — perguntei, torcendo para estar fazendo a pergunta certa e para não desperdiçar outra oportunidade.

— Para casa. Para **Vârful**. Onde mais?

— Você fala como se ele fosse mesmo o Costi. Mas não pode ser. Costi se afogou. Cezar e eu vimos tudo. Num minuto ele estava nadando e, no minuto seguinte, havia desaparecido.

— Pense, Jena. Você está na jangada. Deu seu tesouro em troca de uma dádiva muito grande. Está com medo. A jangada se afasta da margem e vai quase até o meio do lago. E depois? Conte-me a história. E pense bem.

— Como você sabe tudo isso?

— Eu estava lá.

A bruxa sorriu, fazendo com que o Luar se refletisse em seus dentinhos pontiagudos. “Tudo tem um preço.”

Ela tinha razão. Eu fora mesmo bastante idiota. Olhei para a coroa em minhas mãos.

— Uma dádiva muito grande — repeti, baixinho. — O que isso quer dizer? Eu não posso ser mesmo a Rainha das Fadas. Foi um desejo de criança.

— Você recebeu a coisa mais próxima que eu poderia lhe dar, como a pequena aventureira que era: permissão para entrar no Outro Reino com suas irmãs pelo tempo que precisassem. Cada uma de vocês tirou dessas visitas o que mais desejava: Paula pôde conversar com sábios. Stela fez amiguinhos. O desejo de Iulia era o mais simples: vestir roupas elegantes e dançar, fazer parte de um mundo mais vibrante e extraordinário do que o seu. Tati esperou muito tempo por sua recompensa. Ainda está esperando, mas o que mais quer vai ser realizado em breve, se Triste conseguir cumprir a missão.

Eu mal podia respirar.

— E eu?

— Você ganhou a satisfação de fazer suas irmãs felizes; ganhou liberdade; ganhou a chance de conhecer um lugar diferente. E ganhou muito mais, só que não soube reconhecer. Você precisava crescer e mudar, Jena. E seus primos também. Eu não fiz o que fiz aquele dia no lago só por brincadeira. Fiz uma escolha, para o bem de Piscul Dracului, da floresta e do

vale. Na verdade, três escolhas. Três desejos.

— Eu estava na jangada — eu disse, tentando desesperadamente me lembrar. — Costi nadou atrás de mim para me salvar. Ele estava com medo. Ninguém nada no Água Morta se tem amor à vida. Mas ele nadou. Alcançou a jangada, e chegou a me levar até mais da metade do caminho de volta. E então...

“Então ele não conseguiu mais nadar e eu precisei salvar você, Jena. Voltei para pegar Costi, mas ele desaparecera embaixo d’água. Um par de mãos o puxou para baixo — as mãos da bruxa.”

Era isso que Cezar me dissera e me obrigara a decorar, palavra por palavra, para que contássemos a mesma história aos nossos pais. Mas aquele relato não era meu. Era dele.

— O que mais, Jena?

— Eu estava com medo. Cobri os olhos com as mãos. Não vi nada até chegar na margem de novo. Sei que a jangada quase virou. Abri os olhos só quando cheguei em terra e vi Cezar empurrando a jangada, não Costi.

— E depois? Você procurou por Costi no lago?

— Não — sussurrei, começando a suspeitar que realmente traíra meu melhor amigo. — Corri para os arbustos e me escondi. Fiquei embaixo do cobertor. Quando saí de lá, Costi havia desaparecido. E Cezar me contou o que aconteceu.

— E você acreditou.

— Eu só tinha cinco anos — eu disse, dando-me conta de que aquela não parecia uma boa desculpa. — E além do mais, por que você transformaria Costi num sapo? Disse que ele precisava crescer e mudar. Como isso ajudou?

— O desejo dele foi atendido, assim como o seu. Costi me entregou o que tinha de mais precioso: o anel com o brasão de sua família. Ele era um menino arrogante e impetuoso que gostava de se mostrar, mas tinha seus deveres, seus pais e sua casa no coração. Havia coisas boas o suficiente dentro dele para que tivesse um futuro brilhante. Mas eu não podia permitir que aquela arrogância ficasse impune. Ele quis ser o Rei do Lago e conseguiu. Um sapo é o mestre das águas, livre para nadar por onde quiser, dono de tudo que seus olhos vêem. Contanto que tome cuidado com os peixes grandes.

— Mas ele não virou o Rei do Lago. Quando o encontrei, estava fraco, doente e assustado. Não sabia ser um sapo.

— Isso foi parte do aprendizado dele, e do seu também — disse Draguta, fixando seus olhos nos meus. — Ele aprendeu a ser mais paciente e humilde, e você aprendeu a ter compaixão. Os dois aprenderam a amar. Ao menos, essa foi a intenção. Não me olhe assim, mocinha. Sempre quis o melhor para você.

Achei muito difícil acreditar naquela última frase.

— Então por que a visão do espelho mágico? Por que me mostrar o rosto de Costi se transformando na careta de um monstro? Por que mostrá-lo atacando minhas irmãs? Achei que o espelho mostrasse o futuro, que avisasse as pessoas. Mas só serviu para me fazer magoá-lo horrivelmente. Ele nunca vai me perdoar.

— Vai ser mesmo difícil para ele perdoar você. Vi a raiva, a tristeza e o choque nos olhos dele quando lhe devolvi o que ele me dera há tantos anos. As coisas vão ser difíceis para Costi agora. É uma pena que ele não possa ter a eleita de seu coração ao seu lado, mas foi você quem escolheu esse caminho, e agora precisa segui-lo.

— Você o viu agora? E devolveu o anel? A bruxa assentiu.

— E também devolvi o tesouro de Cezar. Vai ser uma surpresa. Ele vai recebê-lo amanhã. Agora que Costi voltou, Cezar não pode mais ser o Rei da Terra.



Senti uma mistura de espanto e horror.

— O quê? — sussurrei. — Quer dizer que... quando Cezar se tornou o filho mais velho, assumiu o controle da propriedade dele e depois quis assumir o controle da nossa... tudo isso foi parte de seu desejo? Ele desejou tomar o lugar de Costi?

— Quando Cezar tinha oito anos, ele não era mau. Era um menino comum que amava muito o irmão. Quando perguntei a ele o que lhe era mais precioso, foi para Costi que olhou. Costi era seu herói, seu ídolo. Mas Cezar não escolheu inocentemente. Quando se deu conta do que estava sendo oferecido, deixou de ser criança e começou a trilhar um novo caminho. Preferiu o poder ao amor. Cezar podia ter salvado Costi. Ofereci-lhe essa oportunidade depois que ele trouxe você para a margem: o irmão dele ainda estava nadando, mas a correnteza o impedia de sair do lago. Em vez de ajudá-lo, Cezar ficou parado vendo seu irmão afundar nas águas de **Taul Ielelor**. Naquele momento, ele moldou seu destino. Essa decisão o tem perseguido desde então. Mas ele não pôde voltar atrás. E não pode mudar o fato de que, diante de uma escolha, tomou o caminho da escuridão.

— Ai, meu Deus.

As coisas estranhas que Cezar dizia às vezes começaram a fazer um certo sentido. Ele falava de promessas falsas, de dádivas que acabavam prejudicando quem os recebia. E eu finalmente entendi por que ele odiava tanto Draguta.

— Isso foi horrivelmente cruel! — exclamei. — Se nada disso houvesse acontecido, talvez Cezar tivesse se tornado um bom homem!

— A escolha não foi minha, foi de Cezar. Todas as escolhas que ele fez nos últimos dez anos foram dele mesmo. Agora, suas escolhas acabaram. Cezar perdeu a chance de comandar o vale, perdeu o amor do irmão e perdeu o seu, também. Seu pai faleceu. Sua mãe fez de tudo para amá-lo, mas nunca gostou dele com a mesma intensidade que amou Costi, seu adorado primogênito.

A bruxa virou a cabeça e estalou os dedos, chamando a cobra.

— Por favor, não vá embora ainda. — E o espelho? Por que apareceu aquela imagem no espelho?

— O monstro? Não fui eu que fiz aquilo. Acho que foi a tal da Anastasia. Tudo o que era necessário para fazer você ver aquilo era um segundo de dúvida, um segundo no qual não confiasse em seus instintos. Um momento de fraqueza permitiria que ela controlasse as imagens. Criaturas como ela gostam de atormentar os outros, Jena. Ela queria que você tivesse pesadelos, queria vê-la sofrer.

— Por quê?

— Bem, acho que estava com ciúmes. Não gostava da maneira como o irmão dela, se é que posso chamá-lo assim, olhava para você.

— Tadeusz jamais esteve interessado em mim. Ela me contou, disse que eu era feia demais para atrair a atenção dele.

— Exatamente. Foi ela que disse isso. Mas creio que Tadeusz jamais tenha afirmado qualquer coisa do tipo. Como está se despedindo do Outro Reino esta noite, não vai ter a oportunidade de perguntar a ele. Talvez não seja tão feia quanto imagina, Jena. Já percebeu que seus dois primos se apaixonaram pela mesma menina, numa família de cinco irmãs? E não foi pela adorável Tati ou pela bela Iulia, mas pela Jena, mesmo sendo mandona, sem curvas e tendo um cabelo encaracolado que não lhe obedece.

— Apaixonaram? Cezar não sabe o que é o amor. E quanto a Tadeusz...

Eu hesitei. Acreditara nas palavras desumanas de Anastasia apesar de meu coração ter dito que o líder dos Seres da Noite se sentira atraído por mim. Lembrei-me que Tadeusz me dissera que os Seres da Noite eram incompreendidos, e que as superstições os pintavam como sendo mais sombrios do que eram. Perguntei-me se havia alguma verdade naquilo. Agora, eu jamais saberia.

— Mesmo que Costi tenha me amado quando era um sapo, certamente agora não ama mais. Como ele poderia gostar de alguém que não confiou nele? Se houvesse podido falar

assim que virou homem... poderia ter me contado quem era e o que lhe acontecera, e esse mal-entendido jamais teria...

A bruxa limpou a garganta, fazendo com que eu me calasse.

— Você tem a memória muito curta — disse ela. — Lembro-me de tê-la mandado confiar em seus instintos. Mas parece que não me escutou. Aquele rapaz era seu melhor amigo e você, no fundo, sempre soube disso. Soube no primeiro segundo em que o viu esparramado ali na margem, e sabia sempre que o via em sonho e desejava que ele a tocasse. Mas não quis confiar nesses sentimentos, não foi? Eu não podia devolver a voz ao menino tão rápido, Jena. Isso teria tornado tudo fácil demais para vocês dois. Você ainda precisa aprender o significado do amor.

— Para quê? — perguntei, querendo chorar. — Ele foi embora. Não sei mais como consertar as coisas.

— Não posso ajudá-la. E agora, já estamos conversadas? Não costumo responder a tantas perguntas. Espero que não tenha mais nenhuma.

Queria pedir mais ajuda, mas achei melhor não. Não havia me esquecido de quem aquela mulher era, e nem dos poderes que possuía.

— Você é que precisa resolver, Jena — disse a bruxa gentilmente. — Você é muito capaz, e tem boa-vontade. Vai conseguir.

A cobra deslizou sobre o braço dela e se enroscou em volta de seus ombros. Draguta apanhou seu cajado, que estava escondido nos arbustos.

— Adeus, Jena. Ande logo. Suas irmãs estão morrendo de frio.

— Adeus — eu disse, observando enquanto ela entrava na floresta e desaparecia. — Obrigada por me falar a verdade.

Ouvi uma gargalhada alta e desdenhosa, e então fui envolta pelo silêncio.

Minhas irmãs estavam esperando no topo da escada. Paula segurava a lamparina que havíamos deixado ali e Stela estava carregando o fardo dela. Tati estava sentada no chão com as costas apoiadas na parede, de olhos fechados.

— Tati disse que não quer voltar — disse Iulia, agachada ao lado de nossa irmã mais velha com uma das mãos em seu ombro.

— Tati! — eu disse, ajoelhando-me e tocando seu rosto fino. — Tati, acorde! Coloque a mão na parede!

— Tati — disse Paula — não podemos voltar para casa se você não nos ajudar. Vamos ficar presas aqui no meio. Por favor! Triste ainda vai demorar um mês para cumprir a missão.

Vi no rosto de Tati as palavras que ela não ousou dizer: “Provavelmente vai demorar muito mais... isso se completar.” A missão de fato me parecera muito difícil, apesar de eu jamais ter ouvido falar em Ain Jalut ou Zaradok.

Tati abriu os olhos.

— Eu não vou. Vou ficar esperando por ele aqui.

Ela parecia ter perdido de vez a cabeça. Mas algo dentro de mim mudara esta noite. Agora eu podia entender o que Tati estava sentindo: desejo, pesar, e uma esperança muito frágil.

— Tati, se você ama Triste de verdade e ele ama você, precisa fazer o que Ileana mandou e ter fé até que ele cumpra a missão. Vamos para casa, e nós vamos ajudá-la a agüentar até a próxima Lua Cheia. Lembra do que você disse sobre amor, lealdade, verdade e confiança? Você confia em sua família?

— Você acredita mesmo nisso? Que tudo vai ficar bem por causa do amor?

Queria ter a mesma certeza de Tati quando falara com Ileana, defendendo Triste como se defendesse a si mesma. Queria muito acreditar que o amor vencia todas as adversidades. Mas estava cheia de dúvidas.

— É claro que sim — eu disse, torcendo para não estar mentindo.

— Então, vamos — disse Tati, ajoelhando e colocando a mão na parede.

Nós quatro fizemos o mesmo, e nossas mãos tocaram o portal ao mesmo tempo. Ele se abriu, e nós entramos em nosso quarto. Lá, tanto Ioan quanto Marta ainda estavam dormindo, exatamente como os havíamos deixado. Nossa última visita ao Outro Reino terminara.

# Capítulo 14

A tranca foi aberta logo após o amanhecer, e a voz de Cezar ressoou pelo quarto:

— Onde está Ioan? O que ele tem a me relatar? — perguntou ele da porta.

Nós havíamos guardado nossos vestidos de dança e colocado nossas roupas comuns de novo. Eu abrira a tranca de dentro. Stela dormira um pouco, mas eu e minhas outras irmãs estávamos nervosas demais para conseguir descansar.

— Ioan e Marta ainda estão dormindo. Está cedo.



—Acorde-o — disse Cezar, muito tenso, com os punhos cerrados. — Quero que me conte tudo agora.

— Não sou sua empregada, Cezar — respondi.

Algo me deixara mais forte. Talvez saber o que meu primo fizera todos aqueles anos atrás.

— Eu e minhas irmãs vamos tomar café. Não vou ser tratada como uma serviçal na minha própria casa.

— Acorde-o!

Cezar levantou a mão e me esbofeteou. Minhas irmãs soltaram exclamações de horror.

— Você não tem esse direito! — protestou Iulia.

— Com licença — eu disse com a voz trêmula, passando por Cezar e tocando meu rosto com a palma da mão.

As outras me seguiram sem dizer nada. Quando estávamos descendo a escada, ouvi Cezar gritando com Ioan:

— Acorde, homem! O que aconteceu com você?

Foi um dia difícil. Nós cinco não havíamos combinado nada previamente, mas mesmo assim não contamos nada a Florica, Petru ou Cezar sobre o fato de que Costi havia reaparecido, embora eu tivesse revelado a verdade a minhas irmãs quando chegáramos em casa: Gogu e Costi eram a mesma pessoa. Não tive coragem de dizer nada a Cezar, pois não sabia se ele reagiria com raiva e desconfiança ou com amor e alívio ao ver que seu irmão adorado, cuja morte ele carregava em sua consciência, estava vivo no final das contas. Não sabia o que Costi ia fazer, como ia conseguir convencer todos de sua identidade. Será que eles o reconheceriam? Ou será que reagiriam como eu? Eu deveria tê-lo conhecido antes de mais ninguém; afinal, fora meu companheiro constante desde que eu tinha seis anos.

Meu rosto estava ardendo. No espelho, vi a mancha branca em minha face que marcava perfeitamente a silhueta da mão de meu primo. Eu estava triste, culpada e amedrontada.

Ouvi Cezar gritando com Ioan e expulsando-o de Piscul Dracului. Marta foi correndo para casa, acompanhada por um dos guardas. Cezar entrou na cozinha, onde estávamos

sentadas em silêncio tomando café, sem conseguir comer muito. Ele me encarou com as mãos na cintura e o rosto vermelho de raiva.

— Você usou alguma coisa, não usou? Uma poção qualquer para fazer os dois dormirem. Não negue, Jena! Eu conheço seus truques! Responda! O que foi que você fez?

— Deixe-a em paz! — protestou Tati se levantando da cadeira e apoiando-se na mesa para se sustentar.

— Senhor Cezar... — implorou Florica.

— Chega! — gritou Cezar. — Jena, conte a verdade! Se tio Teodor estivesse aqui, morreria de vergonha de você.

— Como você ousa...

— Nem pense em me bater de novo — eu disse. — Não tenho nada a lhe dizer.

— Então vamos ver se suas irmãs têm — disse Cezar. — Não agora, pois eu tenho alguns negócios a tratar do outro lado do vale. Estarei em casa antes da hora do jantar, e quero conversar com vocês todas a sós antes de irmos dormir. Se não gosta disso, Jena, sabe muito bem como impedir que aconteça. Basta me contar a verdade.

O dia pareceu interminável. Tati voltou para cama e ficou deitada, tão imóvel que era impossível dizer se estava dormindo ou acordada. Iulia ajudou Florica a lavar roupa. Stela ficou andando de um lado para o outro era nosso quarto, sem conseguir se concentrar em nada. Chutou os móveis e bagunçou as prateleiras. Quando começou a mexer na tigelinha de Gogu, eu me irritei com ela.

— Pare com isso, Stela!

O lábio inferior de minha irmã caçula começou a tremer, indicando que ela estava prestes a chorar.

— Stela? — chamou Paula, largando o livro que vinha tentando ler e indo até o baú onde guardava suas coisas. — Lembra quando me pediu para lhe ensinar a jogar xadrez? Que tal fazermos isso agora?

— Obrigada — eu disse a Paula, enquanto ela abria seu tabuleiro de xadrez dobrável, um dos objetos que mais adorava, e Stela tirava as peças de um saquinho.

— De nada. Jena, o que você acha que Costi vai fazer? Acha que ele vai vir para cá?

— Alguma hora ele vai ter de vir. Vai precisar enfrentar Cezar. Mas acho que antes precisa de algum tempo para provar sua identidade. Acho que eu deveria ter contado a Cezar o que aconteceu. Mas é uma coisa tão louca dizer: “Seu irmão não está morto, ele estava transformado num sapo durante todos esses anos.”

Eu não contara nada a minhas irmãs sobre a escolha que Cezar fizera naquele dia. Não explicara como o presente de Draguta gradualmente tornara sombria a existência de nosso primo.

— Não consigo acreditar que Cezar bateu em você — disse Paula baixinho. — Jena, se ele insistir em conversar com a gente separadamente...

— Não precisa se preocupar — afirmei, fingindo autoconfiança. — Não vou permitir que isso aconteça.

Mas meu estômago estava pesado, e meu rosto voltou a arder quando me lembrei da expressão furiosa de Cezar ao me bater. Era a expressão de um homem que acredita que o mundo inteiro está contra ele, um homem que fará de tudo para lutar contra o que ele imagina ser seu destino. E embora parte de mim temesse voltar a encontrar Costi, pois a lembrança da

dor que eu lhe causara me enchia de culpa, a outra parte só pensava em poder vê-lo.

Ficar o dia inteiro dentro de casa estava me deixando maluca. No final da tarde, aproveitei um momento em que não havia nenhum guarda por perto e saí para dar comida às galinhas. A noite caía e o pátio de Piscul Dracului estava deserto: a única exceção era uma mulher parada bem no centro. Era uma velha toda vestida de preto, com uma cesta pendurada no braço. A cesta estava vazia. Senti meus pêlos se eriçarem. Um segundo depois, ouvi o som de cascos de cavalo se aproximando pelo caminho vindo da floresta. Cezar estava de volta.

— Vá embora — murmurei, largando o balde cheio de comida de galinha por ali e correndo até onde estava a mulher. — Vá logo!

Mas a velha nem se moveu. Desta vez, ela não assumira a forma tão pequenina à qual eu estava acostumada, mas mesmo assim eu a reconheceria assim que a vira. Estava exatamente com a mesma aparência que mostrara naquele dia há tanto tempo, quando três crianças foram até um lugar proibido para fingir que eram reis e rainhas. A velha sorriu para mim, e seus dentinhos pontiagudos confirmaram sua identidade.

— Vá! — eu pedi mais uma vez. — Cezar está vindo!

Imaginei os homens da caçada com suas armas de ferro e expressões que misturavam raiva e pavor.

— Eu sei — disse Draguta calmamente.

Já era tarde. Ali estava ele, chegando a cavalo no pátio. Meu primo desmontou bem ao meu lado, lançando um olhar furioso para a visitante.

— Suma daqui! — disse ele. — Se está querendo uma esmola, veio ao lugar errado. Não damos nada aos mendigos em Piscul Dracului.

— Você se enganou, meu jovem — disse a bruxa, encarando-o. — Hoje é dia de devolver, não de pedir. Tenho algo para você.

Cezar abriu a boca para dizer alguma coisa, mas voltou a fechá-la quando viu Costi surgindo das sombras ao lado do galinheiro e vindo em nossa direção. Seus cabelos negros haviam sido cortados, e ele fizera a barba. Vestia uma camisa branca simples, um colete bordado, calças verde-escuras e botas de montaria. Estava tão lindo quanto nos meus sonhos, mas muito sério, e carregava minha capa num dos braços.

— Acho que isso é seu — disse Costi educadamente, entregando-me a capa azul.

Cezar ficou paralisado, olhando-o. Peguei a capa, mas não disse nada. Não conseguia encontrar palavras. Sempre soubera que Costi ia aparecer em Piscul Dracului, mas não daquela maneira, tão subitamente, sem qualquer aviso, e com a bruxa da floresta ao seu lado.

— Jena — disse Cezar num sussurro — quem são essas pessoas? O que elas estão fazendo aqui?

Ele olhava primeiro para Costi e depois para Draguta, e parecia preso num pesadelo.

— Sou seu irmão, Cezar — disse Costi com a voz trêmula.

Percebi que ele temia encontrar em Cezar a mesma incredulidade com que eu reagira na noite anterior. Estava com raiva, certamente, mas em seus olhos havia amor e esperança também.

— Talvez você tenha me esquecido. Muito tempo se passou desde aquele dia em **Taul Ielelor**, quando nós entregamos nossos tesouros mais preciosos.

— É verdade, Cezar — eu disse. — Ele não morreu. Estava enfeitado sob outra forma até poucos dias atrás.



Draguta não o afogou, ela o salvou. Transformou-o num sapo. Ele era o Gogu.

— Aquele sapo? — perguntou Cezar, confuso. — Não. Não, não pode ser. Não faz sentido. Você está me dizendo... Não, eu não acredito.

Cezar estava olhando para a bruxa agora, e eu o vi abrir a boca novamente, pronto para chamar os guardas para virem prendê-la.

— Não! — eu disse.

Mas Draguta balançou a cabeça de leve para mim, e eu me calei. Em seus olhos vi que os guardas não ouviriam o chamado de meu primo — ninguém viria até ali até que ela terminasse o que viera fazer. Era como se Piscul Dracului e a floresta que cercava o castelo estivessem congelados enquanto nós quatro finalmente jogávamos aquele jogo até o fim.

— Isso é culpa sua, Jena! — exclamou Cezar. — Foi você quem chamou essa... essa coisa para vir até a nossa casa! Foi você quem cuidou daquele sapo gosmento. Mentiu, enganou e usou todos os truques de que dispunha para me impedir de descobrir a verdade sobre seus passeios noturnos. Deve conseguir ir para aquele reino maldito a hora que quer, e com isso lança uma maldição sobre o vale inteiro. Não é à toa que o mal nos dominou. Não é

à toa que...

— Cezar — disse Costi, com uma voz terrivelmente ameaçadora —, como foi que Jena se machucou assim no rosto? Você bateu nela?

— Foi um mal-entendido — murmurou Cezar. — E, de qualquer forma, não é da sua conta. Não pode simplesmente chegar aqui e me dizer que é Costi. É ridículo. Quem vai acreditar em você? Não tem nenhuma prova.

— Tenho isto — disse Costi, tirando um cordão do pescoço.

Pendurado nele, estava o anel de prata com o brasão de sua família, dado apenas ao filho mais velho de cada geração.

—Você pode ter encontrado isso na floresta.

— Cezar, você é meu irmão. Cometeu um erro naquele dia. Mas nós éramos todos muito jovens, jovens demais para compreender o significado de nossas ações. Foram muitos anos de aprendizado. Agora, podemos consertar tudo se trabalharmos juntos. É isso que papai gostaria que fizéssemos, pois ele sempre colocava o bem do vale acima de tudo. Há trabalho suficiente para nós dois aqui. Gostaria de compartilhar as responsabilidades da propriedade, do negócio

e da comunidade com você, se concordar em deixar nossas primas e o povo da floresta viverem suas vidas em paz. Nunca é tarde demais para escolher outro caminho, Cezar. Pegue minha mão. Vamos virar esta página. O que você me diz?

Durante alguns segundos, fez-se um silêncio completo. Eu prendi a respiração, observando Costi. Meu coração quase se partiu quando vi a ansiedade em seu rosto. Até aquele momento, eu não compreendera o quão solitários e terríveis deviam ter sido aqueles anos que ele passara em forma de sapo. Um travesseiro fofo e algumas palavras de carinho não compensam o sofrimento de estar preso num corpo que não lhe permite ser quem você é. Fiquei espantada com a capacidade que Costi teve de perdoar. Desejei muito que Cezar estendesse sua mão também, que se desculpasse e começasse a justificar a fé que seu irmão tinha nele. Mas ele continuou imóvel, com uma expressão sombria.

— Pense bem — disse Draguta, fazendo Cezar se assustar; ele parecia ter esquecido que ela estava ali. — Estou devolvendo o que você me deu, pois a brincadeira quase chegou ao final. E uma segunda chance, Cezar. A oportunidade de fazer outra escolha. Como seu irmão disse, você era jovem, embora fosse mais velho do que Jena, que escolheu mais sabiamente. Vocês três me entregaram um tesouro precioso. Você escolheu seu irmão por causa do amor que sentia por ele. Mas quando o significado do jogo se tornou mais claro para você, preferiu o poder ao amor. Foi uma armadilha, e você foi se afundando cada vez mais nela conforme os anos se passavam. Agora, seu irmão está lhe dando uma chance de se libertar e seguir em frente. Ele aprendeu uma lição. E você?

Pareceu-me que, conforme a bruxa da floresta fazia esse discurso, uma sombra crescia à sua volta. Ela não era mais uma velha encurvada, mas uma feiticeira poderosa, com um rosto de gelo e olhos que nos avaliavam sem piedade. O vento soprou no pátio, espalhando algumas folhas secas.

— **Vârful** é meu — disse Cezar, e eu vi Costi estremecer como se houvesse acabado de levar um tapa. — Meu. Eu trabalhei por ele, e sofri por ele. Você jamais provará sua identidade. Ninguém vai acreditar numa história tão incrível. E não espere que Jena corrobore o que diz. Ela já está cheia de problemas por causa desses passeios idiotas. Sabe muito bem o que vai acontecer se não me obedecer. Tente contar essas mentiras ao juiz Rinaldo e veja qual vai ser a reação dele.

As palavras eram desafiadoras, mas Cezar estava tremendo.

— E você, saia da minha propriedade antes que eu chame os guardas — continuou ele, sem conseguir olhar para Draguta. — Tente fazer qualquer coisa parecida de novo e meus homens a caçarão e acabarão com você e todos os seus demônios.

— Ah, mas eu já estou indo — afirmou a bruxa. — Sua companhia não é mesmo muito agradável. Costi, é melhor que você conte a seu irmão o que fez durante o dia de hoje.

— Eu estive com o juiz Rinaldo e com os líderes da aldeia — disse Costi. — Conversei bastante com eles, e expliquei tudo. Talvez você tenha esquecido que o juiz e nosso pai freqüentaram o mesmo colégio, e se conheceram quando eram muito jovens. Eu me pareço bastante com papai quando era novo. O juiz e os líderes reconheceram minha identidade, embora tenham ficado muito surpresos com minha história. Eles fizeram muitas perguntas. Cezar estava branco como um lençol.

— Você contou a eles? — sussurrou ele, finalmente aceitando a verdade e se dando

conta do crime que cometera. — Contou a eles o que eu fiz?

— Se eu contei que minha vida foi o preço que você resolveu pagar pelo privilégio de ser o filho mais velho? Não, Cezar. Não quis que tamanha vergonha manchasse a reputação de meu próprio irmão. Além disso, não queria impedi-lo de ter um futuro melhor. Contei a eles a história de um menino transformado em sapo, uma história sobre feitiços, promessas e o poder do Outro Reino. Eles a acharam estranha e fabulosa. Será uma grande notícia durante muito tempo. Mas, com o tempo, todos se esquecerão dela. Vai se tornar folclore, mais um conto de fadas para ser contado à noite, ao redor de uma fogueira. Agora, creio que está na hora de nós dois irmos para casa discutir isso melhor, pois algumas coisas terão de mudar. A primeira será a remoção desses guardas da casa de nossas primas. Não há necessidade deles. Piscul Dracului está a salvo dos Seres da Noite.

Cezar olhou para mim, depois para Costi e então para Draguta.

— Como vocês podem ter certeza?

— Precisamos conversar muito, esta não é a hora nem o lugar — respondeu Costi. — Mas vou dizer mais uma coisa antes de irmos embora. Se voltar a machucar Jena, vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos. Isto é uma promessa.

Ele falou isso sem me olhar nem uma vez. Não sabia distinguir meus sentimentos, pois minha cabeça e meu coração estavam muito confusos. Costi fora tão frio comigo, mas agora me defendia daquela maneira.

— Não vou aceitar isso — disse Cezar, encarando Costi com ódio. — E quanto a todo trabalho que tive? Cuidei dos negócios, cuidei das meninas, organizei a caçada aos Seres da Noite... Você não pode aparecer assim e tirar tudo de mim!

— Cuidou das meninas?! — exclamou Costi, que agora ficara furioso também. — Esqueceu que eu estive aqui esse tempo todo? Vi quando aprisionou e ameaçou nossas primas. Vi quando destruiu os sonhos de Paula e mandou embora o padre do vale. Vi quando humilhou Iulia. Vi quando agarrou Jena e esperou que ela gostasse. Mesmo sendo um sapo, eu tinha inteligência e poder de observação.

— Seu maldito, desgraçado! — gritou Cezar. — Acha que pode chegar aqui e tomar conta de tudo? Não merece ser o dono de **Vârful!** Não fez nada para merecer isso! E não sabe nada sobre os negócios! Só entende de...

— Só entendo de vida de sapo? — perguntou Costi, erguendo as sobrancelhas. — Pode acreditar que eu teria continuado como humano se pudesse ter escolhido. Mas acho que não vou ter tantas dificuldades assim em tomar as rédeas do negócio. Aprendi tudo o que Jena aprendeu. Dava para ver os livros-caixa muito bem do ombro dela.

O rosto de Cezar estava muito pálido e distorcido de fúria. Para meu horror, ele perdeu a cabeça e agarrou a garganta do irmão. Soltei um grito. Costi lutou para se libertar, e suas faces foram ficando vermelhas conforme ele foi perdendo o fôlego. Seus olhos se esbugalharam. Cezar estava empurrando-o até a parede de pedra que ficava ao lado do galinheiro. Draguta não fez nada, ficou observando os dois.

— A culpa é dela! — gritou Cezar! — Dessa bruxa! Ela me enganou! Era para ser tudo meu, tanto a casa quanto Jena! Era isso que significava ser Rei da Terra! Mas era uma promessa vazia! Mesmo sem você por perto, eu era sempre o segundo! Deu tudo errado! Tudo errado!

A cada frase que dizia, Cezar sacudia Costi como se quisesse esmagar a cabeça dele contra a parede. Ninguém veio ajudar. Meus gritos não haviam chamado a atenção de nenhum guarda.

— Pare! — eu implorei. — Pare, Cezar! Largue o Costi!

Agarrei o braço de Cezar, tentando desesperadamente intervir. A brincadeira de nossa infância não podia acabar assim, com um irmão assassinando o outro diante de meus olhos.

Cezar me deu um safanão e eu caí no chão de pedra do pátio. Costi se aproveitou do segundo de distração do irmão para atingi-lo em cheio com o joelho. Cezar deu um grito de dor e afrouxou a pressão que fazia sobre a garganta de Costi. Rápido como um raio, Costi conseguiu se soltar e se afastou de Cezar com as mãos para cima.

— Chega — disse ele com um fio de voz.

— A brincadeira acabou — anunciou Draguta solenemente.

Os olhos de esmeralda dela pousou em cada um de nós; eu, tentando me levantar do chão, Costi, lutando para respirar, e Cezar, parado ali sem reagir, com uma expressão no rosto que me deu vontade de chorar. Ele fizera sua escolha, ao que parecia, e ela era um desperdício; um desperdício do que poderia ter sido uma boa vida.

— Meu trabalho está feito — disse a bruxa.

Ela pendurou de novo a cesta no braço e cruzou devagarzinho o pátio, como se fosse só mais uma mulher pobre que passara por ali, esperando receber um pedaço de pão e algumas moedas. Ficamos os três em silêncio. Quando Draguta finalmente desapareceu, Costi limpou a garganta, encarou o irmão e disse:

— Vamos para casa, agora. Lamento que não esteja preparado para me aceitar. Jamais me esqueci de que era meu irmão, mesmo quando estava sendo um tirano com as meninas ou tomando decisões erradas. Podemos discutir as opções que você ainda tem. Vamos. Creio que Jena está ansiosa para se livrar de nós.

Abri a boca para falar alguma coisa, qualquer coisa, pois Costi me lançara um olhar



cheio de mágoa que me deixara arrasada. Mas não disse nada, pois havia alguém chegando a cavalo. Era o juiz Rinaldo, e ele estava acompanhado por uma mulher que vinha cavalgando uma linda égua: tia Bogdana. Ela desmontou e veio na direção de Costi, primeiro andando e depois correndo, e uma miríade de emoções passou por seu rosto: espanto, amor, alegria absoluta. Minha tia se atirou nos braços do filho, abraçando-o como se ele ainda fosse um garotinho, e as lágrimas rolaram pelas faces de Costi conforme sua mãe o cobria de beijos. Eu também estava chorando.

— Jena, desculpe-me por aparecer sem avisar — disse juiz Rinaldo. — Sua tia parou para me ver no caminho de casa, e senti-me na obrigação de lhe contar o ocorrido. Ofereci-me para acompanhá-la até aqui, pois sabia que Costin viera ver Cezar. Isso vai silenciar as últimas dúvidas. Ninguém achará que uma mãe se enganou ao reconhecer o filho.

Murmurei algo, mal conseguindo ouvi-lo. Cezar estava observando tia Bogdana chorando, abraçada a Costi. Sobre o ombro dela, Costi encarou o irmão. Em seus olhos não havia apenas mágoa, mas também tristeza e arrependimento. Mas acho que Cezar não enxergou nada disso; tudo o que viu foi a confirmação do que já sabia: ele jamais seria o filho mais amado. A boca de Cezar se contraiu. Ele se virou, atravessou a pátio com passos largos e dirigiu-se para a floresta. Não parecia estar inteiramente consciente do que estava fazendo. Já era quase noite, e as sombras logo o engoliram.

— Espero que isso não traga confusão e discórdia para **Vârful** — disse o juiz. — O vale precisa muito de um tempo de paz, e precisa de seus líderes.

— Sei que vou ter de me esforçar para ganhar a confiança da comunidade — disse Costi. — Vou fazer de tudo para agir como meu pai: com razão e compaixão.

Ele acariciou as costas da mãe. Tia Bogdana chorava e ria ao mesmo tempo. Ela nem percebera quando Cezar se afastara.

— Eu esperava que meu irmão... — continuou Costi. — Esperava que ele... Todos nós sofremos perdas neste inverno. É terrível não ter a confiança de quem mais amamos. Acho que é uma ferida que jamais cura.

Senti as palavras dele como se fossem flechas envenenadas penetrando meu coração. A dor era forte como eu jamais poderia ter imaginado. Aparentemente, ele nunca me perdoaria. Fiquei ali parada sem dizer nada, tremendo.

— Juiz, agradeço ao senhor por ter me ajudado e acreditado em mim, e por ter trazido minha mãe para cá tão prontamente — disse Costi, firme e seguro como um verdadeiro líder. — Jena, vou pedir que a maioria dos guardas venha para **Vârful** conosco. Imagino que queira ficar a sós em sua casa o mais rápido possível.

Eu podia ter respondido de diversas maneiras, mas tudo o que fiz foi murmurar que ia buscar Petru e correr para o castelo. Os guardas finalmente estavam começando a se aproximar para ver o que acontecera. Não sabia o que estava sentindo, apenas que meu coração parecia estar sendo esvaçado. Uma torrente de lágrimas começou a jorrar de meus olhos. O que Costi dissera sobre confiança havia sido muito cruel. Agora, talvez nós fôssemos passar nossas vidas inteiras morando tão próximos um do outro e permanecendo, no entanto, tão distantes.

Mandei um atônito Petru resolver o que seria feito dos guardas e de seus cavalos. Conteí a Florica e minhas irmãs o que acontecera da forma mais breve possível. Percebi que elas tinham muitas perguntas, mas que estavam com medo de fazê-las. Meu rosto mostrava que minha história não tinha tido um final feliz.

# Capítulo 15

Uma estranha tranqüilidade tomou conta de Piscul Dracului. Cezar se fora. Ele não esperara para conversar melhor com Costi ou se despedir de tia Bogdana, mas deixara o vale naquela mesma noite. Ninguém sabia para onde tinha ido. Os guardas haviam ido embora também, e a população do castelo voltou a ser apenas de sete pessoas: nós cinco, Florica e Petru. Os primeiros traços de primavera surgiram na floresta; ainda incipientes, pois os invernos duravam muito em nossas montanhas: algumas flores, um passarinho com grama no bico para fazer seu ninho, insetos surgindo num açude, galinhas que voltavam a botar ovos.

Foi Ivan quem nos deu notícias de Costi nas primeiras semanas após sua volta. Ele estava trabalhando duro para se estabelecer como o legítimo dono de **Vârful** e para tomar as rédeas do negócio de tio Nicolae. Tia Bogdana estava dividida entre a alegria e a tristeza; afinal, quando encontrara seu primogênito, perdera o filho mais novo. Ela não nos convidou para uma visita e nós decidimos não ir até lá. Mesmo assim, a presença de Costi tão perto de Piscul Dracului não podia passar despercebida. A todo momento, surgia algo que nos fazia lembrar dele. Um dia, pouco após a partida de Cezar, dois homens vieram trazer nossos cofres de volta: um para as despesas da casa, outro para as despesas comerciais. Um terceiro trouxe nossos livros-caixa e os carregou até o escritório de papai para mim. Tudo que Cezar levara estava sendo meticulosamente devolvido.

O cofre de despesas comerciais estava todo em ordem, contendo amplos fundos e recibos pelas mercadorias de Salem bin Afazi. O cofre da casa continha mais moedas do que tivera quando Cezar o levara, mas não o suficiente para me constranger. Costi tinha calculado a quantidade certa para que pudéssemos passar os próximos três meses confortavelmente, o que daria de sobra até a volta de papai. Era um gesto generoso e sensível, um gesto que eu esperaria de Gogu ou de Costi e que me fez sentir aliviada e envergonhada ao mesmo tempo.

— Você não pode ficar se culpando pelo resto da vida — disse Iulia para mim certa manhã, quando estávamos dando comida para as galinhas. — Tudo bem, você não confiou nele. Entendo que tenha ficado chateado, mas você também tinha um bom motivo.

— Mas o Costi não concorda com você. Ele se lembra da época em que era o Gogu, quando confiávamos cegamente um no outro. Nós éramos tão amigos. E agora isso sumiu para sempre, e é como se jamais tivesse existido.

Iulia me olhou de rabo de olho e disse:

— Você não falou que ele ameaçou matar Cezar se ele machucasse você de novo? Costi ama você, Jena. É óbvio para todas nós. Você só precisa ir até lá e pedir desculpas.

— Mas eu não consigo.

A idéia fazia meu estômago embrulhar. Se Costi falasse comigo de novo no tom que usara aquele dia no pátio, eu não poderia suportar.

— Então seu plano é ser inimiga dele para o resto da vida? Vai ser meio esquisito, já que ele mora aqui do lado.

— Não tenho plano nenhum. Estou preocupada demais com Tati para pensar em Costi.

Não era verdade, é claro. Eu pensava nele o tempo todo, e tudo o que queria era voltar atrás e apagar o passado. Quanto a Tati, todas nós estávamos preocupadas com ela. Minha irmã mais velha mal dissera duas palavras desde a Lua Cheia, e o que estava comendo não daria nem para manter um passarinho vivo. Seu rosto estava cadavérico, com olhos imensos. Ela parecia querer cumprir a missão junto com Triste; estava, de alguma forma, em sintonia com a jornada dele, focando todas as suas energias para trazê-lo logo de volta. Assim como a Lua — que passara de cheia a minguante, e de minguante a nova —, Tati também se cercara de sombras. Parecia-me que estava desistindo de tudo e se afastando de nós.

Ivan me contou que o povo do vale estava se perguntando qual das irmãs havia feito o sapo voltar a ser homem e como ele havia ficado. Nem Ivan nem ninguém na aldeia disse algo sobre um portal e passeios noturnos, mas todos nos olhavam com enorme curiosidade. Eu não sabia o que Costi dissera ao juiz Rinaldo, mas ele obviamente não revelara todos os nossos segredos.

Na Lua Nova, eu não sonhei com um rapaz que virava monstro, mas com Tadeusz, seu sorriso cínico e seus modos insolentes. Ele me dizia: “Você perdeu a oportunidade, Jena. E agora? Vai se casar com o filho de um homem rico e ter um bebê na barriga a cada primavera? Você merece mais do que isso. Não estou longe. É só desejar minha presença que eu aparecerei.” Acordei molhada de suor.

Percebi que Tati não estava ao meu lado na cama, e que a porta do quarto estava aberta. Com o coração na boca, coloquei minha capa e atravessei o castelo escuro, subindo a escada que havia no salão de festas e chegando ao terraço. Ela estava ali, de camisola, observando a floresta. Não havia mais ninguém. Fiquei aliviada.

— Tati, o que está fazendo? Está muito frio. Volte para dentro.

Tati não disse nada. Eu me aproximei dela e coloquei minha capa em seus ombros. Ela estava tremendo muito e tinha o ar ausente.

— Vamos, Tati. Um pé depois do outro, vamos lá. Venha comigo.

Quando chegamos ao nosso quarto, eu a enrolei numa colcha e mandei Iulia, que acordara com o barulho, pegar frutas secas na cozinha para que pudéssemos fazer um chá. Coloquei uma chaleirinha em nosso braseiro. Após algum tempo, Tati parou de tremer e disse

num sussurro:

— Tive um sonho horrível, Jena. Acho que Triste está machucado. Acho que ele não vai voltar.

— Conte-o para mim. Mas lembre-se, nem sempre os sonhos mostram a verdade.

— Ele estava lutando com um monstro parecido com um javali, só que muito maior e ele... ele caía, e era perfurado pela presa do animal. Ele estava sangrando, Jena. Estava caído na lama, muito pálido, como se estivesse morto... E eu não podia fazer nada. Não podia tocá-lo, não podia nem me despedir.

— Calma, calma... Não pense mais nisso. Não significa nada, Tati. Você só sonhou isso porque está preocupada com ele.

— Ele não vai voltar — disse minha irmã, com os olhos fixos no nada.

Depois dessa noite, Tati parou de comer. Ela já estava só pele e ossos, comendo apenas uma fruta aqui, um pedaço de pão ali. Mas agora, recusava-se a colocar qualquer coisa na boca, e eu mal conseguia convencê-la a beber água. Meus argumentos não adiantavam nada. Voltei a dizer que aquilo fora apenas um sonho, que não mostrava a realidade, que ainda



faltavam quinze dias para o fim do prazo e Triste tinha uma boa chance de conseguir cumprir a missão. Não havia nenhuma base para tanto otimismo, depois do que Paula dissera sobre a impossibilidade da tarefa. Mas eu sabia o quanto era importante manter as esperanças. O que dizia a Tati mostrava que eu já decidira o que desejava para o futuro de minha irmã, mas por enquanto não queria reconhecer isso.

Conforme a Lua Cheia se aproximava, Tati ficava cada vez mais fraca, até que não conseguia mais se levantar da cama. Mandeí chamar um médico. Havia um no vale, um senhor de idade que já acompanhara grandes exércitos e tinha mais habilidade em consertar ossos quebrados e costurar ferimentos de guerra do que em cuidar de mocinhas que definhavam sem motivo aparente. Ele aplicou sanguessugas em Tati, mas o tratamento não deu qualquer resultado. Então sugeri que a sangrássemos, mas eu recusei, pois me parecia que estava debilitada demais para suportar. Fiquei apavorada. Quando dissera a papai que cuidaria de tudo durante sua ausência, jamais sonhara que veria Tati morrer sem poder fazer nada. Parecia que ela ia perecer antes mesmo de sabermos se Triste havia cumprido a missão. Eu passava todo o meu tempo rezando e pensando em soluções.

Florica ouvira os rumores que estavam circulando pela aldeia. Ela não nos perguntou se era verdade que Tati havia sido enfeitiçada por seres do Outro Reino, mas subiu a enorme escada que dava em nosso quarto para pendurar fileiras e mais fileiras de alho nele. Eram suficientes para manter qualquer força do mal à distância. Nossa governanta colocou a palma da mão na testa de Tati e examinou bem o pescoço dela — algo que eu não tivera coragem de fazer — antes de voltar lá para baixo. Sua expressão me preocupou, pois era uma mistura de tristeza e resignação.

— O que você vai fazer quando chegar a Lua Cheia? — perguntou Paula enquanto estávamos sentadas na cama observando Tati e ouvindo sua respiração entrecortada.

— Como assim?

— É uma pergunta razoável. Afinal, em geral é você que toma as decisões, Jena. Acha que Triste vai cumprir a missão? E se cumprir, como ela vai cruzar o Água Morta com ele? Tati está quase inconsciente. Não vai nem conseguir andar até lá.

— Eu sei.

— Pois é. E se ele aparecer mesmo e puder levá-la? Você vai deixar?

Olhei para Tati.

— A escolha não é minha — respondi, percebendo que ao menos aquela lição eu aprendera. — É deles dois. Não sei o que vai acontecer.

Eu sabia muito bem quem era a pessoa ideal para me dar conselhos e me apoiar naquele momento. Mas não tinha forças para ir até **Varful** falar com ele. Havia amor demais, dor demais, mal-entendidos demais nos separando. Nós havíamos criado uma brecha muito profunda, e agora era impossível atravessá-la.

— A Tati vai morrer?

Eu não ouvira Stela entrando no quarto. Ela estava observando o corpo franzino de Tati sobre a cama.

— Espero que não — eu disse, sem conseguir mentir.

— Ela não acredita mais no amor verdadeiro? — perguntou minha irmã caçula.

Já era Lua Crescente, e os primeiros cordeirinhos nasceram. Vários homens da aldeia vieram ajudar Petru com os bebês, ansiosos por trabalhar agora que eu podia pagar bons salários. Tati estava cada vez pior. Eu sabia que ela não ia durar muitos dias se não comesse alguma coisa — um pouco de sopa, um pedaço de queijo. Mas ela recusava tudo.

Sem saber o que mais fazer, nós passamos a contar histórias de amor para tentar fazer a esperança voltar ao coração de Tati. Muitas vezes, era impossível saber se ela estava ouvindo, pois não demonstrava qualquer reação. Certa tarde, quando Stela estava na cozinha com Florica, Paula contou uma história impressionante que ouvira dos sábios do Outro Reino. Era possível ver o Sol se pondo através de nossas janelas coloridas, espalhando uma luz suave por todo o nosso quarto. Verde como a grama, verde como uma espiga d'água, verde como a minha casa, pensei, lembrando das palavras que Gogu um dia me dissera. Acho que

era eu que precisava acreditar no amor verdadeiro.

A história que Paula contou era sombria, sobre um pai que desejava a própria filha. Ela fugia para se esconder na cozinha de uma enorme casa, passando cinzas no rosto e se cobrindo com um casaco feito com a pele de diversos pequenos animais: coelho, raposa, arminho, toupeira, texugo. A menina acabou se apaixonando pelo dono da casa, e chamava a atenção dele com uma série de presentes.

— Então ela colocou o anel de ouro dentro do prato de sopa, e deu-o à empregada para que ela o pusesse defronte do dono da casa — disse Paula. — E, dessa vez, ele exigiu saber quem servira a sopa, e onde ele poderia encontrar aquela mulher.

Quando Paula chegou ao final da história, os olhos de Tati estavam abertos. Era a primeira vez em vários dias que ela mostrava estar consciente. Peguei sua mão, e ela apertou de leve a minha com dedos gelados. Percebi que, se dissesse a coisa errada naquele momento, Tati fecharia os olhos de novo e me escaparia mais uma vez. Mas a história de Paula plantara uma semente em minha imaginação.

— Iulia, lembra quando você falou que, se minha história com Costi fosse um conto de fadas, eu teria de implorar pelo perdão dele? — perguntei. — Foi isso que quis dizer? Cobrir-me de cinzas e farrapos e oferecer presentes misteriosos?

— Pode ser que funcione. Está dizendo que está preparada para tentar? — respondeu ela.

Respirei fundo.

— Acho que sim. Se souber qual é a melhor maneira de fazer isso. Costi não vai ligar para um anel de ouro. E você sabe muito bem que eu não gosto de implorar por nada. Mas deve haver um jeito de mostrar a ele que... que...

— Que você o ama? — sussurrou Tati.

Fiquei muito vermelha.

— Bom, é — admiti. — Estou com muito medo de ir lá falar com ele. Por que ele não nos convidou para visitá-lo em **Vârful**? Seja me perdoou, por que não vem aqui falar comigo?

Ele ama você, Jena — disse Tati, que estava fraca demais para levantar a cabeça, mas voltou seus olhos em minha direção. — Lá no fundo do seu coração, você sabe disso.

— Ele precisa saber que pode confiar em você e que, se algo de ruim acontecer no futuro, você não vai abandoná-lo de novo.

— Eu já quebrei minha promessa duas vezes. Disse que jamais o deixaria para trás, mas o deixei. Primeiro quando saí para procurar Tati, e depois sozinho na floresta, sem voz. Por que ele deveria acreditar em mim uma terceira vez?

— Ele não devia ser tão duro com você — disse Paula, segurando o queixo com uma das mãos numa atitude reflexiva.

— Estava apenas sendo cautelosa quando não quis acreditar que ele era mesmo o Costi. Foi uma coisa bem sensata de se fazer, considerando-se tudo que havia acontecido. Ele não pode ter esquecido que *você* o amou e protegeu por nove anos inteiros. É impossível anular tudo isso num dia só.

— Mas foi o que aconteceu — eu disse.

— Faça com que ele se lembre — sugeri Tati, com uma voz que lembrava o som de uma folha sendo balançada pela brisa.

— Faça com que se lembre de como era entre vocês dois.

— E mostre que nada mudou — disse Iulia.

— Vá enquanto está com coragem — sugeriu Paula. — Amanhã mesmo. Um de vocês precisa dar o primeiro passo.

— Está cedo demais. Eu não estou pronta.

Meu coração estava aos pulos. Era como se estivessem me pedindo para lutar sozinha contra um enorme dragão. Levantei-me e fui tomar um copo d'água.

— Jena... — disse Tati. — Quero que... quero que vá falar com Costi. Quero que... seja feliz. Vá... antes da Lua Cheia.

— Mas não falta muito para a Lua Cheia — protestei. — Só cinco dias. E eu ainda não sei como vou convencê-lo.

Mas um plano estava se formando em minha mente, pois a história de Paula fizera com

que eu me lembrasse da paixão que Costi tinha por brincadeiras.

— Vá... não demore — pediu minha irmã mais velha.

O olhar que Tati me lançou me deixou apavorada. Era um olhar de despedida. Estava claro que ela não acreditava que seria feliz quando chegasse a Lua Cheia, fosse em nosso mundo ou no Outro Reino.

— Tati, não desista — eu disse. — Espere por Triste. Ele ficaria destruído se chegasse aqui...

Mas não pude completar a frase.

— Você acha mesmo que ele está bem? — perguntou ela, suplicante. — Acha mesmo que ele vai voltar?

— Acho, sim. Eu vi o modo como Triste olha para você e a toca. Você é tudo para ele. A missão é difícil, mas eu acredito que Ileana queira que ele seja bem-sucedido. Não perca as esperanças. Triste vai voltar. Eu tenho certeza.



— Então você acredita... no amor verdadeiro? — sussurrou ela.

Respirei fundo.

— Acho que preciso acreditar — respondi, com os olhos cheios de lágrimas. — Sem o amor, nada vale a pena.

— Então fale com Costi... amanhã — disse Tati, e os olhos dela se fecharam mais uma vez.

Eu tentei. Coloquei minhas botas de sair de manhã bem cedinho e fui tomar café, com a firme intenção de ir até Vârful assim que acabasse de comer. Ainda não sabia o que ia dizer a Costi. Estava completamente tensa, com os nervos em frangalhos.

— Você está sacudindo muito a xícara, Jena — disse Florica. — Está tudo bem?

— Está tudo ótimo — respondi, tentando ser casual. — Decidi ir até Vârful hoje visitar Costi, já que o tempo melhorou tanto.

— Tenho certeza de que sua tia ia adorar vê-la, mas o senhor Costi não está em casa, Jena. Ouvi dizer que foi passar algumas noites na aldeia.

— Algumas noites? — repeti, incrédula.

A tensão do meu corpo se desfez e foi substituída por uma amarga sensação de desapontamento. Eu tinha precisado reunir toda a minha coragem para decidir ir lá falar com ele, e fora tudo em vão.

— Quando é que ele volta, Florica? Você sabe?

Florica me encarou como se adivinhasse o que eu estava sentindo.

— Acho que antes da Lua Cheia. Por que você não vai lá perguntar para sua tia Bogdana?

— Não, eu... eu preciso mesmo falar com Costi. Florica, será que Petru poderia pedir a

um dos empregados de **Vârful** para nos avisar assim que Costi voltar? No mesmo dia?

— Acho que sim. Jena. Então você não vai até lá hoje?

Balancei a cabeça.

— Vou só quando ele voltar. Só espero que não demore.

Subitamente, pareceu-me urgente falar com ele antes da Lua Cheia, para poder provar para Tati que os finais felizes eram possíveis na vida real também. Talvez, se eu resolvesse o meu problema, o de minha irmã também fosse solucionado. Não havia lógica nenhuma nisso. Afinal, eu era a menina que se recusara a reconhecer o amor verdadeiro quando ele estava dentro do meu próprio bolso. Sabia que precisava de ajuda. Ande logo, Costi, pensei. Volte para casa. Preciso de ajuda.

Vimos o Sol se pôr mais quatro vezes através de nossas janelas coloridas, e continuamos a contar histórias. Nem todos os contos eram alegres; afinal, era preciso admitir que o amor não era só feito de beijos, sorrisos e felicidade, mas também de sacrifícios, concessões e trabalho duro. Tati ainda estava entre nós. Minha promessa de fazer as pazes com Costi despertara uma frágil esperança dentro dela. Ela aceitava a água que nós dávamos, mas continuava se recusando a comer. Deixava que nós lhe déssemos banhos com uma esponja e que Stela escovasse e trançasse seus longos cabelos. Mesmo assim, estava quase perecendo. Quando o Sol nasceu na véspera da Lua Cheia e Costi ainda não voltara para casa, eu comecei a me desesperar.

Tati acordou inquieta e confusa. Perguntou-me várias vezes se eu já falara com Costi e o que ele respondera. Quando Iulia tentou começar a contar outra história, Tati sussurrou que não queria ouvir mais nenhuma e fechou os olhos. Iulia foi se sentar em sua própria cama, chorando muito. Quando me aproximei dela, ouvi-a murmurando:

— Primeiro mamãe, depois papai e agora Tati. Não agüento mais.

Tentei confortá-la, dizendo que nem papai nem Tati estavam mortos, que as coisas ainda podiam melhorar, que ela precisava ser corajosa. Mas não adiantou muito; acabei em prantos também.

Quando desci para tomar café, Petru me contou que Costi ia voltar naquele dia.

— Ele dormiu na casa do juiz Rinaldo noite passada. Contaram que vai para **Vârful** esta manhã.

Esta manhã! Se eu fosse bem rápida, talvez ainda desse tempo.

— Jena, pegue sua mochila e vá logo — pediu Paula. — Sei que está com tudo pronto. Vá agora. Nós cuidamos de Tati.

— Vai ver o senhor Costi hoje? — perguntou Florica com um sorrisinho. — Vou preparar um pouco de comida para você levar. Não é bom sentir fome no meio da floresta.

— Não sei se devo ir.

Meus instintos estavam me empurrando para **Vârful**, mas o bom senso me dizia que seria uma maluquice sair. Como eu poderia ir até lá agora, com minha irmã tão doente e a noite de Lua Cheia quase chegando? Se ela falecesse enquanto eu estava fora, eu jamais me perdoaria.

— Deve, sim — afirmou Stela. — É o que Tati quer.

— Florica — eu disse — você pode empacotar tudo que eu e Gogu levávamos quando saíamos para passear no verão?

— Não está uma época boa para piqueniques — murmurou Florica, mas ela já estava reunindo um pacotinho de farinha, um ovo, um pouco de manteiga e uma pitada de sal e

embrulhando tudo num pedaço de pano. — Pronto. Tome cuidado. Coloque alguns dentes de alho no bolso. Está de dia, mas pode haver alguma criatura espreitando por aí. E não chegue perto do Água Morta.

Subi para o nosso quarto e contei a Tati para onde estava indo. Ela demonstrou um fiapo de interesse; eu torci para que fosse o suficiente para aquele dia inteiro. Então coloquei meu vestido verde e pus o embrulho de Florica dentro de minha mochila, junto com vários outros itens que já estavam lá: uma tigela, uma colher, minha frigideirinha e uma pederneira.

— Espere — disse Paula.

Minhas irmãs mais novas estavam enfileiradas e cada uma segurava algo.

— Nós achamos que, como isso é meio que uma missão, você precisa de objetos mágicos para levar — explicou Iulia.

— Foi o melhor que pudemos fazer — disse Paula.

Ela me entregou uma caixinha onde havia uma pena, um tinteiro, e três quadradinhos de pergaminho.

— Cada uma de nós escolheu uma coisa especial. Imagine que está levando um pouco de nós com você — afirmou.

Stela me deu uma fita verde e Iulia me ofereceu seu chapéu de pele de coelho. Agradei, quase chorando, coloquei o chapéu e guardei os outros presentes na mochila.

— Não se preocupe — disse Paula, sorrindo. — Nós sabemos que você nos ama, embora tenha estado ocupada demais para dizer isso ultimamente.

Tati estava fraca demais para me dar um presente, mas Iulia pegou a tesoura de costura dela e cortou um cacho de cabelo de cada uma de nós, fazendo um pequeno anel com eles e colocando-o no meu dedo.

— Irmãs e amigas — disse ela. — Sabemos que está fazendo isso por Tati também. E queremos muito que tudo dê certo.

Foi uma longa jornada até **Vârful**. Eu tinha um plano, mas não sabia bem como colocá-lo em prática. Precisava ver Costi sozinha. Para isso, seria necessário me aproximar o máximo possível da casa e então esperar por uma oportunidade.

Para onde ele iria assim que chegasse? Será que levaria o cavalo para os estábulos pessoalmente ou pediria que um empregado o fizesse? Se Costi entrasse em casa para tomar banho e descansar, eu precisaria mudar o plano. Sabia de um cantinho escondido onde poderia esperar, no pomar; ficava perto dos estábulos, mas não o suficiente para que os empregados de lá me vissem. Mas precisava chegar a **Vârful** antes de Costi.

Conforme eu atravessava a floresta, tive a sensação de que estava sendo observada. Mais de uma vez vislumbrei alguma coisa se movendo atrás de um arbusto de azevinho, ora um par de olhos brilhantes entre os galhos de um pinheiro, ora algo acompanhando meu progresso. Aquilo me reconfortou. Draguta realmente tinha muito poder; ela vinha influenciando nossas vidas desde que éramos pequenos. Sua presença ali me fez acreditar que minha pequena missão estava mesmo ligada à história de Tati e Triste, e que o povo do Outro Reino estava tomando conta dos dois, de mim e de Costi. Algo seria decidido hoje, embora eu não tivesse certeza do resultado.

O dia já ia pela metade quando finalmente cheguei às cercanias de **Vârful**. Meu estômago ficou embrulhado quando imaginei Costi me lançando um olhar cheio de mágoa e se afastando de mim. Confie em seus instintos, pensei. E confie em suas irmãs. Sem elas, você jamais teria chegado onde está.

Do outro lado do pomar repleto de árvores desfolhadas, havia um velho banco de pedra cheio de limo. Eu tirei os itens de dentro da minha mochila, observando os estábulos e a casa imponente por entre os galhos ressecados. Vârful era enorme, cercada por grossas paredes e encimada por telhas vermelhas. Durante a primavera, os vidoeiros que cresciam perto da casa a envolviam como uma capa prateada. Havia fumaça saindo das chaminés; tia Bogdana estava em casa, mas eu só queria vê-la depois que tivesse falado com Costi. Se nós dois não conseguíssemos nos resolver, eu achava que jamais voltaria ali. Seria doloroso demais. Mesmo agora, a expectativa de falar com ele me deixava enjoada de medo.



Fiquei feliz por estar usando o chapéu de pele de coelho. A primavera acabara de começar, e ainda estava frio demais para ficar muito tempo esperando do lado de fora. Peguei a fita verde que Stela me dera e pendurei nela a sementinha em forma de coração, que guardara em meu baú desde o dia em que Gogu a entregara para mim e eu a desprezara com um comentário condescendente. Pendurei-a em meu pescoço.

Comecei a reunir galhos para fazer uma fogueira. Ao empilhá-los metodicamente, vi um objeto pequeno e brilhante alojado numa racha de um galho velho e ressecado. Tirei-o dali e, ao ver o que era, um sorriso se abriu em meu rosto. Agora eu tinha certeza que alguém do Outro Reino estava me ajudando. Coloquei-o junto com minhas outras coisas e voltei minha atenção para a fogueira, segurando uma faca e uma pederneira.

Eu sabia muito bem como fazer aquilo, pois Gogu e eu passáramos muitos dias de verão brincando na floresta. Quando o fogo já estava aceso, abri o embrulho que Florica preparara e comecei a misturar os ingredientes na tigela. O mais essencial de todos eu havia colhido quando passara pela floresta: um punhado de espiga d'água.

O Sol se moveu pelo céu e se escondeu atrás de algumas nuvens. O dia foi passando e eu fui ficando cada vez mais nervosa. Mexi os pés e bati as mãos para me esquentar. Ninguém estava ali por perto; a fumaça de minha fogueirinha não chamara a atenção de nenhum empregado. Talvez eles achassem que alguém estava queimando lixo. Comecei a me perguntar se Costi desistira de voltar naquele dia. Então me dei conta de que ele podia já ter entrado em casa quando eu chegara, o que significava que eu teria de bater em sua porta e pensar em algo a dizer. A luz mudou. Já estava na metade da tarde, e eu ainda teria de voltar andando para Piscul Dracului. Afinal, Tati ainda precisava de mim.

Ande logo, Costi!, pensei. Talvez, se eu começasse logo a cozinhar, ele aparecesse. Coloquei a frigideira sobre as brasas da fogueira, pus um pedaço de manteiga dentro dela e ouvi-o chiar enquanto derretia. Quando a panela já estava quente o suficiente, despejei o conteúdo da tigela lá dentro e observei até que pequenas bolhas começaram a se formar na panqueca. Virei-a, e ouvi o som de cavalos se aproximando. Minha pequena mágica funcionara — ele estava ali.

Costi e dois homens bem vestidos que eu não conhecia levaram seus cavalos até os estábulos e apearam. Um empregado veio buscar os três animais e levá-los lá para dentro. Torci para que meu primo ficasse ali. Coloquei a panqueca no pratinho que trouxera e decorei minha obra com um pouco de espiga d'água.

Os três conversaram durante algum tempo. Fiquei observando de longe, segurando meu presente com as mãos. Brincadeiras eram boas, mas às vezes o esforço que exigiam era grande demais. Então Costi e os outros dois homens começaram a andar na direção da casa. Não havia nada que eu pudesse fazer, a não ser gritar o nome dele. E agora? Será que deveria abordá-lo na frente de seus convidados? Imaginei uma expressão de vergonha e um olhar de desdém no rosto dele.

O empregado saiu do estábulo segurando um balde e foi na direção do poço. Decidi aproveitar o que era, talvez, minha última chance.

— Com licença.

O homem teve um sobressalto e então curvou a cabeça num cumprimento.

— Senhorita Jenica? Devo dizer à minha senhora que está aqui?

Tentei desesperadamente lembrar o nome dele.

— Não, Geza, por enquanto não. Preciso de sua ajuda. Talvez ache um pouco estranho, mas tenho um trabalhinho para você.

— É claro, senhorita Jenica. Mas antes, preciso dar água para os cavalos.

A panqueca ainda estava quente quando ele voltou. Os olhos de Geza estavam cheios de curiosidade, talvez devido à história sobre uma menina e um sapo que todos vinham contando no vale nas últimas semanas.

— Leve isso ao senhor Costin — eu disse. — Não deixe de entregar a ele. Sei que está com convidados, mas você precisa entregar o prato a ele mesmo que esteja ocupado. Não diga de quem é. Se ele lhe der alguma mensagem, entregue-a para mim. Se não, venha me ver assim mesmo.

— Sim, senhorita — respondeu Geza, segurando o prato com todo o cuidado.

— Obrigada, Geza. Sei que é um pouco estranho.

Esprei andando de um lado para o outro, nervosa demais para permanecer quieta. Estava ficando tarde. Pensei em Triste segurando um copo de água numa das mãos e carregando um fardo com os outros itens nas costas, correndo sem parar, seus olhos brilhando de determinação no rosto muito branco. Lembrei de Tati na Clareira das Danças, frágil como um passarinho porém declarando com firmeza sua fé no amor. Imaginei Costi dando um sorriso triste ao ver meu presente e recusando-o. Tenha confiança. Lembre-se que esse é Gogu, a quem você mais ama no mundo.

Uma eternidade depois, Geza reapareceu com as mãos protegidas sob os braços para aquecê-las. A luz já estava desaparecendo no horizonte. Fagulhas voavam da fogueira que eu fizera como pequenos dançarinos brilhantes.

— Você deu o prato a ele? — perguntei, agarrando os ombros do homem e então me dando conta do absurdo que estava fazendo e libertando-o. — O que foi que ele disse? Por que demorou tanto?

— Ele estava com dois mercadores de **Brasov**, senhorita Jenica. Eu não pude entrar...

— Eu mandei entregar mesmo que ele estivesse ocupado! — exclamei, irritada e logo me controlando. — Desculpe. Mas eu preciso estar em casa hoje à noite, e está ficando tarde. Ele mandou alguma mensagem?

Era agora ou nunca. Eu precisava voltar para Piscul Dracului naquele momento, ou não chegaria antes do anoitecer.

— Não, senhorita Jenica.

— Nada? — insisti, com o coração apertado.

— Não. Mas ele comeu tudo, até aqueles negócios verdes. Acho que gostou — disse Geza, muito espantado.

Respirei de alívio. Ainda havia esperanças.

— Obrigada. Pode levar isso para ele agora?

Entreguei a Geza o objeto que encontrara no galho. Era a carapaça descartada de um besouro, verde iridescente e em forma de coração.

— Por favor, vá o mais rápido possível. Aqui, leve essa pena e esse pedaço de pergaminho também.

Talvez fosse insistir um pouco demais por uma resposta, mas eu precisava acelerar aquele processo de alguma maneira.

Esperei mais. Meu coração parecia ecoar os passos rápidos e desesperados de Triste, voltando para a Clareira das Danças. Pensei em minha irmã, tão fraca que mal conseguia levantar a cabeça do travesseiro. Não se vá, Tati, implorei em pensamento. Tenha fé nele. Perguntei-me se deveria esquecer meu sonho de amor e correr para casa para estar ao lado dela, mas meus pés se recusaram a ir para longe daquele pomar silencioso e da fumacinha da minha fogueira.

— Ande logo, Costi — murmurei, limpando a frigideira e começando a colocar as coisas de volta na mochila. — Eu já fiz tudo que podia.

Dessa vez Geza voltou bem mais rápido e me trouxe uma mensagem, rabiscada no quadradinho de pergaminho que eu lhe entregara. “As coisas boas em geral não vêm em três?” dizia ela.

Dei um enorme sorriso. Costi decidira entrar na brincadeira. Geza trouxera a pena de Paula de volta. Molhei-a no tinteiro e escrevi num outro quadradinho: “Se quiser a terceira, precisa vir aqui me encontrar.”

— Não demore — pedi a Geza, entregando-lhe a mensagem. — Que cara ele fez quando recebeu o presente?

— Ele parecia apavorado, senhorita Jenica.

— Apavorado é bom. Eu estou me sentindo assim também. Ande logo, por favor.

Sentei-me no banco de pedra, tremendo de ansiedade. A cada ruído que um inseto ou passarinho fazia à minha volta, eu olhava para **Vârful**. Tentei imaginar o que Costi diria, e como eu ia responder.

Ele não demorou muito. Afinal, não precisou adivinhar onde eu estava escondida, pois Geza sabia muito bem. Estava carregando uma lamparina. Eu não trouxera nenhuma, pois não

havia imaginado que teria de esperar tantas horas e voltar para casa já ao anoitecer. Não tínhamos muito tempo. Mas eu não podia pensar nisso. Ali estava Costi, atravessando o pomar para vir me encontrar, com o rosto iluminado pela luz bruxuleante da lamparina. Tinha uma expressão muito séria no rosto. Seu cabelo estava ainda mais curto, expondo sua nuca. Ao vê-la, quis imediatamente passar meus dedos por ela. Usava roupas simples, mas boas: uma camisa branca, calças verdes, botas e uma capa quentinha. Parecia tão nervoso quanto um menino travesso prestes a ser advertido. Eu não tinha idéia do que ia me dizer.

Quando Costi estava a três passos de distância de mim, ele estacou e me estendeu a mão:

— G-gostaria de d-dançar, Jena? — perguntou ele, dando um pequeno sorriso.

— Eu adoraria — respondi.

Nossas mãos se tocaram e eu senti uma quentura me dominando da cabeça aos pés. Desejei muito abraçá-lo e apertá-lo contra mim, mas a magia daquele momento era como uma teia de aranha, frágil e delicada. Um erro apenas e ela se partiria para sempre.

— Você está ouvindo a música? — murmurou Costi, colocando a mão em minha cintura.

Pus a mão no ombro dele e nós começamos a rodopiar lentamente entre as árvores.



Aproximei-me um pouco de Costi e então consegui ouvir: na floresta, os passarinhos estavam cantando, as águas de um córrego fluíam e o vento sussurrava segredos. Nossos corações batendo juntos adicionaram um ritmo à melodia. Nós giramos, e giramos, e a cada volta respirávamos mais rápido e nos segurávamos com mais força. Quando voltamos ao local onde havíamos começado, paramos de dançar e ficamos nos olhando, abraçados, com vontade de nunca largar um do outro, mesmo se o céu desabasse e o mundo acabasse. E embora ainda houvessem coisas a serem ditas, decisões a serem tomadas, desculpas a serem pedidas, eu senti uma deliciosa felicidade tomando conta de mim, irradiando-se do meu coração para todo o meu ser.

— Costi?

— O que foi?

— Lamento ter magoado você. Lamento tanto. Não acredito que demorei tanto para aceitar a verdade.

— Lamento ter sido tão cruel com você naquele dia. Após o que acontecera com Cezar, eu mal sabia o que estava dizendo. Estava fingindo confiança, mas no fundo só sentia incerteza. Devia ter tentado conversar com você, entender por que estava com tanto medo de mim. Quando você me deixou para trás e me acusou de estar mentindo eu me senti... destruído. Como se alguém tivesse me feito em pedaços. E naquele dia, acabei desabafando.

— Tudo bem, Costi. Nós podemos nos perdoar agora, e esquecer tudo isso.

— Tem certeza de que me perdoa, Jena? — perguntou ele com a voz trêmula, mostrando que eu não era a única a achar aquela brincadeira difícil.

— Inteiramente.

— Então, posso ganhar meu terceiro presente? Dei um passo para trás.

— Feche os olhos — pedi.

Ele obedeceu. Mas quando toquei seu rosto com a mão e fiquei na ponta dos pés, ele os abriu de volta.

— Espere! Jena...

— Você não quer um beijo?

— É que... e se...

A mesma idéia me ocorrera.

— Não acho que você vá virar um sapo. Aquela não foi a primeira vez que beijei você. Acho que só precisávamos esperar até que Draguta decidisse que havíamos aprendido a lição. Pelo que entendi, ela quer que você seja um ser humano a partir de agora.

Costi fechou os olhos de novo.

— Vamos arriscar — disse ele com um sorriso.

Então nós nos beijamos. Não houve nenhuma explosão, nenhuma luz branca. Os braços de Costi me envolveram, fortes e cálidos, e eu pressionei meu corpo contra o dele, acariciando sua nuca. O toque de seus lábios me fazia sentir segura e amada, e ao mesmo tempo me deixava trêmula. A memória do beijo grosseiro de Cezar foi instantaneamente apagada. Aquele era meu primeiro beijo, e fora exatamente como eu sempre sonhara. Quando, depois de muitos minutos, nós paramos para respirar, Costi não estava com a menor cara de quem ia virar um sapo.

— Costi — eu disse, sem ar —, odeio dizer isso, mas...

— Hoje é noite de Lua Cheia e você precisa ir para casa?

— Tati está muito doente. Estamos com medo que ela morra antes de Triste voltar, se é que ele vai voltar. Tenho de ir para Piscul Dracului. Você demorou muito.

— Vou com você até lá. Vamos neste minuto. Só preciso fazer uma coisa antes.

Ele tirou delicadamente meu cabelo de cima do meu pescoço, e seus lábios tocaram o local onde ficava quando era um sapo, logo abaixo de minha orelha esquerda.

— Há anos eu quero fazer isso — sussurrou Costi. — E mais maravilhoso do que eu esperava. Você nem imagina os pensamentos que passavam pela cabeça do seu sapinho, Jena. Ele jamais ousou dividi-los com você.

— Quero que me conte todos eles. Mas nós temos de ir, Costi. Já é quase noite.

Costi foi até os estábulos, onde Geza estava esperando com um sorriso nos lábios. Ele lhe deu uma ordem qualquer, e nós seguimos na direção da floresta.

— E verdade que você estava sob um feitiço de silêncio quando era sapo? — perguntei.  
— Que não podia me contar quem era?

— Draguta nunca me disse. Eu nem cheguei a vê-la quando ela me enfeitiçou. O mais próximo que cheguei foi quando você me deixou na Clareira das Danças. Uma raposa atravessou o gelo me carregando nas costas. Imaginei que havia sido enviada por ela. De alguma maneira, eu sabia sobre o feitiço de silêncio sem que ninguém me contasse. Sabia que precisava esperar.

— Muito tempo. Muito, muito tempo.

— Só lamento que papai não tenha vivido para saber que eu continuava aqui.

— Mas ele sabe, Costi. Ele está em algum lugar nos observando. Era um homem maravilhoso, bom e generoso. Como você.

— Você acha mesmo, Jena? Mesmo? Eu não f-fui um grande amigo para você nesse último mês. Foi uma mudança enorme, e eu precisei me acostumar. E também teve o que aconteceu com Cezar... Já pensei nisso milhares de vezes, perguntando-me se poderia ter agido melhor. Além disso... não sabia se você ainda gostava de mim, agora que eu não era mais o Gogu. Estava com medo de perguntar. Ia m-morrer se você tivesse dito não.

— Costi, não me lembro de você gaguejar quando era menino.

— Acho que eu não gaguejava. Mas só acontece quando estou com medo. Naquela época, eu não tinha medo de nada.

— E está com medo agora? Por quê?

— Por que tudo isso é muito novo para mim, e é tão bom e tão p-precioso que tenho medo que seja só um sonho. Eu sempre sonhava quando era sapo, e odiava acordar.

Eu parei de andar, peguei as mãos dele e olhei-o nos olhos. Estava escuro na floresta, mas mesmo assim eu podia discernir meu amigo de infância, meu companheiro adorado de mais de nove anos e o homem da minha vida, milagrosamente encarnados na mesma pessoa. De repente, percebi que isso não era difícil; era a coisa mais fácil do mundo.

— Eu amo você, Costi. É a verdade mais verdadeira que já disse. Vou amá-lo para sempre. Não precisa mais ter medo.

— Também amo você, Jena. Sempre amei. Você partiu meu coração quando não confiou em mim.

As lágrimas rolaram pelo meu rosto. Costi se inclinou e me beijou as pálpebras.

— Meu coração também estava partido — eu disse. — Mas parece que é possível consertar corações. Que coisa incrível. Paula diria mesmo que é um fenômeno.

— Acho que é. Mas não é mais incrível que meninos que viram sapos, e sapos que viram homens. Jena... quando nós nos casarmos... se você quiser casar comigo... quero continuar a vir até a floresta para fazer piqueniques e tudo o mais que amamos fazer.

— Você está me pedindo em casamento? — perguntei, sorrindo entre as lágrimas.

— Vou melhorar depois de praticar — disse Costi, com um pouco de vergonha. — Podemos tentar de novo amanhã?

— Se você quiser. Eu pretendo aceitar o pedido. É melhor você saber disso agora, para não ficar ansioso e se esconder no meio das folhas. Espero que tia Bogdana aprove.

— Mamãe vai adorar. Desde que chegamos em casa, vem insistindo para que eu fosse até Piscul Dracului fazer as pazes com você. Ela viu o quanto eu estava arrasado. Mas não consegui. Você foi mais corajosa, Jena.

— Eu estava apavorada — confessei, enlaçando a cintura dele. — Mas valeu o esforço. Você soube participar da brincadeira muito bem.

— Sabe, eu achei mesmo que tinha sentido cheiro de panquecas quando apeei do cavalo. Mas concluí que estava imaginando coisas.

Subitamente, ele ficou muito sério e perguntou:

— Jena, o que vai acontecer com Tati e Triste hoje à noite?



— Eu não sei.

Expliquei então o quanto Tati estava debilitada e sem esperanças, e contei o sonho que ela tivera. Ficamos os dois em silêncio, imaginando o que aconteceria se Triste não voltasse. Se Tati não pudesse ficar com homem que amava, talvez ela realmente se deixasse perecer. Não parecia importante pensar em questões práticas, como de que maneira Tati faria a travessia estando tão fraca. Agora que eu levava minha coroa e abrira mão de minha permissão de entrada no Outro Reino, não achava que o velho portal funcionaria. Draguta tivera um propósito ao realizar nossos desejos, e ele já fora alcançado. Mas devia haver uma maneira de Triste receber sua recompensa se cumprisse a missão. Se ele conseguisse chegar a tempo, talvez um portal surgisse do nada.

—Você está tremendo — disse Costi, me abraçando. — Já estamos chegando.

Mas então, nós dois estacamos. Alguém estava nos perseguindo pela floresta. Uma pequena luz surgiu no horizonte, acompanhada de passos rápidos e da respiração ofegante de quem percorreu uma longa distância correndo. Costi me protegeu com o corpo. Um segundo depois surgiu uma figura enrolada numa capa, com o rosto pálido e muito tenso, segurando uma lanterna.

— Paula! — exclamei.— O que foi? O que aconteceu? A Tati está...

Paula dobrou-se sobre si mesma, tentando recuperar o fôlego. Ela colocara a lanterna no chão.

— Calma, Paula — disse Costi. — Nós estamos aqui e vamos ajudar. Respire fundo.

— Triste... alguém viu o Triste na floresta. Os homens da aldeia saíram atrás dele com foices e cercados... vamos, corram!

# Capítulo 16

— Onde eles estão? — perguntei, aterrorizada.

— Eu os vi passando e me escondi. Estavam dizendo coisas horríveis, Jena. Disseram que, quando pegarem Triste...

— Para que direção estavam indo, Paula? — indagou Costi, colocando a mão sobre o braço de minha irmã para acalmá-la.

— Estavam indo para o Água Morta, para a parte que fica a nordeste de Piscul Dracului.  
— Jena... Costi, eu...

— O que foi, Paula?

— Eu sei onde Triste está — sussurrou ela. — Eu o vi quando estava vindo para cá. Sei onde está escondido.

— Vá nos contando enquanto vamos para lá — eu disse. — Você está bem? Acha que consegue nos levar até lá agora?

Começamos a descer um caminho íngreme ladeado por enormes carvalhos, e Paula nos contou o que acontecera. Ivan viera chamar Petru ao anoitecer. Os aldeões haviam se reunido e estavam indo para nordeste, onde um fazendeiro que estava cuidando de seus porcos vira Triste. Petru se recusara a ir, afirmando que estava velho demais para aquelas coisas. Iulia e Paula estavam na cozinha quando a cena acontecera, e ouviram tudo.

— E Triste? Como foi que você o achou?

— Ele me chamou — respondeu Paula.

Ela estava fazendo de tudo para acompanhar nosso passo, mas estava exausta. Nós não podíamos ir mais rápido. A Lua ainda não surgira no céu e, se tentássemos correr no escuro pelo meio da floresta, podíamos até acabar quebrando um braço ou uma perna.

— Ele está numa caverna, não muito longe daqui. Quando me viu, chamou meu nome e me pediu ajuda.

— Por que ele não esperou mais perto do castelo? Tati está fraca demais para andar até a floresta.

— Ele foi até Piscul Dracului para tentar encontrar Tati e Petru o viu. Então, Triste saiu correndo. Ele já ouvira os outros homens na floresta, falando em caçá-lo.

— E quanto à missão? Ele...

— Ele estava com todas as coisas. Mas se recusa a voltar para o Outro Reino sem Tati. Está com a perna machucada e parecia... desesperado. Como se estivesse prestes a fazer uma loucura. Nós precisamos ajudar os dois.

Olhei para Costi, e o olhar que ele me devolveu era interrogativo. Eu sabia a resposta para a pergunta: não estava preparada para me separar de Tati. Eu a amava. Se a ajudasse a

fazer aquilo, era provável que jamais voltasse a vê-la. Papai ficaria arrasado. E como nós explicaríamos seu desaparecimento para tia Bogdana, Florica, Petru e todos os habitantes do vale? Além disso, eu ainda não sabia o que Triste era, ou o que ele poderia fazer com ela. Mas nada disso parecia importar mais.

— Nós vamos ajudá-los — afirmei, seguindo Paula e descendo uma trilha que ia para o leste.

Eu estava apavorada por Triste e Tati, mas uma alegria profunda ainda me acalentava. Costi estava ali ao meu lado, e tudo em meu mundo se encaixara. Como eu podia negar tal felicidade a minha irmã? Precisava deixá-la ir se a amava de verdade. Reconheci que vinha me acostumando com essa decisão desde que nós havíamos visitado o reino de Tadeusz na Lua Nova. Naquela noite, eu começara a compreender que Triste só queria o bem para aqueles que amava: para a irmã dele, e para a minha.

— Estou aqui.

Um homem pálido saiu do meio dos arbustos, fazendo com que eu me assustasse. Seus olhos estavam arregalados, e ele parecia à beira da loucura. Havia uma sacola em seu ombro, e na mão direita ele carregava um copo de metal escuro, tão cheio de água que a superfície parecia fazer uma curva para cima. Sua pele estava cheia de arranhões, e em diversos lugares o casaco preto fora rasgado pelo chifre ou pelas garras de um animal selvagem.

— Precisamos ir agora — disse Triste.

— Para onde? — perguntei num sussurro.

Ao longe, achei que estava ouvindo cães latindo e vozes furiosas e amedrontadas.

— Acho que nosso portal está fechado — expliquei. — Além do mais, você não vai poder entrar na nossa casa, pois Florica e Petru estão lá.

— Há outra maneira — disse Triste. — Leve Tatiana a um local na floresta e eu poderei atravessar com ela. Mas não podemos perder tempo. Eu não posso mais correr muito. Minha perna está machucada. Viajei por longo tempo com esse ferimento, e estou pagando por isso agora.

Foi então que vi que Triste mancava. Ele estava fazendo de tudo para equilibrar o copo, e eu me lembrei das palavras de Marin: “Cheio até o topo, mas sem uma gota derramada.” Era cruel.

— Tati está muito fraca — eu disse. — Está doente.

Triste ficou ainda mais branco do que de costume. O copo estremeceu, e eu me arrependi de ter dito a verdade a ele.

— Ela não vai conseguir andar até aqui. Não devia nem sair da cama. Onde é o lugar?

— Vou mostrar.

Voltamos pelo mesmo caminho que havíamos acabado de trilhar e atravessamos o vale na direção de Piscul Dracului. Ao ver Triste andando com tanta dificuldade, comecei a me perguntar se conseguiríamos fazer tudo aquilo antes da meia-noite. Então, ouvi um ruído nos arbustos e uma vozinha disse:

— Apaguem as lamparinas! Rápido!

Nós obedecemos e, um segundo mais tarde, ouvimos o ruído dos homens que estavam caçando Triste não muito longe dali. Eles logo surgiram por entre as árvores, e a luz das tochas que carregavam reluziu nas foices, forcados, facas e arcos que traziam. Um homem estava armado com uma estaca afiada. Um cão latiu e alguém gritou.



— Vá, raposa! — disse a mesma vozinha estranha que nos alertara para a presença dos caçadores.

Ouvi o som de patas na relva, correndo na direção dos homens. Uma coruja piou. Uma revoada de pássaros passou soltando gorjeios altos e agudos, fazendo com que Costi se abaixasse de susto.

— Estamos sendo ajudados — murmurei. — Vamos precisar prosseguir no escuro.

— Eu vou na frente — disse Triste. — Não preciso de luz para enxergar.

Então nós o seguimos, e eu vi que sua habilidade de se orientar no escuro era mais uma indicação de que, após tantos anos vivendo no Outro Reino, ele deixara de ser inteiramente humano. Mais para cima da colina ouvia-se um clamor de latidos e vozes agitadas. A caçada seguiu para outra direção, seguindo aquilo que eu tinha certeza ser a raposa branca de Draguta. Era uma noite de surpresas, uma noite mágica. Fiquei apavorada ao pensar no que eles fariam com a bruxa se a alcançassem. A Lua subiu no céu, e uma luz fria iluminou a floresta.

— Aqui — disse Triste subitamente, parando ao lado de um lagunho redondo que ficava abaixo de uma rocha coberta de juníperos.

Era um local que eu e Gogu já tínhamos visitado muitas vezes, um bom lugar para colher agrião. Eu jamais achara que ele fosse especial.

— É aqui que faremos a travessia. Rápido! Estou quase sem forças. Você a trará para mim, não é, Jena?

Triste desabou no chão, ainda segurando o copo sem deixar que uma gota escorresse.

— Vou fazer de tudo para conseguir — respondi, perguntando-me como Tati conseguiria andar até ali, ainda por cima naquele frio.

Costi e eu olhamos para Triste, que estava quase perdendo a consciência. Eu temia que ele desmaiasse antes que voltássemos e derramasse o líquido do copo, acabando com suas chances de cumprir a missão. Além disso, ele precisava continuar alerta ou os caçadores o encontrariam.

— Eu fico aqui com ele — disse Paula. — Andem logo, por favor. Está muito frio.

Minha irmã estava tremendo, mas eu sabia que não era só por causa da temperatura.

— Vamos correndo — afirmei, pegando a mão de Costi e partindo em disparada. — Devo estar louca — disse para Costi.

— Vai dar tudo certo, Jena — respondeu.

Fiquei mais tranqüila, pois ele não gaguejara. Corremos colina abaixo, na direção de Piscul Dracului, atravessamos o pátio e entramos no castelo. Quando passamos na frente da porta da cozinha, Iulia saiu e fechou-a rapidamente atrás de si, impedindo que quem estivesse lá dentro nos visse.

— Andem logo! — pediu ela. — Tati está muito doente! O Triste vem?

Nós três subimos bem depressa a escada até o quarto.

— Você vai ficar chocado quando vir Tati — eu disse a Costi. — Ela está muito mais fraca do que na última Lua Cheia. Não devia nem sair da cama, quanto mais andar pela floresta à noite.

Costi assentiu, muito sério, e nós nos vimos diante da porta. Eu bati, e Stela abriu.

— Jena, você chegou! Eu não consigo mais escutar a respiração dela! — disse minha irmãzinha aos soluços.

— Triste está aqui — revelei, indo me ajoelhar ao lado da cama. — Ele está esperando com a Paula. Tati? Tati, você está me ouvindo?

Stela se ajoelhou do outro lado, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Ela não acorda — explicou minha irmãzinha.

Fé. Confiança. Amor. Coloquei o ouvido bem perto dos lábios de Tati e consegui escutar sua respiração.

—Triste voltou — eu disse a ela. — E Costi está aqui comigo. Nós vamos levar você lá para fora. Triste conseguiu cumprir a missão. Está com todas as coisas que Ileana pediu. Você só precisa ir encontrá-lo, e então vocês podem ir para o Outro Reino juntos, se isso for mesmo o que você quer. Tati, acorde, por favor.

Minha irmã não se moveu. Estava inerte como a princesa encantada de um conto de fadas. A lágrima de vidro vermelho contrastava com a pele de seu pescoço como o sangue na neve. Apenas o movimento leve de seu peito indicava que ainda estava entre nós. Fiquei cheia de dúvidas. Se insistisse em levá-la para fora, para o frio, talvez ela perecesse, e eu jamais me perdoaria. Mas se ficasse aqui, ela certamente não sobreviveria.

— Pegue a capa mais pesada que ela tem — eu disse a Stela. — Nós vamos conseguir. Costi, ajude-me a levantá-la... isso...

Nós a embrulhamos na capa, deixando-a o mais aquecida possível.

— Stela, é melhor você ficar aqui até que eu e Costi voltemos. Sinto muito. Despeça-se dela agora. Iulia vai subir daqui a pouco. Por favor, não chore. Talvez não seja para sempre. Talvez nada seja para sempre.

Era cruel que minha irmã caçula tivesse tão pouco tempo para dizer adeus. Tati estava perdida num mundo próprio, fria como o gelo, mesmo vestida com uma camisola, um xale e uma capa. Não acreditei que pudesse ouvir as palavras de Stela. Costi carregou Tati lá para baixo e passou em frente à porta da cozinha. Iulia nos ouviu; ela saiu de lá de dentro e tocou a testa de Tati com a mão.

— Não consigo acreditar que isso esteja acontecendo — sussurrou ela. — Parece um pesadelo. Petru e Florica estão sentados na cozinha olhando para o nada.

Tomei uma decisão.

— Nós precisamos contar tudo a eles. Eles conhecem Tati desde que ela era pequena, e merecem a chance de se despedir.

— Acho que eles já sabem de tudo — disse Iulia.

Então chamamos nossos dois velhos empregados, com seus rostos enrugados e mãos calejadas de tanto trabalhar. Expliquei em poucas palavras que Tati ia para o Outro Reino, que isso era o que ela desejava, e que era a única coisa que podia salvar sua vida. Eles não fizeram nenhuma pergunta. Florica beijou a testa de Tati. Petru tocou sua bochecha, murmurando uma prece.

— O que vai acontecer, Jena? — perguntou Iulia com as lágrimas escorrendo pelo rosto.  
— Acha mesmo que ela vai ficar bem?

— Precisamos acreditar que sim. Agora, diga adeus. Não sei se ela pode escutar, mas talvez sim. Depois, é melhor ir lá para cima ficar com Stela. Eu volto logo.

Não podíamos mais correr. Costi estava carregando Tati, e eu levava a lamparina.

— Ela não pesa mais do que uma criança — murmurou Costi. — O que há de errado com Tati, Jena?

— Acho que ela está morrendo de amor — eu disse.— Se eu estiver certa e os corações partidos puderem mesmo ser consertados, talvez ainda haja tempo de salvá-la. Vamos o mais rápido possível.

Imaginei Triste com a perna machucada, tentando levar Tati e aquele copo cheio de água para o Outro Reino. — Você precisa ter fé — murmurei. — Fé no amor verdadeiro.

— Eu tenho — disse Costi. — Sempre tive.

— Sempre?

— Bom, acho que minha fé ficou abalada durante algum tempo. Mas ela sobreviveu. Está

ouvindo este som?

— Estou — respondi, estremeando. — Eles não estão longe, estão? Draguta deve estar fazendo-os andar em círculos.

Chegamos ao lagunho onde Triste e Paula estavam. Triste estava sentado no chão com o copo ainda nas mãos, e Paula segurava seu braço, ajudando-o a mantê-lo firme. Quando ele viu Tati inerte e muito pálida nos braços de Costi, ficou de pé num pulo. Mas mesmo assim nenhuma gota foi derramada.

— Tatiana! Não!

Ao soltar essa exclamação, Triste me pareceu muito jovem, completamente arrasado e inteiramente humano.

— Ela ainda está respirando — eu expliquei.

Triste tocou os cabelos negros de Tati com mãos trêmulas. Havia pavor em seus olhos.



— Mas ela está quase morrendo, Triste — expliquei. — Se você acredita que salvará sua vida levando-a para o Outro Reino, então precisa fazê-lo agora.

— Quem fez isso com ela? — perguntou Triste, sem nenhum traço de sua impassibilidade costumeira, com uma mistura de fúria e angústia.

— Ela se desesperou e parou de comer. Acho que você é o único que pode resolver a situação. Ela perdeu a fé no amor verdadeiro.

— Mas...

Triste estava atônito. Foi aí que ouvimos os cães de caça mais uma vez, muito mais perto, e os homens gritando:

— Ali! Na direção do lago!

Costi se ajoelhou e pousou Tati sobre o solo. Paula sustentou sua cabeça.

— Vou tentar despistá-los, Jena — disse ele. — Mas não vou conseguir ganhar muito tempo.

Ele correu na direção das tochas que já víamos ao longe, subindo a colina. Eu o observei durante alguns segundos com o coração na boca e então me volvei para os outros.

— Acorde Tati! — exclamei, dando um tapinha na bochecha dela. — Tati, por favor!

Ouvi Costi dando o que parecia ser uma série de instruções aos outros homens, que fizeram silêncio. Os cães ainda latiam, talvez sentindo que estávamos muito próximos. Levantei-me para ver se estavam se aproximando.

— Triste! — exclamou Paula, alarmada. — A missão! O que você está fazendo?

Triste havia colocado um braço em volta dos ombros de Tati, fazendo com que ela erguesse um pouco a cabeça. Ele então levantou o copo cheio do líquido precioso que era um dos itens exigidos por Ileana, e encostou-o nos lábios dela.

— Beba, amor do meu coração — sussurrou ele. — Beba, e volte para mim.

Em um segundo, Tati abriu a boca e bebeu o líquido, e já era tarde demais para protestar. Eu não sabia se o que o copo continha viera do nosso mundo ou do outro. Mas ela bebeu, esvaziando tudo. Ao vê-la tão frágil, Triste ficara tão apavorado que decidira sacrificar a missão. Ele preferia não ficar com ela do que vê-la morrer. Era o amor verdadeiro, maravilhoso e arrasador. Como eu pudera achar que ele desejava o mal para minha irmã?

Tati abriu os olhos e viu Triste, cuja expressão mostrava muita ternura e muito medo. Ela levantou a mão e tocou-o. A cor voltou a suas lindas faces.

— Meu amor — murmurou ela. — Você está aqui.

Tati enlaçou-o, e Triste quase deixou cair o copo.

— Dê-me este copo — disse Paula. — Não se preocupe, é só por um segundo.

Ela se ajoelhou ao lado do laguinho e encheu o copo com a água dali. Eu fiquei parada olhando, atônita.

— Tem alguma idéia melhor? — perguntou Paula com as sobrancelhas levantadas.

Triste ajudou Tati a ficar de pé. Ela ainda estava um pouco instável, mas conseguiu se manter levantada com o apoio dele. “Um copo de água curativa do poço de Ain Jalut.”

— Tati, você precisa fazer uma escolha — eu disse com um nó na garganta. — Os homens da aldeia organizaram uma caçada, e eles estão subindo a colina. Costi é o novo dono de **Vârful** e um líder da região, mas não vai conseguir mantê-los afastados por muito tempo.

— Você virá comigo, Tatiana?

A voz de Triste mostrava tanta hesitação, tanta doçura, tanto amor, que eu senti uma dor no coração.

— Eu amo você — sussurrou Tati, apoiando a cabeça no ombro de Triste. — Eu vou.

— Paula, dê o copo a Triste — eu disse.

Mas foi Tati quem o pegou, com mãos tão delicadas que pareciam transparentes, como mariposas brancas ao Luar. Ela segurou o copo sem tremer nem um pouco. Triste ajeitou a sacola que trazia nas costas e pegou minha irmã no colo.

— Adeus, Paula — murmurou Tati. — Diga a papai que eu o amo, e que sinto muito se o magoei. Diga adeus a Iulia, Stela, Florica, Petru e... Jena! Vou sentir tanto a sua falta!

— Seja feliz, Tati — disse entre as lágrimas. — Rezo para um dia voltar a vê-la.

Tati não disse mais nada. Só tinha olhos para o homem que tanto amava. Sua expressão me mostrou que ela começara a trilhar aquele caminho da primeira vez que o vira. Para Tati, Triste era o sol e a Lua, as estrelas e os sonhos.

Triste caminhou na direção da pedra. Não havia nenhuma caverna, nenhuma fenda, nenhuma passagem. Atrás de nós, do local onde se viam as tochas, vieram novos gritos:

— Ali! Não, ali! O que foi aquilo?!

— Jena, eu agradeço do fundo do meu coração — disse Triste gravemente. — Eu e Quieta não tivemos muito amor ou bondade em nossas vidas. Eu não sabia o que era a felicidade até conhecer Tatiana, nem compreendia a natureza da amizade até conhecer as irmãs dela. Nós devemos tudo a vocês.

Ele sorriu. Foi a primeira vez que abriu bem a boca na minha frente, e eu vi que seus dentes eram mesmo irregulares, mas não como as presas pontiagudas dos Seres da Noite; eram simplesmente dentes comuns, porém muito tortos. Quando sorria, ele deixava de ser um rapaz bonito, mas se tornava muito mais charmoso. Triste se afastou de mim e uma espécie de sombra pareceu engolir a ele e a Tati quando se aproximaram da pedra.

— Adeus — sussurrei.

— Adeus — murmurou Paula.

Mas eles não estavam mais ali. Em torno da pedra, a escuridão pareceu estremecer de leve, indicando o local onde os dois mundos se encontravam.

— Esperem por mim — gritou alguém.

Eu e Paula nos afastamos e vimos uma raposa branca subindo a colina, montada por uma mulher muito pequena que batia suas botinhas nas laterais para fazê-la andar mais rápido. Os cabelos longos e prateados de Draguta esvoaçavam ao Luar e em seu rosto havia um sorriso selvagem. Paula soltou uma exclamação de susto ao ver os dentes dela. A raposa parou na nossa frente, e a bruxa encarou minha irmã com seus olhos malignos.

— Eu vi o que você fez, menininha! — disse Draguta rispidamente.

— Não consegui pensar em nenhuma outra solução — explicou minha irmã, levantando o queixo, olhando bem nos olhos da bruxa e deixando-me orgulhosa com sua coragem.

— E mostrou ter grande presença de espírito — disse Draguta, rindo mais ainda.

Ela não parecia se importar com os homens e cães que estavam se aproximando de nós rapidamente. Havia algo dourado brilhando em meio ao cabelo prateado dela. Fiquei muito surpresa. Ele parecia terrivelmente familiar. Não era um ornamento na forma de uma corneta de caça?

— O que Ileana não sabe, não sou eu que vou contar — afirmou a bruxa. — Tati e Triste estão a salvo. Quieta vai voltar a cantar. Sou eu que mexo a panela! Ileana só mantém o fogo aceso! Raposa, para dentro!

Com uma gargalhada, Draguta desapareceu com a raposa. A pedra estremeceu e então voltou ao normal.

— Interessante — observou Paula.

A caçada estava se aproximando a toda. Ouvi o som de botas esmigalhando a relva e de cães latindo como loucos, puxando seus donos para frente. No meio de tudo havia a voz de Costi:

— Um homem de casaco preto? Pareceu-me que aquilo era apenas uma raposa. Ou quem sabe um lobo pequeno.

Eles nos alcançaram e pararam, com ares desconfiados. Já era muito tarde, e parecia estranho que as meninas de Piscul Dracului estivessem passeando na floresta. Eu abri a boca, ainda sem saber qual desculpa seria a mais plausível, mas foi Costi que falou primeiro:

— Você viu alguma coisa, Jena?



Antes que eu pudesse responder, ele se voltou para os outros homens e disse:

— Preciso ir embora. As meninas nos fizeram uma visita, e eu estava levando-as para casa.

— Não sei o que era, mas passou rápido demais por aqui e nós não conseguimos ver direito — afirmou Paula. — Então, desapareceu como se houvesse sido tragado pela terra.

— Uma raposa, sem dúvida — disse Costi. — Deve ter entrado por algum buraco. Acho que vocês deveriam seguir meu conselho e ir para casa. Não é provável que encontrem o que estão procurando esta noite.

Houve uma chuva de protestos.

— Mas ele estava bem aqui...

— Tem bastante luz por causa da Lua Cheia, nós devíamos...

— Cezar teria...

Costi limpou a garganta, e as exclamações se transformaram em murmúrios.

— Já discuti a questão dos Seres da Noite com juiz Rinaldo e os líderes da aldeia — disse ele. — Vocês todos foram muito corajosos. Mas a primavera está chegando, e todos nós temos trabalho a fazer em nossas propriedades. Daqui a alguns dias podemos reunir o conselho e pensar numa nova estratégia. Mas agora vocês precisam ir dormir, ou não vão nem conseguir se mexer amanhã de manhã. Eu agradeço por seus esforços. Sei que estão tentando manter a segurança do vale. Garanto que serão recompensados. Venham até **Vârful** amanhã e eu darei duas moedas de prata a cada um. Mas é preciso que entendam que, daqui em diante, nós lidaremos de maneira diferente com esse problema.

— Mas... — disse um homem.

— Psiu! — comandaram todos os outros, e ele se calou.

— Obrigado, senhor Costin.

—Vamos para casa, então.

Eles abaixaram as cabeças, colocaram as armas sobre os ombros e se foram. Não importava que Costi tivesse apenas vinte anos de idade e que fosse, de certa forma, novo na região. Ele ocupara o lugar de seu pai com autoridade natural. O povo sabia reconhecer um líder nato quando via um.

Nós três ficamos em silêncio durante alguns segundos na floresta banhada de Luar, imóveis com o peso do que acabara de acontecer. Pensei em perguntar a Costi e Paula se eles haviam notado que a bruxa estava usando o ornamento de Cezar, mas desisti. Paula limpou as lágrimas de seu rosto. Eu comecei a tremer incontrolavelmente. Costi abraçou ela e eu disse:

— Vamos para casa?

Aquele não foi o fim de nossa história. Nós espalhamos pelo vale a notícia de que Tati saíra em viagem para visitar parentes no leste. Mais tarde diríamos que ela se casara por lá, e que fora morar num lugar distante demais para poder visitar sempre. Contamos a verdade a tia Bogdana, que aceitou tudo sem fazer qualquer comentário. Depois do que acontecera a seu filho, acho que ela havia perdido a capacidade de se chocar.

Algumas semanas depois daquela noite impressionante, tivemos uma adorável surpresa: papai voltou para casa. Ele estava muito mais magro, mas sua saúde retornara. Gabriel viera com ele, e dois pôneis vinham trazendo a bagagem. Papai não recebera nenhuma carta minha, com exceção daquela levada por um mensageiro extraordinariamente alto de cabelos retorcidos. Cezar, no entanto, mandara várias, dizendo que nós estávamos todas bem. Mas ele ficou aliviado ao ver que não era mentira, e que tudo em Piscul Dracului estava em seu lugar.

Quase tudo.

Papai ficou muito melancólico quando nós explicamos o que acontecera com Tati, e por algum tempo eu temi que tivesse uma recaída. Mas o fato de Costi estar vivo e de nós dois quisermos nos casar foi um enorme alento. Nós asseguramos a papai que Tati estava saudável, feliz, e cercada de bons amigos.

Quanto a Costi e a mim, a volta de papai permitiu que tivéssemos mais tempo para nos conhecer melhor como menina e menino, e não apenas como menina e sapo, antes de precisarmos organizar uma festa de casamento e pensar em ter um herdeiro para Piscul Dracului. Mais tempo significava mais passeios pela floresta naquele início de primavera, mais piqueniques, mais aventuras. E mais beijos. Estávamos ficando com cada vez mais prática. Falávamos bastante sobre o futuro e planejamos trabalhar e viajar juntos pelos lugares exóticos com os quais eu tanto sonhava.

Tia Bogdana chamou Iulia para passar algum tempo em **Vârful** ajudando a planejar nossa festa de noivado, para a qual pretendia chamar Razvan e sua irmã. Paula e Stela passavam os dias tentando decifrar os papéis que a primeira trouxera do Outro Reino. Eu lhes contara sobre o jogo do Rei do Lago, e explicara que, quando trouxera a coroa de volta, nosso portal fora fechado. Elas estavam tentando encontrar outra passagem que os humanos pudessem usar. Paula tinha certeza que o segredo estava escondido naqueles documentos.

Eu lhes desejava sorte, mas sabia que as visitas à clareira de Ileana haviam terminado para mim e para Costi. Nós estávamos vivendo uma nova aventura, uma aventura que pertencia apenas ao nosso mundo, mas que prometia imensas alegrias. Só sentia falta de Tati: minha querida irmã, destinada a ser apagada da memória dos homens e se tornar uma princesa de conto de fadas, capturada por um príncipe negro de um reino distante, sacrificando tudo em nome do amor. Eu desejava de todo o coração que Tati e Triste estivessem felizes.

Não achava que jamais voltaria a ver minha irmã mais velha. Mas Piscul Dracului tinha inúmeros recantos e surpresas. Com o passar dos anos, uma nova geração brincaria ali, galgando as escadas tortuosas, correndo pelos corredores e se aventurando pela misteriosa floresta. Talvez duas crianças um dia encontrassem um portal secreto e o abrissem sem querer, descobrindo um mundo de magia. Talvez elas tivessem a boa fortuna de ver as luzes coloridas e ouvir a música maviosa da Clareira das Danças. E se ousassem fazer a travessia, talvez dançassem com os filhos de Tatiana.

# Nota da Autora

A Transilvânia é uma região rica em mitologia e folclore, com uma história longa e tumultuada. Quando a conheci, descobri que fazia mais do que jus a sua reputação, tendo ligações visíveis com um passado muito antigo, assim como feias recordações de tempos mais recentes. Os aldeões colhem o feno com foices à sombra de fábricas depredadas da era comunista; carroças puxadas por cavalos atravessam estradas que levam a prédios de concreto.

Durante o tempo que passei lá, visitei atrações conhecidas como a cidade medieval de Sighisoara, mas também fui a lugares onde os turistas nem sempre vão para conhecer o extraordinário povo das aldeias da região. Vi as borlas vermelhas penduradas nas rédeas dos cavalos para proteção contra os maus espíritos e inúmeros crucifixos ladeando as estradas, e provei a deliciosa **mamaliga**, servida com creme e queijo fermentado, e também a tuica, aguardente de ameixa feita em casa por muitas famílias. Com isso, tive uma vivência rica e inesquecível do planalto da Transilvânia, cercada por algumas das montanhas mais altas e florestas mais intocadas do mundo.

Muitas pessoas pensam em vampiros e lobisomens quando ouvem o nome Transilvânia. Tudo por causa de Bram Stoker! *Drácula*, o livro que ele publicou em 1897, fez voar a imaginação de muitos leitores e deu origem a uma elaborada mitologia em torno dos vampiros. Ela se tornou tão popular ao longo dos anos que muita gente passou a acreditar que representava o autêntico folclore da região. Há uma enorme indústria de turismo na Romênia que explora isso e encoraja a crença de que o príncipe Vlad Tepes era o Conde Drácula original. Vlad herdou o direito de usar o nome Draculea (filho de Dracul) de seu pai, Vlad III, que era membro da Ordem do Dragão, uma ordem de cavalaria.

Em Romeno, a palavra “drac” significa tanto dragão quanto demônio, e não é difícil deduzir porque isso levou Vlad, o filho, a ter uma reputação diabólica. Ele realmente cometeu atos cruéis e bárbaros durante seu reinado como príncipe da Valáquia, mas também liderou seu povo na defesa contra os invasores turcos. E não há qualquer prova de que realmente tenha sido um vampiro.

O romance de Bram Stoker é mera ficção. Mas sua história de fato deve algo aos mitos, lendas e crenças originais da Transilvânia. Em *A dança da floresta*, eu quis usar fontes mais antigas para me inspirar, e é por isso que Tadeusz e seus seguidores não são chamados de vampiros no livro, mas de “Seres da Noite”, um nome mais genérico. Tentei deliberadamente retratá-los de forma ambígua sem esclarecer se são inteiramente maus ou não, para evitar o estereótipo do Drácula.

Os crucifixos estão por toda parte no interior da Transilvânia, uma região onde a Igreja Ortodoxa Romena tem presença muito forte. Eles são erguidos para afastar não apenas os poderes do demônio, mas também de outras entidades que vivem nas florestas — forças antigas que ameaçam aqueles que não as respeitam.

Essa é uma terra em que lobos e ursos se aproximam das aldeias, um lugar onde o

inverno chega a durar seis meses. Para sobreviver num ambiente tão hostil, é necessário compreender bem o equilíbrio entre o homem e a natureza. Certos rituais, nos quais máscaras de animais são usadas, ainda ocorrem nas aldeias mais isoladas em determinadas épocas do ano. É possível que remontem aos costumes dos ancestrais habitantes da Transilvânia, a tribo dos dácios, entre os quais havia xamãs e uma casta de guerreiros dedicada ao lobo.

Como Paula explica no livro, a floresta serviu de refúgio para o povo do planalto ao longo de centenas de anos de conflitos. Isso permitiu que a Transilvânia mantivesse alguma autonomia e uma forte identidade, apesar da presença de invasores tártaros, magiares e turcos.



# Glossário

## **Brasov**

Cidade mercantil no centro da Transilvânia.

## **ciorba**

Sopa tradicional romena.

## **Constanta**

Porto na costa do Mar Negro.

## **mamaliga**

Mingau ou bolo feito com polenta e muitas vezes com queijo de ovelha. Um dos principais pratos da dieta romena.

## **pomana**

Festa feita para os mortos, na qual os bens deles são distribuídos. Quem participa são os amigos, a família, os pobres e as pessoas importantes da aldeia, como o juiz, o padre e o professor. Um valor espiritual é atribuído à distribuição das posses da pessoa falecida. Pode acontecer em determinados períodos significativos após a morte: sete dias, sete meses, um ano ou sete anos.

## **Sibiu**

Cidade mercantil no centro da Transilvânia.

## **Tara Româneasca**

Região ao sul da Transilvânia, também conhecida como Valáquia.

## **Taul Ielelor**

Lago das Iele, espíritos femininos que atraem os homens para a morte.

## **tuica**

Aguardente de ameixa.

## **Vârful (eu Negur)**

Significa “O Cume da Tempestade”.

**voivode**

O líder de um clã.